21/5/68

A Compadrice. —

A cata d'um namorado. —

Furto abençoado. —

Tribulações d'um Poeta. —

A Vingança d'um beijo. —

O Medo guarda a vinha. —

Por um triz! —

Uma comedia na rua. —

Um marquez feito á pressa.

Apanhei os 5 contos! —

O Conde de Santo Ildefonso.

Ganhei a partida —

A paixão de André Gonçalves.

Um namorador d'officio. —

O Charlatanismo. —

# A COMPADRICE.

## COMEDIA EM CINCO ACTOS,

DE

## M. SCRIBE.

---

TRADUCÇÃO

DE

**J. B. FERREIRA.**

---

**LISBOA.**

IMPRENSA DE COBELLOS, TRAVESSA DE S. NICOLAU N.º 13.

1851

# PERSONAGENS.

O CONDE DE MIREMONT, par de França.
CESARINA, sua mulher.
AGUEDA, filha do Conde de Miremont, do primeiro matrimonio.
EDMUNDO DE VARENNES, advogado ainda moço.
BERNARDO, medico.
OSCAR RIGAUT, primo de Cesarina.
O SENHOR DE MONTLUCAR, fidalgo, litterato.
ZOE', sua mulher.
DUTILLET, livreiro.
ESTEVÃO, poeta romantico.
DESROUSSEAUX, pintor.
LEONARDO, } camaradas.
SAVIGNAC, } camaradas.
PONTIGNY, } camaradas.
UM CRIADO DO SENHOR DE MONTLUCAR,
UM CRIADO DO SENHOR DE MIREMONT,
CRIADOS DE OSCAR.

A Scena é em Paris.

1.º Acto, em casa de Montlucar.
2.º » em casa de Oscar.
3.º » } em casa de Miremont.
4.º » } em casa de Miremont.
5.º » } em casa de Miremont.

# A COMPADRICE.

---

## ACTO I.

### SCENA I.

*Zoé, e Montlucar.*

*Zoé* (*escrevendo na mesa da esquerda, e Montlucar em pé ao lado della*). Parece-me que já basta. No salão não cabem cento e cincoenta pessoas.

*Montlucar.* Vá continuando.

*Zoé.* Já aqui tenho mais de trezentos convites.

*Mont.* Assim é necessario, senhora. De outro modo entrarão todos . . . e se tal acontece, vale mais não dar partidas . . . dizem logo: não tem relações, ninguem o conhece, não tem amigos.

*Zoé.* E é melhor amontoar os amigos na sala de espera? . . .

*Mont.* Sim, senhora . . . e até alguns pela escada . . . é á grande.

*Zoé* (*tornando a escrever*). Continuarei. — « Dezembro de 1836. — O conde e condessa de Montlucar, rogam ao sr. . . . »

*Mont.* « Administrador do concelho de S. Diniz, « lhes queira fazer a honra de etc. etc. . . . »

*Zoé.* E' verdade! . . . não me lembrava . . . Ha que nomear um deputado em S. Diniz . . . Não deve perder esta occasião . . . tem lá propriedades, uma fabrica . . .

*Mont.* Isso é cousa que se diga, senhora... Pois eu hei de apresentar-me... com as opiniões que tenho!... Só se me pedirem muito!... e ainda assim... Poz na lista o nome do meu amigo o doutor Bernardo?

*Zoé.* Sim, senhor.

*Mont.* O meu amigo Dutillet, livreiro, um portento na sua profissão! O meu amigo Desrousseaux, um portento na pintura... oh! esse!...

*Zoé.* Uma cousa noto eu, e é que todos os seus amigos são portentos!

*Mont.* Sim senhora... hoje em dia é tudo assim, tudo portento!

*Zoé.* E' pena! porque não era mau que houvesse tambem algum saber.

*Mont.* Oh! senhora!... quem tem hoje vagar para isso?... era bom antigamente... no tempo das bagatellas... no tempo de Voltaire ou de Rousseaux; mas n'um seculo tão grave e occupado, como este em que vivemos... ninguem se quer divertir a fazer de sabio... isso é bom para os tolos!... Diga-me, escreveu ao meu amigo o advogado Oscar Rigaut... que faz versos elegiacos?

*Zoé.* Sim senhor.

*Mont.* Mandei buscar seis exemplares das suas poesias funebres... ah! ellas aqui estão!

*Zoé.* Seis exemplares de um livro que se não póde aturar.

*Mont.* Faz favor de se calar!

*Zoé.* Parece incrivel... já não sou senhora das minhas acções, nem das minhas palavras. Quando acho alguma obra má... vem logo... faz favor de se calar... Hontem, no theatro, uma musica insup-

portavel . . . e sempre . . . faz favor de se calar . . :
Daqui em diante, nem hei de poder abrir a bocca, se me der o somno no theatro.

*Mont.* De certo que não : estavam lá alguns amigos que nos observavam, e até se me tivesse mais affeição, seria applaudido.

*Zoé.* Ora essa ! . . . Não entendo . . . O conde que se applica ás sciencias por gôsto, que pelo seu nascimento e riqueza é independente, cujas obras se vendem ás vinte edições . . . passar a vida a gabar e exaltar uma multidão de homens mediocres, arvorando-se seu apostolo e enthusiasta . . . . não entendo, torno a dizer, nem sei que fins são os seus. Ahi tem esse Oscar Rigaut, poeta advogado, de quem diz tanto bem . . . e quando teve uma demanda por causa da fabrica de S. Diniz . . . olhe lá se o escolheu a elle para a defender ! . . .

*Mont.* Tem tanto que fazer . . .

*Zoé.* Não advoga nunca . . . foi procurar aquelle rapaz de quem diz tanto mal . . . Edmundo de Varennes, que lhe ganhou a demanda . . . e esse medico, homem universal, sem o qual não póde viver . . . o doutor Bernardo . . .

*Mont.* Um homem prodigioso, um fenomeno, o genio da medicina.

*Zoé.* Inculca-o aos amigos, mas quando está doente manda chamar outro medico.

*Mont.* (*com vehemencia*). Aqui em segredo . . . e não diga nada a ninguem ! . . . não tenho necessidade de andar com ditinhos e intrigas, porque na posição em que me acho sou independente . . . sim senhora . . . independente como litterato que não tem

que bajular nenhum partido, e que não precisa de ninguem . . . Mandou convidar o sr. de Miremont?

*Zoé.* Par de França . . .

*Mont.* Não é por isso . . . bem me importa a mim o seu titulo e qualidade . . . mas é proprietario d'um periodico que anda muito em voga . . .

*Zoé.* E eu não gosto da mulher.

*Mont.* Uma mulher estimavel . . . (*a meia voz*) uma mulher terrivel, que anda por toda a parte, por casa dos ministros, dos banqueiros . . . uma mulher que intriga, julga e decide, que n'uma noite faz e desfaz vinte reputações.

*Zoé.* Começando pela sua . . . uma namoradeira, presumida e orgulhosa . . . que esteve comigo no collegio, e que hoje parece que faz favor de me comprimentar do alto do pariato onde caíu . . . não a quero convidar.

*Mont.* Senhora! . . .

*Zoé.* Hei de convidar a enteada . . . a pobre Agueda, que tão desgraçada é por causa della: foi minha companheira no collegio; aquella sim, que é agradavel e meiga. E comtudo, tinha de que ser soberba, se quizesse . . . uma familia muito distincta . . . muito bom dote . . . um dos melhores casamentos de França . . . e apesar disso, não deixa de visitar as suas antigas amigas . . . Por isso a estimo tanto . . . mas a madrasta, a altiva Cesarina . . . essa detesto eu . . . e paga-me na mesma moeda.

*Mont.* Por isso mesmo . . . Diz lá o sabio, que, no mundo ha tres qualidades d'amigos . . . os amigos que o são, os que o não são, e os que nos detestam. São os ultimos, que nos devem merecer maior attenção,

Assim, peço-lhe que convide madame de Miremont, e que seja sua amiga, se poder.

*Zoé.* Não senhor!

*Mont.* Faça-me esse favor... olhe que lhe peço com instancia!...

*Zoé.* Pois bem... para que veja a minha bondade... consinto em tratal-a como amiga... da terceira classe... mas com certas condições.

*Mont.* Quantas quizer.

*Zoé.* Em primeiro logar, quando houver em casa leitura de alguma obra de genio seu conhecido, não hei de ser obrigada a applaudir e extasiar-me, como costuma fazer.

*Mont.* Concedo.

*Zoé.* Até poderei, se quizer, não assistir a ella... e ir nesse tempo para o baile, ou para alguma sociedade... ha um anno que, todos os dias estou ouvindo obras primas... e não se me dava de me divertir, pouco que fosse.

*Mont.* Concedo.

*Zoé.* E para principiar já, como esta manhã ha um grande concerto no conservatorio, ha de acompanhar-me até lá.

*Mont.* Com muito gosto... mas... oh! meu Deos!... não... não posso... Estou esta manhã convidado para um almoço.

*Zoé.* Mande dizer que não póde ir.

*Mont.* E' impossivel!... Hão de assistir a este almoço todos os nossos amigos... Não cuide que vou lá por meu gosto... mas não posso faltar... temos a tratar de cousas de grande importancia.

*Zoé.* Então o que é?... diga... de que se trata?

*Mont.* De cousas que não póde saber.

*Zoé.* Não tem outra resposta! Ha tempos a esta parte que me não parece o mesmo, nem posso adivinhar em que se occupa; faz mysterio de tudo; anda sempre em conferencias e conciliabulos, ora em sua casa, ora em casa de seus amigos!... ahi está de que serviu a lei contra os clubs!... andará acaso mettido n'alguma conspiração?...

*Mont.* Eu, senhora?...

*Zoé* Assim me parece... se não contra o estado, ao menos contra mim... mas, deixe estar que hei de vigiar e examinar tudo... que papel era aquelle que hontem estava escrevendo, e que escondeu quando eu cheguei... (*Atravessando o theatro e olhando para cima da mesa da direita*). Elle alli está... bem o conheço... a letra é sua... aqui ha traição.

*Mont.* Já lhe disse que não.

*Zoé.* Quero vêl-o.

*Mont.* Para que?... são apontamentos litterarios...

*Zoé.* Não importa!... Tudo serve para conspirar. (*Lendo*). « O que é o genio? »...

*Mont.* (*querendo tirar-lhe o papel*). Bem vê que são cousas que não entende.

*Zoé.* Por isso mesmo!... (*Lendo*). « O que é o genio?... » Ora graças a Deos, muito estimo tomar conhecimento com elle. (*Lendo*). « Não será acaso uma faisca electrica, que apesar de percorrer a immensidade do Universo, ninguem póde colher?! E' esta a reflexão que todos hão de fazer com a leitura da ultima obra... »

*Mont.* Está bom, basta!... (*querendo tirar-lhe o papel*).

*Zoé.* Então para que me quer privar do praser de

lêr um pedaço de composição sua... e escripto pela sua mão?...

*Mont.* (*inquieto*). E' porque... Ahi vem gente!

*Zoé* (*voltando-se e dando um grito*). Ah!... a minha querida Agueda!...

(*Larga o papel que tinha na mão, do qual o marido se apodera logo, vai ao encontro de Agueda e dá-lhe um beijo*).

## SCENA II.

*Montlucar, Zoé, e Agueda.*

*Zoé.* E's tu?!... Muito te agradeço a fineza de vires visitar-me... e tão cedo!

*Agueda* (*cortejando Montlucar*). Em toda a semana só tenho este dia por meu.

*Zoé.* E' isso... é domingo. Vais á missa, e tua mãi não vai?

*Agueda* (*tirando o chale e o chapéo: Zoé põe tudo em cima das cadeiras*). Tem que ouvir esta manhã uma opera de um compositor novo... seu protegido.

*Mont.* Ah! bem sei!... o joven Timballini!... honra da Italia!... alma de fogo... o genio da musica...

*Zoé.* Tambem é seu amigo?

*Mont.* Pois não?!... é dos nossos!... um homem que ha de vir a ter grande reputação.

*Zoé.* Leva bons principios.

*Mont.* E a sua estimavel madrasta... ou para melhor dizer, sua irmã, como passa?

*Agueda.* Muito bem.

*Mont.* E seu pai o sr. de Miremont, homem que todos respeitamos e admiramos! Impassivel na camara dos pares, qual magistrado romano na sua cadeira cural, tem visto quebrar contra tanta immobilidade a vaga de todas as revoluções... e haja o que houver... não é aquelle que ha de abandonar o seu posto.

*Agueda.* São effeitos da sua bondade... tambem elle e minha mãi lhe retribuem com iguaes sentimentos... ainda hontem na sala, não se fallava senão na sua ultima obra.

*Mont.* « As minhas anomalias politicas e litterarias. »

*Agueda.* Creio que sim... não a li... é cousa muito sublime para mim... mas o doutor Bernardo, o musico Timballini, e mais oito ou dez sujeitos que lá estavam, que por força hão de ser entendedores, exclamaram, que sublimidade! que vastidão! que engenho!

*Mont.* Queridos amigos!

*Agueda.* Até lá estava o sr. Dutillet.

*Mont.* O meu livreiro!

*Agueda.* Esse enthusiasmava-se mais que os outros todos, e gritava « Montesquieu, comparado com elle, é um rapaz de escóla. »

*Mont.* E' necessario fazer seu desconto nesses gabos de amigo... que póde enganar-se... mas que sempre se engana de boa fé... e seu pai, que dizia?

*Agueda.* Não dizia nada.

*Mont.* E' costume seu!... homem serio... que não quer decidir de leve.

*Agueda.* E depois talvez que, assim como eu, não tivesse ainda lido a obra... apesar que lá tem um exemplar em cima da mesa... comprou-o creio eu.

*Mont.* (*com certo ar*). Oh!... sim... tem-se vendido muito.

*Zoé* (*a Agueda com vivacidade*). Não... foi meu marido que lh'a mandou.

*Mont.* E' verdade... tive essa honra... e sua mãi o que dizia?

*Agueda.* Oh! essa fallava muito, e dizia em altas vozes « E' uma injustiça não nomearem este homem membro da Academia das Sciencias moraes e politicas... é o logar que merece. »

*Mont.* Na realidade!... que mulher!... que gosto!... que finura!... (*A Agueda*). E que mais? diga...

*Creado* (*entrando pela porta da esquerda*). Está alli um sujeito que procura o sr. conde, e queria-lhe fallar já...

*Mont.* Que espere... não sou empregado publico... não tenho obrigação de fallar a ninguem... sou livre e independente.

*Creado.* E' o sr. doutor Bernardo.

*Mont.* Ah! um dos nossos! um amigo... ahi vou... ahi vou... não quero que se enfade! Perdôe, minha senhora, aqui lhe deixo minha mulher para lhe fazer companhia. (*Sahe fazendo signal á mulher que o quer demorar para que fique acompanhando Agueda*).

## SCENA III.

*Zoé e Agueda.*

*Zoé.* Vês, minha querida Agueda... assim anda sempre... n'outro tempo, quando não tinha tanto merecimento, era muito mais agradavel... mas des-

de que se lhe metteu em cabeça ser homem de talento... não ha quem o ature. (*Pegando n'uma cadeira e assentando-se ao lado d'Agueda*). E ainda assim, se tivesse escolhido outro estylo... ha tantos... mas não senhora, metteu-se no obscuro e profundo... uma tal confusão de cousas, que quando quero vêr se o posso entender... é dôr de cabeça certa... e das boas...

*Agueda.* Ah! minha Zoé, o mesmo me acontece a mim lá por casa!... sabes muito bem como a gente se divertia antigamente... que lindos bailes... aquellas nossas contradanças na sala de meu pai!... agora não se póde dar um passo, está sempre a casa cheia até á porta, de homens grandes... Nem eu sei como a França produz tantos, e a admiração publica póde acudir a todos.

*Zoé* (*rindo*). Deveras!

*Agueda.* Fóra aquelles que não vejo! porque quando se falla em alguem que elles conhecem, é logo « O nosso grande poeta, o nosso grande actor, a nossa grande tragica. » Não sei como isto é, são todos grandes! e eu tenho saudades da nossa mocidade, e do tempo do collegio onde todos eram pequenos.

*Zoé.* Vinha a ser a mesma cousa.

*Agueda.* Bom tempo era esse!

*Zoé.* Quando jogavamos as escondidas e a cabra céga.

*Agueda.* Eramos tão amigas!... tão felizes! E a nossa querida Adelia, que morreu tão moça! Andavamos sempre juntas; o que era de uma, era de todas tres.

*Zoé.* E seu irmão Edmundo de Varennes...

*Agueda.* Era como se fosse nosso.

*Zoé.* Todos os dias vinha visitar sua irmã ao collegio.

*Agueda.* E a nós tambem, porque eramos inseparaveis.

*Zoé.* Tudo mudou... Edmundo é letrado... anda sempre pelos tribunaes... poucas vezes o vejo.

*Agueda.* E eu nunca... minha madrasta não gosta delle, e meu pai não mostra bom modo senão ás pessoas que agradam a sua mulher.

*Zoé.* Parece incrivel, que haja quem se deixe governar desse modo.

*Agueda.* Não diz elle isso... pelo contrario, tem uma vontade... uma vontade absoluta... (*sorrindo*) subordinada á da mulher.

*Zoé.* Como se chegou a fazer similhante casamento?!... é cousa que ainda não pude entender.

*Agueda.* A culpa foi minha!... Dei eu causa a isso!... Sabes muito bem que Cesarina, por falta de meios, foi admittida no collegio para ajudante da mestra; havias de ter notado tambem que me protegia e tratava melhor que as outras.

*Zoé.* Não ha duvida, porque eras mais rica; todas se queixavam dessa injustiça. Ainda me recordo que alcançaste um premio que eu tinha merecido...

*Agueda.* Sim?!... Agradecida a tanta amizade e carinho... fallava muitas vezes nella a meu pai: quando elle vinha visitar-me á grade, Cesarina ia sempre comigo, e mostrava-se toda attenciosa e amavel com elle, ostentando um certo agrado de que só ella possue o segredo. Nas ferias, pedi-lhe que viesse comigo para a casa de campo onde meu pai estava; acceitou logo, e elle muito o estimou... Era sua parceira effectiva aos centos e ao xadrez; sabia melhor

jogo do que elle, mas deixava-se perder, affectando depois uma colera que muito agradava ao vencedor... Lia-lhe os jornaes, servia-lhe de secretario, ouvia com prazer a enumeração de todos os empregos que tinha occupado no directorio e no consulado, com tal exaggeração que muitas vezes lhe vinham as lagrimas; finalmente combinou e pôz de tal arte em pratica o seu systema de affectação, que nem ao menos me passou pela idéa quaes eram os seus fins, e foi tão feliz que no fim de tres mezes, Cesarina Rigault, filha de um negociante de madeira de Villa-nova de Yone, em logar de voltar para o collegio, casou em S. Thomaz de Aquino, com o sr. de Miremont, par de França: então é que eu conheci que, ao pé da nossa antiga mestra, era e toda a vida serei principiante.

*Zoé* (*levantando-se*). Sempre é muito esperta!

*Agueda* (*levantando-se tambem, e passando para a esquerda do theatro*). Esperta?!... Nasceu para enredar; é cousa natural nella; é vocação decidida; agora mesmo se mette por toda a parte, para elevar os parentes da baixeza em que nasceram. Fez seu marido proprietario do jornal que mais voga tem: consideração immensa, influencia formidavel de que elle nem ao menos faz idéa, e de que ella se serve em proveito seu. Por isso tambem os seus afilhados alcançam tudo.

*Zoé*. Agora explico eu a affeição de meu marido, e o convite desta manhã.

*Agueda*. Mas desgraçados daquelles que tem por seus inimigos... esmaga-os, fa-los comer terra, e não os deixa dar um passo... Creio que sabes da demanda que trago, por causa da herança de minha mãi... queria eu que Edmundo de Varennes, porque o co-

nheço de creança, fosse meu advogado; pois minha madrasta não queria!...

*Zoé.* E porque?...

*Agueda.* Porque não engraça com elle; tem-lhe um odio de morte, e não perde occasião de lhe fazer mal.

*Zoé.* Admira-me, porque no collegio ouvi eu que Cesarina achava Edmundo muito agradavel... até se dizia nos dormitorios, que propendia muito para elle.

*Agueda* (*repentinamente*). Que lembrança!.... Não ha tal!....

*Zoé.* Por toda a parte se levantam boatos falsos, até nos collegios.

*Agueda.* A prova disso é que ella persuadiu a meu pai, que a bem da minha causa, não devia confiar a um rapaz, um negocio de tanta importancia; e sabes quem ella escolhia?

*Zoé.* Não.

*Agueda.* Oscar Rigaud... um estupido!...

*Zoé.* Estupido!... não diz isso meu marido, que o trata com muita amizade.

*Agueda.* Pois sim; mas eu ouço-o todos os dias... é protegido por Cesarina.

*Zoé.* E porque motivo?

*Agueda.* Em primeiro logar, porque é seu primo, e além disso (*mysteriosamente*) pertence a uma seita que lhe obedece, e segue em tudo o seu impulso e as suas ordens; Cesarina, em virtude do jornal de que seu marido é proprietario, é um potentado que attrahe a si todos os manejos parlamentares, litterarios e outros; é a alma, e a bem dizer, o presidente de uma sociedade que se reune em nossa casa, composta de mancebos de todas as classes e profissões; desses que

andam sempre de cabeça no ar, e berram muito... aprendizes d'homens grandes... gloria encommendada... notabilidades em miniatura... que não dão um passo sós... que se unem para fazer vulto... e que se amontôam para subir alto.

*Creado.* O sr. Edmundo de Varennes.

*Agueda.* Talvez venha dar-te parte do bom resultado da minha demanda.

*Zoé.* Pois que? ganhou-a?

*Agueda.* Não ha duvida! Hontem completamente...

## SCENA IV.

*Zoé, Edmundo e Agueda.*

*Zoé.* Ora venha, sr. vencedor! Venha! que encontra aqui duas companheiras de collegio, que estavam fallando a seu respeito.

*Edmundo* (*perturbado*). Agradeço a sua bondade... não esperava encontrar aqui mademoiselle de Miremont... e como sei que muito se interessa por mim, vinha dar-lhe parte do triumpho que hontem alcancei; mas pelo que vejo, já vim tarde.

*Zoé.* Não importa... sempre lhe fico muito obrigada pela lembrança de vir receber os meus parabens.

*Agueda.* E eu tambem muito estimo encontrar es'a occasião para lhe exprimir a minha gratidão... porque, hontem quando foi a nossa casa annunciar-me essa bôa noticia, na presença de meu pai, e de minha madrasta, de certo que lhe havia de parecer muito indifferente ou ingrata?... Não é assim?

*Edm.* Não, minha senhora.

*Agueda.* Apenas o comprimentei.

*Edm.* Não ha duvida . . . mas logo que me viu apertou-me a mão, como n'outro tempo fazia no collegio.

*Zoé.* Bem me lembra . . . e vinha isso a dizer: « Bons dias, Edmundo; bons dias, mano. » E é justamente o que agora repetimos. (*Dão-lhe ambas as mãos, que elle aperta entre as suas*).

*Edm.* Ah! que cousas me trazem á memoria! Hontem quando ganhava a sua demanda . . .

*Agueda.* Diga — a nossa!

*Edm.* A primeira pessoa de que me lembrei, foi de minha querida irmã! . . . que tanto amei! . . . (*A's duas damas*). O que era o mesmo que pensar em vós; na minha lembrança sois inseparaveis; e dizia comigo: « Porque não havia de ella ser testemunha da minha ventura e alegria, já que tantas vezes me acompanhou nos meus pesares. » Mas, desgraçado de mim! Estou só neste mundo! perdi tudo! já não tenho irmã.

*Agueda.* Não diga isso! bem sabe que assim não é. Julga que nos esquecemos com essa facilidade, dos nossos juramentos, das nossas amizades da infancia?

*Zoé.* Ainda agora conversavamos nós a seu respeito, e fallavamos do seu estabelecimento futuro.

*Edm.* E' bem medonho e triste o meu futuro! Orfão, e quasi sem bens da fortuna. . .

*Zoé.* O talento supre tudo.

*Edm.* E quem lhes disse que eu o tinha?

*Agueda.* Nós, que o conhecemos, que confiamos no seu prestimo! . . . Eu já lhe dei provas disso; outros farão o mesmo.

*Zoé.* Com paciencia e constancia ha de alcançar o que pertende.

*Agueda.* Verá como pouco a pouco lhe vão affluindo os clientes ao escriptorio, crescerá a sua reputação, e ao mesmo tempo se augmentarão esses bens da fortuna.

*Zoé.* E os amigos, porque então todos quererão sêl-o.

*Agueda.* Mas não se ha de esquecer que nós já o eramos antes delles.

*Edm.* Ah! tudo me parece possivel, quando vos ouço; ha na amizade das mulheres, na vossa principalmente, um encanto que arrebata e persuade de tal modo, que me faria acreditar tudo, (*olhando para Agueda*) esquecer tudo; mas quando vos não encontro a meu lado, não vejo senão obstaculos que não posso vencer, e que augmentam a cada passo que dou. Debalde fujo dos prazeres da minha idade, e dedico todo o meu tempo ao estudo, passo dias e noites a trabalhar; e tudo isto de nada me serve, vivo sem ser conhecido; os triumphos que alcanço na minha profissão, não me podem fazer sahir deste estado; passam sem serem avaliados, e deixam-me mais ignorado do que antes. Parece que um poder invisivel me fecha todas as sahidas, e que algum demonio, de contínuo me affasta dos meus fins, e me grita « Has de morrer sem lá chegar. »

*Zoé.* Que lembrança!

*Agueda.* Ahi tem! já hontem foi feliz; muitas pessoas que estiveram na audiencia, me disseram que causou grande sensação, e que até fôra muitas vezes applaudido.

*Zoé.* O primeiro passo está dado.

*Agueda.* E' necessario não esmorecer.

*Edm.* Mas não posso obrigar os clientes a procurar-me.

*Agueda.* Póde sim ; faça por chamar a si a attenção publica, deixe esse acanhamento e essa modestia de creança, que o torna tão irresoluto.

*Zoé.* Ella tem rasão.

*Edm.* E eu, queridas manas, não as entendo.

*Agueda.* Agora, por exemplo, vão eleger um deputado em S. Diniz.

*Edm.* Que dizem ?

*Zoé.* E' verdade ; assim m'o disse meu marido esta manhã.

*Agueda.* Essas pequenas propriedades que possue, estão nesses sitios, é necessario apresentar-se como candidato.

*Edm.* Eu ! não pense em tal ! Deos me livre !

*Agueda.* E porque ?

*Edm.* Similhante ambição requer grandes talentos !

*Zoé.* Então nunca tem ido á camara ?

*Edm.* Sim, tenho ; mas com que titulo me hei de apresentar aos eleitores ?

*Agueda.* Bacharel.

*Zoé.* Todos lá chegam . . . é fazer como elles.

*Agueda.* O triumpho que alcançou hontem no tribunal, ha de fazel-o conhecido . . .

*Zoé.* Seguramente . . . e ha de grangear-lhe elogios. . . não deve perder esta occasião. . . (*Vendo que sahe um creado do quarto de Montlucar com jornaes*) Aqui temos os jornaes d'hoje, vieram a proposito . . . vâmos gosar da sua victoria ; lêa, lêa depressa a audiencia d'hontem , . . (*Vendo que Edmundo desembrulhando o jornal treme*). Está tremendo ?

*Edm.* E' verdade.

*Zoé.* Parece um creança.

*

*Agueda. (a Edmundo, que está correndo o jornal pelos olhos).* Então, senhor, então?... Está mais animadinho?... mais satisfeito?

*Edm. (cahindo n'uma cadeira).* Oh! isto não se póde aturar!

*Ambas.* Que tem?

*Edm.* Estou perdido; não me faltava mais nada; o meu discurso troncado, desfigurado... o contrario do que disse; e nas passagens que produziram mais effeito... aquellas que mais applaudidas fôram... pozeram entre parenthesis... « Murmurios na assembléa. » (*Entregando o jornal a Zoé*). Aqui tem... vêja...

*Zoé (olhando).* E' verdade. (*Lendo em voz baixa a Agueda*). « A causa defendeu-se por si; nem logica, nem estro, nem movimento d'affectos; e á sahida todos perguntavam porque motivo não haviam de confiar este negocio ao joven Oscar Rigaut, cuja eloquencia animadora conviria melhor ao assumpto. »

*Agueda (pegando no jornal).* Oscar!

*Edm.* Bem lhes dizia eu! por mais que me cance, tudo conspira contra mim... é impossivel ir por diante... está decidido... perdi-lhe as esperanças.

*Zoé.* E porque ha de desanimar desse modo? Não faltará quem faça conhecer a verdade. As pessoas que assistiram á audiencia, sabem que defendeu bem a causa.

*Edm.* Quantas seriam?... duzentas ou trezentas, pouco mais ou menos, e este jornal tem quinze a dezeseis mil assignantes; ámanhã nos gabinetes de leitura, nas lojas de bebidas, em todos os logares publicos, duzentos mil leitores ficarão persuadidos, e dirão por toda a parte que sou um advogado sem instrucção,

sem talento, incapaz de defender os interesses das pessoas que em mim confiam.

*Zoé.* Deixe-se disso.

*Edm.* (*tornando a pegar no jornal*). Está escripto . . . impresso! E seu marido é muito mais bem tratado . . . Aqui tem um pomposo elogio da sua ultima obra: (*lendo*) « O que é o genio? Não será acaso uma faisca electrica, que apesar de percorrer a immensidade do Universo, ninguem póde colher! . . .

*Zoé* (*admirada*). Oh! meu Deos!

*Edm.* « E' esta a reflexão que todos hão de fazer com a leitura da ultima obra do sr. conde de Montlucar. »

*Zoé* (*á parte, olhando para a mesa onde estava o papel escripto por seu marido*). Agora entendo.

*Edm.* Que elogio! . . . é bem feliz! . . . nunca me ha de acontecer isso, a mim . . .

*Zoé.* Póde ser . . . se quizer . . .

*Agueda.* Seguramente; apenas fôr deputado, hão de por força ouvil-o, e fazer-lhe justiça!

*Zoé.* Na tribuna falla-se d'alto.

*Edm.* Nada, nada; conheço a sua amizade, agradeço muito essas consolações, esses conselhos . . . mas tenho decidido . . . não me sinto com forças, nem valor para entrar em similhante carreira; vêr-me obrigado a combater e desfazer novas intrigas e conloios . . . isso não . . . nunca me hei de abaixar a esse ponto.

*Agueda.* Pois tambem não ha de passar d'ahi.

*Zoé.* E assim ha de morrer.

*Edm.* (*desesperado*). Sim, sim; não tardará muito . . . assim o espero; oxalá tivesse já acontecido isso.

*Agueda* (*dirigindo-se para elle*). Edmundo! . . .

*Criado* (*entra, e diz*). Chegou a carroagem.

*Agueda (fazendo signal de esperar).* Está bom! (*Vai pegar no chale, em quanto Zoé lhe vai buscar o chapéo que está mais longe; approximando-se de Edmundo, e dizendo-lhe em voz baixa*). Então... não nos quer attender, não quer ser deputado?...

*Edm.* E para que serve isso?

*Agueda.* Para muitas cousas... (*Arranjando o chale sem olhar para Edmundo*). Meu pai ainda disse hontem, que não se lhe daria de casar sua filha com um deputado.

*Edm.* Que ouço!...

*Agueda (voltando-se para Zoé, e pegando no chapéo que ella lhe traz).* Obrigada... adeos minha querida Zoé... adeos... (*Sahe muito depressa; Zoé acompanha-a até á porta do fundo, em quanto que Edmundo fica na frente do theatro, immovel e admirado*).

## SCENA V.

*Edmundo e Zoé.*

*Edm. (á parte).* Deputado!... Se fôr deputado, posso aspirar á unica ventura que ambiciono... descobriu o que se passa em meu coração... adivinhou o que ha tanto tempo me não tenho atrevido a declarar-lhe!...

*Zoé.* Meu querido Edmundo! não faz idéa da pena que me causa...

*Edm.* Ah! sou o mais feliz dos homens!

*Zoé.* Então que é isso?... Que está dizendo?... Ainda agora...

*Edm.* Sim; ainda agora era um extravagante!... um insensato!... que a nada attendia... que repel-

lia os conselhos da amizade. . . começo agora a dar ouvidos á rasão . . . e já quero . . .

*Zoé.* Então o que quer?

*Edm.* Ser deputado!

*Zoé.* E' possivel?

*Edm.* Hei de sêl-o . . . não tenho outra idéa . . . outra esperança.

*Zoé.* Tinha dito que não queria . . .

*Edm.* Mudei de opinião . . . hei de por força ser deputado . . . não sei como . . . mas não importa . . . seja como fôr, hei de alcançal-o . . . Zoé . . . morro se não sahir deputado! . . .

*Zoé* (*sorrindo*). E bom deputado, porque pelo que vêjo, muda facilmente de opinião.

*Edm.* Ah! é porque não sabe . . . nem póde saber . . .

*Zoé.* Sei que se vai chegando á rasão . . . era justamente o que queriamos . . . é esse o caminho dos grandes empregos.

*Edm.* Não é por esse motivo.

*Zoé.* A estrada da fortuna.

*Edm.* Tão pouco . . . quero só ser deputado, e depois, se não morrer de alegria . . . vereis. . . farei o que me disserdes . . . Mas em primeiro logar quero ser deputado . . . e diga-me de que meios devo lançar mão? . . . a quem me hei de dirigir? . . . não conheço ninguem!

*Zoé.* Vá procurar o sr. de Miremont.

*Edm.* Sim. . . a meu pai deve a vida, e os empregos que tem . . . Meu pai morreu pobre . . . e elle que occupa hoje um logar distincto . . .

*Zoé.* Nunca deixou de ser seu amigo . . .

*Edm.* Antigamente sim; mas depois que se ca-

sou, mudou tudo... raras vezes vou a sua casa... ha lá pessoa que eu detesto, a quem não pude disfarçar o meu despreso...

*Zoé.* Oh! meu Deos! o que fez?

*Edm.* Fiz o que devia... Pois ha neste mundo cousa mais despresivel, que uma mulher ainda moça, que, por interesse ou ambição, seduz um velho para casar com ella!...

*Zoé.* Cale-se... cale-se...

*Edm.* Já não ha remedio... e desse lado nada posso esperar.

*Zoé.* Então dirija-se a meu marido, que tem grande influencia em S. Diniz... tem lá uma fabrica... eleitores, que fazem o que elle disser... e muitos votos de que póde dispôr... principie pedindo-lhe o seu.

*Edm.* Pois eu hei de ir pedir... mendigar um voto?...

*Zoé.* Então como ha de ser?... Cuida que lh'o vão offerecer a casa?... Assim fazem todos.

*Edm.* Póde ser; mas parece-me que é cousa que nunca poderei fazer... e demais, apesar que seu marido é meu cliente, e que já lhe ganhei uma demanda muito importante... talvez me engane... mas tenho minha desconfiança que não me é muito affeiçoado.

*Zoé (sorrindo).* Tem seu fundamento essa desconfiança... o que me admira é que tivesse dado por isso assim como eu... Não sei porque... mas não ha duvida, que meu marido não é lá muito seu amigo.

*Edm. (com ar sombrio).* Ninguem gosta de mim.

*Zoé (com ar affavel).* Não seja ingrato... e já que não quer fallar a meu marido, eu me encarrego disso.

*Edm.* Quem?

*Zoé.* Elle não ha de gostar... ha de enfadar-se... temos ralhos... mas não importa, a tudo me arrisco... é necessario servir de alguma cousa aos amigos; e fique certo que a final ha de ceder!

*Edm.* Nada... não quero similhante protecção... Que diriam por ahi?... Que me servi da intriga para favorecer a minha eleição; que entraram mulheres nisso... oh! não deve ser... envergonhar-me-hia de similhante cousa.

*Zoé.* Ora essa! meu Edmundo! d'onde sahiu este homem?... d'um collegio de meninas?... e ainda assim, no meu estavamos mais adiantadas do que isso. Mas como lhe quer por força fallar... ahi o tem... elle ahi vem... falle-lhe.

*Edm.* Mal sabe quanto isto me custa...

*Zoé.* Elle não mette medo a ninguem... ande... animo.

*Edm.* Sim, sim; tem rasão. (*A' parte*). O' Agueda, a tua lembrança me anima. (*Zoé sahe pela porta da direita, animando Edmundo com gestos*).

## SCENA VI.

*Montlucar, que sahe da porta da esquerda pensativo; e Edmundo, que fica no fundo do theatro.*

*Montlucar* (*á parte*). Certamente um homem póde ser deputado, e conservar a sua côr politica... vai para a opposição... e é muito melhor... é o meio de alcançar mais!... Mas nas circumstancias em que me acho, não posso apresentar-me, é necessario, é indispensavel que instem comigo para acceitar... e

Bernardo não me parece comprehender esta necessidade.

*Edmundo.* Vou fallar-lhe.

*Mont.* (*com indifferença vendo Edmundo*). Ah! é o sr. Edmundo; vem, creio eu, visitar madame de Montlucar.

*Edm.* Não, senhor; procuro o sr. conde.

*Mont.* (*do mesmo modo*). Que motivo extraordinario o obriga a honrar-me com a sua visita a estas horas?

*Edm.* Um negocio de importancia... vai-se nomear um deputado em S. Diniz...

*Mont.* (*com indifferença*). Assim dizem... que eu não me metto em politica...

*Edm.* Pago nesse paiz alguns impostos.

*Mont.* (*com agrado*). Entendo, é eleitor... e vem procurar-me...

*Edm.* Não é de admirar... a sua influencia... o seu nome... a sua riqueza...

*Mont.* (*sempre com agrado*). São favores que me faz... pelo que vêjo vem da parte desses senhores, seus collegas...

*Edm.* De quem?

*Mont.* De alguns eleitores do circulo...

*Edm.* Não, senhor; venho de meu *motu proprio.*

*Mont.* (*com muito maior agrado, e pegando-lhe na mão*). Muito mais obrigado lhe fico; não posso expressar-lhe até que ponto me penhora esse seu procedimento... apesar de que, por outro lado, em grande embaraço me colloca; verdade é que já outros muitos amigos me teem quasi violentado a esse respeito... mas bem vê a minha posição... já não sou homem politico... sou litterato... e como tal independen-

te... tenho opiniões minhas : e quer que lhe diga, tenho tambem adquirido certa gloria, que de modo nenhum, quizera comprometter na tribuna...

*Edm.* (*admirado*). Como assim?...

*Mont.* Admira-se?... não é isso?... Pois olhe em logar de lhe agradecer a honra que vem fazer-me, estou quasi querendo-lhe mal por isso... porque me custa muito dizer-lhe que não... E demais, estava muito descançado em minha casa, não me passava pela idéa similhante cousa... julgava que estava livre de tentativas dessas... vem collocar-me na posição mais delicada e terrivel... (*Com voz fraca, e quasi cedendo*). Porque na realidade... não posso ser deputado...

*Edm.* Socegue.... e não fique mal comigo... não é isso que lhe eu vinha propôr...

*Mont.* Hein?... Que diz?...

*Edm.* Comprehendo perfeitamente as suas rasões... vinha fallar-lhe em outra pessoa...

*Mont.* (*procurando disfarçar, e affectando um ar de alegria*). Ora graças a Deus... já posso respirar... estou descançado... E quem é essa pessoa?

*Edm.* Eu.

*Mont.* (*admirado*). O sr. Edmundo?!... (*Com ar de superioridade*). Não ha duvida, meu caro, que com muito gosto lhe daria o meu voto... creio que é isso que me vem pedir... mas as nossas opiniões são bem conhecidas... os nossos principios não são os mesmos...

*Edm.* Mas isso não obstava para que acceitasse o meu voto...

*Mont.* Mas obsta para que lhe eu dê o meu... Ficaria muito mal visto pelo meu partido, pelos meus amigos politicos... diriam que mudei de opinião... e

isso não é cousa que eu faça. Ainda hontem o sr. Edmundo, advogou a causa de mademoiselle de Miremont, que pertence á nobreza moderna, á nobreza do imperio, e ganhou uma demanda contra uma familia das mais antigas de França.

*Edm.* Mas se essa familia não tinha rasão?...

*Mont.* Hoje em dia esse motivo não val de nada...

*Edm.* E se na defeza dessa causa houvesse mostrado talento e habilidade?...

*Mont.* Não duvido disso; mas confesso-lhe que acabo de lêr um artigo d'um jornal, que transcreve a sessão dos jurados... e francamente o aconselho como amigo... que se não apresente nesta occasião... não acharia a opinião publica muito a seu favor.

*Edm.* (*procurando comprimir a sua colera*). Está persuadido disso?!... mas a sua opinião, senhor, a sua opinião, que não se deve regular pela de um jornal... porque ha de ter uma opinião sua... privativa...

*Mont.* Certamente...

*Edm.* E creio que não está á espera que lhe tragam pela manhã, estampada n'um jornal, a consciencia que o ha de regular em todo o dia?...

*Mont.* Senhor!...

*Edm.* Ora bem; recorreu ao meu prestimo, veio procurar-me para me encarregar de um negocio de importancia, que estava em perigo, que involvia bastante difficuldade, que exigia muito trabalho e cuidado, e talvez até algum talento... triumphei... e triumphei á sua vista... e no dia em que ganhei essa demanda apertava-me as mãos... abraçava-me... tinha então talento!... Pois bem; hoje appello para a sua gratidão... deu-me dinheiro, e está persuadido que me pa-

gou... então appello para a sua consciencia, para a sua honra ... e responda, responda, ter-me-hia dado o seu voto naquelle dia?

*Mont.* Sim!

*Edm.* E hoje recusa-m'o, porque o seu jornal lhe não dá licença ... ao mesmo tempo que conhece que eu o mereço ... que o confessa ... que concorda comigo a esse respeito ...

*Mont.* Não ha duvida; sei muito bem, meu querido amigo, que não deixa de ter merecimento ... dil-o-hei sempre em voz alta ... mas, aqui entre nós, é necessario comprehender e avaliar bem certas situações... se estivesse no meu logar, havia de se vêr tão embaraçado como eu. Este jornal é amigo... quer-me bem... verdade é, que não tenho feito nada para o merecer... mas com rasão, ou sem ella, trata-me sempre bem... e não hei de agora pôr-me em opposição com elle, protegendo as pessoas que ataca ... então eu, que me não quero involver em cousa nenhuma, e que pela minha posição sou livre e independente.

*Edm.* Independente! ... e tem medo de um artigo de jornal! ... Independente! e nem ao menos tem animo de apresentar uma opinião sua! ...

*Mont.* (*altivo*). Mas dirijo o meu comportamento por uma regra invariavel da qual nunca me affasto ... e eu lh'a digo ... não entrar em manejos ou intrigas, não fazer parte de conloio algum; valer-me só do meu merecimento, sem importunar os outros, não mendigar votos, e muito menos constranger as pessoas que m'os recusam.

*Edm.* (*encolerisado*). Senhor! ..... (*Montlucar sahe*).

## SCENA VII.

*Edmundo, só.*

E' bem feito!... não me dirigisse eu a elle, não me abatesse eu a mendigar a sua protecção! Se por este preço se alcançam as honras, e as dignidades, quero antes ficar toda a vida despresado e obscuro; antes renunciar a felicidade, e perder todas as minhas esperanças!...

## SCENA VIII.

*Edmundo e Oscar.*

*Oscar* (*sustendo-o*). O' meu Edmundo!... onde vais correndo desse modo?

*Edm.* Oscar Rigaut... meu antigo condiscipulo de collegio.

*Oscar.* Como aqui me vês! e por signal que andava sempre atraz de todos; e tu dois annos seguidos alcançastes o maior premio. Como a gente muda, amigo, e como se engana quem se regula pelo tempo do collegio... (*Apertando-lhe a mão com ar de compaixão*). Já sei da tua catastrophe na audiencia de hontem.

*Edm.* Como? Quem t'o disse? Como o soubestes?

*Oscar.* Pelo meu jornal... que publica no dia seguinte, com toda a exactidão, os acontecimentos da vespera: e mais, que queres? Cahe a gente hoje, e levanta-se ámanhã. Não te faltarão occasiões de tomar a tua desforra... Mas que fazes?... que é feito de

ti ?... não te tornei a encontrar desde o tempo do collegio.

*Edm.* Perde-se a gente neste labyrintho; e além disso, como fostes para a provincia...

*Oscar.* Esperava ao menos, na minha chegada a Paris, encontrar-te em casa de minha prima, madame de Miremont, aonde me dizem que ías frequentes vezes; mas já não appareces...

*Edm.* Não tenho tempo... trabalho muito.

*Oscar.* Trabalha muito!... como é creança!... e que vens fazer aqui a casa de Montlucar? Olha que tambem é um sabio... vens trabalhar?

*Edm.* (*proximo a sahir*). Vinha tratar de um negocio particular, que não posso concluir como queria... e parece-me que não tenho outro remedio senão atirar comigo ao rio.

*Oscar.* Oh! diabo! que lembrança?... aqui me tens... sou rico... meu pai que ainda é negociante de madeira em Villa Nova de Yone, não me deixa passar mal... se precisas de dinheiro, eu t'o empresto, passar-me-has um recibo... sem cerimonia... entre amigos...

*Edm.* (*apertando-lhe a mão*). Obrigado! não é isso o que me mortifica.

*Oscar.* Então o que é?

*Edm.* Nunca posso alcançar o que pertendo...

*Oscar.* Admira... pois eu alcanço tudo quanto quero... e não entendo como não acontece o mesmo aos outros.

*Edm.* Das duas uma: ou és muito feliz, ou tens grande merecimento.

*Oscar.* Nada... não... vem tudo naturalmente; de per si; não me canço... nem sei como isto é...

entra-me a fortuna pela porta dentro, sem eu a chamar.

*Edm.* Deveras?

*Oscar.* Não te fallo da advocacia, na qual já ía fazendo grande vulto, porque a abandonei; occupo-me agora em cousas que são mais do meu genio.

*Edm.* Em que?

*Oscar.* Pois não o sabes já?... Compuz um livro de poesias?

*Edm.* Tu!

*Oscar.* Como todos os mais!... Foi uma inspiração que tive uma manhã ao almoço: « *A Eça, ou poesias funebres de Oscar Rigaut.* »

*Edm.* Tu? Um rapazote alegre e divertido?

*Oscar.* Que queres? appliquei-me ao genero funebre... era o unico que estava disponivel... os outros pertencem aos amigos... tafues da litteratura... engenhos creadores que inventam tudo... e demais era accumulação vergonhosa se todos inventassemos o mesmo genero. Deixei-lhe a elles o sublime, o gothico, o pittoresco, e inventei o cadaverico, e tenho feito maravilhas... a minha obra corre por toda a parte... olha... olha (*olhando para a mesa*) aqui tens seis exemplares...

*Edm.* Não estou em mim?...

*Oscar.* Pois tu não lês os jornaes?... « O joven Oscar Rigaut que, pela sua imaginação exaltada, se acha á frente dessa phalange de mancebos, esperança e gloria da França. » Pois serio, serio, não lêste isto em todos os jornaes?

*Edm.* Sim... mas cuidei que não era comtigo.

*Oscar.* Era comigo!... com todos os meus titulos... (*mostrando-lhe o livro*) « Membro de duas sociedades litterarias, official da guarda nacional, offi-

cial da secretaria do conselho d'estado, e para o mez que vem, hei de ter o habito da Legião d'honra ; cabeme agora a mim, está tudo arranjado.

*Edm.* Com quem?

*Oscar.* Com os amigos... com aquelles que, assim como eu, estão á frente dessa phalange ; deves saber que tambem elles estão á frente, estamos todos ; uma duzia de amigos intimos que nos apoiàmos uns aos outros, que nos admiràmos ; uma associação... para a qual um entra com os seus bens, outro com o seu engenho, outro não traz nada, mas tudo é compensado, todos chegam ao seu fim, porque uns empurram os outros.

*Edm.* Parece incrivel!

*Oscar.* E' como te estou dizendo : e para prova disso, se quizeres... basta que digas uma palavra... hei de te proteger... e empurrar para diante... Um demais não faz nada ao caso.

*Edm.* Muito obrigado, amigo, muito obrigado ; mas o que eu pertendo não está ao teu alcance.

*Oscar.* O que é, vamos a saber?

*Edm.* (*suspirando*). Queria ser deputado.

*Oscar.* E porque não?... Temos feito muitos.

*Edm.* E' possivel?

*Oscar.* Sim senhor, e verdadeiros deputados, deputados que votam ; não digo que fallem, isso tambem não importa, ha muitos que não fazem mais do que isso... Descança que has de ser eleito. Apresentado por mim aos nossos amigos, serão elles logo teus amigos, por compensação. Apenas uma pessoa é admittida, tem logo talento, habilidade, engenho, sciencia, é indispensavel, é de regulamento... Tu verás, vâmos a tratar disso.

*Edm.* Mas aonde? e quando?

*Oscar.* Já esta manhã. Dou em minha casa um almoço aos amigos: aqui está a minha morada... vens ou não?

*Edm.* (*olhando para o bilhete e hesitando*). Que faço eu? Queria-me ir deitar ao rio!

*Oscar.* Então, vens ou não?

*Edm.* Sim, vou.

*Oscar* (*apertando-lhe a mão*). Até logo.

*Edm.* Até logo.

(*Edmundo sahe pelo fundo; Oscar entra pela porta da esquerda*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

# ACTO II.

## SCENA I.

*Bernardo e Oscar.*

*Oscar* (*para o bastidor*). A's duas horas o almoço na mesa!

*Bern.* O vinho de Champagne deve ser nevado, e a lagosta tambem, para que se conserve bem fresca!... Faço gosto que esteja boa... e ha de estar; fico por ella.

*Oscar.* E' entendedor, cá o nosso doutor.

*Bern.* Fui eu mesmo escolhe-la a casa de madame Chevet, com quem todos os medicos têem ligações de amizade, por gosto e gratidão... é um estabelecimento de utilidade!... todas as doenças d'alli sahem...

*Oscar.* E teve a bondade o amigo doutor, de ir elle mesmo encommendar o almoço...

*Bern.* Obsequio que faço muitas vezes aos amigos... Os melhores bocados são logo pela manhã embargados por mim... e os freguezes que chegam depois, ouvem sempre « Está encommendado pelo doutor Bernardo, está guardado para o doutor Bernardo » anda sempre o meu nome na frente!... é um meio de me fazer conhecido, porque todos dizem logo « O' diabo! é grande figurão! ha de ser bem rico... E olhe

em Paris, regra geral, só os homens ricos fazem fortuna.

*Oscar.* Por isso eu tenho boas esperanças.

*Bern.* Tem rasão! ... já tem um bonito patrimonio ... e merecimento é esse, que ninguem lhe póde contestar.

*Oscar.* E que de boa vontade divido com os amigos! Cavallos, camarotes no theatro, jantares, almoços ... e sempre pago eu ... e folgo com issso!

*Bern.* Todos teem seu gosto particular!... inclinou-se para ahi, e faz bem, meu taful ... porque adquire desse modo uma ascendencia e superioridade taes, que, pouco a pouco, se vão habituando todos a respeital-o como ponto central, remate da abobada, e a bem dizer, seu presidente. Hoje, por exemplo, temos que deliberar sobre um negocio importante ... e vimos todos almoçar a sua casa ... deste modo, ha de fazer grandes progressos.

*Oscar.* Pois julga ...

*Ber.* O meu amigo bem o sabe, e nós todos ... Com uma cabeça dessas ... olhe que os conheço pela cara ... estou-lhe daqui vendo todos os signaes d'esperteza ... Além disso, é docil ... sem se entreter a raciocinar, e a comprehender as cousas, vai direito ao fito. E' quanto basta.

*Oscar* (*rindo*). Que mais quer? Acredito na medicina, e no meu doutor.

*Bern.* Não lhe dizia eu, que tinha cara de esperto?!... Quem vem ao almoço?

*Oscar.* Hão de faltar muitos amigos, principalmente os nossos tafues.

*Bern.* Onde estão?

*Oscar.* Como sempre : no theatro italiano. Ha esta manhã ensaio geral da opera de Timballini.

*Bern.* E' muito justo ! é indispensavel exaltar esse talento exotico ! elle nos recompensará isso lá na sua patria !

*Oscar.* Mas Dutillet, o nosso grande livreiro, ha de vir ! Desrousseaux, o nosso grande pintor ! Estevão, o nosso grande romantico ! Montlucar, o nosso grande ... não sei como se diz ...

*Bern.* Economista ... o nosso grande economista !

*Oscar.* Escriptor bem profundo é elle, pelo que dizem todos ! ... é cousa celebre... entendo o latim... e nunca pude entender os seus escriptos.

*Bern.* E ninguem o entende ! ... por isso a sua reputação está para sempre segura. Quando algum de nós exclama com intrepidez, em qualquer sociedade : « Que engenho apresenta na sua obra » logo todos dizem « Coitadinho ! lêu-a ? » e por compaixão acreditamno ... quem diabo se metteria a querer verifical-o ! ... Quem temos mais ?

*Oscar.* Convidei tambem meu primo, par de França, o sr. de Miremont, e sua mulher, a minha linda prima.

*Bern.* Melhor : que tenho que lhe fallar ... O sr. de Miremont aceitou ?

*Oscar.* Com muito gosto.

*Bern.* Bom ... então não falta.

*Oscar.* Apesar que, a mulher não ficou lá muito contente, queria ir esta manhã ao conservatorio de musica.

*Bern.* (*sacudindo a cabeça*). Então não vem.

*Oscar.* Mas prometteu, e se Cesarina não gostar disso, peor para ella ; não hei de agora ir fazer cere-

monia com minha prima... olhe que é minha prima... meu pai, negociante de madeira em Villa-nova de Yone, era irmão do pai della, com a differença que eramos ricos, e elle não ... por signal que se viu obrigada a entrar para um collegio por ajudante da mestra ... ainda me lembra ...

*Bern.* (*interrompendo-o*). E' melhor não fallar nisso.

*Oscar.* Ainda no outro dia lho disse.

*Bern.* Ouça, meu amigo ; tem subtileza bastante, e por isso ha de logo entender o que lhe vou dizer : quando quizer alcançar do sr. de Miremont alguma cousa para si, ou para os seus amigos, falle primeiro á mulher ...

*Oscar* (*admirado*). Olé ! é procurar o caminho mais comprido.

*Bern.* E' o mais curto. O sr. de Miremont, é homem de merecimento, mas um merecimento silencioso, que na carreira dos empregos e da ambição, adianta pouco, mas nunca recúa ... Foi nomeado em 1804 membro do senado conservador, e desde então nunca pensou senão em conservar os seus empregos, e tem sido feliz ... tem oito.

*Oscar.* Oito empregos ! ...

*Bern.* Oito ... e ainda está na camara dos pares como esteve no tempo da restauração. Inimigo de todo o abalo, e de tudo o que póde trazer comsigo qualquer mudança ; é partidista dos que estão seguros, e fanatico do que existe, mas sem se mostrar, sem se comprometter ... porque vivendo obscuro na sua brilhante posição, não quer que fallem d'elle, e mette-se na cama dois mezes antes quando está imminente alguma discussão de comprommettimento, algum processo

politico... olhe que lh'o digo eu, que trato delle, e não entrâmos em convalescença senão depois de decidido o negocio, ou dada a sentença... Além disso, é um bom homem... lá no seu interior persuade-se que tem certa auctoridade... e sempre se tem deixado levar pelo cabresto... actualmente, é a mulher que faz delle o que quer... mas ella não se deixa governar assim... Repare bem no que lhe digo... aproveite-se de tudo isto, e deixe-os fallar... E como a indole das pessoas, apparece tanto nas cousas pequenas, como nas grandes, sempre lhe digo já, que se este almoço não fôr do gosto de Cesarina, o marido não vem cá.

*Oscar.* Nada, não... deu-me hontem á noite a sua palavra...

*Bern.* Isso é o mesmo!

*Oscar* (*olhando para a janella*). Olhe... olhe... lá entra uma sege no pateo... é elle... e vem cedo! Agora acredita-me?

*Bern.* Ainda não.

*Oscar* (*querendo sahir*). Vou recebel-o á escada. (*Voltando*). Ah!... já me ía esquecendo... hei de hoje apresentar-lhe mais um amigo.

*Bern.* Quem é?

*Oscar.* Um advogado.

*Bern.* Está bom; póde-nos ser util... essa gente falla muito, faz muita bulha... E' dos bons?

*Oscar.* E' muito instruido.

*Bern.* (*com impaciencia*). E' dos bons?

*Oscar.* Tem muito talento.

*Bern.* Não lhe pergunto isso... é bom compadre? poderá empurrar os outros, exaltal-os?

*Oscar.* Seguramente, é capaz de metter a mão no fogo pelos seus amigos.

*Bern.* E' o que se quer!... nós o adiantaremos... nós o adiantaremos... e quando o conhecermos melhor...

*Oscar.* Almoça hoje comnosco.

*Bern.* E' quanto basta; em pouco tempo farei o meu juizo.

*Oscar* (*voltando se*). Oh! a minha querida prima!

## SCENA II.

*Miremont, Cesarina, Oscar, Bernardo.*

*Oscar* (*dirigindo-se a Miremont, que vem pelo braço de Cesarina*). Estou encantado de tanta bondade, sr. Conde, por haver aceitado um almoço de rapazes.

*Bernardo.* E ainda em cima vir tão cedo! não me admira. A exactidão é a civilidade das... notabilidades de todo o genero... Por isso devia chegar primeiro que todos.

*Miremont* (*a Oscar*). Sim, meu amigo, vim mais cedo para os prevenir que, muito contra minha vontade, não posso almoçar na sua companhia.

*Oscar.* Oh! meu Deus!

*Mirem.* E venho eu mesmo pedir desculpa.

*Bern.* (*baixo a Oscar*). Não lhe dizia eu?

*Mirem.* Temos esta manhã na camara uma sessão, na qual é indispensavel a minha presença.

*Oscar.* Como?... pois não póde faltar?...

*Mirem.* Isso mesmo me dizia ha pouco minha mulher.

*Oscar* (*com simplicidade*). Deveras?

*Mirem.* (*com ar de gravidade*). E' porque as

mulheres não avaliam a importancia das cousas ; só cuidam nos divertimentos que as seduzem ... e nada mais ... mas nós não podemos ser assim.

*Bern.* Supponho que o sr. Conde tem de combater muitas vezes ... e com um formidavel adversario ?

*Mirem.* Não é assim ; Cesarina é justa ... Cedo de boa vontade, e até com prazer, nessas cousas de pouca monta, que lhe podem ser agradaveis ; mas quando se trata de negocios graves, de negocios de estado ... ella bem sabe que é escusado pedir-me ... e até nem se lembra disso.

*Cesarina.* E por isso ha de fazer-me a justiça de confessar que esta manhã não insisti.

*Mirem.* E' verdade.

*Cesar.* E todavia, se quizesse, podia muito bem evitar este desgosto ao pobre Oscar, e deixar lá a camara alta, que é bom que se vá acostumando a passar sem a sua presença ... porque emfim, se adoecer ...

*Mirem.* (*com severidade*). Menina ! ...

*Cesar.* Vamos, não se enfade, estou calada ... não quero agora armar uma discussão ; já que ateima, não se demore ... vá para a camara ; nesse meio tempo, vou eu ao conservatorio ... se tambem se não oppõe a isso ...

*Mirem.* (*inclinando-se, e pegando-lhe na mão*). Minha querida ...

*Cesar.* Tenho um logar no camarote do ministro, que a mulher me mandou offerecer, e que felizmente aceitei.

*Mirem.* Está bom.

*Bern.* (*á parte*). Era para onde ella queria ir.

*Cesar.* (*alegre, para Oscar*). Será ao menos uma

compensação, que me ha de consolar da perda de tão boa companhia, mas que nem por isso me fará esquecer della... (*A Miremont*). Vá depressa: vá na sege para a camara, e mande-ma já... no entanto fico aqui com o sr. doutor, a quem tenho que fallar.

*Bern.* Estou ás suas ordens, minha senhora.

*Cesar.* Oscar, dê o braço a seu primo... até á sege.

*Mirem.* Como quizer... mas não é necessario.

*Bern.* Estou por isso: o sr. conde não tem precisão de braço; para a sua idade, tem tal robustez e viveza... parece mais moço do que nós.

*Oscar* (*maliciosamente*). Minha prima é que o póde dizer.

*Cesar.* Está cada vez mais tolo, Oscar.

*Oscar* (*rindo*). Não é isso? hein? sou engraçado!... (*A' parte*). E' alguma cousa presumida, mas é muito agradavel... (*Offerecendo o braço a Miremont*). Vou acompanhal-o até lá abaixo... (*a Bernardo*) e dar as ultimas ordens para o almoço... (*A Cesarina*). Até já.

*Mirem.* Adeus, menina; não fiques mal comigo, tem paciencia N'um quarto de hora tens aqui a sege. (*Sahe com Oscar*).

## SCENA III.

*Bernardo, e Cesarina, que vai sentar-se n'uma cadeira da direita.*

*Bern.* (*em pé ao lado della*). Sempre tinha muita vontade de ir ao concerto?

*Cesar.* Está persuadido disso?

*Bern.* Apesar que é cousa que pouco nos lisongeie, estou persuadido disso.

*Cesar.* Graças a Deus! é um gosto fallar com quem nos entende... E' isso, meu doutor... estivemos hontem á noite em casa do ministro; está mais acreditado do que nunca esteve, e por isso tinha gente!... não tive occasião de lhe fallar á minha vontade. Apenas teve tempo de me dizer: « Vai ámanhã ao concerto? O meu camarote está ás suas ordens. » Depois acrescentou em voz baixa: « Não falte, tenho que lhe dizer. »

*Bern.* O que será?

*Cesar.* Não sei... provavelmente a respeito da lei que ámanhã entra em votação.

*Bern.* Dizem por ahi, que não passa.

*Cesar.* Faltam quatro votos... havemos de achal-os.

*Bern.* Mas como?

*Cesar.* Veremos!... ainda lhe eu hei de fallar primeiro.

*Bern.* Tem tempo bastante, o concerto é longo... não será máu que n'algum intervallo lhe falle no meu negocio.

*Cesar.* No tal emprego da escola de medicina?

*Bern.* Bem sabe que todos me designam a mim, como o unico capaz de o exercer; e até convém muito ao governo ter alli um professor do seu partido... que tenha influencia naquella mocidade turbulenta... não ha nada melhor nos dias de reboliço... com quatro palavras se arranja tudo... « Briosa mocidade academica, meus amigos, meus collegas... » Faz-se a gente popular... e elles quebram os vidros da aula, e levam um homem em triumpho pelo meio da rua... tudo isto serve... e faz subir a logar elevado... *Sic itur ad*

*astra*... Perdoe fallar-lhe em latim... mas é costume, foge-me a lingua.

*Cesar.* (*sorrindo*). Percebo muito bem, doutor: vejo que é activo e diligente para o seu interesse...

*Bern.* E dos amigos tambem... Devo á sra. condessa a reputação que tenho, não ha duvida... as suas enchaquecas e os seus spasmos nervosos, têem-me acreditado muito... e têem-me dado muito dinheiro... estou por isso... mas tambem não sou ingrato. E ha de convir comigo, que, pela parte que me toca, sou uma gazeta ambulante que não falto aos meus doentes e nas juntas, senão nas esplendidas reuniões que ha em sua casa, no seu valimento... e quando ha algum desses segredos que se não podem imprimir, mas que é necessario divulgar mysteriosamente por toda a cidade... não estou eu logo ás ordens! e em vinte e quatro horas, está tudo feito; partiu o tiro, produziu o seu effeito, e os meus cavallos ficaram estafados... isto é que é affeição.

*Cesar.* (*levantando-se, e pegando-lhe na mão*). Bem sei, doutor, e póde contar comigo.

*Bern.* Quando falla ao ministro?

*Cesar.* Esta manhã.

*Bern.* E' o mesmo que se estivesse despachado, mais uma palavra... e esta agora diz-lhe respeito... O sr. de Miremont é zeloso?

*Cesar.* Que pergunta!

*Bern.* Tem seu fim: diga, é zeloso?

*Cesar.* Algumas vezes... quando eu quero, tem elle essa lembrança... da qual tiro meu partido... mas só em occasiões de absoluta necessidade... Agora para que me faz essa pergunta?...

*Bern.* Ha quem diga que as attenções do ministro para com a sra. condessa...

*Cesar.* Meu marido é proprietario de um jornal muito acreditado.

*Bern.* Bem sei! ... mas affirmam que outras idéas que nada teem com a politica, o fazem ser tão obsequiador, que nada lhe recusa... esperando sem duvida, que o seu coração venha um dia a retribuir tanta generosidade.

*Cesar.* Quem diz isso?

*Bern.* E' um boato que principia a correr... será necessario deixal-o ir, ou quer que seja immediatamente desmentido? Dê-me as suas ordens, que sem demora as transmittirei aos nossos amigos... diga, o que quer que se faça?

*Cesar.* (*com indifferença*). Póde dizer, meu doutor, que é tempo perdido.

*Bern.* Isso já eu sabia! Vejo que é insensivel aos obsequios dos adoradores que a cercam, e que não tem, e nunca teve amor a ninguem!

*Cesar.* Como é que o sabe?

*Bern.* Nada escapa á medicina!

*Cesar.* Talvez que a medicina se engane. (*De vagar*). Uma pessoa existe neste mundo, pela qual n'outro tempo eu houvera sacrificado a mais brilhante posição... (*com viveza*) era então uma louca... não o tornarei a ser!... tenho mais experiencia do mundo...

*Bern.* (*sorrindo*). Entendo! a primeira inclinação...

*Cesar.* Póde ser.

*Bern.* Um lindo mancebo que a adorava...

*Cesar.* Pelo contrario!... e isso é o que mais me escandalisa... creio que me não amava... (*Com vi-*

*vacidade*). As inclinações são livres; esqueci-me delle‘ já não me passa pela idéa... mas toda a minha vida o hei de aborrecer... e é por isso que me tenho entregado a uma vida de distracção e actividade, só assim satisfaço os meus desejos, só assim me julgo feliz; gosto de me achar involvida em tres ou quatro negocios, serios ou não, mas que me occupem o espirito, que me não deixem repousar. Chamará talvez a isto tudo tormentos, e eu chamo-lhe emoções, só assim acho que vivo!... Ahi está porque muitas vezes me vê estouvada e temeraria, despresar a fortuna quando corro atraz della, e a podia alcançar, mudar de opinião proxima a obter o que pretendo, arremeçar-me aos perigos que sei avaliar, que antevejo... porque me sobresaltam o coração... e tornam mais suave a alegria do triumpho.

*Bern.* Vejo que não seguiu a sua vocação: estava destinada para governar um imperio.

*Cesar.* (*sorrindo*). Isso hoje em dia já não tem logar... governam-se por si os imperios, e ás mulheres só cabe a diplomacia domestica, a politica dos salões, e os manejos secundarios... Assim vai tudo... e é necessario contentar-se a gente com o que tem... por não poder obter mais! (*Alegre*). Mudemos de conversa... de que se trata aqui hoje... para que é este almoço?

*Bern.* Todos os nossos amigos, que tambem são intimamente affeiçoados á sra. condessa, a bem dizer, por juramento, veem esta manhã (excepto seu primo Oscar, que não sabe qual é a questão) veem esta manhã deliberar entre copos de champagne, ácerca de um negocio de grande importancia... Temos na nossa sociedade grandes talentos, engenhos sublimes, mas

não temos deputados... e um deputado que fosse dos nossos... um deputado que nos pertencesse... far-nos-ía grande bem.

*Cesar*. Certamente!... ou ao menos, quando não faça grande bem... não póde...

*Bern*. Não é assim?... é o que eu dizia... Ora a deputação de S. Diniz, está vaga... e antes de arranjar os eleitores... é necessario saber quem devemos apresentar... quem de commum acordo devemos metter á cara.

*Cesar*. Uma eleição preparatoria.... entendo.... e já têem alguma idéa...?

*Bern*. Espero a sua!

*Cesar*. (*depois de algum silencio*). Por exemplo, o doutor.

*Bern*. (*depois de haver reflectido*). Nada!.... quero antes o que lhe disse ainda agora... (*De vagar*). Não estou disposto a fazer-me deputado... só se me fosse necessario. como muita gente faz, para...

*Cesar*. (*depois de reflectir*). Para alcançar algum emprego.

*Bern*. (*do mesmo modo*). Mas se o arranjar já...

*Cesar*. E' escusada a deputação.

*Bern*. E' isso justamente o que venho a ganhar. Perde a gente, a tratar dos negocios do paiz, o tempo que devêra empregar nos seus. Não digo que algum dia... se outras idéas... que não póde advinhar...

*Cesar*. (*sorrindo-se e olhando para elle*). Talvez advinhe!... As idéas de ambição ou de fortuna, são faceis de perceber... olhando sempre para o logar mais elevado... e para ahi dirige as suas vistas... na nossa familia mesmo...

*Bern*. (*perturbado*). Eu... senhora!

*Cesar.* Se me engano!... melhor!... Voltemos ao nosso deputado... quem havemos de escolher?

*Bern.* Alguem ha que tem bastante vontade de ser proposto... o sr. de Montlucar; mas em consequencia das opiniões que professa... pede que instem com elle... para fingir que foi eleito contra sua vontade... E' possivel!

*Cesar.* Por ora não. Quer ao mesmo tempo entrar para a academia das sciencias moraes e politicas... é necessario contentar a todos.

*Bern.* Tem razão.

*Cesar.* Por outra pessoa quizera eu que o nosso doutor, e todos os amigos empregassem a sua influencia... bem entendido, que ao mesmo tempo, os havia de eu apoiar pelo lado de meu marido, e do ministerio.

*Bern.* Então quem é?

*Cesar.* Meu primo Oscar Rigaud.

*Bern.* Na realidade, que já tem feito muito em seu favor, e além disso, nunca passará de ser um... um bom rapaz, e nada mais.

*Cesar.* Conheço-o melhor do que o doutor; mas é meu parente, e quero adiantar a minha familia... não por ella, mas por minha causa: quero que em logar de me chamarem prima de um negociante de madeira, digam: é prima de um deputado, de um conselheiro, e sabe Deos que mais!... Elevo-me, ao passo que o elevo a elle.

*Bern.* Seja assim... mas olhe que é bem feliz; porque não é nenhum fura paredes.

*Cesar.* Melhor!... é mais um que temos para tudo quanto quizermos... mais tres ou quatro empregos cujo titulo elle usará, e que nós exerceremos em seu logar. Assim é o pai, que já não cabe em

Villa Nova de Yone, onde vive ... é um pateta, mas é meu tio; é indispensavel, por meu respeito, empregal-o em alguma cousa.

*Bern.* O que sabe elle?

*Cesar.* Nada.

*Bern.* Empregal-o-hemos, nesse caso, na instrucção publica ... uma inspecção ...

*Cesar.* O filho já está empregado no conselho de estado, e a sua unica occupação é passear.

*Bern.* Virá o pai ajudal-o.

*Cesar.* Pensarei nisso; mas a respeito de Oscar, está tudo ajustado, não é assim? Posso contar com o doutor e com os mais amigos?

*Bern.* Eu os impellirei nessa direcção.

*Criado* (*entrando*). Chegou á carroagem.

*Cesar.* Oh! meu Deos! a estas horas tem já principiado o concerto, e não ouço a symfonia em *re* menor. Adeus, doutor; lembre-se que sou de palavra.

*Bern.* E eu tambem: e a resposta?

*Cesar.* Em minha casa, logo.

*Bern.* Sempre seu até á morte. (*Acompanha-a até á porta, fazendo uma reverencia*).

## SCÊNA IV.

*Bernardo só, inclinando-se ainda, e descendo para a scena.*

Sim, não ha duvida ... agarremo-nos sempre ao carro da fortuna ... quando sobe ... quando desce, o caso é outro ... mas graças a Deos, ainda não chegámos a esse ponto, e já que ella assim o quer, vá o sr. Oscar para diante, e façamol-o homem distincto ...

quando estiver misturado com os outros, quem diabo ha de dar pela cousa; e eu receberei a recompensa lá para o futuro, apesar que a formosa Cesarina que advinhou o meu pensamento, porque advinha tudo, mostrou má cara aos meus projectos de ambição. Parece que quer só para si os bons casamentos, e que por este lado lançou mão do monopolio exclusivo dos pares de França... Paciencia! ha de chegar-se á razão! na primeira occasião importante em que eu lhe possa servir de alguma cousa, tornarei a fallar no negocio. (*Vendo Oscar*). E então, nosso querido Amphytrião...

## SCENA V.

*Bernardo, Oscar, Edmundo.*

*Bern.* Está tudo arranjado... vamos a almoçar?

*Oscar.* Aqui lhe apresento um convidado. (*Baixo a Edmundo, indicando-lhe Bernardo*). E' um dos nossos... (*A Bernardo, apresentando-lhe Edmundo*). E' meu amigo intimo... aquelle condiscipulo do collegio, em quem lhe fallei esta manhã.

*Bern.* (*com enfase*). O grande advogado do qual fallámos tanto tempo!

*Oscar.* Esse mesmo.

*Edm.* (*passando para o lado de Bernardo*). E' honra que não mereço, e não esperava...

*Bern.* Tudo deve esperar quem tem tanto merecimento.

*Edm.* Então o meu amigo Oscar, teve a bondade de lhe fallár a meu respeito?

*Bern.* Era escusado: que a sua reputação é europea... o seu nome bem conhecido!... (*Baixo a*

*Oscar*). Como se chama elle? (*Voltando-se, e vendo Oscar que julgava a seu lado, occupado a dar ordens a um criado*). Não importa... ha frazes feitas que servem na advocacia... (*a Edmundo*) e teem reconciliado a tribuna moderna com a eloquencia.

*Edm.* Senhor...

*Bern.* Essa doçura na dicção, esse estilo faceto tanto em moda hoje, que não diminue a força dos raciocinios e dá mais calor ao discurso... tudo... tudo emprega com tanto gosto... e além disso, expõe com uma claresa pouco vulgar... tem boa voz, e dignidade no accionado.

*Edm.* Já me ouviu?...

*Bern.* Não tenho perdido nenhum dos seus discursos...

*Oscar.* Deveras? (*A Edmundo*). Bem vês que te conhecia, e ainda mo não tinha dito.

*Bern.* (*á parte, encolhendo os hombros*). Que pobre homem!

*Edm.* E assistiu á ultima audiencia em que fui defender uma causa.

*Bern.* E não estava muito á minha vontade... estava muita gente; sem duvida que havia de perder muitas cousas, mas logo disse comigo: Aqui está um homem com quem desejava travar amisade, porque sou naturalmente amigo das pessoas de talento: e graças ao nosso collega Oscar, realisou-se o meu desejo.

*Edm.* E' possivel!

*Oscar.* Ahi tens... não te dizia eu? estás admittido... olha como é bom moço, que amabilidade!... que franqueza!...

*Edm.* Não ha duvida.

*Oscar.* Pois são todos assim.

## SCENA VI.

*Estevão, Desrousseaux, Oscar, Dutillet, Bernardo, Edmundo.*

*Oscar.* Venham ... venham ... que já é tarde. O almoço é que o paga.

*Dutillet.* Espero que não!

*Oscar.* Vou mandal-o vir para a mesa. Aqui ficâmos melhor; este quarto é o mais retirado; assim convém ao banquete dos sabios.

*Dut.* Oh! meu doutor!.... (*Baixo a Oscar*). Quem é este rapaz que está com elle?

*Oscar.* Um amigo novo. Bernardo que o conhece, ha de apresental-o aos amigos. Vou dar algumas ordens indispensaveis ... Doutor, faça de dono da casa: meus amigos, nada de ceremonias, estejam á sua vontade ... já venho. (*Sahe correndo pela porta da esquerda*).

*Bern.* (*á parte, sobindo pelo theatro*). E então? forte pateta ... deixa-me aqui só!...

*Dut.* (*a Edmundo*). Um amigo do doutor, é como se fosse nosso.

*Desrousseaux.* Somos todos um.

*Estevão.* Somos todos solidarios.

*Edm.* Não mereço por certo, um acolhimento tão lisongeiro.

*Bern.* (*passando para o meio*). Não o acreditem ... é modestia: é cousa que suprimimos na nossa sociedade: Regra primeira: todos fazem justiça a si: todos sabem o que valem; e o nosso novo amigo, o nosso Cicero, tambem o ha de saber. (*Para os outros*). Sim, senhores, é um advogado distincto, ao

qual nada falta para completar a sua gloria: só elle faltava á nossa.

*Desr.* O senhor é advogado?

*Dut.* Depois que Oscar se fez poeta, ficámos sem advogado na sociedade.

*Bern.* Eu bem sabia o que fazia, quando vol-o apresentei. (*A' parte*). E Oscar sem apparecer. (*Passando para o lado de Edmundo, pegando-lhe pela mão, e mostrando-lhe Dutillet*). O sr. Dutillet, livreiro, que leva todos os nossos amigos á immortalidade, indo elle sempre adiante.

*Dut.* Meu querido Bernardo.

*Bern.* Não ha nada mais natural: quem conduz o carro, vai sempre adiante... inventor dos papeis assetinados... margens de oito pollegadas... cartazes de quinze pés quadrados... anda agora meditando n'outros de trinta. (*Passando para o lado de Desrousseaux*). O nosso Desrousseaux, grande pintor, que inventou a paysagem romantica; genio creador que se não abateu, como os outros, a imitar a natureza... (*á parte*) e Oscar sem chegar em meu auxilio! (*Passando para Estevão*). O nosso grande poeta!... o nosso grande romantico! que está collocado na nossa litteratura, qual oblisco de enorme vulto com seus hiroglificos. (*Voltando-se, e vendo Oscar, que manda trazer a mesa*). Venha, meu querido Oscar, venha ajudar-me a passar revista ás nossas notabilidades.

*Oscar.* Deixe-se disso, que não almoçariamos hoje. (*Rindo*). Ah! ah! ah!

*Bern.* Este maldito Oscar, em tudo dá provas da sua subtilesa.

*Oscar.* E todavia, ainda estou em jejum. (*Sobindo ao theatro, e fallando aos criados*). Ponham aqui

a mesa... tragam o champagne nevado, e venham as ostras, se já estão abertas. (*Descendo pelo theatro, e dirigindo-se a Desrousseaux, que dá a mão a Edmundo*). Então? o que é isso? já nós lá vamos? Está o conhecimento feito?

*Bern.* E' isso. Estes senhores já o conhecem tão bem como eu. (*Oscar sobe por um instante ao theatro com Edmundo*).

*Dut.* (*baixo, a Desrousseaux*). Sabe como se chama?

*Desr.* E tu?

*Dut.* Não sei!... mas creio que é dos bons, e conhecido de todos.

*Desr.* Nesse caso póde-nos servir de muito.

*Dut.* Ha de defender *gratis*, as demandas que todos os dias tenho com os authores.

*Desr.* (*a Edmundo, que desce*). Espero que me ha de dar licença para lhe lythographar o retrato; ha muito tempo que o publico o aguarda com impaciencia.

*Edm.* Pois pensa...

*Oscar* (*tornando a descer*). Não te pódes dispensar d'isso. Todos estamos lythographados... em mangas de camisa e sem lenço no pescoço... é da etiqueta... é o vestuario do enthusiasmo... não custa caro, e serve de muito; é o melhor meio de apparecer por toda a parte.

*Est.* O nosso novo amigo, tambem me ha de dar licença para fallar delle no meu primeiro romance... Tenho já uma tirada animada e forte, ácerca da profissão de advogado, que parece de proposito feita para elle, e na qual todos o hão de logo reconhecer.

*Edm.* E' demasiada bondade.

*Est.* Pagar-me-ha isso na primeira oração que fizer.

*Dut.* E eu incumbo-me de mandar tirar dois mil exemplares della. Dê-me na vespera os improvisos que tencionar fazer no dia seguinte, e dar-lhei as provas á sahida da audiencia... (*Dulillet que estava na extrema direita, passa para a esquerda*).

*Est.* Annuncios em todos os jornaes.

*Bern.* (*descendo*). Elogios em todas as sociedades.

*Oscar.* Ouves : triumphos infalliveis ... não te disse eu qual era o fim da nossa associação?

*Edm.* E' cousa célebre!

*Bern.* E porque se admira?... Estamos n'um seculo de accionistas : tudo se faz por empregos e associações... porque não ha de acontecer o mesmo com a reputação?

*Dut.* Tem razão.

*Bern.* Um homem só não póde fazer nada ; mas se treparmos uns aos hombros dos outros, o ultimo, por pequeno que seja, é um grande homem!

*Oscar.* E além disso, chega ás cousas que estão d'alto.

*Bern.* Hoje, por exemplo, temos a tratar em commum de um negocio muito importante... ácerca do qual podemos já ir dizendo algumas palavras antes do almoço... visto que elle ainda está demorado.

*Oscar.* E' porque ainda não chegaram todos os convidados. (*Oscar sahe por um instante*).

*Bern.* Vamos a tratar, meu amigo, da deputação de S. Diniz...

*Edm.* (*á parte*). Oh! meu Deus!... (*Alto a Bernardo*). Parece-lhe que poderá ser...

*Bern.* Depende de nós, e daquelle que escolhermos. Se nos entendermos bem...

*Edm.* (*commovido*). Deveras!

*Bern.* (*a Edmundo*). O segredo da nossa força, é amisade á prova de bomba, alliança offensiva e defensiva ... os seus inimigos serão nossos inimigos.

*Est.* Havemos de atacal-os em verso e em prosa.

*Bern.* E em remuneração, se nos tribunaes, em qualquer questão de vulto, seja como fôr, achar occasião de atacar um advogado collega seu, a quem tenho um odio ...

*Edm.* Ha de permittir ... senhor ... que ... (*Neste momento, Desrousseaux torna a sobir pelo theatro; Oscar entra, e colloca se ao lado de Edmundo*).

*Bern.* Um advogado das duzias ... que n'uma demanda contra mim, tomou a liberdade de me atacar, de me escarnecer ... um homem que ninguem conhece ... um tal Edmundo de Varennes ...

*Edm.* Senhor ...

*Oscar* (*baixo a Edmundo*). Cala-te; não lhe tinha dito o teu nome ... mas, pondo isto de parte, bem vês que está a teu favor ... Ah! aqui vem mais outro convidado.

## SCENA VII.

*Estevão, e Oscar, indo ao encontro de Montlucar, ficam com elle um instante no fundo do theatro: os da scena antecedente, na frente.*

*Dut.* Vem tão tarde, e a gente a tratar aqui dos seus negocios ... já me tinha fallado em particular a respeito da deputação.

*Desr.* E a mim tambem.

*Bern.* E tambem a mim ... Mas antes de tudo é

necessario apresental-o ao hospede. (*Apresenta-o a Edmundo, que o reconhece*).

*Edm.* O sr. de Montlucar.

*Mont.* (*reconhecendo Edmundo*). O' meu Deos!

*Ie n.* (*á parte*). Ahi está um que o conhece!... felizmente!

*Mont.* O que é isto?... O senhor por aqui?

*Edm.* A mesma pergunta lhe podia eu fazer... porque o sr. conde não queria ser deputado... e não queria pedir votos a ninguem...

*Mont.* Segui o seu exemplo. (*A Desrousseaux, que está ao lado delle*). Este cavalheiro é liberal, e vem pedir o voto de um legitimista.

*Edm.* (*a Oscar, que está ao lado delle*). E o sr. é legitimista, e anda-os pedindo a todos.

*Bern.* (*metendo se no meio delles*). Que temos nós com as opiniões de cada um, meus senhores? De que servem essas discussões que nos desunem e nos prejudicam tanto?... Somos todos amigos! Aqui não ha d'outra gente! a amisade só tem uma opinião... e ainda que tenha duas e mais, é o mesmo. Encontra a gente apoio e protecção em todos os partidos; e com muita maior facilidade nos podemos reciprocamente sustentar, porque fingimos combater em campos oppostos. (*A Edmundo*). O senhor é napoleonista... (*a Montlucar*) o senhor é carlista... (*a Dutillet*) o meu amigo Dutillet é republicano, e eu sou tudo quanto ha. Toda a união é solida, quando tem por base o que ha mais respeitavel no mundo... o nosso interesse! (*Pegando na mão de Montlucar, que se deixa ir*). Vamos, dê-me cá a sua mão... (*a Edmundo*) a sua...

*Edm.* (*retirando-a com força*) Não... nunca me passou pela idéa o que acabo de vêr e ouvir! Não

sabia que, para ser vosso amigo, era necessario sacrificar para servir vossos interesses, opinião e consciencia... Não, nunca me prestarei a similhantes exigencias, nem consinto que ninguem m'as proponha.

*Bern.* Um traidor entre nós!

*Dut.* Um traidor da amizade!

*Edm.* Ah! não ultrage similhante nome! a amizade descobre o rosto, e não se occulta, não conspira, não se envergonha de apparecer! porque a verdadeira amizade só se nutre de acções meritorias! Fóra disto só existem, conspirações, conloios, e manejos criminosos, que um triumpho ephemero póde alentar, mas o tempo não tardará em fazer justiça! Sim, aquelle que se eleva pela intriga, cahe tambem pela intriga, o verdadeiro talento, é o unico que resiste; a intriga, o enredo, podem tolher-lhe os vôos, mas não cortar-lhe as azas: e quando chegar esse dia, quando raiar a verdadeira luz, cahireis de chofre no esquecimento natal que vos espera e vos reclama. (*Sahe*).

## SCENA VIII.

*Estevão, Desrousseaux, Bernardo, Oscar, Dutillet, Montlucar.*

*Bern.* Que homem é aquelle, que se atreve a fallar deste modo?

*Mont.* Edmundo de Varennes.

*Oscar.* Que muito bem conheceis, e cujos discursos haveis constantemente ouvido.

*Bern.* Que máu costume tem este Oscar, de nos apresentar amigos intimos cujo nome ninguem sabe.

*Oscar* (*a Bernardo*). A culpa não é minha: pelos

elogios que lhe fazia, julguei que o conhecia melhor do que eu!

*Bern.* E' bom rapaz ou não?

*Dut.* (*apertando a mão a Oscar*). Oh se é!

*Mont.* Sabem muito bem que isto não póde ficar assim.

*Bern.* De certo que não: quem ha de querer auxiliar um inimigo que rejeita o nosso prestimo, e dar-lhe uma reputação que despreza?... Muitos ha neste mundo, que dariam a cabeça para serem conhecidos; e havemos de offerecer-lhes similhante honra!... tendes bastante sagacidade e talento, conheceis muito bem o mundo para não vos deixardes cahir em similhante loucura. (*Volland -se para os outros*). Occupemo-nos pois, de cousas de maior importancia. (*Entram Leonardo, Savignac, e Pontigni. Oscar aperta a mão a todos, e sahe para mandar vir o almoço*). E agora que estamos todos reunidos, vamos a tratar da nossa questão... entremos nella com franqueza como membros de uma mesma familia.

*Leonardo.* Tem razão.

*Bern.* Vamos escolher d'entre nós um deputado... Quem se acha em melhores circumstancias? (*Fazem todos um gesto*). Estou mesmo ouvindo a resposta, que me vão dar... todos... todos... Não venho aqui discutir merecimento, porque a esse respeito não póde haver discussão: podiamos tirar sem perigo á sorte, qual de nós valia mais, e estou certo, que de todo o modo o acaso seria sempre justo; mas não devemos despresar o interesse commum dos membros da associação, e por isso cumpre attender a certas considerações, que sem duvida vos não hão de ter escapado.

*Savig.* E' muito justo: em primeiro logar, de-

vemos combinar que a escolha seja util aos nossos amigos.

*Mont.* Uma escolha ascendente, aereostatica, isto é, que faça subir muita gente.

*Bern.* Isso mesmo. Que espressão tão feliz! patenteou justamente o meu pensamento.

*Dutil.* (*passando pelo meio para o logar de Bernardo, que se retira, e passa para a extrema direita*). Parece-me, pois, meus senhores, que em virtude das minhas relações immediatas e quotidianas com todos os que escrevem, imprimem e publicam, me acho naturalmente em circumstancias de dar a mão a todos... e é por isso, que me proponho a mim... não nos deve importar o nome do eleito; porque, mais dia, menos dia, lá havemos de chegar todos: o essencial é collocar o primeiro degrão, e que seja seguro e firme.

*Mont.* E' por isso, meus senhores, que em consequencia da minha posição social, minhas relações de familia, de nascimento e de fortuna, familiarisado como estou, com a primeira fidalguia, posso talvez melhor que o meu honrado amigo...

*Bern.* (*á parte*). Parece que já estão orando na camara.

*Mont.* Dar-vos a mão do logar elevado que occupo, e offerecer-vos melhor e mais seguro apoio... Agora, ou seja o primeiro ou o segundo, para mim é indifferente; vem tudo a ser a mesma cousa: todos somos um; esteja um em pé, estaremos todos.

*Est.* (*passando a collocar-se entre Montlucar e Dutillet*). Aproveitando a idéa do orador que me precedeu; parece-me que uma reputação colossal, lançada no meio da camara...

*Dut.* Com licença...
*Est.* Não me interrompa... A' ordem!
*Dut.* Bem o entendo...
*Est.* E' basofia, não ha tal...
*Dut.* Repito, que bem o entendo... sei como estas cousas se fazem... e por isso é que peço... votos.
*Leon.* Não haverá mais que um!
*Pont.* Não ha duvida!
*Sar.* E estaremos todos concordes!
*Todos.* Votos!
*Bern.* Para que?
*Mont.* Isso arranja-se n'um instante... quadradinhos de papel... um nome só... é obra d'um minuto. (*Chegam-se todos á mesa da direita para fazer os bolletins; Oscar neste tempo manda trazer o almoço, e dirige a collocação das cadeiras*).
*Osc.* Está prompto o altar... vamos ao sacrificio... vamos, meus amigos...
*Bern.* (*na frente do theatro, escrevendo o bolletim*). Cá ponho o nome de Oscar... haja o que houver.
*Leon. e Pont.* (*escrevendo na mesa do meio, que já está posta*). Que diabo é isso, esperem...
*Mont.* (*tambem escrevendo*). Estamos tratando de cousas serias.
*Osc.* Nada ha mais serio do que um almoço... E em primeiro logar, devemos attender áquillo que estamos fazendo... Ah! ia-me esquecendo o vinho da Madeira! (*Sahe*).
*Dut.* (*assentado á mesa da direita, rodeado de todos os camaradas, abre o escrutinio*). Estevão, um. Montlucar, um. Desrousseaux, um. Dutillet, um. Leonardo, um!... (*Continúa fallando de vagar*).

*Bern.* (*vendo o resultado*). E' celebre cousa!... todos teem um voto... e nada mais!

*Sav.* Excepto o doutor.

*Bern.* Bem dizia eu ainda agora, que não haveria senão um voto. (*A' parte*). Isso esperava eu; cada um votou em si!...

*Dut.* E' cousa extraordinaria! (*A' parte*). Pelo que me haviam promettido!

*Mont.* Que tal havia de dizer... (*A' parte*). Tinhamos convencionado...

*Bern.* Parece-me que não ha outro remedio, senão correr segundo escrutinio.

*Pont.* Tornemos a principiar.

*Bern.* (*baixo a Montlucar, que vai escrever*). A primeira deputação que apparecer é sua... Madame de Miremont assim o prometteu, com a condição que ha de hoje votar em seu primo Oscar.

*Mont.* (*do mesmo modo*). Antes elle do que esse enfatuado de Estevão, e esse republicano Dutillet. (*Vai escrever o seu bolletim á mesa*).

*Bern.* (*baixo a Dutillet*). Não póde arranjar nada desta vez, e Madame de Miremont promette-lhe, que será attendido n'outra occasião... se agora votar em seu primo,

*Dut.* N'aquelle maluco!... pois vá... antes elle do que esse jesuita Montlucar. (*Vão escrevendo os bolletins em quanto Bernardo vai fallar baixo aos outros*).

*Oscar* (*entrando*). Se não acabam com isso, estraga-se o almoço... isto como tem graça é quente... escreverão á sobremesa... ou depois do café!

*Dut.* (*abrindo o escrutinio*). Oscar, um! Oscar,

dois! Oscar, tres!... Está eleito com uma grande maioria.

*Oscar* (*admirado*). Quem? O que é isso?

*Bern.* Has de ser deputado! Tu, Marcellus eris!

*Oscar.* Eu!

*Dut.* Elevar-te-hemos todos á deputação de S. Diniz.

*Oscar.* E' possivel?

*Mont.* Está decidido.

*Oscar.* Nem em tal pensava... desta vez não hão de dizer que intriguei... Pois bem... não ha nada mais celebre... assim acontece tudo.

*Mont.* Ahi ve[illegible] o póde o merecimento.

*Bern.* Ha mu[illegible]te assim... e o vinho de champagne... vamos para a mesa.

*Todos.* Para a mesa! (*Assentam se em roda da mesa*).

*Oscar* (*assustando-se*). E' celebre... fazer um deputado á mesa!

*Mont.* (*do mesmo modo*). Por esse caminho, vão lá muitos.

*Bern.* E nelle se sustenta[illegible]! (*Olhando para todos os outros camaradas*). Jurâmos pois empregar toda a nossa influencia...

*Dut.* e *Leon.* Todo o nosso credito...

*Mont.*, *Sav.* e *Pont.* Todos os nossos amigos...

*Bern.* Para fazer proclamar deputado, o nosso compadre Oscar Rigaut...

*Todos.* Assim o jurâmos!

*Bern.* Esperando pela desforra!

*Oscar* (*levantando-se*). Assim o juro.

*Bern.* (*deitando vinho n'um copo*). E já vou bebendo á sua nomeação.

*Oscar.* E á saude de todos os nossos amigos e compadres.

*Todos.* (*levantando-se e tocando os copos*). Amizade eterna!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

## ACTO III.

---

### SCENA I.

*Agueda só, sahindo da porta da direita.*

Quem póde ouvir similhantes cousas obrigada a moderar-se, e até sem se atrever a dar palavra?... eu por certo que não... não está mais na minha mão... não posso soffrer tanto... e por isso deixo-os á sua vontade. Lá está Cesarina no gabinete de meu pai, ha mais de uma hora, elogiando seu primo Oscar... Está claro que quer que seja eleito deputado... tão certo como eu aqui estar. E apesar disso, de tal modo tem arranjado as cousas, que a lembrança foi de meu pai... agora é elle, que o pertende apoiar com todo o seu valimento... e ella resiste... meu pai responde-lhe, que é seu parente, seu primo, que é do seu dever apresental-o aos eleitores... Vai fallar nelle ao ministro... E além disso, as visitas, os jornaes, as diligancias dos amigos, tudo será aproveitado para exaltar um tolo... um estupido... Sahe eleito... não ha duvida!... Como ha de o pobre Edmundo resistir a tudo isto? Os seus unicos protectores são o seu merecimento... (*olhando para toda a parte*) e eu... talvez... dois protectores, que de pouco valem, que são mudos... Veio ainda agora fallar-me ácerca da minha demanda... creio eu

que a respeito da notificação da sentença... Mas estou bem certa, que não era isso o que elle me queria... não... Tinha um ar tão triste e desesperado... que estive quasi a dizer-lhe: « Edmundo, o que tem?... » Mas estava alli gente; é sempre assim! Foi-se, olhando para mim, como que dando-me o ultimo adeos!... Sim... estou certa... que nunca mais o torno a vêr... E não tenho outro remedio senão calar-me, guardar no coração uma paixão... um segredo... que ainda não revelei a ninguem... nem a elle!... O' meu Deos! quem me ha de acudir?... (*Volta-se, e vê madame de Montlucar, que entra*). Zoé!...

## SCENA II.

*Agueda e Zoé.*

*Zoé.* Que tens tu?

*Agueda.* Ah!... Estava pedindo a Deos uma cousa... e ouviu-me, porque ahi te vejo.

*Zoé.* Oh! sim... não ha duvida... venho passar todo o dia comtigo.

*Agueda.* Que ventura!

*Zoé.* Meu marido está muito occupado; foi tratar dessa eleição a S. Diniz, onde tem grande influencia, por causa da fabrica, de que é um dos principaes proprietarios.

*Agueda (repentinamente).* Quererá ser eleito?

*Zoé.* Assim julguei ao principio... mas enganei-me... vão apresentar Oscar Rigaut, tanto elle como os seus amigos.

*Agueda.* Tambem elles!... São todos a favor desse homem... a nullidade em pessoa...

*Zoé.* Será por isso mesmo!... ninguem tem medo delle!

*Agueda.* E o nosso Edmundo?... coitado!...

*Zoé.* Francamente... receio muito que nada possa obter.

*Agueda.* Ah! que me dizes tu?... Por isso elle estava tão triste, e com ar de desesperado.

*Zoé.* Creio bem... atormentado como está pela injustiça e pela desgraça... não sabes de que é capaz. Muitas vezes me disse, que não tinha esperanças de felicidade, que ninguem se interessava por elle, que a vida lhe era pezada... o que dizem hoje em dia todos os rapazes... é moda... Nada disso me assustava, mas ainda agora, quando entrei em casa, como disse que passava o dia fóra, sube que Edmundo me tinha vindo procurar... pelo que vejo, quando sahiu d'aqui... e que não me achando, escrevêra esta carta... que muito me affligiu...

*Agueda* O que é? dize...

*Zoé.* Affligiu-me seguramente, não tanto pela sua ingratidão, o que já é bem feio; mas por vêr que um homem com tanto merecimento... tanto saber... e tão bonito modo... tenha similhante lembrança... cousa tão vulgar e ordinaria...

*Agueda* (*tirando-lhe a carta*). Mas deixa vêr! (*Lendo*). « São inuteis todos os meus esforços; ainda « desta vez não alcanço o que desejo, e o rival por « quem sou preferido... é Oscar... Não tenho animo « para luctar mais tempo. Adeos: deu-me n'outro tem- « po provas de amizade... seja hoje a depositaria do meu « segredo... Um amor sem esperança me fazia des- « graçado toda a vida... Esta tarde quando lêr a mi-

« nha carta, não tenha dó de mim... terei deixado de « padecer ... » (*Dando um grito*). Ah!...

*Zoé* (*tornando a pegar na carta*). Que tens?... Não te assustes ... é escusado dizer-te que mandei a sua casa ... e que não tarda aqui para lhe fazermos ambas um sermão ... Porque, na verdade, não ha maior absurdo: se os amantes desgraçados perdem a paciencia, e dão em se matar, o que será de nós?... Pobre Edmundo!... pela minha parte nunca me havia de esquecer de similhante desgraça.

*Agueda*. E eu ... morrria logo.

*Zoé* (*assustada*). Oh! meu Deos! que dizes?

*Agueda*. O que até agora te tenho occultado ... o que nem eu quizera saber... Pois bem! sim... amo-o desde a infancia... desde esse tempo em que nos chamava irmãs... e então era nosso irmão, nosso amigo... ah! para mim era mais ... admirava já aquella franqueza... aquella austéra probidade... aquella alma tão amante, e tão desinteressada ... aquelle respeito com que comprimia no coração um segredo, que adivinhei talvez primeiro que elle!... E por isso, se tivesse a vontade livre, e podesse dispôr de meus bens, dir-lhe-hia immediatamente e sem hesitar — Sou rica, sêl-o-has tambem ... amo-te e sejamos felizes. — Zoé, que tens tu?

*Zoé*. Nada ... continúa.

*Agueda*. Sim ... de certo lh'o dizia.

*Zoé*. Ouve, pois: ha occasiões em que a gente não póde ser senhora de si ... fizeste bem em me fallar... assim deveria sempre ser entre amigas ... não cuides que penso nelle com segunda intenção... mas sempre te digo, sempre te confesso, que aquella carta, que não designava ninguem, me fez julgar, que por minha cau-

sa é que elle se queria ... isto assusta ... e por outro lado lisongeia ... (*Alegre*). Acabou-se ; já não penso mais nisso ... Verdade é, que tenho um marido, que nem sempre é agradavel ... mas não importa ; para elle, e para mim, foi assim melhor. Por isso, minha querida Agueda, sê sempre minha amiga, continúa.

*Agueda.* Como és generosa !

*Zoé* (*pegando-lhe na mão*). Dizem que os homens são causa de desavenças entre as mulheres : provemos o contrario, e já que todos formam uma alliança contra Edmundo, formemos nós outra em seu favor ... duas amigas, duas companheiras de collegio, conspirando em segredo, e sem interesse, para proteger um pobre rapaz ! !... não ha nada mais louvavel... a nossa causa é justa !... O céu ha de nos ajudar !... e as mulheres serão por nós.

*Agueda.* Bonito apoio.

*Zoé.* E porque não ?... A compadrice dos homens não val mais que a das mulheres ... a nossa é mais franca ... quando o é.

*Agueda.* Sim, mas tem menos valimento. Podemos, por exemplo, vencer ambas todos os obstaculos que se oppõem ao seu adiantamento ? Podemos fazer que seja eleito deputado ?

*Zoé.* Póde muito bem ser ... se não por nós, ao menos pelos outros, por aquelles em quem temos alguma influencia ... Mas, em primeiro logar, é necessario não dizer a Edmundo o que tencionamos fazer a seu respeito : dizia logo que era intriga, e recusava, ou transtornava tudo ...

*Agueda.* Sim !

*Zoé.* Conheço-o bem... Uma pessoa temos nós de grande influencia, a qual tu podias arranjar a favor do

nosso amigo... por pouco agradavel que te mostrasses...

*Agueda.* Quem é?

*Zoé.* O doutor Bernardo, amigo da casa, confidente de tua madrasta... anda sempre com tanto cuidado em ti... sempre com medo que te constipes, a mandar-te conchegar o chale... sempre com pastilhas peitoraes na algibeira para te dar.

*Agueda.* Sim... já tenho notado isso... mas aqui em segredo... creio que me namora.

*Zoé.* A ti?!

*Agueda.* Não: ao meu dote.

*Zoé.* Então não fazemos nada; não ha de querer proteger um rival.

*Agueda.* E a quem nos havemos de dirigir? Que havemos de fazer?... que meios devemos empregar?

*Zoé* (*muito contente*). Ah! achei um... achei um, que dá grande reforço á nossa alliança... mais uma mulher... Tudo depende de tua madrasta... ella é quem aqui governa tudo... dirige tudo... é necessario pôl-a da nossa parte; era certo um bom resultado, se Edmundo se resolvesse a mostrar-se para com ella alguma cousa amavel e gracioso.

*Agueda.* Deixa-te disso.

*Zoé.* E até começar a namoral-a.

*Agueda.* Nada... nada... nunca consentiria em similhante cousa, porque não a póde soffrer.

*Zoé.* Bem o sei.

*Agueda.* E ella paga-lhe do mesmo modo.

*Zoé.* Quem sabe?... Fui sempre a esse respeito de opinião contraria á tua; quando ella era n'outro tempo ajudante da nossa mestra, observei eu... no collegio não se faz outra cousa, parece-me que vi mui-

tas vezes Cesarina Rigaut olhar para Edmundo, de certo modo... Não entendia então nada disso... mas agora que já tenho mais experiencia... e memoria... estou persuadida que... Emfim, descança, tenho cá meu projecto...

*Agueda.* Que queres fazer?

*Zoé.* Que te importa? Nem tu, nem Edmundo, entrarão nisso, só eu vou tentar uma empreza temeraria talvez... porque não é cousa facil luctar com Cesarina... mas ella confia tanto na sua força, e seu poder tem tanta subtileza, e suppõe tão pouco de mim, que não ha de desconfiar... além disso, a escolha dos meios é toda della; e por ella é que havemos de triumphar ou succumbir; e se nada podermos fazer...

*Agueda.* Alcanças uma inimiga!...

*Zoé.* Já o é... mas se triumphar... faço a fortuna de um amigo... a sua felicidade... a tua... e então... (*dando-lhe a mão*) tambem a minha.

*Agueda.* Minha querida Zoé.

*Zoé.* Cala-te!... ahi vem tua madrasta... que ar sério e melancolico!

*Agueda.* Quasi sempre anda assim.

*Zoé.* Convém muito ás mulheres, que são homens d'estado!... vai-te, deixa-nos sós.

## SCENA III.

*Zoé e Cesarina.*

*Cesarina (entra pensativa, e senta-se n'uma cadeira á direita).* Bernardo está nomeado... a esta hora já o ha de saber; o ministro disse-me, que com

mais quatro votos passava a lei... se eu lhe podesse arranjar estes quatro votos... tinha firmado o meu poder... nada me recusariam depois.... mas aonde os hei de ir desencantar?... é impossivel, ainda que convocasse todas as ordens de amigos... Se Oscar sahisse eleito, tinhamos já um... uma cifra que serviria de alguma cousa... mas não vinha a tempo.

*Zoé (á parte).* Não importa!... a todo o risco interrompâmos o homem d'estado nas suas meditações... vamos!

*Cesar. (vendo-a).* Madame de Montlucar...

*Zoé.* Minha querida Cesarina...

*Cesar.* Que novidade! O sr. de Montlucar obsequeia-nos muitas vezes com as suas visitas... mas sua mulher, ou é menos amavel, ou mais altiva... quasi nunca apparece...

*Zoé.* E' verdade, que desde o tempo do collegio...

*Cesar. (á parte).* Não póde dizer duas palavras sem fallar no collegio.

*Zoé.* Mudaram muito as cousas.

*Cesar.* Em que?

*Zoé (com ar de ironia).* Esse collegio onde era nossa superiora...

*Cesar. (com altivez).* Creio que não houve grande mudança.

*Zoé (á parte).* Insolente!

*Cesar. (tornando a tomar ar agradavel).* Acho que depois que mudei para mais elevada posição... decahi da graça da minha antiga amiga, e disso é que me eu queixo.

*Zoé (á parte).* Agora faz de protectora.

*Cesar.* Porque, de certo, nunca me esqueci daquella Zoé, tão esperta, e ao mesmo tempo tão sincera.

*Zoé (com ar de bonhomia).* Queria dizer simples... e tem rasão ... porque ainda muito preciso das suas lições ... desgraçadamente já não as dá ... aliás teria vindo aproveitar-me dellas ... Sim, não ha duvida, invejo esse tacto prodigioso que nunca a abandona, esse lançar d'olhos rapido, pelo qual se guia e dirige n'um momento ... porque eu não tenho, nem lembranças felizes, nem presença d'espirito ... só no dia seguinte é que sei o que devera ter feito na vespera ... em quanto que a minha querida Cesarina... é mulher que se decide logo.

*Cesar. (sorrindo).* Olhe que me está adulando muito, Zoé ... alguma cousa pertende de mim.

*Zoé (com candura).* E' verdade! ahi está a prova do tal lançar d'olhos de que fallei.

*Cesar.* Diga, diga o que quer ... vem da parte de seu marido ...

*Zoé.* Não, por certo ... até elle ignora este passo.

*Cesar.* E' cousa sua?

*Zoé.* Menos.

*Cesar.* Então a respeito de quem é?

*Zoé.* Ahi está a minha difficuldade toda ... e agora não sei se me atreverei a dizel-o ... talvez fizesse mal em me adiantar tanto ... mas, como lhe acabei de dizer, nunca sei na occasião o partido que devo tomar... está-me parecendo que não escolhi o melhor meio ... E assim, antes lhe não quero fallar nisso ...

*Cesar.* Que loucura!.., visto que já principiámos...

*Zoé.* Talvez se enfade... talvez ache improprio e incivil o passo que dou ...

*Cesar.* Entre nós!.., entre amigas de tanto tempo!...

*Zoé.* E é justamente de um amigo que se trata...

a sua felicidade... a sua fortuna... e até a sua vida estão em perigo.

*Cesar.* Quem é?

*Zoé.* Edmundo de Varennes.

*Cesar.* (*perturbada, e procurando disfarçar*). Edmundo!...

*Zoé.* (*á parte observando*). Não me enganei... muito o amou...

*Cesar.* Está em perigo a sua vida?...

*Zoé.* (*olhando para ella bem de frente*). Sei-o eu, que apenas sou sua irmã, sua amiga... e ignora-o Cesarina, a quem elle ama... e sempre amou.

*Cesar.* (*perturbada*). A mim?!

*Zoé.* (*á parte*). Ainda o ama.

*Cesar.* (*tornando pouco a pouco a si*). Engana-se, Zoé; isso é impossivel. Ha um anno que Edmundo parece fugir de mim, até me não occulta o seu odio, e na minha presença não póde deixar de me fazer conhecer pelo seu modo de olhar toda a aversão que me tem.

*Zoé.* Oh! meu Deos! sim! tudo isso é verdade! mas não cuidei nunca que fosse necessario, sem ter o seu juizo e discernimento, vir eu dizer-lhe quanto póde n'um mancebo o amor-proprio offendido, a perda de todas as suas esperanças, o despeito, o ciume, que ha um anno o atormentam... Sim, senhora, ha um anno, desde o seu casamento... e não quer que elle fuja, não quer que elle a deteste!... Adorava-a... e Cesarina, por conveniencia, e talvez, ambição, cedeu a outro; o que não é louvavel... Mas perdôe... só lhe devo fallar delle, muito altivo para se queixar... muito desgraçado para encontrar conforto; fez-me a unica confidente de seus pezares, e affirmou-me que tendo

perdido todas as esperanças, tinha resolvido acabar hoje com seus tormentos, e com a vida que lhe era tão pezada. Aqui tem, conhece-lhe a letra, lêa!

*Cesar.* (*lendo a carta que Zoé lhe deu*). Oh! meu Deos! E' crivel?... amava-me sem m'o dizer?

*Zoé.* E nunca o dirá... primeiro ha de morrer, que confessal-o... Por esse lado póde estar descançada...

*Cesar.* (*dando-lhe a carta*). Não importa. Sinto muito que me tenha dado esta carta.

*Zoé* (*pegando nella*). E que havia de eu fazer? Em grande extremo me achei. Seria melhor deixar morrer esse pobre rapaz, do que dar um passo que elle ignora, e ha de ignorar sempre?... Porque esta noite, elle está decidido... bem o conhece.

*Cesar.* Certamente: ha muito tempo que tenho notado o seu ar sombrio e inquieto, mas por grandes que sejam os dezejos de lhe salvar a vida, já não está na minha mão o poder fazel-o. Zoé é que devia vêr se o podia chamar á rasão, eu não devo vêl-o, nem fallar-lhe.

*Zoé.* Escusado era dizel-o, assim o entendo; conheço bem os seus principios, Cesarina; mas ao menos não o persiga com o seu odio; porque, o que mais o affligiu, o que o levou a este estado de desesperação foi a certeza de que era sua inimiga declarada.

*Cesar.* Eu!...

*Zoé.* Sim... por toda a parte a encontra servindo-lhe de obstaculo ao seu adiantamento e á sua fortuna. E' esse o premio, a recompensa, de tanto soffrer, e tanto amor?... Será justo e leal similhante comportamento? Se ao menos lhe desse uma prova que deixava de fazer causa commum com seus inimigos, e

se por acaso o protegesse, servisse ou defendesse... ah! só esta lembrança o chamaria de novo á vida, á felicidade, a todas as suas illusões; e salvava-o deste modo, sem compromettter o seu dever.

*Cesar.* Sim?!...

*Zoé.* Hoje, por exemplo, bem viu nessa carta, tinha-se apresentado para ser deputado; todos os seus projectos de ambição dahi dependiam; e Cesarina oppõe-lhe um homem, que é seu parente, é verdade, mas a quem não tem amizade alguma; um homem, que se não fosse o auxilio que lhe dá, cahiria se ficasse só entregue ao seu merecimento; e similhante concorrente ha de preferir Edmundo; e tudo isto é devido a Cesarina! Ah! é quanto basta para lhe dar golpe mortal, e não o ha de consentir...

*Cesar.* Não: não, tem razão, a justiça está em primeiro logar.

*Zoé.* De certo: e primeiro que o parentesco.

*Cesar.* Póde estar certa que, se fôr ainda tempo, hei de vêr... creio que a minha influencia não chega a tanto... mas, ao menos, hei de experimentar.

*Zoé.* E' só o que lhe peço.

*Criado* (*annunciando*). O sr. doutor Bernardo.

## SCENA IV.

*Zoé, Bernardo e Cesarina.*

*Bernardo* (*a Cesarina*). Já recebi a minha nomeação; estou feito professor, o que tudo lhe devo, porque é o meu anjo da guarda. Mas em paga, chego agora de S. Diniz com Montlucar. (*a Zoé*) seu marido, que me trouxe no seu carrinho.

*Zoé e Cesarina.* E então?

*Bern.* (*a Cesarina*). E então... (*olha para Zoé com inquietação*).

*Cesar.* (*mostrando Zoé*). Póde fallar diante della.

*Zoé.* Pois não, meu doutor! tambem sou da sociedade.

*Bern.* (*esfregando as mãos*). Saiba que vai tudo ás mil maravilhas.

*Zoé.* Como assim?

*Bern.* Sahimos da assembléa preparatoria do primeiro collegio, onde tenho a honra de ser dos que pagam mais impostos. Oscar fallou aos eleitores, e o seu improviso produziu maravilhoso effeito, excepto em dois logares em que lhe falhou a memoria. Mas o discurso estava muito bem feito: foi o nosso collega Estevão que o compoz, e esta noite ha de apparecer com reflexões imparciaes e notas do redactor, e entre parenthesis (Applausos geraes) já se sabe...

*Cesar.* Nesse caso, toda a assembléa estava a favor delle?

*Bern.* Nada: uma terça parte só, composta dos nossos amigos, dos mestres das officinas do sr. de Montlucar, e de alguns papalvos que eram da nossa opinião, porque, quando entraram na sala, lhes calhou sentarem-se ao nosso lado. Os mais eram contra nós, e pareciam dispostos a fazer opposição. Lancei então mão dos ultimos recursos. Avancei-me ao nosso candidato, e, palavra de honra, que lhe ataquei deveras as suas opiniões.

*Cesar.* Nunca as teve.

*Bern.* Melhor! que dá largas em todos os sentidos. Gritei-lhe então: « Eu não me disfarço, o senhor não é meu candidato, por estas e estas razões. » Me-

ti-o n'um chinello ; mas Oscar pediu a palavra, e respondeu ...

*Cesar.* O que?

*Bern.* O segundo discurso, preparado para replicar... Tinha-o estudado bem, e não se enganou : enthusiasmou-se, era um gosto vêl-o, desfez todos os meus argumentos ; mostrei-me convencido ; neste momento começam os nossos socios a gritar : « Ahi está, até os inimigos lhe fazem justiça » e este ultimo lance theatral, dextramente manejado, decidiu os innocentes, os donatos parlamentares, aquelles que, sem saber como, fazem maioria, e que depois são mais endiabrados que os outros.

*Zoé (a Cesarina).* Nesse caso, Oscar será eleito?

*Bern.* Não ha duvida. Pelo primeiro collegio respondo eu, é negocio que esta tarde se leva de assalto ; porém é indispensavel que o sr. de Miremont apresente o primo ao segundo collegio, no qual estão todos os seus rendeiros, essa gente que depende delle : vejo que já tratou disso, porque ahi vem o sr. de Miremont vestido e prompto para sahir.

## SCENA V.

*Cesarina, Zoé, Miremont, e Bernardo.*

*Mirem.* Sim, doutor, só espero por Oscar para ir para a assembléa preparatoria.

*Zoé (baixo a Cesarina).* Por Deus, que não vá!

*Cesar. (do mesmo modo).* Eu é que lhe pedi que fosse : agora não sei o que hei de fazer.

*Zoé (do mesmo modo).* Nem eu! Diga-lhe mal de Oscar.

*Cesar.* (*do mesmo modo*). Tenho estado toda a manhã a elogial-o.

*Zoé* (*do mesmo modo*). O que tem isso?

*Cesar.* Ella tem razão, não falta que dizer, e eu posso... é impossivel... elle ahi vem!

## SCENA VI.

*Bernardo, Miremont, Oscar, Cesarina, e Zoé.*

*Zoé* (*áparte, em quanto Oscar se aproxima de Miremont e o comprimenta*). Chegou justamente na occasião em que vão dizer mal delle; bem diz lá o ditado: « ha ruins que teem ventura. »

*Oscar* (*aproximando-se depois de Cesarina*). Venho dar-lhe parte, querida prima, do triumpho que alcancei.

*Cesar.* Já o sabemos pelo doutor.

*Oscar.* Poz-se á frente sem receio... assim como o sr. de Montlucar, e todos os nossos amigos... (*A Bernardo*). E além disso, fallei bem, não é assim? fallei muito tempo...

*Zoé.* O tempo não faz nada ao caso.

*Mirem.* Oh! se faz! não podem fallar os outros: lá na camara dos pares, temos um ou dois assim, que tomam toda a sessão... e não se lhes póde responder.

*Bern.* E' que isso não tem resposta.

*Oscar* (*a Cesarina*). O primeiro collegio é nosso; e obedecendo ao recado que me mandou, venho buscar o sr. conde para me apresentar ao segundo.

*Mirem.* Estou ás suas ordens, meu querido Oscar.

*Zoé.* Faz tanto frio... talvez lhe faça mal ir agora daqui a S. Diniz.

*Bern.* Pelo contrario... não ha nada melhor... o ar... o exercicio...

*Cesar.* Certamente... está um dia lindo. (*Baixo a Zoé*). Não ha de ir, deixe estar.

*Mirem.* (*toca a campainha, apparece um criado*). Manda pôr a sege. (*Sahe o criado*).

*Zoé* (*á parte*). Se ella sahe bem desta, merece ser ministro.

*Cesar.* (*a Miremont, que se assenta n'uma cadeira á esquerda*). Ha de lhe fazer bem sahir... o doutor tem razão... e além disso, ainda que se expozesse a apanhar um defluxo, ou uma dor de garganta, o que era isso para servir um amigo... um parente como elle?... Pela minha parte, se fosse necessario... a perigos maiores me exporia por Oscar... Elle bem o sabe.

*Oscar.* Minha querida prima!

*Cesar.* Não é d'hoje a minha affeição e amizade... sempre pensei que por meu respeito, alcançaria honras e riqueza... lembra-se da nossa mocidade, quando passeavamos ambos de braço dado pelas margens do Yone... e eu lhe dizia... Oscar!!

*Oscar.* Não me lembra.

*Cesar.* Estou por isso... pois aconteceu-nos bastantes vezes... era natural... as tenções que nossos pais tinham...

*Oscar.* E' verdade.

*Mirem.* (*inquieto*). O que?

*Cesar.* Entre primo e prima, é sempre assim... projectos de casamento, que...!! Essas idéas passam, mas a amizade não envelhece; e depois, quando a gente se torna a encontrar... não ha cousa mais agradavel que poder ser util ao amigo da infancia, e contribuir

para o seu adiantamento... Oscar, sabe que é este o meu unico pensamento.

*Bern.* (*á parte, admirado*). Que diabo quererá isto dizer?

*Cesar.* Não passa um dia em que lhe não falle nelle.

*Mirem.* (*com ar suspeitoso*). Com effeito.

*Oscar.* Tanta bondade!

*Cesar.* Ainda esta manhã, os elogios que lhe fiz...

*Oscar* (*baixo a Zoé*). O que lhe parece a minha querida Cesarina?

*Mirem.* (*com um ciume mais pronunciado*). E' verdade, que empregou tal zelo e enthusiasmo...!

*Cesar.* E sabe porque?... é uma loucura de creança, bem o sei, mas que quer? sonhei esta noite... (*com ar terno*) sim, Oscar, sonhei comtigo... sonhei que todos os nossos esforços tinham sido baldados... que triumphava outro... que não eras eleito... estava desesperada... estava n'uma afflicção, que não lhe posso sxplicar.

*Bern.* (*a Miremont, procurando mudar de conversa*). Creio que são horas.

*Mirem.* (*levantando-se enfadado*). Deixe-me.

*Cesar.* Mas espero em Deus, que não se ha de realisar este máu agouro.

*Mirem.* (*preocupado*). Talvez que sim.

*Cesar.* Não, senhor... cuida que me assusta... já alcançámos o primeiro triumpho, e por seu respeito havemos de alcançar segundo, já mo prometteu; ha de fazer quanto poder, não é assim? Toda essa gente depende do conde, e se lhe fallar de Oscar com fervor, conhecerão que liga grande importancia á sua eleição, e que se interessa deveras por elle!

*Criado* (*entrando*). Está a sege prompta.

*Cesar.* (*com ternura*). Adeus, Oscar. (*A Miremont*). Ande, vá depressa.

*Mirem.* Não, senhora, não vou.

*Cesar.* (*affectando grande admiração*). O' meu Deus, e porque?

*Mirem.* Porque? ainda mo pergunta?

*Cesar.* (*com candura*). Pergunto, e porque não?

*Mirem.* (*com colera concentrada*). Tenho os olhos mais abertos do que pensa ... e ha gente que se deixa cahir sem o sentir ... entende-me ... senhora?...

*Cesar.* (*fingindo-se admirada*). O que é isso? que diz?

*Mirem.* (*do mesmo modo, a meia voz*). Ha cousas, que por mais que a gente faça, não póde disfarçar ... a mim, basta-me uma palavra, um aceno, para descubrir tudo ...

*Cesar.* (*fingindo se indignada*). Que quer isso dizer?... que desconfianças são essas?... faz favor de se explicar?

*Mirem.* (*em voz baixa, e encolerisado*). Não, senhora ... não digo nada, por ora ... mas daqui em diante, hei de examinar, observar tudo ... e se se realisarem as minhas suspeitas ... trema ... (*Ao Criado*). Manda recolher a sege ... já não saio.

*Cesar.* (*apertando a mão a Zoé, e a meia voz*). Ganhei.

*Zoé.* Não ha duvida.

*Mirem.* (*a Oscar, que sobe para o lado delle*). Ninguem lhe prohibe que vá a S. Diniz; mas não conte mais comigo ... senhor ... (*A Cesarina, que vem para o lado delle*). Adeus, senhora. (*Entra pela porta da direita*).

## SCENA VII.

*Bernardo, Cesarina, Oscar, e Zoé.*

*Bern.* Não estou em mim.

*Oscar.* Nem eu tão pouco ... e estava bem longe de pensar ... como?! minha prima, será verdade?...

*Cesar.* (*com altivez*). Está louco!

*Oscar.* E com razão ... similhante ventura ...

*Cesar.* Que ventura?...

*Oscar.* Aquelle auxilio ... e protecção ... (*Baixo a Zoé, indicando Cesarina*). O marido está como uma braza.

*Cesar.* Ainda se póde remediar tudo.

*Oscar.* Sim, minha prima.

*Cesar.* (*com rapidez*). Vá já á assembléa.

*Oscar.* Sim, minha prima.

*Cesar.* Apresente-se, para que os eleitores o vejam.

*Oscar.* Sim, minha prima.

*Cesar.* Falle muito ... falle a todos.

*Oscar.* Sim, minha prima.

*Bern.* (*querendo sustel-o*). Espere ...

*Cesar.* (*pegando-lhe na mão*). Silencio, doutor. (*A Oscar*). Ande, já devia ter partido.

*Oscar.* Ahi vou ... conte comigo. (*Sahe correndo*).

## SCENA VIII.

*Bernardo, Cesarina, Zoé.*

*Bern.* Mas se falla, está perdido.

*Cesar.* Isso sei eu! (*Olhando para Zoé*). Está por terra.

*Zoé.* Assim o creio tambem.

*Bern.* E eu não entendo nada disto... uma senhora tão astuta e dextra, que conhece tão bem as cousas... deixar vêr sem rebuço a seu marido, a inclinação que tem por seu primo... não entendo, repito, similhante imprudencia, e falta de habilidade...

*Cesar.* Sim!... (*Rindo com ar de desdem*). E é doutor em medicina.

*Bern.* Sim, minha senhora.

*Cesar.* (*do mesmo modo*). E acaba de ser nomeado professor...

*Bern.* Graças á sua protecção...

*Cesar.* Pois quasi que estou arrependida... porque me não parece dos mais espertos.

*Bern.* (*escandalisado*). Assim será! mas o que eu sei, é que perde esse rapaz... e que não será eleito...

*Cesar.* E se fôr essa a minha intenção?

*Bern.* (*admirado*). Hein!... que é isto? mudança de frente!... mudança de manobra...

*Zoé.* Sim, senhor!...

*Cesar.* Justamente.

*Bern.* Apesar de estar muito acostumado á sra. condessa... não fôra máu ter-me prevenido...

*Cesar.* E' o que vou agora fazer... ouça... sabe que tenho algum poder... algum valimento.

*Bern.* Fez-me professor...

*Cesar.* E mais posso talvez fazer ainda... aqui... nesta casa... onde tenho alguma influencia... e onde o doutor intenta realisar certos designios que, parece-me, já descobri...

*Bern.* O que diz, minha senhora?

*Cesar.* A medicina não detesta os bons dotes... e applica-se com mais disvello ás meninas ricas.

*Zoé.* Pois com effeito...

*Bern.* E julga...

*Cesar.* Ou sejam ou não essas as suas tenções, não as condemno... nem me opponho... é já muito! talvez que até seja a seu favor... depende tudo do doutor... e de certa condição...

*Bern.* Qual é ella?

*Cesar.* Que Edmundo de Varennes, ha de sahir hoje eleito deputado.

*Zoé* (*alegre*). Isso! Isso!

*Bern.* Mas como hei de eu conseguil-o?

*Cesar.* E' cousa que me não pertence! não me embaraço com a parte regulamentar; procure os nossos amigos; que trabalhem.

*Bern.* Já recommendei Oscar á sua amisade.

*Cesar.* Recommende-lhe agora outro.

*Bern.* Mas se elle é aborrecido... detestado de todos.

*Cesar.* O que tem isso? entre amigos e compadres, ninguem se deve occupar a fazer de phraseador, e a provocar affectos... o que se trata é de subir...

*Bern.* Tem razão! lá vou! (*Tornando para o seu logar, e collocando-se entre as duas mulheres*). E o ministro, a quem já fallou a favor de Oscar?

*Cesar.* Creio que nem me ouviu, tão preocupado estava com os quatro votos que lhe faltam, e que é necessario arranjar-lhe a todo o custo. Ah! Se os podessemos alcançar, tinhamos o ministro por nós, havia de nos ajudar, apoiaria o nosso candidato, e a eleição era certa.

*Bern.* Sim; mas como havemos de obter esses quatro votos? Custa tanto a achar um.

*Cesar.* Todos os querem para si.

*Bern.* E por isso muitas vezes serve o mesmo a dois e a tres ministros differentes.

*Cesar* (*repentinamente*). Hei de alcançal-os ! oh ! hei de alcançal-os ! com toda a certesa ! (*Põe-se á mesa a escrever*).

*Zoé* (*passando para o lado della*). Que engenho ! Que talento ! E' admiravel !

*Bern.* (*vendo-a escrever*). Uma cabeça muito bem organisada ...

*Cesar.* (*escrevendo*). Estas duas linhas ao ministro : « Prometto alcançar-lhe esta manhã o que tanto deseja, e mais ainda ; em recompensa, peço-lhe que apresente esta tarde, como candidato ministerial, um homem em quem muitas vezes lhe tenho ouvido fallar, e cujo talento me tem gabado tanto ... Edmundo de Varennes. » (*Fecha a carta, e levanta-se*).

*Zoé* (*á part*). Só de olhar para ella, póde a gente fazer grandes progressos !

*Cesar.* Aqui tem, doutor.

*Bern.* E os quatro votos ?

*Cesar.* Repito-lhe que, daqui a uma hora, os havemos de ter : o meu plano, está aqui todo : diga só a todos os nossos amigos, que depressa o divulgarão, e o doutor diga tambem por toda a parte, que meu marido, o sr. de Miremont, está doente, muito doente.

*Bern.* Eu ! o seu medico ?

*Cesar.* Maior será a sua gloria, quando ao cabo de dois ou tres dias, elle apparecer são e salvo, graças aos seus cuidados.

*Bern.* E' isso ! uma cura maravilhosa, que ha de ser exaltada pelos nossos amigos, e pela Gazeta Medica. (*Vai para sahir, e vem collocar-se no meio das duas mulheres*). Mas sempre queria saber ...

*Cesar.* Não é preciso... ande.

*Bern.* Não entendo.

*Zoé.* Nem eu... mas que tem isso? faça o que lhe dizem.

*Cesar* Zoé! segredo! Meu marido está doente para todos sem excepção.

*Zoé.* Não passa d'hoje.

*Bern.* E se ámanhã o encontrarem?

*Cesar.* Não ha de apparecer! ha de estar sempre no seu quarto.

*Bern.* E quem o ha de resolver a isso?

*Cesar.* Eu.

*Bern.* E quem o ha de obrigar a não sahir?

*Cesar.* Eu.

*Zoé.* Ella... não ouve... encarrega-se de tudo.

*Cesar.* Leve essa carta ao ministro... não o acha em casa; ha de estar na camara.

*Bern.* Lá vou... hei de encontral-o, ou nas commissões, ou nos corredores, ou na sala das conferencias...

*Cesar.* Não se esqueça de espalhar a noticia.

*Bern.* Está dito. (*Sahida falsa; volta outra vez*). Vou dar o santo aos nossos camaradas... não faltarão artigos nos jornaes da tarde... e annuncios em todas as companhias á noite... Vou mandar deitar arêa diante da porta... não é máu.

*Cesar.* (*baixo a Zoé*). Vê... elle ahi vai... obedece bem ao impulso que lhe dou.

*Zoé* (*á parte*). E tu ao meu.

*Cesar.* (*a Bernardo, que parte*). Adeus! adeus! Vamos, Zoé.

*Zoé.* Vamos. (*A' parte*). Edmundo será deputado.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

## ACTO IV.

---

### SCENA I.

*Miremont assentado á esquerda, de chambre. Cesarina em pé ao lado, pegando n'uma chavena porque elle acabou de beber.*

*Miremont.* Sabes com certesa, que se dá principio na camara, para a semana, a esse processo politico?

*Cesarina.* Ninguem o sabe ainda; a mulher do ministro é que me confiou este segredo; e o conde, que já não passa bem... se adoecer gravemente no momento da discussão... vai dar occasião a immensas conjecturas.

*Mirem.* E' verdade.

*Cesar.* Porém, se tratar de si oito ou dez dias antes, isso não ha de ser nada; e se se tornar mais grave a doença, a culpa não é sua... Todos sabem que ha muito tempo anda adoentado.

*Mirem.* Certamente... verão que não podia advinhar.

*Cesar.* Por isso mesmo não deve fazer imprudencias; deixe-se estar em casa muito agasalhado, e não falle a ninguem.

*Mirem.* Sim, minha querida.

*Cesar.* E principalmente não saia, como queria ainda agora fazer.

*Mirem.* Descança... quando me decido a qual-

quer cousa ... sabes muito bem que sou firme ... Mas o que tenho eu? o que diz o doutor?

*Cesar.* Diz que tem uma grande inflamação de peito.

*Mirem.* (*tossindo*). E' isso! sinto aqui um calor ...

*Cesar.* Que não é cousa de cuidado, mas que póde vir a sêl-o, se continuar com os seus trabalhos parlamentares. Teimou hontem em ir á camara; bem lhe dizia eu ...

*Mirem.* Mas não fallei ...

*Cesar.* E' o mesmo.

*Mirem.* Verdade é, que ouvi com muita attenção.

*Cesar.* Ahi está!

*Mirem.* E' isso o que nos faz mal; é isso o que mata os homens da tribuna ... sobre tudo, esses malditos processos ... Antes quizera vinte discussões como a de hontem, por mais trabalhosas que fossem, do que esses debates de votação nominal, nos quaes, por força ou por vontade, é a gente obrigada a dar a conhecer o seu modo de pensar.

*Cesar.* Deixe-se estar em casa, que é melhor.

*Mirem.* E demais, isso não me tolhe a minha opinião.

*Cesar.* Mas não a diz a ninguem.

*Mirem.* Justamente ... ha mais discrição.

*Cesar.* E além disso, quer queira, quer não, está decidido, prometteu que ficava.

*Mirem.* E o que faço eu? Da tua parte, tambem me prometteste que nunca mais me havias de fallar em Oscar.

*Cesar.* E ainda o juro!

*Mirem.* Que nunca mais te tornavas a interessar por elle.

*Cesar.* Como isso não é do seu gosto... por injustas que sejam as suas suspeitas... o meu dever é dar-lhe razão... não lhe tornarei a dizer uma palavra em seu favor... e até se quizer que lhe não torne a fallar... diga...

*Mirem.* Nem tanto... mas como estás hoje em vêa de condescender... tenho que te pedir outro favor.

*Cesar.* Qual é?

*Mirem.* Sem querer, pronunciaste ha pouco um nome, pelo qual me lembraste que devo a vida e a fortuna que possuo, ao sr. de Varennes pai, meu amigo velho; apesar disso, ha muito tempo, não fazemos caso de Edmundo seu filho, de quem sou tão amigo, e que tu não pódes aturar.

*Cesar.* E' verdade: não posso negar que tem instrucção e merecimento... quando fallou ainda agora em deputados... de boa vontade concordaria, que tanto ou mais direito tem, do que outro qualquer; mas, não está mais na minha mão, é uma antipathia que não posso vencer.

*Mirem.* Pois bem! vê se a pódes vencer... por meu respeito... peço-te isso...

*Cesar.* Devéras, que não queria hoje, no estado em que está, contradizel-o na mais pequena cousa. Todavia... quem é?

## SCENA II.

*Cesarina, Miremont, Zoé.*

*Zoé.* Sou eu, que venho saber noticias do doente. Como está elle?

*Mirem.* Nada bom, por ora.

*Cesar.* A porta estava fechada para todos, excepto para a minha querida Zoé.

*Mirem.* Ha de me dar licença de me retirar para o quarto, porque me sinto muito fraco.

*Criado (entrando).* O sr. Oscar Rigaut.

*Mirem. (levantando-se com furor).* Oscar... esse nome faz-me tremer o corpo todo.

*Cesar. (a meia voz).* Socegue.

*Criado.* Quer fallar ao sr. conde.

*Cesar.* O sr. conde não falla a ninguem.

*Criado.* Nesse caso, dezejava fallar á senhora.

*Cesar.* Diga-lhe que não recebo hoje visitas. (*Sahe o criado, e Cesarina diz a Miremont*). Está satisfeito?

*Mirem.* E's um anginho! e para que o sejas em tudo, has de prometter-me reconciliar-te com Edmundo.

*Zoé (admirada).* O que?

*Cesar. (a Miremont, abaixando os olhos).* Como assim o quer, prometto.

*Mirem. (beijando lhe a mão).* Minha querida Cesarina! (*A Zoé, retirando-se*). Faz tudo quanto eu quero. (*Sahe pela porta da direita*).

## SCENA III.

*Zoé, Cesarina.*

*Zoé (fazendo a Cesarina uma grande cortezia).* Viva, minha senhora: mas olhe que isso faz desanimar a gente; porque, por mais que eu faça, nunca hei de chegar a essa perfeição.

*Cesar.* Quem sabe, Zoé: com a boa disposição que tem, e algumas lições...

*Zoé.* Tomára eu; o que queria era estudar, mas

é necessario que, assim como no chadrez, me expliquem os grandes lances. Por isso, diga-me, para que serve esta doença improvisada?

*Cesar.* Pois não advinha?

*Zoé.* De certo que não.

*Cesar* (*assentando-se diante do bastidor*). Tem razão: ainda não está bem versada nestas cousas.

*Zoé* (*assentando-se tambem*). De vagar se vai ao longe.

*Cesar.* (*ouvindo fallar fóra*). Ahi vem o doutor.

## SCENA IV.

*Zoé, Cesarina, Bernardo.*

*Bernardo* (*ao bastidor*). Sim, meus senhores; achareis no quarto do porteiro, d'hora em hora, um boletim... (*Com ar triste*). Desculpem, se no desassocego em que estou, lhes não posso dizer mais nada... vamos fazer junta. (*Vendo as duas damas*). Ah! estavam aqui.

*Cesar.* (*sempre assentada ao bastidor*). Como vai o nosso negocio?

*Bern.* (*alegre*). A' maravilha. Parece incrivel com que rapidez se espalham as más noticias.

*Cesar.* E o ministro?

*Bern.* Lá tem a sua carta. Fui logo aos corredores da camara, onde com ar triste, fiz circular a noticia; pouco depois já não sabia de mim, por importunado com a multidão de pessoas que vinham fazer-me perguntas; a minha resposta era silenciosa; mostrava uma cara muito triste, o que dava a entender que poucas esperanças tinha... E tanto o acreditavam, (

que quando o ministro appareceu, persuadidos todos da necessidade de andar ligeiros, se dirigiram a elle ainda antes da sessão; todos tinham que lhe dizer duas palavras em particular: não admira. Neste tempo, para alcançar um emprego, é necessario adiantar-se a gente. Ora como seu marido tem oito, faça idéa dos amigos que isto vai dar ao ministerio!... Ninguem póde recusar o seu voto, a quem tem oito logares para repartir ... ninguem ... e parece-me que em logar de quatro votos, alcançará o ministro seus vinte e cinco, pouco mais ou menos.

*Cesar*. (*alegre*). Optimamente.

*Zoé*. Agora entendo!

*Cesar*. Graças a Deus!

*Bern*. A lei vai passar em plena sessão, por uma maioria respeitavel; devido tudo á mudança que produziu a noticia, não só na camara, como entre os nossos compadres, a quem não expliquei o enigma, para que os papeis se representassem mais naturalmente.

*Cesar*. Fez muito bem.

*Bern*. E eil-os que já começam de per si, francamente e de boa fé, a voltar as costas a Oscar, pensando que se acha privado do seu unico apoio, do seu unico merecimento, o primo par de França. Por isso, tambem não me custou muito a fazer mudar de frente á sua amizade, e dirigi-la no sentido que a sra. condessa dezeja.

*Zoé*. Bravo.

*Bern*. (*a Zoé*). Mãs esqueci-me de seu marido: ainda o não tinha prevenido?

*Zoé*. Não: não disse nada a ninguem, conforme havia promettido.

*Bern*. Já anda a requerer o logar do sr. de M-

remont, na academia das sciencias moraes e politicas; encontrei-o em casa de um amigo meu, a quem ía pedir o seu voto; estava lá tanta gante, que não me foi possivel avisal-o; sahiu logo, e meteu-se no carrinho para continuar as suas visitas.

*Zoé.* Oh! meu Deus!

*Bern.* Isso não se perde; servir-lhe-ha para o primeiro logar vago, seja elle qual fôr; hoje em dia, é necessario acudir-lhe a tempo, ainda antes de o proprietario ter os padres á cabeceira, porque depois, já é tarde. Mas agora, que já lhe fiz o que me pediu, peço-lhe que me diga a causa da contra-revolução que acabo de fazer.

*Cesar.* Qual é ella?

*Bern.* Esta mudança repentina a favor de Edmundo, nosso inimigo commum.

*Cesar.* Eu lho direi.

*Bern.* E' indispensavel sabel-o já.

*Zoé.* De que serve isso? Nem elle o sabe.

*Cesar.* (*a Bernardo*). E' verdade: é necessario fallar-lhe.

*Zoé* (*á parte*). Creio bem, que não ha de ser hoje.

## SCENA V.

*Zoé, Cesarina, Agueda, um criado que entra depois della, e Bernardo.*

*Agueda.* O sr. Edmundo vem saber de meu pai.

*Cesar. e Zoé.* Edmundo!

*Agueda* (*a Bernardo*). Que lhe hei de responder?

*Zoé* (*depressa, e passando para o lado de Agueda*). Que o sr. conde não falla a ninguem...

*Cesar.* Aos estranhos e indifferentes; mas os amigos de meu marido, os antigos amigos da casa...

*Agueda (admirada, e baixo, a Zoé).* Que quer isto dizer?

*Cesar. (com ar amavel).* Que entre: muito estimâmos vêl-o... e mais temos que lhe dizer.

*Agueda (baixo a Zoé).* Não estou em mim!

*Zoé (do mesmo modo).* Mudou tudo; mas estou tremendo.

*Agueda.* E porque?

*Zoé.* Cala-te. (*Agueda sobe á scena depois da entrada de Edmundo, e vai collocar-se á extrema esquerda*).

## SCENA VI.

*Agueda, Cesarina, Edmundo, Zoé, e Bernardo.* (*Cesarina senta-se no meio, diante do bastidor; Agueda senta-se á esquerda, e borda; Zoé perto da mesa da direita, desembaraçando uma meada; Bernardo em pé, com as costas viradas para a chaminé. Edmundo comprimenta as duas damas*).

*Edm. (a Cesarina, com ar indifferente).* Queira perdoar, minha senhora, a indiscrição de me apresentar deste modo em sua casa. A noticia que acabo de receber, me servirá de desculpa. O sr. de Miremont está com effeito tão mal como dizem?

*Cesar.* Não está nada bom: o sr. doutor Bernardo que o trata, poderá dizel-o melhor do que eu...

*Edm. (comprimenta de leve o doutor Bernardo, e voltando-se para Zoé:)* Faz-me tremer esta mulher!

*Cesar.* Porem não devemos perder as esperanças de o salvar: e assim como a nós, creio que lhe interessa a sua saude.

*Edm.* Mais do que lhe posso expressar, minha senhora. O sr. de Miremont, foi amigo de meu pai; foi tambem meu; deixou de o ser; mas nunca me lembrou accusal-o a elle por isso.

*Cesar.* E a quem accusava então?

*Edm.* Não mo pergunte, minha senhora, porque sou muito franco, e dil-o-hei sem rebuço.

*Cesar.* (*sorrindo*). Talvez que se engane.

*Edm.* (*encolerisado*). Mas, senhora...

*Zoé* (*á parte*). Imprudente!

*Edm.* Queira perdoar, que me esquecia que estava em sua casa. (*Cesarina, com ar gracioso, faz signal a Edmundo que se assente; este vai buscar uma cadeira ao fundo do theatro, e senta-se entre Cesarina e Zoé. Tudo isto se executa durante o á parte seguinte*).

*Bern.* (*baixo a Zoé*). Os diabos me levem, se eu entendo o motivo porque ella o protege; pois a fallar a verdade, o homem não é dos mais agradaveis. (*A meia voz*). Só se por aqui anda namoro...

*Zoé* (*do mesmo modo*). Póde ser.

*Bern.* Então!... nesse caso!...

*Cesar.* (*sempre a trabalhar*). Visto isso, sr. Edmundo, pelo que acaba de confessar, veio aqui de caso pensado para me reprehender: está bom.

*Edm.* Não, minha senhora; não esperava ter o prazer de a encontrar...

*Cesar.* Vem a dizer, que não veio por minha causa,

*Edm.* Confesso, minha senhora.

*Zoé* (*á parte*). Desastrado!

*Edm.* Não sei porque razão, madame de Montlucar me mandou que viesse aqui procural-a.

*Cesar.* Ah! Zoé escreveu-lhe... sem me dizer nada. A

*Zoé (repnteinamente)*. Escrevi, sim.

*Cesar. (á parte, satisfeita)*. Está bom: é esperta.

*Edm.* Julguei que a menina (*olhando para Agueda*) tinha que me dar algumas ordens.

*Agueda.* Eu, senhor...

*Zoé (deixando cahir o novello)*. Ai, o meu retroz... (*Edmundo abaixa-se para lhe apanhar o novello, e entrega-lho*).

*Zoé (a meia voz, e rapidamente)*. Não falle a Agueda, não olhe para ella, em quanto a madrasta estiver alli.

*Edm. (a meia voz)*. Porque?

*Zoé (do mesmo modo)*. Porque sim.

*Cesar. (sempre occupada a trabalhar)*. Disseram-me que o sr. de Varennes, tinha tenção de se apresentar candidato para a deputação de S. Diniz.

*Edm.* Deixei-me disso, minha senhora.

*Cesar.* E porque? não lhe faltariam amigos...

*Edm.* Duvido muito; não conheço ninguem que me queira proteger.

*Cesar.* Ninguem?... é exageração.

*Edm.* E' verdade! enganei-me... Appareceu-me um que eu não conhecia, e que só vi uma vez na minha vida... hontem, n'um almoço, em casa do sr. Oscar... Parece-me que é um chamado Dutillet, livreiro...

*Bern. (baixo a Zoé)*. Um dos nossos, que eu já preveni.

*Edm.* Encontrei-o ainda agora na rua, veio direito a mim, deu-me a mão, e disse-me: « Quando vejo que não tenho razão, dou logo as mãos á palmatoria. Sei agora que de todos os candidatos, é o unico que tem mais merecimentos: conte com o meu voto; houve um amigo que me abriu os olhos a seu respeito. » Quem será este amigo?

*Bern.* (*adiantando-se com dignidade*). Sou eu, senhor.

*Edm.* (*levantando-se*). O senhor...

*Bern.* Sim, senhor, fallei a seu favor.

*Edm.* Apesar do que aconteceu entre nós!

*Bern.* Isso não foi nada. Não sou seu amigo... com toda a franqueza lho digo... mas respeito-o muito... (*Indicando Cesarina e Zoé*). Estas senhoras que digam, se ainda agora o não elogiei.

*Cesar. e Zoé.* E' verdade.

*Agueda* (*admirada*). E' possivel!

*Edm.* A mim? que tanto o offendi!

*Bern.* Por ahi verá, que seguindo á risca o ditado « cada um chega a braza á sua sardinha », nem por isso deixo de fazer justiça ao merecimento, quando por acaso apparece... E conte que daqui vou já fallar a todos os nossos amigos, a todos os eleitores que conheço!... E por isso não lhe quero nada... nem ao menos que me agradeça. Adeus, minhas senhoras.

SCENA VII.

*Agueda, e Cesarina, assentadas; Edmundo, em pé; Zoé, assentada.*

*Edm.* Ah! que homem tão obsequiador, e como fui injusto para com elle!

*Cesar.* (*sempre trabalhando*). Não foi só para com elle... alguem mais não soube avaliar, e ultrajou.

*Edm.* Não entendo, minha senhora.

*Cesar.* Digo, que interpreta sinistramente todas as cousas, e que o seu genio sombrio e misanthropo, lhe figura por toda a parte, laços, e inimigos.

*Zoé.* E' assim!

*Edm.* E não tinha razão, vendo que tudo era contra mim, tanto nos tribunaes, como cá fóra, e nos jornaes ?

*Zoé (lendo um jornal que tirou de cima da mesa).* « Muitos eleitores do circulo de S. Diniz, estão decidi-« dos a votar no respeitavel sr. Edmundo de Varennes. « O talento bem conhecido, a firmesa de caracter sem « mancha, o mais ardente patriotismo, são qualidades « que o paiz deve procurar n'um deputado ; e por isso, « podemos desde já asseverar ao sr. de Varennes, que « ha de alcançar unanimidade de votos na sua eleição.

*Edm.* E' crivel ? ! um jornal que sempre disse mal de mim !

*Zoé (lendo).* « Todos ouviram, todos admiraram a « magnifica defesa da demanda com a casa de Miremont : « erudição, força de argumentos, eloquencia, tudo elle « empregou em gráu mui elevado, etc. etc. » Seguem duas columnas de elogios, que eu poupo á sua modestia.

*Agueda.* Finalmente, ja lhe fazem justiça !

*Edm. (admirado).* Esse jornal, ainda hontem dizia o contrario !... que quer isto dizer ?

*Cesar. (trabalhando).* Que os dias se seguem uns aos outros, e não se assemelham.

*Agueda (do mesmo modo).* Que cedo ou tarde, triumpha sempre o verdadeiro merecimento.

*Zoé (do mesmo modo).* E que nesse caso, faz muito mal quem desanima.

*Cesar.* E abre mão da empreza.

*Zoé.* E principalmente se quer matar.

*Edm. (a Zoé).* Cale-se, por quem é.

*Zoé.* Não, senhor, não ; hei de dizel-o bem de rijo. E' muito feio desconfiar assim da Providencia, e dos seus amigos.

*Edm.* Não sei aonde estou ... será sonho ? Eu,

que me julgava abandonado por todos... que tinha perdido todas as esperanças... que nem em mim mesmo confiava!...

*Agueda* (*levantando-se*). Fra esse todo o seu mal.

*Edm.* E seu pai... o sr. de Miremont...

*Cesar.* (*levantando-se*). Está decididamente ás suas ordens; ha de fallar, ha de escrever a seu favor, e se a sua saude o permittir, ha de ir elle mesmo apresental-o aos eleitores.

*Edm.* O' meu Deos!... Quem desvaneceu a prevenção que tinha contra mim, e defendeu a minha causa na sua presença? (*Olhando para Agueda*). Ah! já sei.

*Zoé.* (*repentinamente passa para o lado de Cesarina*). Uma pessoa á qual Edmundo attribuia todas as suas desgraças... sua mulher!

*Edm.* Sua mulher!

*Zoé.* Sim, senhor; eu sou testemunha; foi a senhora, que com seu auxilio generoso...

*Cesar.* Quiz vingar-me, e conseguiu-o.

*Agueda* (*baixo*). Não me parece a mesma.

*Zoé* (*do mesmo modo*). Quando me meto nas cousas...

*Cesar.* Só sinto que a indiscrição de Zoé, lhe fizesse saber de um passo, que eu quizera que sempre ignorasse. Eu sei a idéa que faz de mim....

*Edm.* E' verdade que até aqui... confesso... não pude occultar a algumas pessoas da minha amizade...

*Zoé.* A mim.

*Edm.* O meu modo de pensar, e fiz mal... devêra ter-me explicado francamente com a sra. condessa... era um dever, que a lealdade me prescrevia.

*Zoé (assustada).* Que lembrança!

*Cesar.* E porque não? de nada gosto mais neste mundo, que da franqueza.

*Edm. (repentinamente).* Dir-lhe-hei tudo, minha senhora, e saberá a verdade.

*Zoé (á parte).* Estou tremendo!

*Cesar.* Diga. (*Ouve-se tocar muito uma campainha*). E' no quarto de meu marido.

*Zoé (repentinamente).* Se o sr. Edmundo o quer comprimentar, póde ir agora.

*Cesar.* Logo! Menina, vá vêr o que quer seu pai; tenho que dizer ao sr. Edmundo, ácerca dessa eleição.

*Agueda (alegre).* Sim, minha senhora, eu vou. (*Baixo a Edmundo*). Faça tudo quanto lhe disserem; pela minha parte, tambem vou fallar a meu pai a seu respeito. (*A' parte*). Não entendo isto, mas vai tudo bem. (*Sahe pela direita*).

## SCENA VIII.

*Zoé, Cesarina, Edmundo.*

*Zoé (á parte).* Imprudente! vai-se embora: não os deixemos, aliás está tudo perdido. (*Vai sentar-se perto da mesa, e pega no trabalho*).

*Cesar. (voltando-se, e vendo Zoé).* Ainda ali está trabalhando! Cuidava que era mais esperta! (*Depois de um momento de silencio, vendo que Zoé trabalha sempre sem levantar os olhos*). Minha querida Zoé.

*Zoé.* O que?...

*Cesar. (a meia voz).* E' indispensavel fallar com elle, ácerca dessa eleição, e das alternativas que póde ter nella...

*Zoé.* Tem razão : vamos a tratar disso.

*Cesar.* São cousas enfadonhas, que a hão de enfastiar.

*Zoé.* Não : não tenho nada que fazer.

*Cesar.* (*á parte*). Não me entende !

*Zoé.* Prometteu dar-me lições : aprendo ouvindo.

*Criado* (*entrando*). O sr. de Montlucar.

*Zoé* (*á parte*). Em boa hora venha !

*Cesar* (*á parte*). Ora esta !... não me posso livrar da mulher ; faltava ainda o marido. (*Com impaciencia*). Não estou em casa : não posso fallar a ninguem.

*Criado.* Disse que queria dar uma palavra a madame de Montlucar.

*Cesar.* (*repentinamente a Zoé*). Isso é differente : veja o que quer seu marido : pergunte-lho ...

*Zoé* (*duvidando*). Eu !...

*Cesar.* Não ha nada mais natural. (*Ao criado*). Acompanhe a senhora ... vá, minha querida amiga, não o faça esperar ; talvez seja cousa de importancia.

*Zoé* (*perturbada*). Na verdade, não sei se devo ...

*Cesar.* E porque não ?

*Zoé* (*mostrando Edmundo*). Estou vendo que lhe vai dizer cousas tão disparatadas, que talvez seja melhor que eu fique ... mesmo para seu bem ...

*Cesar.* Muito obrigada : cuide de seu marido, que já não é pouco. Ande ... (*Com ar de imperio*). Peço-lho eu.

*Zoé* (*á parte*). Deixa estar, que não me demoro muito. (*Sahe com o criado, e Cesarina desce á direita do theatro*).

---

## SCENA IX.

*Edmundo, e Cesarina.*

*Cesar.* (*á parte*). Custou-me bastante! Queria por força ficar!... Muito curiosas são as mulheres!

*Edm.* Na verdade, minha senhora, custa-me a acreditar o que acabo de ouvir...

*Cesar.* Sim; bem sei que é custoso a qualquer, confessar que foi injusto.

*Edm.* Eu!...

*Cesar.* Prometteu que havia de ser franco.

*Edm.* E hei de sêl-o, ainda que me perca... Pois bem... saiba... que me persuadi, que era minha inimiga, que me aborrecia, que me detestava ainda mais, e olhe que nunca sube fingir: cheguei a persuadir-me, que não perdia occasião de me fazer mal.

*Cesar.* Respondem por mim as minhas acções.

*Edm.* (*duvidoso*). Neste momento, é verdade...

*Cesar.* Socegue, que não quero abusar da minha posição. Vamos a tratar do que mais lhe importa... é este o unico meio que tenho de me defender. Toma muito a peito o sahir deputado? é o objecto de todos os seus desejos, de toda a sua ambição?

*Edm.* Não, minha senhora.

*Cesar.* Como?

*Edm.* Bem vê, que confio mais da sra. condessa, do que julga; a sua bondade, a sua generosidade me animam a tal ponto, que neste momento, grande injuria, creio, lhe faria, se lhe não abrisse o meu coração.

*Cesar.* E tem razão!

*Edm.* Dir-lhe-hei pois... que nunca tive essas intenções que me attribue; dezejo ter consideração, não por minha causa, mas porque deste modo me aproxi-

mo de uma pessoa, da qual, neste momento, bem affastado estou, por desgraça minha.

*Cesar.* Devéras? Pois é esse o motivo...

*Edm.* Não tenho outro, posso jurar-lho. Não sou ambicioso, não; outra paixão se apoderou ha muito tempo do meu coração... quizera occultal-a a todos, e nunca a declarei, nem áquella que a provocou.

*Cesar.* Então porque?

*Edm.* Porque tinha perdido toda a esperança.

*Cesar.* E agora?

*Edm.* O dia de hoje mudou tudo.

*Cesar.* Como assim?

*Edm.* Ah! quizera, e não me atrevo a dizel-o.

*Cesar.* Porque razão? Conheço acaso essa pessoa?

*Edm.* Sim, senhora, e muito de perto.

*Cesar.* Devéras!... diga... que se eu tiver algum poder...

*Edm.* (*interrompendo logo*). Oh! muito grande! Sim, póde muito para com ella, e quer que lhe diga? póde tudo.

*Cesar.* (*fingindo se admirada*). Explique-se.

*Edm.* Da senhora condessa depende a minha felicidade! Uma palavra que diga, e nada mais tenho a dezejar. Sim, acredito nessa amizade, que com tanta generosidade me offereceu; recorro a ella, e se me auxiliar, e fallar a meu favor, estou certo que hei de ser seu esposo...

*Cesar.* Esposo... de quem?

*Edm.* De Agueda, sua enteada.

*Cesar.* Oh! meu Deus! que ouço!

*Edm.* Sim, minha senhora. (*Zoé apparece, abrindo repentinamente a porta*).

## SCENA X.

*Edmundo, Cesarina, e Zoé.*

*Zoé.* O que é isto? que temos?

*Cesar.* (*a Zoé*). Ouça aqui o senhor, que acaba de me dizer, que dezejava casar com Agueda.

*Zoé.* Ah! Jezus!

*Cesar.* (*olhando para Zoé*). A quem ama!... a quem adora... ha muito tempo...

*Edm.* Sim: e só a ella tenho amado.

*Zoé.* O que diz? (*Quer passar para o lado de Edmundo, Cesarina segura-a pela mão*).

*Edm.* (*com vivacidade*). Sim, disse-lhe tudo, confessei-lhe tudo. Ella é tão agradavel, tão generosa! prometeu-me o seu auxilio.

*Cesar.* Seguramente: e muito estimo poder obsequial-o... (*Toca a campainha com muita força*).

*Zoé.* Obsequial-o!... ella!...

*Edm.* (*a Zoé*). Oh! sim... não ha duvida... bem a ouve... já todos são meus amigos.

*Cesar.* A sege prompta! quero sahir já!

*Edm.* (*passando para o lado de Cesarina*). Ah! minha senhora... quanto lhe sou obrigado.

*Cesar.* Sim, sim, contem comigo ambos, eu lho prometto, eu lho juro. Até logo, Zoé: ver-nos-hemos!...

*Edm.* Vou ao quarto do sr. de Miremont.

*Cesar.* E eu a casa do ministro... hei de ir ainda a tempo... assim o espero... (*Sahe pela porta da esquerda*).

*Edm.* (*entrando para o quarto de Miremont, á esquerda*). Ah! Estou salvo!

*Zoé* (*sahindo pelo fundo*). Estás perdido!!!

FIM DO QUARTO ACTO.

# ACTO V.

---

## SCENA I.

*Cesarina entrando pelo fundo, e lançando sobre uma cadeira, o chale e o chapeu.*

Por mais diligencias que fiz, não pude fallar ao ministro ... está na camara, assistindo á discussão da lei ... Não póde d'alli arredar pé ... e por isso, não veio fallar-me ... « Depois da sessão, » disse elle. Será tarde. Em quanto a lei não passar, tem elle precisão de mim ... é do seu interesse contentar-me ... é-lhe util ser injusto; mas depois, ja não é o favor, é o merecimento que o ha de decidir, e Edmundo triumphará. E deixar-me eu enganar a este ponto ... não por elle, que não sabia nada, e é o que mais me mortifica, mas por essa Zoé ... Hei de me vingar della ... e como?... intrigando o marido?... bem lhe importa a ella isso ... o amante?... não o tem!... E' jogar contra o partido ... paciencia ... veremos ... Mas no entanto, a lei passa ... todos os deputados que querem empregos, votarão com o ministerio ... e meu marido é a causa de tudo isto ... é a primeira lei que faz passar ... e tudo devido áquella maldita doença que eu inventei ... Se eu o curasse!... se o levasse á camara, para uma tribuna particular, aonde todos o vissem bem ,.. a sua presença, talvez paralisasse os votos ministeriaes ... Elle ahi vem.

## SCENA II.

*Cesarina, e Miremont.*

*Cesar.* Vejo com prazer, que está muito melhor.
*Mirem.* Não estou, não.
*Cesar.* O parecer, é excellente.
*Mirem.* Sim ; mas sinto aqui ...
*Cesar.* O que ?
*Mirem.* Não sei dizer ... é isso o que me assusta.
*Cesar.* Sabe o que lhe fazia muito bem ?... era sahir, dar uma volta ... de sege.
*Mirem.* Nada ... não quero tomar ar.
*Cesar.* Podiamos ir para um sitio bem agasalhado ... por exemplo, para a camara dos deputados, onde dizem que ha hoje uma sessão muito interessante.
*Mirem.* Deus me livre ... o doutor Bernardo prohibiu-me que sahisse.
*Cesar.* Mas, senhor ...
*Mirem.* Prohibiu-me ... é muito perigoso.
*Cesar.* Mas ouça ...
*Mirem.* Até a condessa concordou nisso ... Bem sabe que estou doente ... foi a primeira que mo disse !
*Cesar.* (*á parte*). Acreditou-o a tal ponto, que não é possivel dissuadil-o ! Ah ! se tiver outra necessidade de o fazer adoecer ... hei de andar com mais sentido.
*Mirem.* (*assentando-se*). Devéras, que muito me custa não poder sahir ... iria ás eleições de S. Diniz, e escusava de escrever aos eleitores mais influentes, a favor de Edmundo, que hoje vem jantar comnosco.
*Cesar.* Como ... pois elle vem ...
*Mirem.* Não se lembra que me aconselhou esta manhã, que o mandasse convidar ?... é um rapaz de muito merecimento, que podia muito bem vir a ser

meu genro, porque minha filha o protege, e já me fallou a seu favor.

*Cesar.* (*procurando moderar-se*). Agueda! e acredita o que ella diz!

*Mirem.* Se fosse ella só... não digo nada; mas tambem a condessa, apesar da sua antipathia por elle, não poude deixar de lhe fazer justiça, e de me fallar a seu favor!

*Cesar.* (*confusa*). Eu, não sei avaliar bem esses merecimentos, póde ser que me enganasse, todos se enganam.

*Mirem.* Mas o doutor Bernardo que é entendedor, e no qual temos toda a confiança, e que além disso, é seu inimigo, ainda não cessou de mo gabar, e de mo recommendar.

*Cesar.* (*á parte*). Oh! meu Deos! tudo se vira contra mim!

*Mirem.* E já o disse a minha filha: com toda a certesa sahe deputado...

*Cesar.* (*com vivacidade*). Não ha de sahir tal!... não póde ser.

*Mirem.* E porque razão!

*Cesar.* Porque não tem os protectores, o credito, e a influencia necessaria.

## SCENA III.

*Miremont, Edmundo, e Cesarina.*

*Edm.* (*entrando*). Quanto lhe sou obrigado, minha senhora, minha protectora, meu anjo tutelar! Por toda a parte encontro amigos... e estes amigos, a mais ninguem os devo.

*Cesar.* (*á parte*). Toleirões! estão todos ajustados!

Nada ha mais terrivel que as intrigas e conloios; e Bernardo sem apparecer... para os ir avisar.

*Edm.* O que eu não entendo, é como elles abandonaram Oscar... encontrei-o ainda agora... está desesperado... a culpa não é minha... anda procurando os votos que por toda a parte lhe fogem... dizem que não fôra feliz no segundo districto.

*Cesar.* (*á parte*). Desgraçado! se elle fallou!

*Edm.* O que tambem me admira, é que muitas pessoas, ás quaes não pedi nada, venham offerecer-me o seu prestimo.

*Mirem.* Estava para escrever aos principaes eleitores.

*Edm.* Muito agradeço tanta bondade! sou mais feliz do que mereço, e do que podia esperar... e se assim forem as cousas, começo quasi a contar com o triumpho.

*Cesar.* Ainda não... o apoio do ministerio, é que ha de decidir tudo... se elle apresentar outro candidato, a lucta é incerta.

*Edm.* (*assustado*). Oh! meu Deos!

*Mirem.* E tem alguma protecção por esse lado?

*Edm.* E' verdade que não; mas a sra. condessa prometteu que havia de fallar ao ministro.

*Cesar.* Sim; mas desgraçadamente não o pude encontrar... se não fosse isso...

*Edm.* Então perco-lhe as esperanças, porque não conheço ninguem nas secretarias.

## SCENA IV.

*Miremont, Bernardo, Edmundo, e Cesarina.*

*Bern.* Venho agora da camara: o combate foi renhido.

*Cesar*. E então?

*Bern*. Passou a lei por trinta e cinco votos de maioria.

*Cesar*. (*á parte*). Trinta e cinco votos!

*Mirem*. (*impondo*). E admiram-se! eu sempre o disse; e ainda hontem o affirmei a alguns collegas meus... tinha cá minhas razões!... Mas não é esse o negocio que nos occupa. O doutor que sabe tudo, diga-me, quem é o candidato que o ministerio apresenta?

*Bern*. Edmundo de Varennes.

*Todos*. E' possivel!

*Bern*. (*passando para o lado de Cesarina*). Aqui está a prova, neste bilhete, que o ministro lhe manda.

*Cesar*. Faça favor. (*Lendo em voz baixa*). « Cumpriu as suas promessas, e eu as minhas. » (*A' parte*). Parece de proposito; talvez já o não possa fazer recuar! (*Alto a Bernardo*). Quem trouxe este bilhete?

*Bern*. Um correio de gabinete, e está esperando pela resposta.

*Cesar*. Vou escrever. (*A' parte*). Esta, ao menos, ha de chegar-lhe ás mãos! (*Sahe pela porta da esquerda*).

## SCENA V.

*Miremont, indo pôr-se á mesa da esquerda; Edmundo, e Bernardo.*

*Bern*. (*vendo sahir Cesarina, e esfregando as mãos*). Optimamente... vai tudo como se quer... agora tenho-a segura... ha de proteger os meus amores, assim como protejo os della... vamos por conseguinte a dar o ultimo golpe. (*Alto, a Edmundo*). Agora, amigo, não ha tempo a perder... em quanto

venta, molha-se a vela ... diz lá o ditado ... depressa ... depressa ... vá ás eleições.

*Edm.* Eu?

*Bern.* Seguramente. Não ha de ficar ahi de braços encruzados, em quanto se está decidindo a sua sorte; é necessario apresentar-se, é necessario ser deputado; assim o queremos todos, nisso estamos todos empenhados.

*Edm.* Senhor... tanta affeição... uma amizade tão activa...

*Bern.* Sou assim como aqui me vê! Trabalhando pelos amigos, trabalho por mim. Vá depressa.

*Edm.* Não conheço ninguem, e não me atrevo a apresentar-me assim só.

*Bern.* Tem razão: precisa de um protector conhecido e acreditado.

*Edm.* O sr. de Miremont, teve a bondade de escrever a meu favor.

*Mirem.* (*á mesa*). Estou principiando a segunda carta.

*Bern.* Isso leva muito tempo; é já tarde, era melhor que o sr. conde fosse o proprio que o apresentasse aos eleitores. Ha por lá muitos recebedores, muitos tabelliães e rendeiros, que fazem o que lhe mandar: o negocio está seguro.

*Mirem.* (*levantando-se*). Isso queria eu; mas no estado em que me acho...

*Edm.* (*repentinamente*). Tem razão; e não quizera que por meu respeito ficasse mais doente.

*Bern.* Deixe-se disso.

*Mirem.* Prohibiu-me expressamente que sahisse; e parece-me, doutor, que fez bem; porque sinto aqui um calor, um ardor insupportavel.

*Edm.* Bem o ouve.

*Bern.* (*a meia voz a Edmundo*). Descance, que daqui a nada, está curado. (*A' parte*). Agora, como já passou a lei, não ha perigo. (*Passando para o lado de Miremont*). Vamos a vêr o pulso... (*Pega no braço de Miremont, e vai conversando em quanto apalpa o pulso*). O ministro perguntou-me como estava.

*Mirem.* Ah!

*Bern.* Disse-lhe, que lhe tinha aconselhado o repouso e ar do campo. (*Pegando sempre no pulso*). Não se mecha... E respondeu-me... « Estimo bem; terá tempo de assistir a esse processo politico, que ficou adiado para daqui a tres mezes, para outra sessão. »

*Mirem.* Como?

*Bern.* (*do mesmo modo*). O pulso está bom.

*Mirem.* (*alegre*). O processo foi adiado?

*Bern.* E' noticia official... sabel-o-ha.

*Edm.* Certamente.

*Mirem.* Então o que me disse minha mulher...?

*Bern.* (*friamente*). Talvez se enganasse. (*Pegando sempre no pulso*). Não está frequente, nem agitado; muito regular: vai melhor.

*Mirem.* (*hesitando*). E' verdade: não digo que não.

*Bern.* O pulso está optimo: a febre desappareceu; póde sahir.

*Mirem.* O que lhe parece?

*Bern.* Respondo por tudo.

*Mirem.* (*ao criado*). Vamos, depressa, a sege prompta.

*Bern.* (*baixo a Edmundo*). Não lhe dizia eu!...

*Edm.* (*admirado*). Não estou em mim!...

*Mirem.* (*ao criado*). A sege... quero sahir!...

*Bern.* Não é preciso; não se póde perder tempo; lá está a minha sege em baixo, póde ir nella.

*Edm.* O que?... Pois quer?...

*Bern.* Essa é boa! Ha lá cousa que incommode para servir os amigos?! (*Ao criado*). O chapéo, o roupão, as luvas de teu amo; vamos, depressa!

*Edm.* (*a Bernardo*). Ah! meu querido amigo! quanto lhe devo!

*Bern.* (*rindo*). Uma cadeira de deputado.

*Edm.* Ainha mais!... a felicidade de toda a minha vida. Ha de assistir ao meu casamento, ha de ser uma das testemunhas, por força.

*Bern.* (*admirado*). O que?

*Edm.* Sim, caso com mademoiselle Agueda, seu pai consente; sua madrasta fallou a meu favor, protege-me.

*Bern.* Madame de Miremont?

*Edm.* Está tudo arranjado — se fôr eleito.

*Bern.* (*á parte*). Ora esta!

*Mirem.* (*que já se vestiu, pegando no braço de Edmundo*). Vamos, vamos depressa; já que o doutor assim o quer, aceitàmos a sua sege. (*Sahem*).

## SCENA VI.

*Bernardo só, passeando agitado.*

Querem-no mais claro! Eu! eu! Bernardo illudido a este ponto, servindo de páu de cabelleira; eu, que zombo dos outros!... oh!... hei de mostrar a madame de Miremont... ella aqui vem...

---

## SCENA VII.

*Cesarina, e Bernardo.*

*Cesar.* (*entrando repentinamente*). Aqui tem, doutor, esta carta circumstanciada, que escrevo ao ministro. Mande-lha já, depressa, talvez que ainda vá a tempo.

*Bern.* (*pegando na carta, e rasgando-a*). Não, senhora, já não vai a tempo.

*Cesar.* O que faz? Está doido?

*Bern.* Basta de escarneo: sei tudo.

*Cesar.* Não sabe nada! onde está meu marido?

*Bern.* (*encolerisado*). Foi com Edmundo para as eleições, e fui eu quem o decidiu a isso!

*Cesar.* Santo Deos!

*Bern.* (*com ironia*). Que mais quer? triumphou!

*Cesar.* (*desesperada*). Pelo contrario... o que foi fazer?... Desse modo está tudo perdido.

*Bern.* Bem póde ir bater a outra porta... que ninguem me engana duas vezes!

*Cesar.* Ouça-me.

*Bern.* Mas graças a Deos, ainda a posso fazer arrepender da sua traição; ainda posso derrubar o sr. de Varennes.

*Cesar.* (*alegre*). Será possivel?

*Bern.* Vou daqui ao collegio eleitoral... descubrirei as manobras e intrigas que houve... ninguem o sabe melhor do que eu... tenho as provas na minha mão.

*Cesar.* Isso mesmo.

*Bern.* E se necessario fôr, mostral-as-hei.

*Cesar.* Sim: sim, isso queria eu, e até lho peço encarecidamente.

*Bern.* Já não a acredito !

*Cesar.* Não importa ... vá ... vá depressa ... por quem é.

*Bern.* Far-lhe-hei a vontade, porque vou já correndo.

## SCENA VIII.

*Cesarina, Oscar, e Bernardo.*

*Oscar* (*apparecendo á porta do fundo, e segurando Bernardo que quer sahir*). Não, senhor, não ha de ir.

*Bern.* Com quem falla este homem ?

*Oscar.* Com o senhor, que zombou de mim, que me atraiçoou ... dizia que me queria fazer deputado, e foi apresentar outro.

*Bern.* Não ha tal.

*Oscar.* E voltou contra mim todos os nossos collegas, porque todos me abandonaram.

*Bern.* Para seu bem lhe digo ... que me deixe sahir ... mais tarde lhe explicarei tudo.

*Oscar* (*segurando-o sempre pela mão*). Não ha de sahir ... não o largo ... Sou bom rapaz ... mas tambem não quero que brinquem comigo.

*Bern.* Ouça-me !

*Oscar.* Não ouço nada ... Já tinha encommendado um jantar para cem pessoas ... e ramalhetes de flôres ... disse a todos que havia de ser deputado ... e hei de sêl-o !

*Bern.* E é para isso justamente, que eu vou trabalhar ... e ainda em cima está-me segurando, não me deixa passar ... um instante de demora, póde fazer triumphar o seu rival.

*Cesar.* Não ha duvida. (*A' parte*). E a resposta

que o ministro está esperando... (*Alto*). Deixe-o ir. (*Sahe pela porta da esquerda*).

*Oscar*. Deveras! Isso é outro caso! Então vá.

## SCENA IX.

*Montlucar, Bernardo, e Oscar.*

*Mont.* (*segurando Bernardo, que vai para sahir*). Espere, sr. doutor, temos que conversar!

*Bern.* Ainda mais outro!

*Mont.* Disse-me que o sr. de Miremont, estava muito doente, que estava a morrer. (*Alto, e olhando para todos os lados*). Noticia que muito me affligiu... deixou-me andar fazendo visitas para pedir o seu logar da academia... e quem encontrei eu agora mesmo?... o sr. de Miremont, de perfeita saude... indo para as eleições com Edmundo... e ambos na sege do doutor.

*Oscar.* Na sua sege... ouve...

*Bern.* (*gritando*). Então o que se segue dahi? Deixo por isso de ser seu amigo?... Não o fui sempre?... Não sou eu... quem tem a culpa, é madame de Miremont, que vos atraiçoou a todos.

*Oscar.* Quem?... minha prima!... é impossivel!

## SCENA X.

*Montlucar, Dutillet, Estevão, Desrousseaux, Bernardo, Oscar, e muitos camaradas.*

*Dutillet.* Victoria, meu doutor. Póde dizer a madame de Miremont, que tudo vai ás mil maravilhas... nos cartazes, nos annuncios, nos jornaes, não se falla senão no nosso candidato, e tudo nos dá esperanças que Edmundo será eleito.

*Bern.* (*encolerisado*). Edmundo!...

*Dut.* Conforme as suas instrucções.

*Oscar.* (*a Bernardo, em voz baixa, e apertando-lhe a mão*). Ouve o que elle diz?... conforme as suas instrucções!...

*Dut.* Já avisámos os estudantes da escola de medicina e de direito... teremos triumpho completo... flôres, musicas, hymnos, vivas...

*Bern.* Mas com licença... tudo isso estava encommendado para Oscar...

*Desr.* Ao principio... mas depois houve contra ordem.

*Bern.* (*depressa*). Tornou a haver outra.

*Est.* Quem o havia de advinhar?

*Bern.* Nunca vi gente mais desastrada!

*Dut.* E vossamercê é um trapalhão!

*Est.* Um catavento!

*Mont.* Um intrigante!

*Bern.* Sr. de Montlucar...

*Mont.* Sr. doutor...

*Bern.* Assim se esquece das obrigações que nos deve?

*Mont.* E vossamercê de quem eu sou... é bem feito, não me metesse eu com similhante canalha.

*Todos* (*gritando*). Canalha!... isto não se póde aturar...

*Oscar* (*gritando*). Disse muito bem! (*Passa para o lado de Montlucar*).

*Desr.* (*do mesmo modo*). Tem razão.

*Est.* Ha de nos dar uma satisfação!

*Mont.* Quando quizer.

*Todos.* Já... (*A desordem augmenta. Todos disputam e se ameaçam: todos os camaradas estão quasi a lançar-se uns aos outros*).

## SCENA XI.

*Montlucar, Desrousseaux, Oscar, e Miremont, entrando pelo fundo com Cesarina, Bernardo, Dutillet, e Estevão.*

*Miremont (apparecendo na porta do fundo).* O que é isto? na minha casa!... comaradas e amigos... quasi á pancada!

*Mont. (estupefacto).* O sr. de Miremont!

*Dut. (do mesmo modo).* Cuidavamos que estava doente!... d'onde vem elle agora?

*Mirem.* Das eleições... mas não foi necessario lá chegar... porque no caminho... recebemos a noticia...

*Todos.* O que?

*Mirem.* Ahi teem... ouçam. (*Ouvem-se acclamações fóra*).

## SCENA XII.

*Montlucar, Desrousseaux, Oscar, Agueda; Edmundo rodeado de amigos, que lhe dão parabens; Zoé, Cesarina, Miremont, Bernardo, Dutillet, e Estevão.*

*Agueda.* Está eleito.

*Zoé.* Agora, comprimentos, flôres...

*Edm.* Oh! meus amigos... sr. de Miremont... meu querido doutor... (*a Cesarina*) minha protectora... quanto vos devo... a todos!!

*Zoé (a Cesarina).* Não ha duvida, tudo lhe deve...

*Cesar. (encolerisada, e em voz baixa).* Zoé...

*Zoé.* Foi a primeira lição... e a segunda ha de ser melhor. (*Deixa Cesarina, e passa para a esquerda ao lado de Oscar*).

*Edm.* Ah! como fui injusto!... ainda esta manhã

me queixava dos homens e da sorte... accusava o seculo em que vivemos de parcial e intrigante... e agora vejo, (*olhando para Cesarina*) que ainda existe verdadeira amizade... (*olhando para Bernardo*) desinteressada... (*olhando para os outros camaradas*) e que póde um homem elevar-se, sem conloios... e vergonhosas manobras.

*Zoé* (*olhando para elle com compaixão*). Pobre rapaz!

*Oscar* (*a Zoé*). Então! ahi o tem!... que não queria aceitar o nosso auxilio... não alcança a gente o que quer gozar sem compadres.

*Zoé*. Sim, senhor... e fica sempre em baixo quem tem talento.

FIM.

GALERIA THEATRAL

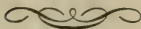
# Á CATA D'UM NAMORADO

## COMEDIA EM 1 ACTO

(IMITAÇÃO)

Por

**FRANCISCO SERRA**

Representada pela 1.ª vez no theatro do Gymnasio
a 16 de Setembro de 1861, anniversario de S. M. El-Rei D. Pedro V.

LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

1861

| PERSONAGENS | ACTORES |
| --- | --- |
| **ERNESTO DE BARRETO,** morgado. | *Sr.ª J. Soller.* |
| **NICOLAU,** feitor............................ | *Sr. Cesar.* |
| **FERNANDO,** rendeiro..................... | *Sr. Taborda.* |
| **ANDRÉ,** jardineiro.......................... | *Sr. Ricardo.* |
| **D. ERNESTINA D'AVILEZ**............ | *Sr.ª J. Cordal.* |
| **MARIANNA**.................................. | *Sr.ª E. Candida.* |

A scena passa-se nos arredores de Cintra.—Actualidade.

# ACTO UNICO

Jardim, deitando para a quinta. Mirante á direita. — Bancos de pedra, vasos, flores, etc. etc. etc.

## SCENA I

NICOLAU *e* ANDRÉ

*Nicolau.* Faze o que te digo e dá ao demonio o que sabes. O sr. barão é o dono da casa e quer que se faça o que a menina mandar; entendes-me?

*André.* Valha-me Deus, eu *nã* vou fóra d'isso; mas tirar os caixotes do agazalho da estufa para os deixar ahi fóra ao relento, lá isso é que *nã ten geto*, por mais que me digam.

*Nicolau.* E que te importa?

*André.* Pois aquillo *nã mette mêmo* dó, tratar as plantas assim como qualquer erva ruim, só porque a esses *manatas* lembrou agora fazer da estufa casa de *balharico!*

*Nicolau.* Calla o bico, pedaço d'asno, que não dizes senão tolices e babozeiras. Para que estás servindo aqui, dize lá, meu palerma?

*André.* Sirvo porque me pagam.

*Nicolau.* Pois faze já o que te digo, senão corro-te d'aqui a pontapés!

*André.* Eu vou sr. André, já que por esse modo me obriga; mas *nã* que me *dêxe* de fazer cá sua arrelia... a gente sempre tem amor ao que faz.

*Nicolau.* Pois desfaz, que outra vez tornarás a fazer.

*André.* Mas *sôr* Nicolau...

*Nicolau.* Ah! temos ainda reflexões?...

*André.* *(Com mêdo)* E' que as rosas do Japão.... as tulipas... estamos no mez de Setembro, e o inverno está á porta.

*Nicolau.* Que lh'importa á menina o inverno? Não vês que está cheia de mocidade, e que lhe não lembra que a primavera passa? Anda lá, meu rapaz, vai fazer o que te digo e mette a viola no sacco.

*André.* Eu vou, *Sôr* Nicolau, eu vou... *(Sáe mordendo a aba do chapéo e coçando a orelha)*

*Nicolau.* *(Só)* Então não se mette na cabeça d'este mono zelar os interesses da casa?... Se o patrão diz: gaste-se como dez — a gente deve fazer as diligencias de gastar como vinte. *(Vendo Fernando que entra).* Olé! o rendeiro do sr. barão!

## SCENA II

NICOLAU *e* FERNANDO

*Fernando.* Salve-o Deus a *vuncê.*

*Nicolau* Vens do mercado de S. Pedro, fez-se por lá negocio?

*Fernando.* Assim, assim; as bestas, *sôr* Nicolau, *estã* caras que *ten* dialho... assim *mêmo*, inda *merquê* um jumento, *sôr fêtor*, que aquillo *nã* é burro, é um macho, com perdão de *vuncê!*

*Nicolau.* Tens bom olho, maganão...

*Fernando.* Pois então uma junta de bois... E um cabrito, *sôr* Nicolau, que lindo bruto que é!...

*Nicolau.* Por estes sitios não conheço outro velhaco mais esperto e mais feliz!

*Fernando.* Ora...

*Nicolau.* Sim feliz... és novo, saudavel, rico... sim rico, tu éras filho unico, e segundo se diz, teu pai quando morreu, deixou-te uma continha calada...

*Fernando.* Eu cá sempre vou vivendo, como diz o *oitro*, como Nosso Senhor quer e é louvado!

*Nicolau.* Porque te não casas tu?

*Fernando. (Rindo.)* Ah! ah! ah!... Eu casar, havia de ser bonito... Olhe, lá n'essa *nan* cáe o filho de *mê* pai... antes só que mal acompanhado.

*Nicolau.* Parece que já foste escaldado!

*Fernando.* Nada, mas vejo as *brabas* do visinho a arder! *Nan* me fio d'ellas, que estas raparigas cá de *fóira, sã* como a praga das ortigas; em a gente se chegando a ellas, ha de se picar por força!

*Nicolau.* Pensas com prudencia.

*Fernando.* Inda *honte* a Marianna esteve p'ra ahi a prégar comigo: *Vuncê se nan ten* a palavra dada, está a tempo d'escolher.

*Nicolau.* Qual Marianna, a filha do antigo jardineiro, de que o sr. barão tomou conta?

*Fernando.* E' como diz.

*Nicolau.* Ah! é ella quem te aconselha?...

*Fernando.* Nada, isto é cá *cando* a topo a *geto* e pegamos a dar á lingua. A minha tia Ambrosia, era madrinha d'ella das aguas do *bautismo* e a pequena

tem-me assim seu fatacaz. Olhe que alli onde a vê, *ten* mais lume no olho a dormir, que nós ambos e dois acordados! *Nã* fallei com ella *senan* un poucachito e logo me trouxe uma lembrança á idéa...

*Nicolau.* Fallou-te de casamento, aposto?

*Fernando. Cal histoira!* foi uma *alembrança* que se pega, *nã le* conto nada... fazem-me por ahi *rigidor* ou *juizo inleto.* Por isso é que eu me vesti todo aceado e vim por hi fóra. Está por cá muita gente?

*Nicolau.* Fazes lá idéa! São os manatas de Lisboa, os proprietarios visinhos, os filhos dos lavradores mais ricos; é uma Babilonia, é o diabo a quatro!

*Fernando.* E a menina Ernestina já *ten melro* de olho?

*Nicolau.* Ainda não, porque pensa como tu; quer escolher antes de ajustar o casamento, porque diz, se o namorado não presta, que se manda passeiar, mas que o marido, não ha remedio senão ficar com elle.

*Fernando.* Espere lá, eu a modo que já ouvi *alumiar* que de todos esses que *le* andam á roça, havia um a quem ella tinha mais *affectação* que aos *oitros.*

*Nicolau.* Bem sei, o sr. Ernesto de Barreto, filho d'um velho e honrado amigo do sr. barão; é um moço de muito boas maneiras, e que tem de seu.

*Fernando.* Por tal signal é dono d'uma vinha que pega lá com a minha fazenda, segundo me contou a Marianna.

*Nicolau.* Ha de ser... O que eu duvido é que seja elle que tenha a preferencia.

*Fernando. Entã* se o *home ten colidades* boas, para que hade ella mandal-o apanhar pés de burro, com perdão de *Vuncê?*

*Nicolau.* Em os genios se não combinando, adeus minha vida! O sr. Ernesto presta-se poucos á fan-

tazias da menina, que sempre lhe préga ás vezes cada sotaque!...

*Fernando.* Pois ella já *l'arruma?!*

*Nicolau.* Não, isto quer dizer uma resposta torta.

*Fernando.* Entendo, é como *quen* vai ás do cabo. Quando isto é *agoira*, em sendo casada, *corta-le* as orelhas!

*Nicolau.* Queres tu saber o que o sr. Ernesto fez um dia d'estes ao voltar da caça? Estavam todos reunidos no terraço, e a menina acabava de ter um arrufo por causa dos seus caprichos. O sr. Ernesto, vendo n'este momento o seu perdigueiro a sapatear n'um dos alegretes, chamou-o, e como o animal não veiu logo... pum! ferra-lhe um tiro!

*Fernando.* Que alma damnada! matou o cão?

*Nicolau.* Crivou-o só d'alguns bagos de chumbo.

*Fernando.* Cá na minha *apenião*, o *home ten* máos figados!

*Nicolau.* A menina não lhe deu palavra, e esteve todo o dia pensativa, fóra do seu costume.

*Fernando.* Podera! Se o *alavre* do *home* estando ella ainda na casa do pai *le* arruma um tiro de espingarda por causa da arrelia, em casando, se se prantam com *zangações*, *ferra-le* um tiro de peça! Diabo é que eu *nã* fico muito *estifeto* se ella escolhe *oitro.*

*Nicolau.* Bravo, que empenho!

*Fernando.* Eu cá sei a *órde* que tenho. Quero *pedir-le* que me afóre a vinha que pega lá com a minha fazenda, que me faz o meu arranjosito... Verá em eu a tendo cá amanhadada a *mê gêto*, se *nã* faço ahi morder de inveja aos de cá do *arredol!*

*Nicolau.* Ambicioso!

*Fernando.* Olhe, ajude *vuncê* cá o *próve*, que *nâ* ha de perder o tempo... bem sabe que eu *nâ* sou *home* de faltar á palavra honrada.

*Nicolau.* Não falles tão alto... Se eu te poder ajudar, não é lá por isso... sei que és bom rapaz e...

*Marianna. (Dentro, chamando.)* Sr. Nicolau! Ó sr. Nicolau!

*Nicolau.* Caluda, que ahi vem a Marianna.

## SCENA III

*Os mesmos e* Marianna

*Marianna. (Trazendo no braço um cabazinho com flores.)* Sr. Nicolau! ó sr. Nicolau!...

*Nicolau.* Que me queres, rapariga?

*Marianna.* Venha d'ahi, depressa; ha quasi uma hora que o procuro... (*Vendo Fernando*) Olé, Fernando! por aqui!...

*Fernando.* Salve-a Deus, *sora* Marianna.

*Nicolau.* Para me dizer o que, rapariga?

*Marianna. (Olhando para Fernando.)* Sim, para lhe dizer... Então como vai isso Fernando, que é que tem feito?

*Nicolau. (Impaciente.)* Fazes favor de me dizer para que?

*Marianna. (Olhando sempre para Fernando).* Então, não me ia esquecendo?... se eu vinha com tanta pressa!... *(A Fernando)* Bravo! como vem liró!

*Nicolau.* Vai para o inferno com as tuas exclamações, desastrada! Nem sequer tens geito para dar um recado em termos! Naturalmente ha de ser por causa do almoço.

*Marianna.* Isso, isso, é isso mesmo; estão almoçando e falta não sei o que.

*Nicolau.* Ha de ser o vinho, porque eu é que tenho

a chave da adega. *(Baixo a Fernando)* Logo que se levantem da mesa, farei com que possas fallar ao sr. morgado. *(Sáe)*

## SCENA IV

FERNANDO *e* MARIANNA

*Marianna. (Aparte).* E' um mal creado este homem! julga por ser feitor, que tem o rei na barriga! — Desastrada!... Ahi está como elle, e como quasi todos me tratam... *(Olhando para Fernando que se tem ido sentar).* Menos Fernando, esse não me diz coisas que offendam... verdade seja tambem, que nunca me dá palavra. *(Olhando o com attenção)* Em que estará elle pensando? Se fosse n'uma coisa que eu cá sei... mas não é capaz de pensar, não! *(Alto aproximando-se um pouco d'elle)* Fernando?

*Fernando. (Com indifferença)* Ah! é *vuncê* menina Marianna... estava ainda aqui?

*Marianna. (Aparte.)* Nem sequer fez reparo em mim! sempre sou muito infeliz! *(Alto)* Está triste Fernando? *(chegando-se mais)* Que tem, que está p'ra ahi a scismar?

*Fernando.* Estava-me a lembrar da tia Michaella; almocei lá hoje.

*Marianna. (Suspirando.)* Vale a pena d'estar pensando n'isso, vale.

*Fernando.* Faça *vuncê* de conta, que era uma malta de doze, e todos a buzinarem-me ós ouvido: Porque te *nã* casas? Casar, dizia *oitro*: Se elle é um sovina, capaz de viver toda a vida assim *sen* ter *quen le* engome uma camisa, só para *nã* repartir as sopas com uma *próve* rapariga a *quen* podia fazer feliz.

*Marianna.* E' bem feito que assim o envergonhem,

porque já ha muito tempo que eu lhe aconselho outro modo de viver. Veja o estado d'essa camisa... toda cheia de pregas...

*Fernando.* As pregas *sã* da camisa!...

*Marianna.* Parece que andou feita uma bola! Veja esse lenço do pescoço, que parece uma rodilha! *(Indo a elle e fazendo-lhe o laço)* Se tivesse quem cuidasse assim da sua roupa e da sua pessoa, quem lhe fizesse o laço tão bem feito...

*Fernando.* Cá a minha idéa é essa, e logo que afóre a vinha do *sor* Ernesto, trato de escolher mulher... faço ambos e dois contractos ao *mêmo* tempo; está dito, o que ha de ser, *sêja.*

*Marianna.* Vmc. precisa lá agora de estar á espera d'isso!...

*Fernando.* Nada, eu cá sou assim; quero ter a aquella de dizer á môça que escolher: Aqui tem *vunce* um rapazola livre do *arreclutamento*, *sã* como um pêro, com casa posta, porquito e creação no pateo, e seu *vinten* ao canto do bahú para o que dér e vier! Demais, *vunce* é que me metteu cá na idéa da cabeça que aforasse a vinha do *sor* Ernesto, que era uma pechincha bem boa, isso era.

*Marianna.* Mas que tem isso para ir tratando da escolha? Olhe que as raparigas *vã se* casando e depois...

*Fernando. Ospois,* o que?

*Marianna.* Fica a olhar ao signal. *(Canta)*

Não póde empregar a um tempo
O dinheiro e o coração,
Porque as môças d'estes sitios
Depressa casando vão;
Ficará então solteiro
Tendo n'alma a esperança morta,
C'o a fortuna dentro em casa
E a ventura ao pé da porta.

*Fernando*. N'isso, *cazi* que *ten vuncê* razão... *Nã* ser a gente *próve* e vêr a *felcedade* em casa do visinho... *Dialho*, o peior é que as raparigas aqui *nã* esperam... Eu já *nã* conto *senã* onze !...

*Marianna*. Isso lá ainda ha mais algumas... procurando bem...

*Fernando*. Hum... Já tenho *péscurado* e a conta *nã* vai arriba ! Olhe, *vuncê*, que eu conheço de brincarmos *cando* eramos assim do tamanho de dois paulitos de jogar a bola, é que me pode dizer *cal* é a que me faz arranjo.

*Marianna*. Ora, eu sei lá... assim do pé para a mão... isto é preciso pensar... Vmc. é um rapaz perfeito, tem de seu, ha de querer assim uma rapariga que não seja feia...

*Fernando*. Está visto ; lá para sustentar um demonio de má venta...

*Marianna*. Percebo, uma rapariguinha de bom genio, que o não faça zangar, porque vocemecê que parece um borrego, em lhe dando a zoina...

*Fernando*. Olhe, diga antes um *cordêro*.

*Marianna*. Tudo é um animal manso, como eu queria dizer. No fim de contas, uma rapariguinha que lhe tenha o seu bocado de estimação...

*Fernando*. Está *ben* de vêr... e que *nã* me embace.

*Marianna*. E que o não deixe embaçar tambem, porque vocemecê é assim um tanto banazola...

*Fernando*. Isso é á *primêra* vista, mas olhe que sou manhoso como aquelles que o são... E' verdade ! que tal *le* parece a Victorina, *nã* é uma moça de truz ?

*Marianna*. Pois acha-a bonita ?

*Fernando*. Bonita... lá muito bonita...

*Marianna*. Eu cá não acho ; é magra como um

caniço, sêcca como um bacalhau, e quando falla, esganiça-se, e deita perdigotos para a cara da gente!

*Fernando.* Sim, *tamben* cá na minha *apenião*, *nã* me parece que *sêja* melhor que a *Jaqina* Galleota.

*Marianna.* Ahi tem uma de quem eu não desgosto.

*Fernando.* E é de razão; em todas as *Européas* do reino de Lisboa, em Portugal, *nã* ha moça como aquella.

*Marianna.* Só lhe acho uma coisa má, é muito presumida.

*Fernando.* *Quen*, a *Jaqina* Galleota?!

*Marianna.* E' presumida, sim senhor; eu não queria senão que vocemecê reparasse bem n'ella aos domingos e dias santos. Já veste saia balão, á moda das fidalgas da cidade... e dá cada volta e reviravolta para lhe verem a saia de renda... Então nos bailaricos?! Anda sempre a trocar de par que é mesmo um louvar a Deus!

*Fernando.* Ah! ella deu n'isso! pois já a *nã* queria, ainda que fosse doirada como os anjos da capella mór da freguezia. Ahi está que esse *deffêto* já *nã ten* a Bernardina.

*Marianna.* Essa sim, é mesmo uma papa assorda. Tambem não admira, coitada; tem um temor n'um joelho do tamanho d'uma batata, e é por isso que não dança.

*Fernando.* Pois olhe que quando está sentada *nã* parece!... Ah! já me ia esquecendo... a *Libana*... aquillo é que é uma gordochinha, heim?

*Marianna.* Uma linguazinha de prata, e o que é.

*Fernando.* E a Justina?

*Marianna.* Ora, a Justina! Essa podia ser mãi de vocemecê, até avó de seus filhos!

*Fernando.* E a Joanna do Monte?

*Marianna.* Não sabe que vai casar com o João Luiz?

*Fernando. (Coçando a orelha.)* E' verdade!... e o caso é que *nã m'alembra* já *nen* meia?

*Marianna. (Aparte.)* E eu onde fico? Está cégo, não tem que vêr!

*Fernando.* Pois a *nã* ser que eu *quêra* casar com as velhas... Que *alimal*, que *alarve* que eu sou, sem me *alembrar*...

*Marianna. (Com alegria.)* Agora, agora, abriu finalmente os olhos!

*Fernando.* Visto não haver por ahi mais nenhuma... *(Canta.)*

Como hoje ha feira em San Pedro
Alli *nã* falta que vêr.

*Marianna.*

Mas o que tem o mercado
C'o a escolha que ha de fazer?

*Fernando.*

Espero dos *arredoles*
As môças que lá vão dar,
E topando-as no caminho,
*Hede* um coração roubar.

*Marianna.*

Se antes d'isso longe d'ellas
O não deixarem ficar.

*Fernando. (Declamando.) Tamben nã le* ponho *duveda... (Olhando para a direita)* Já se ergueram da mesa, andam todos no jardim. Vou n'um pulo ter

com o *fêtor* para ver se apanho léo de fallar ao *sôr* morgado. *Inté* logo, menina Marianna. *(Voltando atraz)* Se arranjo isto do fôro, *nã le* conto nada.... *dou-le* o vestido d'ir á Igreja *cando* estiver para se casar. *(Sáe)*

## SCENA V

MARIANNA. *(Só.)*

*(Seguindo-o com a vista.)* Que tal está esta?!..... Lembrou-se de todas e só me não metteu a mim na conta! Não serei eu gente? *(Limpando os olhos com a ponta do avental.)* E ainda me vem pedir conselhos, a mim, que morro por elle ha tanto tempo, que lhe tenho amisade, que lhe tenho amor mesmo cá do fundo das raizes do coração!... E os outros... são todos assim! Ninguem faz caso da infeliz Marianna, ninguem a quer, e todos a têem na conta d'uma boa rapariga! *(Olhando para a direita)* Jesus! eil-os ahi, e eu que ainda não arranjei as flores de que a menina me fallou!... Se eu já não sei por onde tenho a cabeça!... *(Pega no cabazinho e entra para o mirante.)*

## SCENA VI

ERNESTO, D. ERNESTINA, *e convidados d'ambos os sexos.* MARIANNA *no mirante.*

CORO GERAL

Dos fins d'este lindo outono
Os dias vamos gosar,
Pois o vento sybillando
Já vem o inverno lembrar;

Assim nós aproveitando
Da mocidade o calor,
Nos foge o tempo á ventura,
Que o prazer é voador
E poucos instantes dura.

*(Depois do coro os homens vão conduzindo as senhoras aos bancos e cadeiras que estão em scena.)*

*Ernestina.* Então, que decidem? Que havemos de fazer esta manhã?

*Ernesto.* Acho melhor ir primeiro buscar os chailes e as sombrinhas.

*Uma senhora. (Perto de Ernestina.)* Tinha-se combinado hontem á noite um passeio a cavallo; que te parece?

*Ernestina.* Deus me livre, não conheço nada mais enfadonho!

*Ernesto. (Sorrindo).* Comtudo, foi V. Ex.ª quem fallou n'isso.

*Ernestina. (Com indifferença.)* Não duvido, mas o papá está hoje muito mal do seu rheumatismo, de certo não sáe de casa, e eu não devo affastar-me para muito longe d'elle.

*Todos.* Apoiado! Apoiado!

*Um homem.* Vamos então ao Castello dos Moiros, querem?

*Ernestina.* Faz tanto calor!...

*Outro homem.* Então, vamos aqui mais perto, á mina d'agua.

*Todos.* Bravo! bravo! Vamos á mina!

*Ernestina.* Acho muito humido esse logar; no emtanto, minhas amigas, farei o que quizerem para que não deixem de se divertir.

*Ernesto. (Com ironia.)* Não sei que divertimento

haja em passeiar no campo, aonde não se encontra senão caminhos escabrosos e falta de variedade.

*Ernestina.* Está visto! Já me admirava! Em se combinando alguma cousa, é contar logo com a opposição do sr. Ernesto de Barreto.

*Ernesto.* Minha senhora, eu...

*Ernestina.* É insupportavel, não conheço espirito mais contradictorio! Não ha muito ainda, recebendo o papá a partecipação do casamento de meu primo Alexandre, com uma rapariga de inferior qualidade, indignando-me contra tão ridiculo matrimonio, o sr. Ernesto, só com o unico fim de me contradizer, tomou a parte de meu primo, e teve a constancia heroica de sustentar, que ninguem é senhor dos impulsos do seu coração, principalmente, quando a pessoa por quem elle estremece se torna digna de estima.

*Ernesto.* Permitta-me V. Ex.ª que diga...

*Todos.* Não negue, é verdade, é.

*(Marianna sáe do mirante e fica ao fundo.)*

*Ernesto.* Peço mil perdões; mas o que eu disse, é que entre duas pessoas que se estimam, não havia casamento desigual, sendo para mim sempre digno de louvor, um homem que não sacrifica a felicidade inteira da sua vida, a um preconceito absurdo. Foi isto só que avancei, e se V. Ex.ª me tivesse deixado acabar...

*Ernestina. (Impaciente.)* Pelo amor de Deus, não diga mais nada, não continue. É insupportavel, não ha meio de poder descutir com similhante adversario! *(Ás senhoras.)* Vamos. *(Dá alguns passos e vê Marianna a limpar os olhos).* Então que é isso, que tens?

*Os homens.* Bonita rapariga!

*Ernestina.* Que é que tens, que te mortifica? Dize.

*Marianna. (Limpando os olhos.)* Não faça caso, minha senhora, chorava...

*Ernestina.* Porque?

*Ernesto.* O motivo porque uma rapariga solteira chora, parece-me não ser difficil de adivinhar.

*Ernestina.* Se a culpa é quasi sempre dos homens... *(A Marianna)* Já sei porque choras... são ciumes do teu namorado; adivinhei?

*Marianna. (Chorando mais forte.)* Isso era bem bom que assim fosse, mas infelizmente...

*Ernestina.* Infelizmente, o que?

*Marianna.* Não o tenho.

*Ernestina.* Pois tu não tens sequer um homem para quem a tua vontade seja uma lei?!

*Marianna.* Já me contentava em o ter sem lhe pôr preceitos, mas nem assim!

*Todos.* Será possivel?!

*Ernestina.* E é por isso que choras?

*Marianna.* Se lhe parece que não tenho razão...

*Ernestina.* De certo, n'essa idade...

*Marianna.* Ora digam-me se isto não é para fazer desesperar uma santa! De todas as raparigas d'estes sitios, sou eu a unica que não acho quem me queira. Ainda se eu tivesse a culpa... *(Canta.)*

De ser tão mal succedida
Não sou a culpada a meu ver;
Para ser formosa e qu'rida,
Bem que emprego o meu saber.
De manhã ao pé do espelho
As horas correndo vão,
Compondo o laço e as fitinhas,
Logo vestindo o roupão
Ou penteiando as trancinhas!
E em toda a semana, assim,
Sou das mais enfeitadinhas,
Sempre é domingo p'ra mim.

E nada consigo
Mau fado me segue.
*Ernesto.* Pois nada consegue?!
*Marianna.* É certo o que digo.

*Ernesto.* Não acha?
*Marianna.* É verdade.
Não mette isto dó?!
*Ernesto.* Assim, n'essa idade...
*Marianna.* Então, nem um só!

Não falto ás danças e ás festas,
E entre os rapazes solteiros,
Não se encontram muitas d'estas
Com modos mais *captiveiros;*
Quando ha dois ao mesmo tempo
Convidando-me a dançar
E a mim se chegam ligeiros,
Não quero escandalisar:
Tomo o segundo e o primeiro,
E ás vezes a meu pesar
Acceito mesmo um terceiro.
E nada consigo, etc.

*Ernestina.* Ora vejam! Uma rosa sem haver quem a cubice!

*Ernesto.* É uma grande injustiça que lhe fazem!

*Todos.* É uma iniquidade!

*Marianna.* É tudo isso, é, sim senhores. Ha por ahi tantas que tem dois, quatro, até seis, e mais!... Por isso anda a gente á cata de um, e por mais que o procure... Estas avarentas é que teem a culpa.

*Ernesto.* E o caso é que lhe acho rasão, não obstante o modo inconveniente de se expressar.

*Ernestina.* Acha isso? N'esse caso vou protegel-a.

*Marianna.* *(Vivamente).* Terá tanta bondade que me vá dar algum d'estes?

*Ernesto.* Não lhe custaria muito...

*Marianna.* Não se arrependa de fazer bem, menina; os ricos é que devem dar aos pobres.

*Ernestina. (Olhando para todos).* Não posso dar-te um namorado com amplas garantias; mas vou emprestar-te um.

*Todos.* Emprestar!!

*Ernesto. (Aparte).* Temos excentricidade no caso!

*Marianna.* Muito obrigada por essa fineza. Olhe, em eu tendo um, apparecem logo mais; o que é custoso é arranjar o primeiro: depois verá quantos se chegam, são trinta cães a um osso! Olhe, em elle me não sendo preciso, juro que lh'o entrego.

*Ernestina.* Escolhe d'estes senhores aquelle que mais te agradar. *(Canta).*

A sympathia só deve
Decidir aqui, bem vês.

*Marianna.*

É por isso que me assusto,
São muitos d'uma só vez.

CÔRO

Ella assusta-se, ella hesita,
Toda treme e tem razão,
Que a sympathia só deve
Inspirar-lhe o coração.

*Marianna.*

É muito grande a abundancia,
E a mim quer-me parecer,
Se a minha vontade é livre
Que este só devo escolher. *(Designa Ernesto)*

CÔRO

Que tal! a rapariguinha
Que tem bom gosto provou,
Mostrando na sua escolha
Que a sympathia a dictou.

*Marianna.*

Eu não queria meus senhores,
Escandalisar nenhum,
Aqui porém a menina,
Não me empresta.... senão um!

CÔRO

Que tal! a rapariguinha, etc.

*Ernestina. (Áparte).* Excellente occasião para me vingar. *(Alto).* Sr. Ernesto de Barreto, determino, ordeno-lhe que faça a côrte pelo espaço de tres horas, a essa desfavorecida da fortuna.

*Ernesto.* Fazer a côrte a Marianna?!

*Marianna. (Dictando-lhe a mão).* Até que emfim apanhei um!

*Ernestina.* Creio que isto o não desgostará... vai até perfeitamente d'accordo com as suas idéas: *Logo que uma pessoa seja digna da estima...*

*Ernesto. (Baixo a Ernestina.)* Minha senhora, repare que similhante gracejo...

*Ernestina. (Idem.)* Tome sentido, lembre-se que decido hoje a minha escolha; quero experimentar até que ponto chega a sua obediencia. Se resiste, se hesita sequer, olhe que é bastante para o excluir.

*Ernesto. (Áparte).* Não ha remedio!

*Ernestina.* Vamos, minhas amigas; deixemos em liberdade os namorados, que devem ter que dizer.

*Todos.* Liberdade aos namorados! *(Sáem todos).*

## SCENA VII

ERNESTO *e* MARIANNA

*Ernesto. (Comsigo).* Esta agora então, vale por todas! é impossivel mudar aquelle genio. Se eu a não

amasse e se este casamento agora não fosse um capricho, partia immediatamente d'aqui.

*Marianna. (Áparte, olhando para elle).* Como é acanhado!

*Ernesto. (Idem).* E em quanto me impõe esta ridicula condição, está ouvindo as lisonjas que elles se não fartam de lhe repetir.

*Marianna. (Idem).* Sempre quero vêr como são os namoros entre as pessoas finas... A julgar pelas maneiras politicas, devem saber dizer palavras muito lindas!

*Ernesto. (Idem.)* A minha vontade era deixar o posto que me deu e ir ter com ella; mas se deserto, é capaz de me não perdoar.

*Marianna. (Idem.)* Então, não querem lá ver?!... Não me dá palavra!... nem ao menos se chega.... Parece que não faz caso de mim. *(Alto).* Sr. Ernesto, ó sr. Ernesto?

*Ernesto. (Sem olhar).* Está bom, não grite.

*Marianna.* Está bom!... está máu, muito máu, digo eu. Olhe que se continua a voltar-me a cara d'esse modo, deixo-o ficar para ahi e vou fazer queixa á menina.

*Ernesto.* Socegue, que o caso não pede tanto.

*Marianna.* Então porte-se como deve. Ora se ha alguem mais infeliz do que eu! Até os que são obrigados a namorar-me, até esses fogem de mim! Ainda se eu fosse feia de metter medo....

*Ernesto.* E o caso é que ella tem razão... *(Approximando-se d'ella).* Vamos, aqui me tem; estou prompto para desempenhar o meu novo emprego.

*Marianna.* Não lhe disseram que fosse amoroso, e que me obedecesse?... Se é assim que faz o que lhe mandam....

*Ernesto.* Aqui estou.

*Marianna.* Nada, ahi é muito longe; aqui, aqui mais ao pé de mim.

*Ernesto. (Reparando bem n'ella).* Ainda não a tinha visto bem ao pé... E o caso é que não é de todo má... *(Chegando-se mais).* Uma vez que estou servindo provisoriamente de seu namorado, entendo que devemos ser francos, usando de plena confiança um para o outro. *(Com modo agradavel).* Ora diga-me com sinceridade : é certo que esses lindos olhos ainda não fizeram palpitar um coração? É verdade que não ama ninguem?

*Marianna.* Eu!

*Ernesto.* Falle a verdade, que é para seu interesse que lhe pergunto isto. Eu não sou aqui mais do que um amante de brincadeira, e ainda assim, é só por alguns momentos, em quanto que um amigo, poderei sel-o sempre.

*Marianna.* O senhor parece tão boa pessoa, que seria muito mal feito enganal-o.

*Ernesto.* Bravo! temos effectivamente um namorado verdadeiro?

*Marianna.* Isso é conforme... *(Baixando os olhos).* Preciso primeiro entender-lhe o que diz. É alguem a quem se ama ou alguem que nos tem amor?

*Ernesto.* Alguem que nos tem amor.

*Marianna.* Então n'esse caso, não tenho nenhum, porque sou eu só que amo.

*Ernesto.* Não é possivel! tão nova, com tão bonitos olhos!...

*Marianna.* Então, são cousas minhas; ninguem ainda deu por elles. Olhe, esse mesmo de quem eu lhe fallava... *(Canta).*

Quero-lhe e volta-me o rosto
Porque não tenho riquezas;
Achal-as desejaria
A par d'algumas bellezas,

Porque então me vingaria;
Se a fortuna me sorrisse,
Roto e pobre, ao pé que o visse,
Inda assim o escolheria.

*Ernesto.* *(Declamando).* Ora, diga-me cá, e ama tanto esse ingrato como aquelle que está agora occupando o logar que devia pertencer-lhe?

*Marianna.* *(Perturbada, canta).* Eu lhe digo...

Acham-n'o meio pateta
E o senhor é mais sagaz;
Elle é grosseiro, e diria,
Que em tudo lhe fica atraz.
Porém se em voz maviosa
Me dissesse alegre um dia;
«Vem tu ser a minha esposa....»
Era a elle que escolhia.

*Ernesto.* *(Áparte.)* Pobre rapariga! Se Ernestina pensasse como ella!...

*Marianna.* Que tem, que está tão pensativo?

*Ernesto.* Se lhe parece... quando uma pessoa estima alguem, não gosta de lhe ouvir dizer que ama outro.

*Marianna.* O senhor que morre pela menina e que está agora ausente d'ella, deve saber avaliar isso bem. Olhe, para lhe confessar a verdade, estou já arrependida de o ter escolhido, porque não gosto de causar mortificações a ninguem. Se quer, vá-se embora, vá ter com ella.

*Ernesto.* Isso não faço eu agora. Oiça-me Marianna; interesso-me pelo seu futuro; visto que me deu a preferencia, é do meu dever protegel-a, assegurando a sua felicidade.

*Marianna.* Isso não é tão facil como parece.

*Ernesto.* Não ha de ser tambem tão difficil como julga. Ha de haver algum meio para resolver aquelle

que lhe inspirou a affeição que sente. Depois, se fôr teimoso, ha por ahi tantos...

*Marianna.* Tantos! eu tenho passado a minha vida á cata de um!

*Ernesto.* Sendo um rapaz honrado, de boas qualidades, amigo de trabalhar... Uma rapariga sempre acha pertendente.

*Marianna.* Pois julga?...

*Ernesto.* Aqui estou eu, que devendo cumprir a minha missão, devo ser o primeiro... *(Querendo abraçal-a).*

*Marianna.* Agradeço-lhe a fineza, mas senhor... lá isso não!

*Ernesto.* *(Vai para a abraçar, mas suspende-se vendo Nicolau e Fernando que entram.)* Olá! que temos?

## SCENA VIII

*Os mesmos*, Nicolau *e* Fernando

*Nicolau.* *(Parando admirado).* Perdão, meu senhor, eu...

*Marianna.* *(Áparte).* Fernando!

*Ernesto.* Que me querem?

*Fernando.* *(Perturbado).* Não sei se venho *estrovar...*

*Nicolau.* *(A Ernesto).* É aqui o Fernando, o rendeiro do sr. Barão, que deseja fallar ao sr. morgado a respeito de uma vinha que elle quer pedir que lhe afóre.

*Ernesto.* Fernando?

*Nicolau.* É um excellente e honrado rapaz, que tomo a liberdade de recommendar a V. S.ª

*Marianna.* É um rapaz de muito boas qualidades, que eu tambem me atrevo a recommendar.

*Ernesto*. Está bom, visto que se interessa por elle, fallaremos.

*Fernando*. *(Que se chega a Nicolau)*. Parece-me que pegam as bixas... que diz *vuncê?*

*Ernesto*. Preciso escrever ao tabellião da villa no mesmo instante. Haverá ahi quem lá vá, sr. Nicolau?

*Nicolau*. *(Áparte)*. Não tem que ver, é por causa do fôro. *(Alto)*. Alli no mirante acha V. S.ª tudo quanto é preciso para escrever. O André irá levar a carta.

*Ernesto*. E encontrar-se-ha agora o tabellião?

*Nicolau*. É natural, porque reune hoje em casa muita gente aqui dos arredores, para as escripturas da venda das terras do conde.

*Ernesto*. É boa occasião. *(Entra no mirante com Nicolau)*.

## SCENA IX

FERNANDO *e* MARIANNA

*Fernando*. *(Áparte)*. Sempre deitaram cada olhadura um ao *oitro!...* *(Alto)*. Que dialho *le* queria o *sôr* morgado quando eu aqui *cheguê?* Que *le* estava elle a dizer?

*Marianna*. Elle, quem?

*Fernando*. Ora faça-se de novas. O *sôr* morgado.

*Marianna*. Ah!... Dizia-me... dizia-me que morria de amores por mim.

*Fernando*. *(Rindo)*. Ah! ah! ah!... Morrer de amores por *vuncê!...*

*Marianna*. Por mim, sim senhor. E dizia-me cada fineza...

*Fernando*. *(Áparte)*. *Então, nâ* está pateta a rapariga! *(Alto)*. *Vuncê nâ* vê que elle é todo chegado

ás *fidalgarias?...* Se *le* metteu essas pataratas na cabeça, foi por *escarnicação!*

*Marianna. (Olhando-o com desdem).* Engana-se...

*Fernando.* Ora... lá entre a gente da sua *colidade ten* muita somma de moças de se *le* tirar o chapeu!

*Marianna.* São todas muito presumidas e por isso não gosta d'ellas.

*Fernando.* Nunca me viria á idéa do pensamento que o *sôr* morgado désse d'olho a uma rapariga *d'oitra especia!... Nâ* tenha *duveda* que está *ben* servido!

*Marianna. (Áparte).* Mal creado!

*Fernando.* Eu cá tenho bom olho; sabe o que fiz?... *(A meia voz).* Tomei o seu conselho; levo á egreja a *Jaqina* Galleota.

*Marianna. (Áparte).* Valha-me Deus! *(Alto, perturbada).* Então sempre se resolveu?

*Fernando.* É como diz. Encontrei agora a tia Galleota, que me disse: «Logo que *vuncê* afóre a vinha do *sôr* morgado, lá *ten* a *Jaqina* ás órdes.

*Marianna. (Áparte).* Jesus!

*Fernando.* Como o negocio do foro vai *ben*, estou *assocegado. (Reparando na perturbação de Marianna)* Mas que dialho *ten vuncê?...* Está da côr de limão!

*Marianna.* Nada... isto não é nada... Dou-lhe os parabens...

*Fernando. (Olhando).* Espere, elle ahi vem.

## SCENA X

*Os mesmos,* Ernesto *e* Nicolau, *que entram conversando baixo.* Andre *apparece ao fundo.*

*Nicolau.* V. S.ª costuma censurar as estravagancias da menina; mas tambem ás vezes tem algumas.

*Ernesto. (A meia voz).* Silencio!

*Nicolau.* Agora não ha de faltar quem a queira.
*Ernesto.* É isso mesmo o que eu desejo. (*Vendo André ao fundo*). André, vai levar immediatamente esta carta a casa do tabellião.
*André.* Vou n'um pulo. (*Sáe correndo*).
*Ernesto.* (*A Fernando*). Agora, aqui me tem ás ordens.
*Marianna.* (*Detendo Ernesto*). Então, fóge-me ainda outra vez?
*Ernesto.* E um instante só.
*Marianna.* (*A meia voz*). Lembre-se que tenho só tres horas, e que se continua a fugir de mim por esse modo...
*Ernesto.* Volto já.
*Marianna.* (*Idem.*) Pois sim, mas antes de se ir embora, quero dizer-lhe uma coisa.
*Ernesto.* Ora diga lá.
*Fernando.* (*Aparte.*) Como ella *ten* mão n'elle!
*Marianna.* É... (*A Fernando e Nicolau que se approximam para ouvir*) Fazem favor de se affastar... (*Os dois affastam-se e conversam baixo.*)
*Ernesto.* Dizia...
*Marianna.* O senhor está aqui fazendo as vezes de meu namorado, não é assim?
*Ernesto.* É verdade.
*Marianna.* E um namorado deve obedecer em tudo; não é isto?
*Ernesto.* Exactamente.
*Marianna.* Então, essa vinha que Fernando lhe quer aforar...
*Ernesto.* Socegue; já m'o recommendou e não me esqueço; ha de ser attendido.
*Marianna.* Não, não, ao contrario; desejava antes que lh'a não aforasse.
*Ernesto.* Então é outro caso. (*Olhando para Fer-*

*nando e áparte.*) Pobre rapaz! E eu julgando que fosse este! (*A Marianna.*) Como assim o quer, ha de ser satisfeita.

*Marianna.* Obrigada.

*Ernesto.* Tenho muito que lhe dizer... (*Fallando-lhe ao ouvido.*) Bem sabe... a respeito do outro... Em sendo duas horas.

*Marianna.* Não me esquece. (*Olhando de revez para Fernando.*) Até logo.

*Ernesto.* Vamos, Fernando. (*Entra no mirante seguido por Fernando.*)

*Fernando.* Prompto. (*Aparte, saindo*) Não ha que vêr, Marianna fallou-lhe por mim.

## SCENA XI

NICOLAU, E MARIANNA

*Nicolau.* Então, vio-se lá nunca uma coisa assim!... Um conto de réis de dote a Marianna! O peior é que vai encarregar o tabellião de o participar aos rapazes cá do sitio. Ella ainda ignora tudo... serei o primeiro á bica... Vejamos que tal me sáio... (*Chamando.*) Marianna? ó Marianna? (*Chegando-se para ella.*)

*Marianna.* (*Aparte.*) Ai, Jesus! o mostrengo do feitor!... Aposto que vem ralhar comigo?

*Nicolau.* Anda cá, chega-te para aqui, Marianna, dou-te licença. Não sabes? tenho que te dizer.

*Marianna.* Aqui estou, que me quer? (*Aparte.*) Que bom modo que tem hoje!

*Nicolau.* Tu bem sabes que me interesso por ti... vi-te nascer, tenho sido sempre teu amiguinho, não é verdade?

*Marianna.* Ninguem tal dirá! Se é ser meu ami-

go andar sempre a gritar atraz de mim: «maldita rapariga! — Diabo da rapariga! — Desastrada! — Delambida!...

*Nicolau.* Porque te deitam a perder com mimos e tolices... (*Tomando-lhe as mãos*) As minhas reprehensões eram para teu beneficio... eu sempre te tive amisade, sempre... Olha, vem aqui para este lado... não quero que nos ouçam d'ali. (*Fallando-lhe ao ouvido e esfregando as mãos.*) Hein?

*Marianna.* Falla sério?

*Nicolau.* (*Como acima.*) Que tal?

*Marianna.* Sim?!

*Nicolau.* (*O mesmo.*) E então?

*Marianna.* Meu Deus, que está dizendo... casar comigo! Eu, uma pobre rapariga, mulher do feitor do sr. Barão!

*Nicolau.* Cuidado, falla mais devagarinho.

*Marianna.* Depois, quasi que podia ser meu avô...

*Nicolau.* Teu avô! Eu tenho cincoenta e tantos,.. Olha que tu não és tão pobre como pensas... és rica, minha tontinha... Então esses olhos não valem nada? não são dois diamantes de preço?... E essa boquinha que parece um botão de rosa?... (*Aparte.*) Realmente, não sei porque não sympathisam com esta rapariga! Tenho reparado agora que não é tão má como a fazem.

*Marianna.* (*Á parte.*) Ora aqui está um que ainda agora se lembrou de mim!

*Nicolau.* Então que dizes?

*Marianna.* Não digo que não, nem que sim.

*Nicolau.* Diabo! isto é tão duvidoso... tão incerto...

*Marianna.* É preciso que eu veja primeiro se o amor que me diz ter é sincero.

*Nicolau.* Então que havia de ser, minha flôr?...

*(Caindo-lhe aos pés)* Olha, em quanto a isso, juro-te...

*Marianna.* Não jure, que é muito duvidoso... é muito incerto.

*Nicolau.* Então, magana?...

*Marianna. (A parte.)* Se Fernando visse isto...

*Nicolau.* Está decidido o negocio?

*Marianna. (Inquieta.)* Por em quanto não... veremos, mais tarde...

*Nicolau.* Que tens, que estás tão agitada?...

*Marianna.* E que essa posição... bem sabe, quando se não está acostumada...

*Fernando. (Sahindo do mirante.) Oitro!!*

*Marianna. (Dando um grito.)* Ai!

*Nicolau. (Levantando-se — A parte.)* Que mil demonio o levem! No maior calor do meu discurso! *(Sáe.)*

## SCENA XII

### Fernando e Marianna

*Marianna.* Olé! ainda por aqui outra vez, Fernando?

*Fernando. (Despeitado.) Desculpará-me* se vim *estorvar!*

*Marianna.* Que cara tão feia que fez para dizer isso!

*Fernando.* Eu cá tenho as minhas *razães... Sã* todas as arrelias a cahir ao *mêmo* tempo! O *Sôr* morgado *nã* se fartou de fallar em *voncê:* «a Marianna *ten* bons olhos! a Marianna é uma rapariguita engraçada e esperta; a Marianna cá, a Marianna lá...» Era um nunca acabar de finezas!

*Marianna.* E é por isso que está assim tão agastago?

*Fernando.* Não é só isso, que me arrelia; o que

me faz môer cá por dentro, é *nã* me querer aforar a vinha,

*Marianna.* *(Com alegria.)* Não quiz?... Coitado!... Sempre lhe havia de fazer muito desarranjo!.... *(Á parte.)* Como é bem mandado!

*Fernando.* E agora, quando venho ter com *voncê* que me dá sempre bons *consêlhos*, topo com o giboia do *fêtor* ahi feito macaco!

*Marianna.* Então porque foi que o sr. Ernesto lhe não quiz aforar a vinha?

*Fernando.* Eu *sè* lá!... Elle tratou-me com muito bom modo, mas *nã* esteve com *estifações* comigo. Ó menina Marianna, que dialho estava aqui fazendo de cócras o foinha do Nicolau?

*Marianna.* Estava-me dizendo... nem eu sei já o que elle me dizia; mas fallemos do que interessa... Então o sr. morgado prometteu já aforar a vinha a alguem?

*Fernando.* *Cáes!*... O *sôr* morgado nã era capaz d'isso. Nã póde *agoira* tratar do *gonocio*; mas prometteu-me que fallariamos lá para o diante. Diga-me cá *vuncê agoira*; que *se* estava ahi a prégar o ginja do *fêtor?*

*Marianna.* Estava fallando... Sim, dizia...

*Fernando.* Desembuche, com a breca!

*Marianna.* Dizia qne me tinha um amor verdadeiro, que era bonita e... e que queria casar comigo,

*Fernando.* Hein? Casar!... Ora o *velhorro* d'uma figa!

*Marianna.* *(Á parte.)* Vae tomando ferro... bem! *(Alto.)* E apertava-me com tanta força a mão, que até m'a fez doer.

*Fernando.* Se aquillo é *mêmo* um brutinho!

*Marianna* Lá isso não digo eu, porque ao mesmo tempo sempre me deitava um olhar tão meigo!...

*Fernando.* Ora o *lagraticha tanben* mettido em danças!... Mas *vuncè*, menina Marianna, vuncê *abanou-le* as orelhas, hein?

*Marianna.* Assim era eu tola!... Uma rapariga nunca despacha mal um pertendente.

*Fernando.* Ora vejam-se n'este espelho!... Inda *agoira* rosnava *vuncê* das *oitras*, que eram *voluveles*, que *nã* guardavam a fé da lealdade, e sáe uma da *mêma* classia!

*Marianna.* Que está dizendo?!

*Fernando.* A verdade. *Vuncê* já trazia á roça o *sôr* morgado, pensa que eu *nã pesquê?* Então eu tenho *volidas* ou *carrapatas* nos olhos?

*Marianna.* Mas que fiz eu?

*Fernando.* *Nã* me *quêra* fazer *toupêra!* Pois *vuncê* ha de negar que dá audiencia a àmbos e dois!

*Marianna.* Que tem lá isso? Um é para namorar, e outro para casar.

*Fernando (Á parte)* É levadinha da breca! ninguem le pranta o ninho atraz da orelha! *(Olhando para ella e arregalando o olho)* E *nã* é feia assim de lado... parece *inté* mais bonita... E eu que ainda a *nã* tinha visto de lado!

*Marianna.* *(Áparte, olhando para elle surrateiramente.)* Parece-me que pega d'esta...

*(No momento em que Fernando vae para lhe fallar, entra André que vem ao meio d'elles.)*

*Fernando.* *(Vendo André,)* Diabo! *nã* ter elle esmagado um pé no caminho!

## SCENA XIII

*Os mesmos, e* André

*André.* *(Estafado.)* Menina Marianna! menina Marianna!

*Fernando. (A André que traz uma porção de cartas na mão)* Que queres? Despacha-te.

*André.* Nã é a *vuncê,* é á menina Marianna que eu *préscuro.* Aqui *ten* estas cartas que me deram para *le* entregar. *(Dá-as a Marianna.) Ven* de casa do *tambalião.*

*Fernando.* Pucha-te, põe-te ao fresco, anda. *(André sáe, olhando para elle com mau modo.)* Cartas... *tambalião...* que dialho quer isto dizer?...

*Marianna.* Eu sei lá... a mim nunca ninguem me escreveu... E faziam bem, porque não perdiam o tempo... Vocemecê que sabe ler, veja lá o que isso é. *(Dá-lhe as cartas.)*

*Fernando.* Com muito gosto; ler sei eu como um letrado. *(Abre uma carta e soletra).* Ó *sôra* Marianna, isto é um H? É, é. Ha-h, m-u-i-t-o — ha muito que eu s-i-n-t-o p-e-l-a sua pes-so-a... uma es-ti-ma-ção...

*Marianna.* Espere lá... é uma carta d'amor, pois não é?

*Fernando.* Está bem *escrevida, nã* haja *duveda! nã ten nen* raça *d'apontulação nen dostrographia!*

*Marianna.* Isso não faz ao caso. entende-se bem. Diz ahi quem me escreve, que me estima, não é isto? Continue, veja o resto.

*Férnando. (Lendo a assignatura.)* Jo-ão Lu-iz... É do João Luiz... Logo vi!

*Marianna.* Ah! o João Luiz canteiro. — É um bonito rapaz com quem engraço.

*Fernando (Despeitado)* O que elle é, é um bruto do tamanho da *mimoria* do Terreiro do Paço!

*Marianna* E os outros? Leia lá...

*Fernando.* Está *ben* apressada... Deixe estar que *nã* fogem. *(Vendo as outras cartas.)* É tudo a *mêma* cantiga!

*Marianna.* E todos elles querem casar comigo?

*Fernando (Lendo as assignaturas)* O Zé Ferreira, o Grigorio Diniz, o André *Loirenço,* e João Baptista, *Manel* Ignacio. — Sempre *le* digo, que todos elles *nã* valem meio! — E da sucia toda, *cal* é que *vuncê* escolhe?

*Marianna. (Olhando para elle de revez.)* Eu sei lá... póde ainda apparecer mais algum...

*Fernando. (Aparte.)* E é *ben* pensado... Então ainda eu estou a tempo... Para dizer a verdade, ella por ora *nã* tem *senã* dois; o *sôr* morgado, e o *fêtor*. Serei eu o *terceiro,* e o numero trez *nã* é mau. Se eu me podesse *desacanhar...* Estou vai nã vai a atirar-me, mas nã sei o que *le* hei de dizer... *(Alto.)* Ô menina Marianna, menina Mariannninha?

*Marianna. (Chegando-se.)* Que é que me quer?

*Fernando.* Era... *nã* era nada... *(Aparte.)* Valha-me Deus, que já me ia esquecendo da *Jaqina* Galleota, com *quen* tenho a palavra empenhada!... Se eu a podesse empenhar com ambas e duas, éra uma para cada braço! *(Dão duas horas)* Nã *sê* que faça.

*Marianna.* Jesus! Duas horas, e o sr. Ernesto á minha espera!

*Fernando.* O *sôr* morgado?...

*Marianna.* Prometti de ir ter com elle ás duas horas.

*Fernando.* Para que?

*Marianna.* Eu sei lá!

*Fernando.* E a menina vai?

*Marianna.* Se lhe parece que não devo ir... Eu cá em dando a minha palavra, não falto *(Olhando para o fundo.)* Espere, lá anda elle já.

*Fernando. (Querendo detel-a.)* Oiça cá, menina Marianna; escute, que eu *tanben tênho* que *le* dizer.

*Marianna.* Logo, fica para outra occasião. *(Aparte,*

*livrando-se d'elle e correndo.)* Isto lhe servirá para não ser atado. *(Sáe.)*

## SCENA XIV

### Fernando, *depois* Ernestina

*Fernando.* Menina Marianna, oiça... E lá se vai como um foguete! Lá se some entre o *alvoredo*... Lá se chega a elle.... e eu aqui feito um javardo!

*Ernestina.* *(Entrando.)* Então que faz por aqui, Fernando?

*Fernando.* Eu... eu não faço nada, menina!

*Ernestina.* Viu o sr. Ernesto?

*Fernando.* Se o vi... vi, vi, e antes o *nã* topasse!

*Ernestina.* Porque diz isso?

*Fernando.* Porque?... A menina ainda pergunta porque?

*Ernestina.* De certo.

*Fernando.* *Perdôara-me*, mas é que eu *topê-o* aqui com a Marianna ás voltas. Olhe, o que eu aposto é que...

*Ernestina.* Ande, acabe.

*Fernando.* *Arrasta-le* a aza, a ella! Vi e ouvi tudo! *Estã* afferrados e já ninguem d'ali os tira.

*Ernestina.* Isso foi uma brincadeira, um gracejo para nos divertirmos.

*Fernando.* Ah! chama-se áquillo uma *brincadera* para divertir!... Olhe, esta manhã, quando eu ahi *chegué*, estava elle *furtando-le* um abraço, assim como *nã* queria a coisa!

*Ernestina.* Será verdade!

*Fernando.* Se é... e olhe que o *sôr* morgado é capaz de fazer tolice, *digo-lo* eu!

*Ernestina.* Agora que eu acabo de dizer a meu

pae, que estava decidida a acceital-o por meu marido!

*Fernando. Pagou-le ben....* Eu sempre queria que a menina o visse aqui ao pé d'ella, ás finezas, e *deitando-le* cada olho... Ha um instante *mêmo*, precisava eu dar uma palavra a Marianna, mas *nã* me quiz ouvir, porque deram duas horas, e o *sôr* Ernesto estava esperando por ella.

*Ernestina* Não posso crer no que me diz.

*Fernando.* Pois vá a menina por ahi fóra, que ainda o apanha. (*Olhando.*) Olhe, elle ahi *ven*. *Preguele* um sermão que o *dèxe* de cara á banda!

## SCENA XV

*Os mesmos, e* Ernestina

*Ernestina. (Encarando Ernesto.)* O senhor aqui? não o esperava. Fallou com meu pai?

*Ernesto.* Não, minha senhora.

*Ernestina,* Que tem, senhor, está com ar de quem procura alguma coisa? Já sei, ha de ser talvez essa rapariga...

*Ernesto.* Ha um instante ainda que a deixei...

*Fernando. (Baixo a Ernestina.)* Eu *nã* l'o disse?

*Ernestina. (Com ironia.)* Estou deveras admirada da paciencia com que supportou esse gracejo...

*Ernesto.* Não é tanto um gracejo que se não possa achar n'elle uma realidade tambem. Estou ainda em divida com V. Ex.ª dos meus agradecimentos, porque esta estravagante prova porque me quiz fazer passar, decidi-o o futuro da minha sorte

*Ernestina.* Que diz?

*Ernesto.* Digo a V. Ex.ª que cada qual tem os seus

caprichos: demais, desenganei-me que era impossivel agradar-lhe...

*Ernestina.* Não procure desculpar-se que é inutil.

*Ernesto.* Ninguem é senhor dos impulsos do seu coração... foi isto exactamente o que me aconteceu com essa rapariga, que me parece bastante engraçada.

*Ernestina.* (*Despeitada.*) É demais!

*Fernando.* (*Choramingando.*) *Nã*, lá isso demais *nã* é; pouco acho eu ainda... aquillo é uma rapariga que merece tudo!

*Ernestina.* Acabemos com isto: o senhor ama-a, não é assim?

*Ernesto.* Creio que não contrahi com V. Ex.ª obrigação de lhe confessar os meus sentimentos...

*Ernestina.* Mas eu adivinho-os, e não consentirei em similhante escandalo feito na casa de meu pai, e em minha offensa. Pouco me importa que o senhor ame ou deixe de amar esta ou aquella; que lhe corresponda ou não; isso é completamente indifferente para mim. Velar porém pela sorte de uma rapariga que nos foi confiada, é um dever. Protesto lhe, senhor, que me hei de oppôr aos seus indignos projectos.

*Ernesto.* Permitta-me dizer-lhe que se engana: como V. Ex.ª dizia ainda esta manhã, não é um preconceito vão que me prende. O meu projecto, pois, e creio que não poderá oppôr-se a elle, é casar com Marianna.

*Fernando.* Heins? que disse elle?... casar com Marianna!!!

## SCENA XVI

*Os mesmos, e* MARIANNA

*Marianna.* (*Vestida como se fosse de noivado.*) Parece que não me falta nada.

*Fernando.* Aquelle amanho. . aquella tafularia!...

*Marianna.* (*Á Ernestina.*) Não disse que me havia de casar?... Cá pela minha parte, está tudo prompto... só me falta o marido.

*Fernando.* (*Áparte.*) Esta *nã* esperava eu ainda!... Valha-me Deus!

*Ernestina.* (*Áparte.*) Já me não resta duvida. Preciso esconder o meu desespero... (*Sáe.*)

*Ernesto.* (*Áparte.*) Ha de aproveitar d'esta lição. (*Sáe.*)

## SCENA XVII

MARIANNA *e* FERNANDO

*Marianna.* Diga-me cá, Fernando; que foi isto que succedeu?... Então chora?! Que tem, Fernando, o que é que o afflige?

*Fernando.* Ainda m'o vem *préguntar?* A menina é que tem a culpa!... (*Dobrando as abas do chapéo e limpando os olhos ao punho.*) Sim, quem tem a culpa é a *sôra* morgada!

*Marianna.* Senhora morgada!... Quem lhe metteu isso na cabeça?

*Fernando.* Visto que o *sôr* morgado gosta da menina, que a leva á Egreja, *vuncê* fica sendo a *sôra* morgada e *nã* me tornará mais a dar conselhos.

*Marianna.* Eu, mulher do sr. Ernesto! Será possivel! Foi elle que o disse, está bem certo, Fernando, ouviu-lh'o dizer?

*Fernando.* A menina *nã* o sabe?

*Marianna.* Duvida de mim, Fernando?

*Fernando.* Eu é que sou o culpado de todo; sou eu, que *nã* me me atrevia a *dizer-le* o *formiguêro* que me *ten* gerado cá dentro do *pêto!*

*Marianna.* Olhe Fernando, tenha paciencia, con-

sole-se; ainda que eu venha a ser ahi a senhora morgada, quem ha de ficar com o fôro da vinha, é vocemecê, prometto-lh'o eu.

*Fernando.* Bem me importa isso já! Eu dava agora todos os fóros das vinhas todas do mundo, para pôr embargo a este casamento.

*Marianna.* Então porque?

*Fernando.* Porque eu *nã* quero que *vuncê* seja morgada.

*Marianna.* Ora essa!

*Fernando.* *Nã* quero, já disse; *assuceda* o que *assuceder!* eu sinto uma *verdadêra estimação* pela sua pessoa, e estas *martificações*, se nã *ten* dó de mim, *hã de* acabar por me atirarem os ossos á *sipultura.*

*Marianna.* Não creio que me tenha amor, senão já m'o tinha dito ha mais tempo.

*Fernando.* Nã tenho?... pois nem um pombo quer mais á sua pomba, do que eu *le* quero, *sôra* Marianna!

*Marianna.* Mas porque m'o não disse ha mais tempo?

*Fernando.* Eu tinha la *duveda* n'isso!... Mas o *sôr* Ernesto adiantou-se, e *fiquê* como se um raio me tivesse varado!

*Marianna.* Ora ainda bem que se explicou. O peior foi ser já tão tarde.

*Fernando.* Todo o tempo é tempo, menina Marianna.

*Marianna.* Oiça cá, Fernando; vocemecê é muito bom rapaz e não ha de querer que eu dê de mão á felicidade que me bate á porta.

*Fernando.* Olhe, menina Marianna, se me deixa a mim para ir dar a *oitro* esse coração que devia ser meu, *disgraço-me*... mato-me... deito-me ao primeiro poço que encontrar.

*Marianna.* Jesus! que está dizendo?

*Fernando.* Eu cá *nã* sou de meias medidas, *ben* sabe que me chamam por *hi* o cabeçudo; porque o que digo — faço.

## SCENA XVIII

*Os mesmos* ERNESTINA, *e depois* ERNESTO, NICOLAU E CONVIDADOS

*Ernestina.* Não posso deixar de me inquietar; até meu pai diz que sou eu que tenho a culpa! *(Vendo Marianna)* Ainda bem que a encontro, Marianna... Está muito satisfeita não é assim?

*Marianna.* Valha-me Deus, parece que lhe fiz mal... Eu não tenho culpa de nada, juro-lhe...

*Ernestina.* Basta! O seu procedimento é indigno. Não pense que é pelo comportamento do sr. Ernesto que assim lhe fallo; porque me não deixa o mais ligeiro pezar, nem a mais leve lembrança. A inconstancia de que é dotado, e a eleição que acaba de fazer, provam que não merece a minha estima. Isto, porém, não justifica nem desculpa a sua ousadia, Marianna.

*Marianna.* Bem sei que fiz mal, que abusei, porque a menina só m'o tinha emprestado.

*Fernando.* Fêl-a bonita!

*Marianna.* Eu devia entregar-lh'o, mas não sei como hei de fazer isto, porque o sr. Ernesto é que está embirrante, e não consente...

*Ernestina.* (*Aparte.*) Não consente! É inaudito! é espantoso! (*Alto.*) Oiça, Marianna: eu não pertendo coisa alguma do sr. Ernesto, ao contrario, aborreço-o e detesto-o.

*Fernando.* E eu *tamben* já le tenho *gana!*

*Ernestina.* O que eu não posso nem quero supportar, é que elle me offenda impunemente.

*Fernando.* Nem eu *tamben.*

*Ernestina.* Quero vingar-me d'elle, quero fazel-o desesperar, e tomo a meu cuidado o teu futuro; caso-te com quem tu quizeres, se fores immediatamente declarar na presença de meu pai, diante de toda essa gente que ahi está, que não amas o sr. Ernesto, e que não queres casar com elle.

*Fernando.* Isso, bravo! assim é que é matal-o.

*Ernestina.* Dirás que amas outro...

*Fernando.* Tal e *cal*, isso é que é de o pôr de cara á banda!

*Ernestina.* Outro, seja quem fôr; percebes?

*Fernando.* *Verbi e gracia,* eu que sou bom rapaz e firme que *nen* uma rocha: a menina Marianna bem o sabé.

*Marianna.* Jesus! não sei como hei de fazer o que me pede!

*Fernando.* Isso custa pouco; é dizer-le «passe muito *ben*» e está acabado.

*(Ernesto apparece ao fundo.)*

*Marianna.* Para dizer a verdade, eu não gosto muito d'elle para meu marido... antes escolhia outro.

*Ernestina.* Então, vamos, decide-te.

*Marianna.* Custa-me tanto ir desgostal-o... é um senhor tão cortez... Depois, que aproveita d'isto, se lhe quer mal e se elle ha de por fim casar com outra?... Se a menina o amasse, lá isso era outro caso

*Fernando.* (*A Ernestina.*) *Diga-le* que sim, senão ella *nã* le dá de mão.

*Ernestina.* E se assim fosse, decidias-te?

*Marianna.* Se assim fosse...

*Ernestina.* Pois se é preciso confessal-o, sabe que ainda o amo.

*Ernesto. (Fazendo signal aos seus amigos que se aproximam.)* Não ouvem? Posso finalmente dizer que sou feliz!

*Ernestina.* O senhor estava aqui?! *(Ernesto diz-lhe um segredo.)* Pois foi meu pai quem me preparou esta conspiração?... Hei de ralhar com elle... e dar-lhe um abraço ao mesmo tempo.

*Nicolau (Baixo a Ernestina.)* No fim de contas, menina, diga lá o que disser, é um excellente moço.

*Ernestina.* (*Sorrindo.*) Tem razão, eu é que devo emendar-me, não tornando mais a ser caprichosa com elle. Então, Marianna, que tens que estás tão triste? em que scismas?

*Marianna.* Não tenho nada... scismo que trabalhei por andar á cata d'um namorado, e que tenho de ficar solteira, que é o peior. (*Dão tres horas.*)

*Ernesto.* Ouve? São tres horas.

*Marianna.* É verdade... ahi lh'o entrego, menina, e com muito prazer, porque emfim, sempre havia de ter pena de deixar este pobre Fernando que me estima deveras.

*Fernando. (Limpando a testa á manga da jaqueta.)* Apre! estou ainda em suore frios!

*Marianna.* Lembre-se que não rica, tome sentido...

*Fernando. Nã* me falle cá n'essas coisas... o seu coração é o dote que eu quero.

*Ernesto.* Não, o seu dote fica a meu cuidado.

*Ernestina.* E o seu enxoval ao meu.

*Ernesto.* Em quanto ao fôro da vinha, meu rapaz, conta com elle.

*Marianna.* (*Estendendo a mão a Fernando.*) Não lhe dizia eu que lh'o havia d'alcançar?... (*Canta ao publico.*)

Se o permittis vós agora
Fazei favor de me ouvir;
Vou-me casar sem demora
E ao festejo hão de cá vir
Que sou eu que vos convido,
E a bôda me haveis d'honrar.

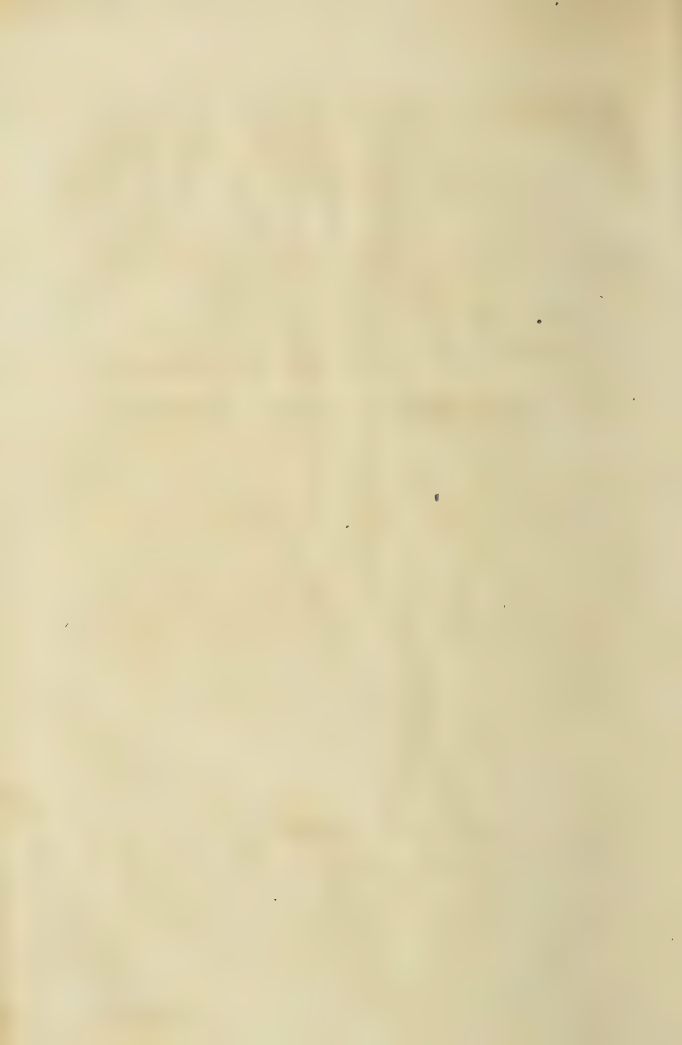
*Fernando*

E eu cá que sou o marido
Tambem vos vou convidar
Que eu aqui por mal polido
Nunca gostei de passar.
Era caír-vos nas unhas
E o padre cura embirar
Por falta de testemunhas
E o laço não se apartar!

CORO GERAL

Que a falta de testemunhas
Os deixará por casar.

*(Cáe o panno.)*

FIM DA COMEDIA

# FURTO ABENÇOADO

## COMEDIA EM 1 ACTO

Traduzida por

ERNESTO BIESTER

Representada no Theatro de D. Maria II

LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

1863

## PERSONAGENS

| | | |
|---|---|---|
| **Montaudoin**.................. | SR. | SARGEDAS. |
| **Penuri**......................... | » | CESAR DE LIMA. |
| **Carlos**........................... | » | CORREIA. |
| **Lemartois,** tabellião......... | » | MOREIRA. |
| **Elisa Montaudoin,** mulher de Montaudoin............ | SR.ª | DELPHINA. |
| **Julia,** sua filha.................. | » | M. DAS DORES. |
| **Josephina,** criada............ | » | CAMILLA. |

A scena passa-se em Paris em casa de Montaudoin.

# ACTO UNICO

---

Uma sala; portas ao fundo; portas lateraes, fogão á direita; espelho á esquerda; meza, cadeiras, canapés; contador pequeno, á esquerda.

## SCENA I

**Elisa, Julia, e Josephina**

*Josephina* (*defronte do espelho.*) A menina está linda como os amores!...

*Julia* (*sorrindo.*) Devéras?... Ó mamã, onde está o papá?...

*Elisa.* Está acabando de se vestir...

*Julia.* É preciso dizer-lhe que se avie...

*Elisa.* Para que?... Não ha pressa, por ora... Ao meio dia é que se ha de lavrar a escriptura do teu casamento, e são apenas onze horas... (*com ternura.*) D'aqui a uma hora ficarei sem filha!...

*Julia.* Então a mamã quer chorar no dia em que se assegura a minha felicidade!...

*Elisa.* Hei de ter animo, hei de... Ha uma coisa que me tranquilisa: é o bom emprego que tem o teu noivo.

*Julia.* E é!... Guarda-livros d'uma casa de commercio... com 2:400 francos de ordenado...

*Josephina.* Fóra as gratificações!...

*Julia.* E aquelles olhos negros!...

*Elisa.* O que mais me custa não é separar-me de

ti... o que me entristece é a lembrança de que vou ficar sósinha com teu pae...

*Julia.* O que diz a mamã?...

*Elisa.* O que mais contribuiu para eu casar com elle foi o genio alegre e folgasão de que era dotado; mas de repente tornou-se sombrio, desconfiado, espreitador...

*Josephina.* Desconfiado, lá isso é verdade... a prova é que anda sempre a revistar-me o bahú...

*Julia.* Mas o que é que elle procura?...

*Elisa.* Eu sei lá... vinte vezes lh'o tenho perguntado, e nunca m'o disse...

*Josephina* (*ingenuamente vindo ao centro das duas.*) Já me lembrou uma coisa...

*Ambas.* O que?...

*Josephina.* Que talvez o sr. Montaudoin commettesse algum crime?...

*Julia.* Ora essa!...

*Elisa.* Cala-te ahi!... Elle! um homem tão bondoso!...

*Josephina.* Quer saber o nome de todas as pessoas que vem a esta casa... Usa sempre de chinellos, para não fazer bulha e para melhor nos surprehender... Ha tres dias entrou elle sorrateiramente na cosinha e foi dar-me um grito ao ouvido;... assustei-me como era natural. e elle disse-me então: Quando uma cosinheira tem limpa a sua consciencia, não treme... e obrigou-me depois a descalçar os sapatos para vêr se eu não tinha nada dentro d'elles...

*Elisa.* Que lembrança!...

*Julia.* Talvez o papá perdesse alguma coisa?...

*Elisa.* Finalmente, anda sempre a espreitar... e quando menos se espera... vê-se apparecer uma cabeça atravez d'uma porta meia cerrada, e... (***N'este momento a cabeça de Montaudoin apparece á porta da E.***)

*As tres (dão um grito vendo-o.)* Ah!... *(Josephina sóbe um pouco á D. Elisa e Julia passam ao fogão.)*

## SCENA II

**Os mesmos, e Montaudoin**

*Montaudoin.* Sou eu!...
*Julia.* Jesus! que mêdo!...
*Elisa.* Valha-te Deus! sempre nos prégas cada susto!...
*Montaudoin (muito pacificamente.)* Os meus collarinhos!... não tenho collarinhos!...
*Elisa.* Já t'os vou buscar; mas não é necessario tomar esses modos de conspirador para pedir uns collarinhos... chega a ser ridiculo!... *(Sáe.)*

## SCENA III

**Montaudoin, Julia, e Josephina**

*Julia.* Então o papá não me dá um beijo?...
*Montaudoin.* Ah! querida filha, tu és a unica alegria da minha vida.. quando eu sinto a tua fronte pura... *(Vai para beijal-a, e suspende-se vendo Josephina.)* O que é que faz ahi?... Porque treme?...
*Josephina.* Eu! Senhor!...
*Montaudoin.* Quando uma cosinheira tem limpa a consciencia não treme... Costuma fechar bem todas as portas?...
*Josephina.* Sim senhor...
*Montaudoin.* Quem veio cá esta manhã?...
*Josephina.* O aguadeiro...
*Montaudoin.* O novo?...
*Josephina.* Sim senhor; parece-me que é um homem de bem:... as unicas palavras que me disse, foram: Muito bom dia...
*Montaudoin.* Não ha que fiar em palavras... a gen-

te vê caras, mas não vê corações... Quem mais veio?...

*Josephina.* O padeiro...

*Montaudoin* (*suspeitoso.*) Vem cá muito a miudo o tal padeiro!...

*Josephina.* Ora essa! vem cá todos os dias...

*Montaudoin.* Todos os dias!... Isso tem que se lhe diga...

*Josephina.* Se quer comer pão duro, virá uma vez por semana.

*Julia.* Mas para que servem essas perguntas?...

*Montaudoin.* Para que?... Nunca te faltou dinheiro, Julia?...

*Julia.* Nunca papá...

*Montaudoin.* Ah!... E a você, Josephina, nunca lhe faltou dinheiro?...

*Josephina.* Nunca, meu senhor...

*Montaudoin.* São bem felizes!...

*Julia.* E ao papá falta-lhe?...

*Montaudoin.* A mim?... falta-me, sim... (*Olhando para Josephina.*) Ha n'esta casa mão invisivel!... Não digas nada a tua mãe porque ella tem medo de ladrões... Quiz uma vez revelar-lhe as minhas suspeitas e o resultado foi promover-lhe um ataque nervoso; d'então para cá, concentro-me... percebes?... Caluda!... ella ahi vem! Devemos fingir-nos alegres!...

## SCENA IV

### Os mesmos, e Elisa

*Elisa.* Aqui tens os collarinhos...

*Montaudoin* (*recebendo-os e affectando um tom alegre.*) Obrigado, meu amor,... muito obrigado...

*Elisa.* O que é isso?... Passou-te o máo humor em que estavas?...

*Montaudoin.* Completamente; a prova é que estava a rir com Julia e Josephina, quando tu chegaste!...

*Elisa.* Pois tu rias!... tu?...

*Montaudoin.* Ria, sim, e podéra não rir!... a nossa Julia disse-me coisas tão engraçadas!... Cada vez que me lembra... ah! ah! ah!... (*Baixo a Julia e Josephina.*) Então não riem?... riam....

*Elisa* (*á parte.*) Endoideceria elle! (*alto*) Josephina, vá acabar de vestir a menina...

*Josephina* (*subindo um pouco á E.*) Sim, minha senhora...

*Elisa* (*ao marido.*) E tu, por que esperas?... Julgo que não has de assistir de chinellos á escriptura do casamento de tua filha!... Nem que isso fosse calçado proprio de um homem na tua posição!...

*Montaudoin.* Que queres tu que eu faça?... Se todas as minhas botas rangem immenso! e o tal rangido é um aviso... não deixa surprehender ninguem...

*Elisa.* Mas quem pretendes tu surprehender?...

*Montaudoin.* Eu!... pois eu disse... foi uma tolice; não quero surprehender ninguem... ninguem... Vamos preparar-nos... (*Josephina e Julia sáem pela E. Elisa passa á E.*)

## SCENA V

### Montaudoin e Elisa

*Montaudoin.* Fazes-me um favor, minha querida?... Pões-me a gravata?

*Elisa.* Com todo o gosto...

*Montaudoin.* Não apertes muito... Incommoda-me... faz-me subir o sangue á cabeça!... A proposito, espero mais duas pessoas para assistirem ao noivado.

*Elisa.* Devéras! mas olha que seremos então vinte e duas pessoas á meza, e lá só cabem dezoito...

*Montaudoin.* Ficarão mais apertados; tenham paciencia...

*Elisa.* E quem são as taes pessoas?...

*Montaudoin.* Dois amigos de Étampes, da minha terra... mas tu conhece-l'os; um d'elles é Ernesto Penuri, que foi meu condiscipulo, e o outro é Champmarteau, tenente da gendarmeria em Étampes...

*Elisa.* Que extravagante idéa! Convidares o Sr. Champmarteau que não vêmos ha vinte annos!...

*Montaudoin.* Cá tenho as minhas razões... pertence á policia... e n'este momento convem-me ter em casa a policia!...

*Elisa.* Porque?...

*Montaudoin.* Se t'o dissesse perdias o somno para sempre. Sabe Deus o que por cá vai, e sou homem!...

*Elisa.* Ora essa!... mas isto não póde continuar assim... principalmente agora que vamos ficar sós... Montaudoin, tu tens coisa que te dá cuidado?...

*Montaudoin.* É possivel...

*Elisa.* Coisa que te róe, que te mina lá por dentro... Sou tua mulher, devo saber o que é...

*Montaudoin.* Não deves... és muito fraca de organisação para ouvires similhante confidencia...

*Elisa.* Advinhei já... Tens ciumes...

*Montaudoin.* Ciumes! eu!... de quem?...

*Elisa.* De quem?... de mim. Pois de quem havia de ser?...

*Montaudoin.* Ora adeus!

*Elisa.* Montaudoin, juro-te sobre as cinzas de minha filha que vai cazar-se... Nunca, pela palavra nunca, me affastei um minuto sequer da linha recta...

*Montaudoin.* Não se trata d'isso!...

*Elisa.* Escusas disfarçar... Não se te apaga da memoria aquelle fatal ramo que me foi enviado por mão desconhecida no dia do nosso casamento... O ramo encerrava versos...

*Montaudoin.* Tu chamas aquillo versos... Seriam versos; mas versos de palmito!... Ainda me lembram:

(*Recíta*)

«Amor colheu estas flores,
«E deu-lhes a natureza
«Um tal purfume, e taes côres,
«Que aroma, e mimo e frescores,
«Só lh'os merece a belleza!»

*Elisa.* Crê, marido da minha alma, que eu nunca authorisei pessoa alguma a que celebrasse os meus attractivos...

*Montaudoin.* Confesso-te que n'aquelle dia, — no dia do nosso casamento, — a primeira impressão, não foi agradavel.

*Elisa.* Jesus! ainda me lembra a scena de ciumes que me fizeste!...

*Montaudoin.* Fiz?... talvez fizesse... não duvido... mas agora os meus cuidados são outros...

*Elisa.* Outros?... mas quaes?... fazes-me calafrios...

*Montaudoin.* Não t'os confio... És muito nervosa... Vou vestir o collete... (*Saindo á E.*) É uma coisa inaudita... é para endoidecer um homem!...

## SCENA VI

### Elisa e Lemartois

*Elisa.* Coitado!... Aquella cabeça não regula... Perseguil-o-ha algum remorso?...

*Lemartois* (*Entrando pelo fundo e comprimentando.*) Tenho a honra de a comprimentar, minha senhora... Vim antes da hora marcada para conversar com o noivo ácerca d'uma clausula importante da escriptura.

*Elisa.* O sr. Carlos ainda não chegou; e eu estimo

devéras ter occasião de poder fallar-lhe um instante a sós; tenho um conselho a pedir-lhe...

*Lemartois.* Estou ás suas ordens.

*Elisa.* Fallemos baixo... se meu marido desconfiasse...

*Lemartois.* Ah! é então segredo?...

*Elisa.* É... Eu desejava meu caro sr. Lemartois, juntar ao dote de minha filha a quantia de 13:505 francos...

*Lemartois.* Singular quantia!... É facil;... basta lavrar mais essa doação na escriptura...

*Elisa.* Vinha então meu marido a sabêl-o, e com o seu genio...

*Lemartois.* Mas como possue, sem que elle saiba, similhante quantia?...

*Elisa.* Foi uma herança... foi um legado que eu lhe escondi... Mas não poderia ser pessoalmente entregue a meu genro?...

*Lemartois.* De certo que não... convém que essa quantia figure na escriptura: d'outra fórma entraria na communidade de bens.

*Elisa.* N'esse caso o que hei de fazer?...

*Lemartois.* Só vejo um expediente a tomar... Peça a um seu parente ou amigo, que faça essa doação em nome d'elle...

*Elisa.* Parente!... amigo!... talvez custe a achar...

*Lemartois.* Se procurar, conte que achará facilmente... Tenho ainda algumas lacunas a encher na escriptura... Se tivesse a bondade de ordenar que me dessem penna e tinteiro...

*Elisa.* Aqui mesmo, ou ali, no gabinete de Montaudoin, encontrará o que deseja...

*Lemartois* (*passanto á D. e comprimentando.*) Muito agradecido... Não se esqueça de avisar o sr. Carlos de que lhe quero fallar, logo que elle chegue...

*Elisa.* Vá descançado... (*Lemartois sáe pela D.*)

## SCENA VII

**Elisa, depois Carlos, depois Montaudoin**

*Elisa* (*só.*) Um parente!... um amigo!... Precisava de uma pessoa discreta e ao mesmo tempo em circunstancias de fazer tamanho brinde... Nos meus conhecimentos, não encontro ninguem...

*Carlos (entrando pelo F.)* Querida mamã!...

*Elisa.* Carlos!... meu filho...

*Carlos.* Demorei-me, não?... mas a rasão absolve-me... Foi o meu patrão que me chamou para me dar uma boa noticia...

*Elisa.* Que noticia?...

*Carlos.* Prometteu-me que me associaria á sua casa de commercio, mas com uma condição... era que eu entrasse em caixa com o dote de minha mulher...

*Elisa.* O que?

*Carlos.* Descance, que fica bem empregado o nosso dinheiro... Eu estou inteirado das transacções d'aquella casa... regulam a 15 por cento... (*Tirando a carteira.*) Eu faço a conta... *(Escrevendo.)* Dote: 80:000 francos, a 15 por cento produzem 12:000 francos; accrescentando a isto o meu ordenado de guarda-livros... 2:400, fazem 14:400; e juntando finalmente os presentes, as dadivas...

*Elisa.* O que diz?...

*Carlos.* Deixo a parcella em branco... mas calculando pelo alto... corresponde pouco mais ou menos a 15:000 francos de renda... Gastamos cinco... pômos a render dez... e com os juros capitalisados durante vinte annos... (*Tirando outra vez a carteira.*) Eu faço já a conta...

*Elisa.* Logo... é melhor logo...

*Carlos.* Porque?... Fazer estes calculos, é muito divertido...

*Elisa.* Realmente para um namorado, e n'um dia como o de hoje acho pouco lisongeiro... *(Dando um grito ao vêr a cabeça de Montaudoin que apparece entre a porta meia cerrada.)* Ah?...

*Montaudoin.* Sou eu!... Não acho as luvas... Onde pozeste as minhas luvas?...

*Elisa (indo a Montaudoin.)* És insupportavel!... Foste tu mesmo que as guardaste na gaveta da commoda... Mas já que ahi estás entra e falla ao nosso genro...

*Carlos.* Bom dia, meu sôgro!..

*Montaudoin.* Bom dia, meu rapaz!...

*Elisa.* Onze horas e meia... Como o tempo foge!... Vou vestir-me... Ah! mas agora me lembra... Sr. Carlos, o tabellião está ali e pretende fallar-lhe... Até logo... *(Sáe pela E.)*

*Carlos.* O tabellião!... n'esse caso vou immediatamente... *(Dirige-se para a porta da D.)*

*Montaudoin* (*chamando.*) Carlos...

*Carlos (descendo á scena.)* Sr. Montaudoin.

*Montaudoin.* Responda-me francamente.—Nunca lhe faltou dinheiro?...

*Carlos.* Nunca, felizmente... na minha posição de guarda-livros, seria obrigado a repôl-o da minha algibeira...

*Montaudoin* Ainda bem.—Estimo deveras.—Póde ir fallar ao tabellião.

*Carlos (á parte.)* Que significaria aquella pergunta? (*Sáe.*)

## SCENA VIII

### **Montaudoin, Penuri, depois Josephina**

*Montaudoin* (*só.*) Está provado que só a mim é que roubam dinheiro!...

*Penuri (entrando pelo fundo com uma malla, que colloca em cima d'uma cadeira no F.)* Ora aqui me tens...

*Montaudoin.* Penuri!...

*Penuri.* Em corpo e alma!—Vim no caminho de ferro.—Sempre é hoje que cazas tua filha?...

*Montaudoin.* Hoje mesmo... Ao meio dia assigna-se a escriptura...

*Penuri.* Ainda bem.—Havemos de rir muito! Os noivos despertam-me a veia comica.

*Montaudoin.* Vieste sósinho?—E Champmarteau?...

*Penuri.*—O tenente? não poude... Tem hoje revista...

*Montaudoin.* Logo ví... é infelicidade minha!...

*Penuri.* É pena, é.—Perde-se um excellente conviva.—Mas elle ha de escrever-te uma carta de parabens.

*Montaudoin.* Muda muito de figura.—No que eu me fiava era no effeito que produziria a sua farda... Mas tu, cá estás. Valha ao menos isso!—Espero que passarás alguns dias em nossa companhia. Mandei preparar-te o quarto verde... no primeiro andar... junto do meu...

*Penuri.* Ás mil maravilhas. Á noite beberemos o nosso copinho de ponche, tagarelando ácerca de Étampes.—Tenho boas coisas a contar-te de Étampes!—Conhecêste a tia Dorothea, a estanqueira?...

*Montaudoin.* Conhecí...

*Penuri.* Pois meu amigo, enterrámo-l'a quarta feira passada...

*Montaudoin.* Ora essa!.. Pobre mulher!...

*Penuri.* Quarta feira, é verdade...mas ainda houve outro acontecimento mais curioso! Tambem conhecêste o compadre Thimotheo que casou aos 72 annos com a filha do boticario...

*Montaudoin.* Se conheci!...

*Penuri.* Pois meu amigo, teve agora um filho... foi quinta feira passada...

*Montaudoin.* Essa novidade é de truz, sim senhor! Ora o compadre Thimotheo.—E quem se diz que será o padrinho da creança?...

*Penuri.* Corre por lá, que hei de ser eu...

*Montaudoin.* Maganão!—mas a verdade é que senti prazer em te vêr...—isto remoça-me, isto lembra-me do tempo em que eu ria!...

*Penuri.* Pois tu já não ris?...

*Montaudoin*, Já não...

*Penuri.* Toma nota d'isto que te vou dizer:—Um homem só deve prescindir do riso, quando perde todos os dentes.—Deixa cá vêr os dentes?...

*Montaudoin.* O caso é outro... Se tu soubesses!... Mas eu devo confiar-te o meu tormento.—És um amigo velho. Dá-se comigo um facto doloroso e extraordinario: roubam-me!...

*Penuri.* Doloroso, convenho; extraordinario nego que o seja...

*Montaudoin.* Roubam-me, sim, mas não me roubam como se rouba toda a outra gente!—Se um individuo entrasse em minha casa, arrombasse a minha carteira, e me levasse dez mil francos, diria comigo: Paciencia, é o seu modo de vida, mas é tambem provavel que não volte cá!.. Outro tanto porém, não me é licito dizer do meu ladrão, porque o meu ladrão vem todos os dias!...

*Penuri.* Todos os dias! o que me dizes tu?...

*Montaudoin.* Com a pontualidade de um empregado que vai á repartição!—Verdade seja que me não tira grande quantia!.. rouba-me diariamente 37 soldos...

*Penuri.* Historia!—não ha ladrão encartado que roube similhante quantia!...

*Montaudoin.* Meu amigo, grão a grão enche a gallinha o papo!...

*Penuri*. Tontice, aposto!—Isso não passa d'algum engano nas contas...

*Montaudoin*. Não é... se eu assento todas as despezas!—Não me escapa um soldo que dê a um realejo. Faço balanço todas as noites.—Falta-me sempre 1 franco e 85.—Ha por força um sumidouro occulto em minha casa!...

*Penuri*. É exquisito, é!...

*Montaudoin*. E não data de hoje nem de hontem esta maroteira...Olha... dura desde o dia em que nasceu minha filha!...

*Penuri*. Ousarás acaso suspeitar da pobre creança?

*Montaudoin*. Quem te falla n'isso?...Como posso eu suspeitar que uma creança recem-nascida vá roubar 37 soldos a seu pae?...

*Penuri* (*com ar importante.*) Dizes bem.—N'essa idade não sentimos ainda o aguilhão dos interesses materiaes...

*Montaudoin*. Comprehendes tu bem a minha posição?... Ser roubado ha 20 annos... todos os dias! porque o malvado nem ao domingo me deixa folgar... Isto, afinal exgota a paciencia, e implica no systema nervoso.—Tornei-me triste, criei máo genio, faço mal as digestões...

*Penuri* (*Compadecido.*) Pobre amigo! E não descobriste ainda meio de apanhar o meliante?...

*Montaudoin*. Tenho empregado dez, vinte, trinta meios!—Todos pessimos; nem um só aproveitou...

*Penuri*. É quizilia...

*Montaudoin*. Hontem á noite deixei a minha bolsa em cima do fogão...(*Mostrando-a*) Eil-a; dentro só havia uma moeda de cinco francos ..Vamos lá a vêr... *(Vai buscar a bolsa.)*

*Penuri*. Vamos lá; este dramasinho interessa-me...

*Montaudoin*. Olha...conta tu mesmo... restam 3 francos e 3 soldos...

*Penuri.* E 37 que te empalmaram, faz a conta!...

*Montaudoin.* Por menos, tem endoïdecido muita gente!...

*Penuri.* Attende, que apesar de ladrão, é honrado; deixou-te o resto do troco...

*Montaudoin.* Que te parece isto?...

*Penuri.* Parece-me que o ladrão deve ser um homem que janta por 32 soldos... que compra em seguida um charuto por cinco.—E tu não desconfias de pessoa alguma?...

*Montaudoin.* Exceptuando minha mulher e minha filha, desconfio de toda a gente... Adivinha quantas vezes tenho mudado de aguadeiro?...

*Penuri.* Quatro vezes?...

*Montaudoin.* Sessenta e tres.... E criadas?... Sabes quantas criadas tenho mandado embora?...

*Penuri.* Não...

*Montaudoin.* Quarenta e nove.. E tomo-lhes os signaes para que não possam voltar!... A que tenho agora, é uma ladina... Mando-lhe descalçar os sapatos duas vezes ao dia...

*Penuri.* Para que?...

*Montaudoin.* Para vêr se apanho os meus 37 soldos... mas nunca os apanhei!...

*Penuri.* Então não é ella!...

*Montaudoin* Hum!... nunca fiando... tem cara de velhaca!... Tu és physionomista?...

*Penuri.* Não tenho máo golpe de vista...

*Montaudoin.* N'esse caso... vou chamar-t'a e tu farás o teu juizo... *(Toca a campainha.)* Convem dissimular...

*Penuri.* Socega... *(Vendo Josephina que entra)* Ei-la *(Principia a cantarolar, Montaudoin faz o mesmo.)*

*Josephina.* O senhor chamou?...

*Montaudoin.* Venha cá, Josephina... Fique saben-

do que este senhor é o meu amigo Penuri... olhe bem para elle!...

*Penuri (á parte.)* É uma bonita rapariguinha!...

*Montaudoin.* Agora, leve-lhe a malla para o quarto!... *(A Penuri.)* Está fechada?...

*Penuri.* Está...

*Montaudoin.* Leve-a para o quarto verde...

*Josephina.* Sim, senhor... *(Péga na malla e dispõe-se a saír.)*

*Montaudoin (chamando-a.)* Josephina.

*Josephina.* Senhor...

*Montaudoin.* Lembre-se que aos olhos da sociedade, é tão culpado quem rouba 37 soldos, como quem rouba um milhão...

*Josephina.* Mas, senhor...

## SCENA IX

**Penuri, e Montaudoin**

*Montaudoin.* Eu não accuso ninguem... vá, ande. *(Josephina sáe.)*

*Montaudoin.* Tem má apparencia, não achaste?...

*Penuri.* Eu, francamente, não achei; mas assim á primeira vista não se póde julgar... Tenciono interrogal-a... com vagar...

*Montaudoin.* Aqui tens, aqui tens tu a minha vida... sempre suspeitas!...

*Penuri.* Eu no teu logar mettia uma vez só 36 soldos na bolsa... para experiencia...

*Montaudoin.* É o que eu já fiz... mas no dia seguinte tiraram-me 38!... nada ganhei!...

*Penuri.* Intendo; é preço estabelecido...

*Montaudoin (melancolico.)* Tu é que és feliz!...

*Elisa (ao bastidor.)* Montaudoin! vem vestir a casaca...

*Montaudoin.* Já vou... (*Continuando.*) Longe do bulicio da capital, no seio da immensa natureza...

*Elisa (ao bastidor.)* Montaudoin!...

*Montaudoin.* Já vou!... (*Continuando.*) No seio da natureza immensa... cujo espectaculo...

*Penuri.* Temos espectaculo duas vezes por semana!

*Montaudoin (interrompendo-se.)* Ah! nem eu sei o que queria dizer... Já vou... Espera-me; vou vestir a casaca... (*Sáe pela E.*)

## SCENA X

**Penuri, depois Elisa, depois Montaudoin**

*Penuri* (*só.*) E eu que vim de Étampes para me divertir n'este noivado!... Montaudoin chega a estar lugubre, com a historia dos 37 soldos;... se eu estivesse no logar d'elle, escreveria todos os dias no meu livro de despezas:... *Idem*... Para o meu ladrão... 37 soldos! e não tornava a pensar em tal... Se eu fosse interrogar a criada?... O que é que me anda a bulir na algibeira?... Ah! já sei... é o meu presente de noivado! são argolas para guardanapos com esta inscripção:... «Bom appetite!» Lembroume tambem presenteal-a com um candieiro de petroline... mas já tinha comprado as argolas... Escrevi igualmente uns versos dedicados á noiva... É muito usado em Étampes... Hei de lêl-os na occasião da escriptura... Quando eu disse que os escrevi, não queria dizer que os compuz... o auctor é o tenente Champmarteau, que os compoz expressamente para os annos de minha mulher... Estas poesias são sempre o mesmo! não vale a pena inverter-lhe as palavras... Tem mais esse merito o tenente Champmarteau: é poeta... Maneja o metro com a mesma

facilidade com que á meza maneja o talher... Os versos pareceram-me adequados e bonitos,... copiei-os portanto, e estou esperançado que hão de produzir um exito lisongeiro...

*Elisa (entrando pela E. em grande toilette.)* Parece-me que este vestido, é...

*Penuri.* Elegantissimo!...

*Elisa.* Muito bem apparecido, Sr. Penuri!... chegou ha muito tempo?...

*Penuri.* Cheguei ha dez minutos... já abracei Montaudoin, e se me permitte...

*Elisa.* Com todo o gosto! (*No momento em que Penuri a abraça, vê a cabeça de Montaudoin atravez da porta, e dá um grito.)* Ah!...

*Penuri.* O que é?...

*Montaudoin* (*á porta da E.*) Sou eu...

*Penuri.* Chegas a proposito... abraçava tua mulher!

*Montaudoin.* Onde está o alfinete de brilhantes?... Não acho o alfinete!

*Elisa.* Na almofada, em cima do toucador...

*Montaudoin.* Não te incommodes... eu vou buscal-o... (*Desapparece.)*

*Penuri.* É costume d'elle, entrar assim sem se annunciar?...

*Elisa.* Não me falle n'isso!...

*Penuri.* Tardará ainda muito que nos appareça a noiva? Tenho o meu presente para lhe offerecer...

*Elisa.* Um presente!...

*Penuri.* Não principie a imaginar delicias,... não se trata de brilhantes... Eu só aprecio o que tem alguma utilidade!...

*Elisa ( áparte. )* Mas agora me lembra... O tabellião aconselhou-me que escolhesse um amigo da familia... eil-o... (*Alto.)* Sr. Penuri!...

*Penuri.* Minha senhora...

*Elisa.* Tinha um serviço... um grande serviço a pedir-lhe...

*Penuri.* A mim!...

*Elisa.* Mas primeiro quero saber se posso contar com a sua discrição...

*Penuri.* Eu sei os deveres de um cavalheiro!...

*Elisa.* Jure-me que nunca ha de dizer a Montaudoin o segredo que lhe vou confiar! (*Sóbe a verificar que ninguem os ouve.*)

*Penuri.* Juro! (*Áparte.*) Que demonio será?...

*Elisa.* Saberá então, que eu economisei ás escondidas de meu marido a quantia de 13:505 francos...

*Penuri.* Intendo... é quantia apurada nos róes...

*Elisa.* Fiz mal talvez... Nos primeiros annos do nosso casamento, Montaudoin tinha a mania das construcções... os pedreiros levavam-lhe muito dinheiro... Aquella mania assustou-me, e como fui e sou mãe extremosa e previdente, quiz assegurar o futuro de minha filha...

*Penuri.* Louvavel intenção...

*Elisa.* Mas se meu marido viesse a suspeitar... com o genio desconfiado que tem, era capaz de imaginar loucuras... Lembrou-me então... que se o senhor quizesse... finalmente contei com o sr. Penuri...

*Penuri.* Comigo?... para que, minha rica senhora?...

*Elisa.* Para offerecer em seu nome, como presente de noivado, os 13:505 francos, á leitura do contracto...

*Penuri.* O que?...

*Elisa.* Não me recuse este favor, peço-lhe encarecidamente...

*Penuri.* Recusar, eu!... Pelo contrario!... Treze mil... (*Á parte.*) Agora é que eu tenho a certeza de obter um exito lisongeiro... (*Alto.*) Com todo o gosto; fica ajustado...

*Elisa.* O sr. Penuri é uma excellente pessoa; sempre o disse... (*Sóbe.*)

*Penuri (áparte.)* Á vista do acontecido, já não dou as argolas dos guardanapos... 13:505 francos e versos! não sei que se possa exigir mais de um homem que chega de Étampes...

*Elisa (entregando-lhe as nôtas do banco.)* Aqui está a quantia em notas do banco... mais cinco francos...

*Penuri.* Muito bem. Guardo-a separada n'esta algibeira.. *(A si mesmo.)* D'este modo não venho a dar nada, porque os versos são do tenente Champmarteau, e os treze mil francos da mamã...

## SCENA XI

**Os mesmos, Lemartois, Carlos, Josephina, Julia, Convidados, depois Montaudoin**

*Elisa.* Ahi vem os nossos convidados... *(Josephina traz a meza para o centro do theatro; sobre a meza estão pennas, papel e tinteiro.)*

*Carlos (baixo ao tabellião.)* Não se esqueça da minha recommendação!...

*Lemartois.* Descance, que tudo que podia fazer em seu beneficio, fiz. *(Á parte.)* É muito interesseiro o tal noivo!...

*Os convidados (Vendo entrar Julia.)* Ahi vem a noiva...

*Julia (comprimentando.)* Meus senhores, e minhas senhoras...

*Penuri (abraçando Julia.)* Deixe-me abraçal-a, minha pomba, deixe-me abraçal-a...

*Carlos (áparte.)* Quem será este sujeito?...

*Penuri (a Carlos.)* Creia que gosto devéras de sua

mulher... hei de logo provar-lh'o... *(Á parte.)* É necessario preparar a situação!...

*Carlos (comprimentando-o.)* Estimo bastante ter occasião de o conhecer... (*Áparte.*) Tem uma algibeira immensa!... É algum tio provavelmente; e traz presente...

*Elisa.* Mas onde está meu marido?...

*Montaudoin* (*entrando e indo ao centro.*) No meu posto... Minhas senhoras!... Peço-lhe desculpa da demora, Sr. tabellião... (*Durante o principio da scena o tabellião sentou-se á mesa.*)

*Elisa (baixo ao marido.)* Olha que te esqueceu descalçar os chinellos...

*Montaudoin* (*olhando para os pés.*) Esta só pelo demonio!... mas a final, que importa?... estamos em familia!... *(Alto.)* Minhas senhoras, queiram tomar logares... Não façamos esperar o tabellião... Um tabellião nunca deve esperar... *(Todos se assentam dos lados, e o tabellião ao centro da meza; ao tabellião.)* Aqui tem penna e tinteiro... agora queira lêr... *(Vai sentar-se.)*

*Lemartois (lendo.)* Na presença de mim, tabellião compareceram...»

*Penuri (áparte.)* Tinha vontade de recitar quanto antes os versos... para ir graduando os effeitos de menor para maior.

*Lemartois (continuando.)* «Carlos Athanasio Dupuis...»

*Penuri* (*erguendo-se.*) Perdão... se interrompo... Queria pedir licença para lêr uns versos que eu compuz expressamente para dedicar á noiva.

*Os convidados.* Diga... diga os versos...

*Montaudoin.* O que? Pois tu meu Penuri tiveste similhante lembrança?...

*Carlos* (*áparte.*) Versos!... Se o presente se limita a uma poesia, era melhor guardal-o!...

*Lemartois*. Convinha lêr antes a escriptura...

*Montaudoin*. Isso era muito pouco delicado, uma vez que o meu amigo se deu ao trabalho de compôr expressamente uns versos...

*Os convidados*. Diz muito bem!... Os versos, os versos!...

*Penuri* (*desdobrando um papel.*) Meus Senhores, attendam que eu não sou poeta de profissão... quando me occorre um verso, escrevo-o... á espera do outro... e para o não perder...

*Montaudoin*. Isso denota methodo...

*Penuri*. Eu principio... Cumpre-me advertir-lhes que estes versos deviam ser collocados n'um ramo...

*Uma senhora* (*offerecendo-lhe o seu ramo.*) Aqui está...

*Penuri*. Obrigado;... restituil-o-hei... depois.—Eu principio...

(*Lendo*)

«Amor colheu estas flores,
«E deu-lhes a natureza

*Montaudoin.* } Hem?...
*Elisa.* }

*Penuri* (*continuando.*)

«Um tal perfume, e taes côres,
«Que aroma, e mimo e frescores,
«Só lh'os merece a belleza.»

*Os convidados*. Bravo!... bravo!...

*Montaudoin* (*á parte.*) Mas são elles!... são os versos que eu achei no ramo de minha mulher!... e elle ainda agora abraçava-a!...

*Elisa* (*a Penuri.*) É possivel!... pois foi o sr.?.. que imprudencia!...

*Penuri.* Fui eu, o que?...

*Lemartois (lendo.)* Na presença de mim tabellião...

*Montaudoin (interrompendo-o e indo a elle.)* Logo, logo, amigo tabellião... Tenho que dizer a este senhor...

*Todos.* O que?...

*Montaudoin.* Entrem um instante para aquella sala... peço-lh'o eu... Tenham paciencia; é negocio de cinco minutos... *(Entram todos pela E; os noivos, Elisa, convidados, e o tabellião que rompe a marcha. Montaudoin e Penuri ficam em scena.)*

## SCENA XII

### Montaudoin e Penuri

*Penuri (áparte.)* Apósto que me quer agradecer em particular!...

*Montaudoin.* Receba os meus comprimentos... são lindos os versos...

*Penuri.* Lindos!... ora... são assim, assim... Escrevi-os esta manhã no caminho de ferro...

*Montaudoin.* Esta manhã!... É pasmoso!... Julgava-os mais antigos...

*Penuri (áparte.)* Co'a fortuna!... saberá elle quem é o verdadeiro auctor?..,

*Montaudoin.* Perturba-se... o amigo Penuri perturba-se?...

*Penuri.* Eu!...

*Montaudoin (apertando-lhe a mão com força.)* Deve-me intender... depois da escriptura fallaremos... fallaremos depois da escriptura!...

*Penuri.* Mas a que respeito?...

*Montaudoin.* Considere isto um leve incidente... assignemos tranquillamente as escripturas. Sr. tabellião! sr. tabellião!...

*Penuri* (*áparte passando á D.*) Que enigma será este?...

## SCENA XIII

**Os mesmos, Lemartois, Elisa, Julia, Carlos, Josephina e os Convidados**

(*Cada qual retoma o seu logar.*)

*Montaudoin.* Minhas senhoras, meus senhores, queiram novamente tomar os seus logares... O sr. tabellião vai proseguir na leitura do contracto... (*Sentam-se todos.*)

*Penuri* (*a Elisa.*) O que é que tem seu marido?...

*Elisa* (*baixo affastando-se*) Não me falle, olhe que elle está olhando para nós!...

*Penuri.* E o que tem que elle olhe?

*Montaudoin* (*áparte.*) Falla em segredo com minha mulher!...

*Lemartois.* Tornarei a principiar... (*Lendo.*) «Na presença de mim tabellião compareceram — Carlos Athanasio Dupuis, guarda-livros de commercio, morador em Paris na rua de S. José n.° 12, filho legitimo de João Pedro Dupuis, morador em Paris, rua Rochechouart n.° 22...»

*Montaudoin* (*áparte.*) Parece a leitura de um almanack de moradas!

*Lemartois.* «Estipulando por elle e em seu nome e Julia Montaudoin...»

*Penuri* (*áparte.*) Chegou a occasião de offerecer os treze mil... (*ergue-se.*)

*Lemartois* (*continuando.*) «Moradora em Paris, rua dos Moinhos....»

*Penuri.* Queira perdoar, se o interrompo segunda

vez... é para fazer uma declaração que ha de merecer bom acolhimento, espero...

*Todos.* O que é? o que é?

*Penuri.* Sr. tabellião, queira escrever... Eu, Ernesto Penuri, morador em Étampes, rua dos Cordeiros n.° 27, dou a titulo de dote a Julia Montaudoin aqui presente, a quantia de 13:505 francos.

*Os convidados.* Muito bem! muito bem! — *(Julia vai a Penuri)...*

*Penuri (áparte, — de pé, junto da meza.)* Produzi a desejada sensação!...

*Montaudoin (admirado.)* Pois tu dás similhante quantia?!...

*Elisa.* É magnifico! — é uma acção de fidalgo!...

*Penuri (áparte )* Que tal? — foi uma ovação completa!...

*Carlos (a Penuri.)* Não sei como lhe hei de agradecer...

*Penuri.* Eu avisei-o, meu rapaz... gosto deveras da sua noiva... é quasi minha filha!...

*Carlos.* E o seu procedimento é digno de um pae!...

*Montaudoin (a Carlos.)* De um pae!... Jesus!... E acha que se parecem?...

*Carlos (levianamente)* Immenso!...

*Montaudoin.* O que diz o meu genro?...

*Carlos.* Nada...

*Montaudoin.* Adivinhei tudo!...

*Lemartois (lendo)* «Na presença...»

*Montaudoin (voltando-se)* Queira desculpar, sr. tabellião... surgio um acontecimento... Tenho que dizer duas palavras a este senhor!...

*Penuri.* A mim!...

*Montaudoin.* Queiram entrar para ali. — É negocio de cinco minutos!...

*Lemartois.* Não ha exemplo de uma coisa assim!

—*(Entram todos para a E. na mesma ordem do que á primeira sahida,—excepto Montaudoin e Penuri.)*

## SCENA XIV

**Montaudoin, Penuri, depois Josephina**

*Montaudoin (com raiva concentrada.)* Meu querido Penuri! meu estimavel amigo!... *(agarrando-lhe na mão.)* Estou a ver qual é o melhor meio de te agradecer...

*Penuri.* Toma sentido: repara que me quebras os dedos!...

*Montaudoin.* Fazeres tão magnificos presentes a uma estranha!...

*Penuri.* Não fallemos n'isso...

*Montaudoin.* Pois não hei de fallar?... Um homem que tem sete mil francos de renda, e que logra fazer doação de 13:505 francos a uma estranha!...

*Penuri.* Gosto muito da pequena...

*Montaudoin.* Bem vejo... mas eu não engulo araras... percebes?...

*Penuri.* Araras?

*Montaudoin.* Deve-me intender.—Depois da escriptura, fallaremos, fallaremos depois da escriptura!...

*Penuri.* Mas em que?—em que havemos de fallar?...

*Montaudoin.* E havemos de rir muito! —Considere isto um leve incidente... Assignemos primeiro o contracto de minha filha—de Julia.

*Josephina (entrando.)* Senhor?...

*Montaudoin.* Que temos?...

*Josephina.* Venho avisal-o que o tabellião principia a zangar-se!...

*Montaudoin.* Já o chamo... Quero que leves a malla

do sr. Penuri para o quarto amarello, no segundo andar...

*Josephina*. Mas o sr. tinha mandado que a pozesse no quarto verde—no primeiro.

*Montaudain*. No primeiro!... é muito baixo e eu cá tenho as minhas rasões... leva a malla para o quarto amarello. (*a Penuri.*) Para ti é indifferente dormires no quarto amarello.—

*Penuri*. Indifferentissimo. Eu não sou supersticioso!...

*Montaudoin*. Basta! Desagradam-me as zombarias... (*a Josephina.*) Faça o que lhe mandei!—(*Josephina sáe*)...

SCENA XV

**Montaudoin, Penuri, Lemartois, Elisa, Julia, Carlos, e Convidados.**

*Lemartois (apparecendo.)* Então que é isto?—assigna-se a escriptura, sim ou não?...

*Montaudoin*. Quando quizer.—Estamos á sua espera...

*Lemartois* (*ao bastidor.*) Minhas senhoras, e meus senhores... queiram ter a bondade de entrar.—(*Entram todos, e tomam os logares marcados*)—«Na minha presença...»

*Montaudoin*. Adiante—adiante...

*Carlos*. Siga o que diz respeito á noiva...

*Lemartois*. É contra as praticas, mas se o desejam...(*Lendo*) «A noiva receberá a titulo de dote, 80:000 francos...»

*Montaudoin*. Foi tempo!...

*Lemartois*. O que diz?...

*Montaudoin (sentado.)* Foi tempo, repito!—Sei agora o que me cumpre fazer. Seria demasiada tolice!...

*Todos*. O que?...

*Carlos.* Recorde-se sr. Montaudoin...

*Lemartois.* Que foi o sr. proprio que me dictou esta quantia...

*Montaudoin (indo ao tabellião.)* Dictei; mas estou a tempo de voltar atraz — e volto atraz com a palavra. —*(Empalma a escriptura.)*

*Todos.* É extraordinario! — é pasmoso!...

*Elisa.* Montaudoin, meu amigo...

*Lemartois.* É incrivel!... Mas vamos a saber; que dá então em dote a sua filha?...

*Montaudoin.* Nada...

*Todos.* Oh!...

*Penuri.* Não satisfaz... E se me concedem a palavra...

*Montaudoin.* Depois da escriptura fallaremos. — O senhor devia sumir-se pelo chão abaixo!...

*Penuri.* Eu... porque, e para que?...

*Elisa.* Montaudoin, é impossivel que falles serio!...

*Montaudoin.* A senhora tambem se devia sumir pelo chão abaixo!...

*Carlos.* Estava tudo ajustado — e é no momento de assignar a escriptura...

*Montaudoin.* Mancebo! — Ha segredos de familia que é necessario esconder á luz da publicidade. — Reconheço todavia, que lhe devo uma explicação. — Vou dal-a a minha filha... só a ella!...

*Carlos. (a Elisa).* Creio, porém...

*Montaudoin.* Peço-lhes, que nos deixem...

*Lemartois.* Outra vez!...

*Penuri (áparte.)* Subiram-lhe á cabeça os 37 soldos!...

*Lemartois.* Tenho feito até hoje 114 contractos... e nunca me aconteceu um facto similhante!...

*Montaudoin.* Queiram entrar para ali. — É negocio de cinco minutos. — *(Todos sahem na mesma ordem das sahidas anteriores; excepto Montaudoin e Julia.)*

## SCENA XVI

**Montaudoin e Julia**

*Montaudoin (áparte, olhando para Julia.)* Nem animo tenho de olhar para ella! — Se eu lhe queria tanto!...

*Julia (áparte.)* Que tristeza a sua!...

*Montaudoin (áparte.)* Examinando bem, acho que se não parece com Penuri! — *(alto)* Julia?...

*Julia.* Papá?...

*Montaudoin.* Papá? *(alto)* Chama-me querido amigo... queres?

*Julia.* Porque?...

*Montaudoin.* Porque... eu cá tenho as minhas razões... *(Tira o lenço e limpa os olhos.)*

*Julia.* Chora?...

*Montaudoin.* Não é nada... estou constipado, Julia — apanhei uma grande constipação... Responde-me francamente: — gostas de mim?...

*Julia.* Com todas as veras da minha alma! — Pois não hei de gostar de meu pae?...

*Montaudoin (indo a sentar-se.)* Lá isso é verdade... *(abraçando-a com enthusiasmo.)* Pobre creança! *(socegando.)* Ainda assim, chama-me querido amigo!...

*Julia.* É-me impossivel! o habito...

*Montaudoin.* Bem sei... o habito... *(áparte)* Gosta de mim — por habito — *(alto, sentando-a junta de si.)* Ora vamos, falla sinceramente... quando eu estou ao pé de ti — quando te aperto as mãos — quando te beijo — o que sentes?...

*Julia.* Não sei... sinto que sou amada — que tenho um protector. — Quando os seus braços me enlaçam, parece que me acho n'uma fortaleza, aonde ninguem ousa aproximar-se...

*Montaudoin.* E d'elle, gostas?

*Julia.* D'elle? — de quem?...

*Montaudoin.* De Ernesto Penuri?...

*Julia.* Podéra não gostar... foi tão bom para mim... Não só me dedicou versos, mas fez-me aquella bella dadiva!...

*Montaudoin.* Não digas mais!... Já vês que a minha posição mudou inteiramente —Aquelles 80:000 francos eram provenientes das minhas economias— economias apuradas soldo a soldo.—É mister que saibas isto.—Privava-me de tudo—se chovia, não alugava seje...ía buscar o chapéo de chuva—e dizia comigo... serão para ella estes dois francos... Se entrava n'um botequim para tomar café, guardava sempre na algibeira o resto do assucar, e dizia tambem comigo: mais isto para ella!—Detesto a sopa de pão; tua mãe nunca me dava outra... e tu ouvias-me dizer radiante de prazer: que excellente sopa!... que magnifica sopa!... *(internecendo-se)* Era sempre com o pensamento em ti.—Aqui tens, aqui tens minha filha a razão porque eu te não posso dar dote!...

*Julia.* Não vejo que relação haja...

*Montaudoin.* Não te quero mal, crê... o erro não foi teu... serás o crime, mas não és a criminosa!...

*Julia.* Eu?...

*Montaudoin.* Em quanto a elle... Depois da escriptura fallaremos.—Vou dispôr, para o receber, o quarto amarello.—*(Voltando, e abraçando-a)* Julia, pensa algumas vezes em mim!...

*Julia.* Mas papá...

*Montaudoin.* Nem mais um passo.—Vou dispôr o quarto amarello.—*(Sáe pelo F.)*

## SCENA XVII

### Carlos, e Julia

*Julia (só.)* Não entendi palavra do que elle me disse...

*Carlos (entrando.)* Então—que passou com seu pae?...

*Julia.* Teima em não me dar dote...

*Carlos.* Peior é essa!

*Julia.* Mas isso que tem! O dinheiro não faz o amor...

*Carlos.* De certo; mas o dinheiro funda as sociedades commerciaes...

*Julia.* Fallaremos com o seu patrão... e havemos de acordar-lhe o coração, descrevendo-lhe o nosso amor...

*Carlos.* O amor não tem écho n'aquelle coração... O que lá chega unicamente é o tenir do metal branco ou amarello;—mas porque a não quer dotar seu pae?...

*Julia.* Ignoro.—Ainda agora quando ficou só comigo, tão depressa me abraçava como me repellia!...

*Carlos.* É celebre!—Mas, oiço a voz do sr. Penuri... deixe-me com elle...

*Julia.* Não se demore muito... (*Sáe*).

## SCENA XVIII

### Penuri e Carlos

*Penuri (entrando—comsigo)* Fui lanchar alguma coisa, e quiz aproveitar a occasião interrogando a criada,—mas a ladina não sei que intenções ousou perceber nas minhas indagações, que por um triz me não engorda a face esquerda!...

*Carlos.* Sr. Penuri...

*Penuri.* Ólá! o noivo!... aconselho-lhe, meu amigo, que vá fortificar o estomago, porque a escriptura promette demora...

*Carlos.* Ha risco de se não assignar...

*Penuri.* O que diz?...

*Carlos.* O sr. Montaudoin continua a negar o dote a sua filha...

*Penuri.* Não me falle n'isso! Acho mesquinho da sua parte que tal faça!...

*Carlos.* Julia e eu, contamos com o seu auxilio...

*Penuri.* Descancem... eu fallarei a Montau-doin...

*Carlos.* Perderá o seu tempo.—Teimou—e quando elle teima...

*Penuri.* Que quer então que eu faça?...

*Carlos.* Se o senhor quizesse... tudo se arranjava... porque... finalmente... o sr. Penuri não tem filhos...

*Penuri.* Quem lh'o disse?...

*Carlos.* Alguem me informou...

*Penuri.* Ah...(*áparte*) O rapaz é curioso!...

*Carlos.* E Julia e eu, lembrám'o-nos... que talvez podesse...

*Penuri.* O que?...

*Carlos.* Dar o dote que se nos recusa...

*Penuri.* Com que fundamento?

*Carlos.* O fundamento consistia em ficar sendo considerado o homem mais generoso do universo!

*Penuri.* Creio que dar 13:505 francos e versos, já inculca generosidade.

*Carlos.* Ora vamos sr. Penuri, immortalise-se com similhante rasgo!

*Penuri.* Vá com Deus... ou senão, espere, darei mais estas argolas para os guardanapos.

*Carlos* (*examinando-as*). São de plaqué!

*Penuri.* O que faltava era serem de prata!.. Não sabe o rifão... cavallo dado... e além d'isso, é muito feio ser pedinchão a esse ponto!

*Carlos.* Se é feio ser pedinchão... tambem não é bonito ser ridiculo! Plaqué... que vergonha! (*Sáe.*)

## SCENA XIX

**Penuri, depois Montaudoin, depois Lemartois**

*Penuri (indo atraz d'elles)*. Se lhe não fazem conta, póde restituir-mas!... Que tal está? Levanta-se com o santo e com a esmolla!

*Montaudoin (entrando com uma serra na mão. Á parte)*. Ah! estou mais tranquillo... ficou preparado para o receber o quarto amarello...

*Penuri (áparte)*. Pois elle foi serrar no dia em que se assigna a escriptura do casamento da filha... N'esta casa chovem asneiras!

*Montaudoin*. Penuri, tenho que te fallar, porque eu ainda hesito... as recordações da mocidade, a amisade que por tanto tempo nos uniu, tudo me obriga a pedir-te uma explicação.

*Penuri*. Falla.

*Montaudoin*. Sei tudo! Julia não é minha filha!

*Penuri*. Oh! meu Deus!

*Montaudoin*. Não te finjas admirado...

*Penuri* Se te parece!.. pois não queres que me admire ouvindo similhante revelação!

*Montaudoin*. Fui atraiçoado por um amigo...

*Penuri*. Devéras?

*Montaudoin*. Não te finjas admirado... Por um amigo que faz versos!

*Penuri*. Ah!

*Montaudoin*. E que se julga quite dando 13:505 francos áquella creança!..

*Penuri*. O que!..

*Montaudoin*. Este amigo és tu... ou antes é o senhor!

*Penuri* Similhante disparate é que eu não esperava!

*Montaudoin*. Tudo o insinúa, tudo o denuncia, tudo

o prova... Em primeiro logar aquelles 13:000 francos... não façamos caso dos centesimos...

*Penuri.* Ah! a prova está na doação! Se a cousa é assim... prefiro dizer tudo.

*Montaudoin* Tudo o que?

*Penuri.* Aquelles 13:000 francos foi tua mulher que m'os entregou.

*Montaudoin.* Elisa, minha mulher!..

*Penuri* Economisou-os ás escondidas, e como tem medo de ti, pediu-me que fizesse eu a doação em meu nome; ahi tens a verdade.

*Montaudoin* Minha mulher! Será possivel? Oh! meu amigo! se fosse verdade o que dizes!.. (*chamando*) Elisa!..

*Lemartois (apparecendo á porta da E).* É para concluirmos a escriptura?

*Montaudoin.* Não foi pelo senhor que eu chamei, foi por minha mulher! É insupportavel este tabellião. (*Lemartois desapparece*).

## SCENA XX

### Penuri, Montaudoin e Elisa

*Elisa.* Chamaste, meu querido amigo?

*Montaudoin.* Chamei, sim. Aproxima-te.

*Elisa.* Que ar tão tragico! Que mais aconteceria?

*Montaudoin.* Não tremas, e responde. É verdade que entregaste ao senhor Penuri a quantia de 13:000 francos?

*Elisa.* Eu!.. não... nunca... é falso!..

*Montaudoin.* Oh!..

*Penuri (indo a Elisa).* Espera; deixa-me fallar-lhe! Ouça, minha senhora. É inutil negar. Eu revelei o segredo.

*Elisa.* Não sei o que este homem quer dizer! É falso! É mentira!.. (*Sáe pela E*).

## SCENA XXI

**Montaudoin, Penuri, depois Lemartois, depois Carlos, depois Julia, Josephina, Elisa, e Convidados.**

*Montaudoin.* As cousas seguem o seu curso natural.

*Penuri.* Que curso?

*Montaudoin.* Esperava illudir-me, mas a sua cumplice foi mais franca.

*Penuri.* Mas se eu te juro...

*Montaudoin.* Além d'isso como poderia ella juntar similhante quantia? Eu bem havia de o ter percebido; vê lá se eu percebo a historia dos 37 soldos...

*Penuri* (*illuminado*). Oh! meu Deus! que raio de luz!..

*Montaudoin.* Não vejo?..

*Penuri.* É que tens os olhos fechados... vou abrir-t'os. Os 37 soldos que te empalmam diariamente desde o nascimento de tua filha... Que idade tem tua filha?

*Montaudoin.* Vinte annos.

*Penuri.* Dá cá depressa uma penna, dá cá papel... Veremos se prefaz a quantia!

*Montaudoin.* Que quantia?

*Penuri* (*indo á mesa, dando-lhe papel e penna*, e *obrigando Montaudoin a sentar-se*). Multiplica vinte annos por 37 soldos... Não... multiplica 37 soldos por vinte annos! Espera, que é a mesma cousa. Vai-se esclarecer tudo!

*Montaudoin.* Então elle vai examinar-me agora em arithmetica!

*Penuri.* Principia, anda, que eu tambem vou fazer a conta para compararmos.

*Montaudoin.* Cada vez entendo menos! (*contando*). Dizias tu que multiplicasse vinte annos por 37 soldos?

*Penuri.* Foi um raio de luz, bem disse eu! 37 por 365... Não me falles! 7 vezes 5 = 35.

*Montaudoin (contando).* Ponho 2 e vão 3...

*Penuri.* Tres vezes 6...

*Montaudoin.* 44...

*Penuri.* 6 vezes 6 = 44... e vão...

*Montaudoin.* 3 vezes 3...

*Penuri.* 29...

*Montaudoin.* 29 e vão 2... 14 vezes 12...

*Penuri.* E 75...

*Montaudoin.* E 82... dá-me o total de 48:496 francos!..

*Penuri.* E a mim 63 mil... cinco e dois... Não é isto!.. Estamos muito impressionados... Recomecemos...

*Lemartois (entrando pelo F. á D).* Eu é que não posso aqui passar o dia todo!..

*Penuri.* O tabellião! Estamos salvos!.. Assente-se ali (*senta-o á mesa*) e multiplique 37 soldos por vinte annos.

*Lemartois.* O que é que o senhor quer que eu faça?.. Mas a escriptura...

*Penuri.* Logo... depois!.. 37 soldos por vinte annos. Comece, ande. (*A Montaudoin*). Conta tu igualmente, e eu... contemos todos!

*Montaudoin.* Ora deixa-me em paz! Peço-te uma explicação e respondes-me com uma multiplicação!..

*Penuri.* É para teu bem... 7 e 8...

*Montaudoin.* 3 vezes 7 = 21...

*Penuri.* Está n'isto a tua felicidade!.. 3 vezes 6...

*Montaudoin.* 112...

*Lemartois.* E 112... 84...

*Penuri.* A minha... a felicidade de tua mulher... 2 vezes 5... a ventura de Carlos...

*Lemartois.* Aqui está o resultado.

*Penuri.* Ouve e ajoelha depois a meus pés!

*Lemartois*. Tres milhões 728 mil francos...

*Penuri*. O que?... tres milhões!.. tratante.

*Lemartois* (*levantando-se*). Mas...

*Penuri* (*ao tabellião*) Nada de injurias, porque eu não lh'as ouviria impassivel!

*Montaudoin*. Nem eu tão pouco, ouviu?..

*Carlos (entrando)*. Então, meu sôgro, e a escriptura não se faz?..

*Penuri* (*vendo Carlos*). Ah! teu genro!.. um guarda livros!... um homem que sabe multiplicar!.. estamos salvos. *(Affasta o tabellião, e obriga Carlos a sentar-se no seu logar; a Carlos*). Multiplique 37 soldos por 20 annos.

*Carlos*. Hem?

*Montaudoin* Não acabará isto por uma vez?

*Penuri* (*a Carlos*). Depende d'esta multiplicação o seu dote se está na resolução de casar, multiplique.

*Carlos (fazendo a conta)*. O meu dote?

*Elisa (entrando pela D)*. E a escriptura não se termina?

*Penuri*. Espere. Não o distráia.

*Elisa*. O que está elle a fazer?

*Penuri*. Uma conta por sua conta.

*Carlos*. Aqui está feita. Produz 13:505 francos.

*Montaudoin e Elisa*. Hem?..

*Penuri*. Exactamente! Comprehendes agora?

*Montaudoin*. Não comprehendo nada.

*Penuri*. Tua mulher rouba... pedia-te emprestados 37 soldos por dia... os quaes 37 soldos multiplicados por vinte annos...

*Montaudoin*. É possivel?.. Pois tu Elisa!.. (*pegando no papel*). Deixem-me tirar a prova... (*vai para a mesa*).

*Penuri*. Oh! tu nunca acertarás!.. Tem sangue frio, não te perturbes! (*aos outros*) Calem-se... não o distráiam.

*Montaudoin*. É exacto: 13:505 francos.

*Elisa* (*áparte*). Sabe tudo!

*Montaudoin*. Minha senhora, eu podia, devia talvez, leva-la perante o tribunal...

*Elisa*. Meu amigo sê generoso!

*Montaudoin*. Mas não quero que uma certa imprensa, sempre ávida de escandalos, penetre no meu lar domestico... Elisa, perdôo-te!

*Elisa* Ah! Montaudoin!

*Julia* (*entrando*). Papá...

*Montaudoin*. Minha filha!.. (*áparte, olhando para Penuri*). Agora reparo... Não se parecem nada! elle é feissimo, e ella bonita!.. (*a Elisa*). Mas porque me tiravas 37 soldos e não 40, que é uma conta redonda?

*Elisa*. Porque se te tirasse 40 soldos, descobrias tu logo a falta d'elles!

*Montaudoin*. Dizes bem. Como a ternura das mães é engenhosa!

*Josephina*. (*entrando*). Uma carta de Étampes.

*Montaudoin*. É do tenente Champmarteau!.. Versos!.. (*lendo*).

Amor colheu estas flores

*Penuri*. (*áparte*) Oh! com a fortuna! (*faz um movimento para safar-se*).

*Montaudoin* (*puxando-o pela aba da casaca*). Ouve cá, Penuri.

*Penuri*. Que queres, meu amigo?

*Montaudoin*. Creio que ha só um exemplar de versos em Étampes!

*Penuri*. Tu bem sabes que nas terras de provincia, uma poesia é propriedade de todos. Mas esta confesso-te, que é do tenente Champmarteau.

*Montaudoin*. Devéras?.. Querido amigo, obrigado!.. E eu que te accusava... e eu que me dispunha... A proposito, quando chegares á janella do teu quarto,

não te encostes muito á grade. *(Todos sobem, Penuri e Montaudoin ficam á bocca da scena.)*

*Penuri.* Porque?

*Montaudoin.* Porque eu n'um momento de colera, fui serrar-lhe o encosto!

*Penuri.* Obrigado, pelo aviso.

*Os Convidados (entrando).* E a escriptura?

*Montaudoin.* Immediatamente. Tomem os seus logares; e d'esta vez só uma reclamação nos póde interromper... é a que nos fizerem aquelles convidados! *(Indicando a platéa).*

FIM

GALERIA THEATRAL

# TRIBULAÇÕES D'UM POETA

COMEDIA N'UM ACTO

ORIGINAL

DE

EDUARDO COELHO

Representada com applauso no theatro de Variedades.

Livraria de J. V. da Fonseca e Castro Rua Augusta n. 18,

LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA.
6, Rua do Thesouro Velho, 6.

1862

## PERSONAGENS

| | |
|---|---|
| **ARSENIO DE MENDONÇA**, poeta. . . . . | 26 annos |
| **JACINTHO**, seu criado, gaiato . . . . . . | 20 » |
| **D. ELISA**, viuva, senhora romantica. . . . | 30 » |
| **MARIA**, sua criada . . . . . . . . . . . | 32 » |
| **ESTEVÃO DA CUNHA**, maniaco . . . . . | 36 » |

*N. B.*—Não poderá representar-se em parte alguma esta comedia sem prévio consentimento do auctor, que para si reserva os direitos que lhe confere a lei.

# ACTO UNICO

Casa pobre. Camapé antigo que serve de cama a Arsenio. Um moxo; uma cadeira; uma meza; estante com alguns livros; bahu velho; papeis pegados pelas paredes, etc. É tudo desarranjo. Papel, tinteiro e pennas sobre a meza. Porta ao fundo que se abre com um cordão que tem prezo ao trinco pela parte de fóra. Porta á direita.

## SCENA I.

ARSENIO *e* JACINTHO

*Arsenio. (Sentado a escrever recíta com enthusiasmo o que escreve.)*

Apagou-se-lhe a vida a pouco e pouco,
E o poeta morreu de maguas cheio!

*Jacintho. (A meia voz lastimando as roturas dos botins de Arsenio).* E com as «palhetas» todas rôtas!

*Arsenio. (Continuando)* Porém hoje de pasmo ao mundo serve.

*Jacintho. (Como acima, mirando o chapéo de Ar-*

*senio que está sobre a meza*). O «penante» amolgado como um figo do Algarve!

*Arsenio.* (*Continuando.*) E não hei de eu querer tambem ser vate?

*Jacintho. (Alto mirando-lhe o vestuario*). Para andar sempre com a «farpella» mais russa do que um russo, não é verdade, meu amo?

*Arsenio.* Não dizes senão asneiras. Quem portam essas bagatellas, se depois do soffrer nos vem a gloria!

*Jacintho.* Isso é muito bonito, mas o peior é cá esta senhora *(Palpando a barriga.)* que se não sustenta com gloria.

*Arsenio.* É verdade Jacintho, é uma verdade bem amarga!

*Jacintho.* E olhe que amarga bem a tal mostarda do sr. São Bernardo.

*Arsenio.* Mas não tens esperança de obter almoço ao menos para ti?

*Jacintho.* Não tenho nem «cheta» na «aljava»; nem ha mesmo um só palpite.

*Arsenio.* Demais a mais perdeste a noite tambem ao pé de mim... maldicto fadario!

*Jacintho.* Lá o perder a noite foi o mesmo: «quem corre por gosto não cança» e eu gosto de ouvir as bonitas coisas que meu amo escreve: o peior foi o melro do livreiro não lhe mandar o dinheiro da obra.

*Arsenio.* É um Judas, como todos os editores de Lisboa, aquelle homem. E nós que soffiramos as consequencias de suas usuras!

*Jacinto.* E nem por desgraça ha «brete» em casa para entreter os queixos.

*Arsenio.* Vae empenhar aquelle diccionario.

*Jacintho.* Nada! d'esta vez ainda não vae para o

«prego» : não diz que aquelle livro lhe é muito preciso? então deixe-o, Deus é grande. Vou-me deitar para descançar e logo se cuidará da trincadeira. A «larica» por ora inda não mata.

*Arsenio.* Dizes bem : é prudente descançarmos.

*Jacintho.* (*Entrando pela porta da direita.*) Até logo meu amo.

## SCENA II

ARSENIO (*só*)

O poeta é o animal que mais commodidades devia ter no mundo, e é justamente o que soffre mais privações. E a sociedade tem restricta obrigação de sustentar o poeta que canta em deliciosos versos, n'essa linguagem celeste, as suas prosaicas acções; porém acontece ao contrario : a sociedade quer que o poeta a sustente : Exemplo — o sapateiro quer que lhe pague o feitio das botas; o alfaiate a sobrecasaca; o padeiro exige-me dinheiro pelo pão, o aguadeiro pela agua; é uma barbaridade. De fórma que me vejo obrigado a entreter-me com estas pequenas bagatellas, taes como tractar de arranjar hoje ao menos jantar. (*Abrindo a bocca.*) Ai, jantar, jantar! quem te podéra dedicar hoje as ternas harmonias... do seu estomago?... E' terrivel esta situação. Embora! «não ha o rei perde» : animo! A philosophia tem leis para tudo. Durmâmos (*Deita-se sobre o camapé á esquerda com as costas voltadas para o palco.*)

## SCENA III

*O mesmo*, D. Elisa *e* Maria

*D. Elisa.* (*Puxa o cordão da porta que se abre*). Deve ser d'este lado; a entrada o denuncia, a porta aberta.

*Maria.* (*Mirando a casa.*) Mas que espelunca tão «reinadia», minha senhora!

*D. Elisa.* É casa de poeta. As habitações dos homens distinctos são sempre assim; morro de amores por casas d'estas.

*Arsenio.* (*Vendo furtivamente as duas.*) Oh! mulheres em minha casa! (*Áparte*).

*D. Elisa.* (*Reparando em Arsenio que finge dormir.*) Ah! é elle!

*Maria.* (*Idem.*) É verdade, é elle.

*Arsenio.* (*Áparte.*) É elle?... vou observar isto.

*D. Elisa.* Dorme. Não lhe acordemos a musa. Está colhendo novas inspirações. Sentemo-nos em quanto não acorda.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Que demonio me quererão estas nymphas?

*Maria.* Que animo que a senhora tem para entrar em casa de um homem só.

*D. Elisa.* (*Suspirando.*) Ah! o amor a tudo obriga!

*Arsenio.* (*Áparte.*) Ai! ella ama! provavelmente vem pedir-me alguns versos ou carta de amores... Estás servida! não acordo tão depressa!

*D. Elisa.* Além de que... o poeta é differente do resto dos homens... é bem educado, cortez, conveniente... por isso nada devemos temer.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Agradeço o elogio em nome da classe.

*Maria.* Mas olhe que sempre pertence ao genero masculino.....

*D. Elisa.* Embora! Eu quereria passar toda a vida rodeada de poetas. Sou doida pelas musas.

*Arsenio. (Áparte.)* É cavalgar no Pegaso, e ir viver para o Parnaso.

*Maria. (Reparando em Arsenio que resona.)* Mas como elle dorme a somno solto!

*D. Elisa.* Está brincando com as musas, pedindolhe talvez novos cantos.

*Arsenio. (Áparte.)* Esta musa quererá tambem brincar comigo?

*Maria.* Mas a senhora tenciona esperar que elle acorde? Não era melhor acordal-o?

*D. Elisa.* Não. Não se deve perturbar o somno ao genio.

*Arsenio (Áparte.)* Inquestionavelmente a mulher tem aspirações a poetisa.

*Maria.* E se elle dormir até ao dia de Juizo, ficaremos aqui até ao tocar da trombeta final?

*D. Elisa.* Tens rasão. Saiamos e voltemos logo.

*Arsenio. (Áparte.)* E eu que muito agradeço a ausencia da sua antipathica companhia!

*D. Elisa.* Mas deixa-me primeiro examinar isto. (*Olhando em derredor da casa.*) Tudo respira humildade e philosophia. Cada vez me sinto mais apaixonada!

*Maria (Áparte.)* Ora esta! minha ama tem aduella de menos.

*D. Elisa.* Oh! quanto elle deve soffrer, falto de meios e talvez de protecções. *(Palpando as algibeiras do collete de Arsenio que está nas costas da cadeira.)* Coitado! não tem vintem! *(Mettendo-lhe um pinto.)* Deixemos-lhe ao menos para charutos.

*Maria.* Então vamos, minha senhora? (*Sobe.*)

*D. Elisa.* Sim, vamos, mas hei de fallar-lhe infallivelmente hoje. (*Indo a sair e olhando Arsenio com ternura*) Ah! que figura tão attractora. *(Saem).*

## SCENA IV

ARSENIO (*só*).

(*Levantando-se exasperado.*) Consequencia immediata de ter a porta aberta. Original aventura? Virem duas mulheres procurar-me a casa! Maldictas! detesto-as, e ellas não me deixam socegar um instante!.. (*Mudando de tom e abrindo a bocca.*) Ah! Sinto um vacuo terrivel no meu estomago. Vae-se ennevoando o céo...... da minha bocca, e começo a crer que não ha philosophia que resista á fome. Nada! o remedio é sair, e diligenciar a todo o custo obter provisões para a praça. A minha estranha visita prometter voltar... ha de querer mostar-me alguma composição poetica da sua lavra; mas hoje não soffro massadas: é dia de quarto minguante... nas regiões do meu estomago, e parece-me que temos eclipse total... (*Fazendo cruzes na bocca.*) de petiscos. *(Veste o colete e palpa a algibeira.)* Porém que vivida estrella é esta que vem illuminar as trevas da minha penuria? (*Tirando o pinto.*) Um pinto! Oh! suprema felicidade! Oh! ventura nunca assaz cantada! Foi decerto ella, essa interessante desconhecida que vem trazer-me esta aurora de felicidade. Oh! mulher celeste, fulgurante divindade, que com os brilhantes raios emanados do teu fusco semblante vens illuminar as trevas da minha barriga, vou já dedicar-te uma cançoneta, dois sonetos, tres odes, quatro epistolas, um poema até em cincoenta cantos! (*Pausa.*) Mas primeiro vamos acudir á barriga que travou

lucta com a cabeça. (*Olhando para a porta da direita*) Jacintho logo almoçará. (*Sae pulando e trautiando*) Tra, la, ra, tra, la, la, la, ra!

## SCENA V

JACINTHO (*sahindo do quarto*)

Pareceu-me sentir meu amo levantado. (*Reparando.*) Sahiu. Ou foi trincar ou arranjar trincadeira!.. Mas que grande «azia» que eu tenho. (*Palpando a barriga.*) Está a dar horas sem parar esta maldicta! Isto de ser creado de poetas é mau emprego! Lá fartinho de versos e de coisas «mysticas» anda a gente; mas a respeito d'aquillo com que se compram os melões, *nentes*! E' fome de criar bicho. Hoje então nem por desgraça ha cigarros em casa. Se eu arranjasse ao menos duas mexicanas mulatas ainda punha uma rolha no gorgomillo, porque ia aos bifes sombrios ao armazem das iscas e já não esticava canella com azia; mas nem isso se arranja. (*Com resolução.*) Ora! saude; vou lêr, que é o que meu amo faz quando está «inquizilado» (*Senta-se a ler n'um livro.*) «Poeta em dias de prosa, peça do infeliz Antonio José, queimado pela inquisição» (*Fallando.*) A modos que n'outro tempo os homens de boa cabeça eram queimados vivos, agora não os queimam; deixam-nos esticar com fome, que é peior ainda!

## SCENA VI

*Os mesmos,* D. ELISA *e* MARIA

*D. Elisa. (Abrindo a porta.)* Está em casa o sr. Arsenio de Mendonça?

*Jacintho.* (*Aparte.*) Holá! saias em casa de calças!

(*Alto.*) Penso que elle foi gyrar, pois deitei-me ha pouco porque estive a fazer serão com elle, e quando acordei já o não topei. (*Áparte, mirando a creada.*) Ai que creadinha tão nedia!

*D. Elisa.* Demorar-se-ha muito?

*Jacintho.* Olhe, minha senhora, elle é um patusco muito grande, e tem a mania de não gostar de almoçar sósinho, por isso talvez se demore se encontrar alguem que almoce com elle. (*Aparte.*) Que lhe pague o almoço.

*D. Elisa.* Nós esperamos por elle.

*Jacintho.* Sem ceremonia, fazem favor de se sentar, aqui não ha luxo.

*Maria.* (*Áparte.*) Forte novidade!

*D. Elisa.* Vocemecê é o creado da casa?

*Jacintho.* Creado de meu amo, e da senhora tambem. (*Passando para ao pé de Maria, a meia voz.*) E da menina igualmente.

*D. Elisa.* Diga-me, em que se emprega o sr. Arsenio?

*Jacintho.* Emprega-se... eu sei lá... em trinta mil coisas. Faz livros de lettra de imprensa, faz entremezes e comedias para o *treatro*, escreve nas gazetas, e é escrevente d'este *perioste*, olhe, olhe. (*Dá-lhe um periodico que está sobre a meza.*)

*Maria.* (*Áparte.*) Que homem tão espevitado!

*D. Elisa.* Bem sei; é o *Gabinete Litterario.* Sou assignante d'este periodico. (*A Maria.*) Vês, não me enganei. (*A Jacintho.*) E seu amo tem algum rendimento?

*Jacintho.* (*Áparte.*) Um poeta com rendimentos! que pergunta tão tola! (*Alto.*) Oh! aquella cabecinha rende muito: tem dentro da *cachimonia* um armazem de coisas que fazem pasmar de bonitas que são. Pois então versos?... isso ninguem os deita como elle.

## SCENA VII

*Os mesmos e* ARSENIO

*Arsenio.* (*Áparte.*) A desconhecida! (*Comprimentando.*) Minha senhora.

*D Elisa.* Ill.$^{mo}$ sr. Arsenio.

*Arsenio.* Posso em alguma coisa ser util a V. Ex.$^{a}$?

*D. Elisa.* V. S.$^{a}$ é collaborador do *Gabinete Litterario*, não é exacto?

*Arsenio.* Para servir a V. Ex.$^{a}$

*D. Elisa.* Pois senhor, eu sou assignante d'essa folha desde o começo da sua publicação. Tenho lido os seus artigos e poesias, e forçoso é confessal-o, tem-me encantado os seus versos.

*Arsenio.* Oh! minha senhora, envergonha-me...

*D. Elisa.* Isto não é um elogio banal; é a verdade. Eu morro por poesias bonitas, e desde muito tempo que os versos são para mim o mais agradavel deleite. Encontro nas suas poesias um certo não sei que de ardente e apaixonado que me extasia e faz palpitar o coração.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Oh! que supplicio!

*Jacintho.* (*Áparte.*) A mulher tem *telha*, e eu vou namorar a creadinha.

*D. Elisa.* V. S.$^{a}$ comprehende o sentimento de que é susceptivel o coração da mulher, por isso não zombará das minhas palavras.

*Arsenio.* Pensal-o fôra um crime.

*D. Elisa.* Sim, eu já o sabia, já phantasiava em sonhos o caracter exemplar do homem que traduz as vozes do amor em ardentissimos versos.

*Arsenio.* Por quem é minha senhora. (*Áparte.*) Excentrica creatura!

*D. Elisa.* Ora, quem ama o effeito deve amar a

causa: eu adoro os seus versos, e idolatro o auctor. Não julgo servil adorar um homem do seu talento, nem humilhação declarar-lhe este affecto. Amo-o com um amor infinito.

*Arsenio.* (*Aparte.*) Oh que desapontamento. *(Alto, reprehensivo.)* Senhora!

*D. Elisa.* Ha dois annos que nutro em silencio esta paixão. Vi o seu nome junto aos seus versos e busquei conhecel-o. E só tive esta ventura quando V. S.ª começou a passar pela rua onde móro...

*Arsenio.* Ah! pois eu passo pela rua onde V. Ex.ª mora? (*Aparte.*) Percebo, quer dar-me a morada para eu a visitar.

*D. Elisa.* Sim, sr. Arsenio; e isto fez augmentar a intensidade do meu amor a ponto de não poder por mais tempo soffrer-lhe os impulsos, e indagar a sua morada para lhe fazer esta declaração.

*Maria.* (*Aparte.*) A minha senhora sempre tem ratices.

*Jacintho.* (*Aparte.*) Isto vae de vento em pôpa, Vou fazer a segunda parte com a creada. (*Approxima-se d'ella.*)

*Arsenio.* Minha senhora eu sinto muito...

*D. Elisa.* *(Interrompendo-o.)* Sei que sente muito, e não podia deixar de sentir o homem cujos versos respiram tanto sentimento. Por tanto não ha de desprezar esta homenagem. Amo-o muito, muito!

*Arsenio.* *(Aparte.)* Esta mulher é um vulcão.

*Jacintho.* (*A meia voz a Maria.*) Sim, queridinha, não te conhecia, mas amava-te ás escondidas.

*Maria.* *(Idem.)* Forte toleirão.

*Arsenio.* Pois minha senhora, lamento o estado de amor e ardencia do seu coração, que faz um perfeito contraste com o meu onde só ha frio e gello, mas sinto dizer-lhe que não posso amar.

*Maria.* (*A Jacintho a meia voz.*) Não me pisque o olho, que para cá vem de carrinho.

*D. Elisa.* Oh! não ha de despedaçar-me assim o coração. Eu possuo o nome que V. S.ª tem cantado nos seus versos. Amo-o pelo seu talento, pelos seus versos, pelas suas qualidades, por tudo emfim.

*Jacintho.* (*A Maria.*) Amo-te pelos teus olhos pretos, pelos teus beiços pintados de encarnado...

*Maria.* (*Rindo.*) Não seja pateta.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Esta mulher incendeia-me. (*Alto.*) Porém eu não tenho culpa, minha senhora...

*D. Elisa.* Sou livre, sou viuva rica e com muitos rendimentos, e tudo lhe offereço com a posse da minha mão.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Ai, ai! Falla-me em casamento. (*Alto.*) Agradeço as suas offertas, conheço as suas castas intenções, mas não posso acceitar.

*D. Elisa.* Oh! não ha de rasgar sem dó este pobre coração; ha de dar-me uma esperança.

*Maria.* (*A Jacintho que quer beijar-lhe a mão.*) Affaste-se, senão dou-lhe um bofetão.

*Jacintho.* (*A meia voz a Maria.*) Sim, queridinha, has de deixar dar-te ao menos um beijo na palma da mão.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Esta cegarrega é peior que a falta de fundos. (*Alto.*) Minha senhora, pensarei mais socegadamente nas suas offertas e depois resolverei.

*D. Elisa.* Porém dá-me esperança, não dá?

*Arsenio.* Veremos. (*Áparte.*) Estou fazendo um bello papel de ingenua de 15 annos. (*Alto.*) Hei de pensar.

*D. Elisa.* Depois ha de acceitar este amor desinteressado.

*Arsenio.* (*Áparte.*) É uma Sapho em ternura. Se aqui encontrasse alguma rocha Tarpeia precipitava-se.

*D. Elisa.* Se elle não se escandalisasse? *(Alto.)* Agora que obtive uma esperança ha de dar-me uma prova do seu amor.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Então ella quer provas? (*Alto.*) Mas observo-lhe...

*D. Elisa.* Não observe. Pelo céo lhe peço que acceite esta pequena manifestação da minha ternura *(Offerecendo-lhe um portemonnaie.)* esta prova do amor que lhe consagro.

*Arsenio.( Áparte.)* Então quer comprar amor a dinheiro? (*Alto.*) Não posso acceitar de maneira alguma.

*D. Elisa.* Ha de acceitar. Bem sei que tem faltas, que soffre privações, mas eu hei de diminuir-lh'as.

*Jacintho.* (*Reparando; comsigo.*) Dinheiro. (*Toma com disfarce o portemonnaie das mãos de Elisa dizendo-lhe baixo.*) Vá descançada que eu lh'o farei acceitar.

*D. Elisa.* Retiro-me cheia de esperança e captiva de amor. Adeus querido Arsenio; deposito em suas mãos o meu futuro.

*Jacintho.* (*A Maria parodiando.*) Deposito nas tuas mãos a chave.

*Maria.* Da porta?

*Jacintho.* Sim, da porta d'entrada do meu coração.

*Maria.* É um grande palerma. *(Saem as duas.)*

## SCENA VIII

ARSENIO *e* JACINTHO (*rindo.*)

*Arsenio.* Resivel anedocta. D'isto não resam as chronicas. Estão coroadas as apoquentações do dia.

*Jacintho.* Anda o carro adiante dos bois. O que é a gente ter boa cabeça meu amo!

*Arsenio.* Isto é uma verdadeira calamidade, ter de aturar uma mulher assim!

*Jacintho.* Como são as coisas. Ao senhor veem trazer-lhe o amor a casa e não o quer; e eu ando á cata d'elle lá por fóra e não o encontro.

*Arsenio.* Mas como me hei de ver livre d'esta louca?

*Jacintho.* Ora deixe-se de escrupulos, meu amo; a mulher tem muito pinto... case com ella que se vê livre de miserias.

*Arsenio.* Ia metter-me n'um inferno.

*Jacintho.* Inferno é a gente andar sempre feito um *val-de-vinos,* sem vintem. Ao menos diga-lhe que morre por ella, apanhe-lhe os cobres, depois mande-a á fava: olhe para hoje já aqui ha muito *milho.* (*Mostra-lhe o portemonnaie.*)

*Arsenio.* Para que acceitaste esse dinheiro?

*Jacintho.* Para o meu amo. (*Abrindo o portemonnaie.*) Duas amarelinhas, uns cassoquins, e um bilhete.

*Arsenio.* (*Tomando o bilhete.*) É a sua morada... Has de ir restituir-lhe esse dinheiro. Se acceitasse tinha todos os dias essa carraça a perseguir-me.

*Jacintho.* Lá sem disimar alguma coisa é que o não levo. Era o que faltava ter aqui remedio para curar a *asia* e ficar a olhar ao signal.

*Arsenio.* Has de ir entregal-o, acompanhado de um bilhete que vou escrever á essa louca desvanecendo-lhe as ideas que tem a meu respeito. Depois passa pelo botequim que lá deixei o almoço pago para ti.

*Jacintho.* Sancta palavra. Já aqui não está quem fallou.

*Arsenio.* Vou escrever o bilhete. (*Senta-se á banca a escrever.*)

*Jacintho.* (*Áparte.*) Como lá vou é occasião de deitar outra vez o *lusio* á creadinha. Vou escrever-lhe uns versos cá dos meus para lhe entregar. *(Senta-se no camapé e escreve a lapis sobre o joelho.)*

*Arsenio.* (*Escrevendo.*) Minha senhora. É absolutamente impossivel eu acceitar o seu affecto, e por conseguinte as suas offertas...

*Jacintho.* (*Escrevendo pausadamente.)*

«Ó rapariga ladina
«Sabe que o meu coração
«Já por ti está ardendo
«Em brasa... como um tição!

*Arsenio.* (*Continuando.*) «Conheço quanto póde um coração apaixonado — não escarneço o seu excesso; mas desterre as ideas que a animam em relação a este seu creado e busque esquecer-me.»

*Jacintho.* (*Continuando.*)

«Se tu receber quizesses
«Do teu Jacintinho o amor,
«Eu iria á tua porta...

(*Scismando.*) Que demonio havia de eu ir fazer á porta d'ella! (*pausa*) Ah!

«Eu iria á tua porta
«Alegre tocar tambor.»

Este tambor aqui foi bem mettido.

*Arsenio. (Continuando.)* «De V. Ex.ª o mais respeitoso venerador. Arsenio.»

*Jacintho.* (*Idem.*) «O teu fiel mais que tudo. Jacintinho.»

*Arsenio.* (*Entregando-lhe o bilhete.*) Toma. Vae depressa antes que ella venha de novo apoquentar-me.

*Jacintho.* Vou n'um pulo. (*Sae.*)

## SCENA IX

ARSENIO (*só.*)

Tudo parece conspirar-se contra o desgraçado a quem coube por sorte fazer versos. Se soubesse que o licôr de Aganipe era tão amargoso não tentára proval-o. Fogem-me os homens, chegam-se para mim as mulheres. Mulheres, seres inviperados, matreiras raposas que sabem affectar a mansidão de ovelhas para nos assaltarem de subito. (*Batem á porta.*) Teremos nova visita? Esgote-se o calix até ás fezes. (*Abre a porta.*)

## SCENA X

*O mesmo e* ESTEVÃO

*Estevão.* (*Entrando espavorido.*) Estou louco, perdido de cabeça, exaltado de animo, agitado de espirito e sequioso de amor e de vingança!

*Arsenio.* (*Depois de o mirar admirado — pacificamente.*) E esta? Meu caro senhor, provavelmente enganou-se na porta. Aqui não móra medico nem enfermeiro.

*Estevão.* Não enganei. É aqui o lugar tenebroso.

*Arsenio.* Se acha escuro, para o obsequiar, vou accender uma vela.

*Estevão.* Não graceje. Estes moveis e estas paredes são...

*Arsenio.* (*Interrompendo-o.*) São muito meus e do senhorio.

*Estevão.* Não me faça desesperar! Estes moveis e estas paredes são testemunhas mudas da mais negra atrocidade, do mais nefando crime.

*Arsenio.* (*Áparte.*) A outra era parva; este é doido

furioso! (*Alto.*) Olhe, os unicos crimes que aqui se teem commettido são não pagar ao senhorio quando ha maré vasia no coffre e não comer sempre que ha vontade.

*Estevão.* Não disfarce com sophismas o crime de que o sr. é auctor.

*Arsenio.* (*Comsigo.*) [illegible] veria hoje em jejum algum corcunda? (*Alto.*) Você era capaz de levar um innocente á Inquisição se ella existisse.

*Estevão.* E merecia-o. Mas não importa: o senhor é réo, está condemnado e ha de ser-lhe infligido o castigo.

*Arsenio.* Isto não se atura! Meu amigo explique-se, ou então dê meia volta á direita e deixe-me em paz.

*Estevão.* Não o deixo sem que a justiça tenha descarregado o golpe fatal sobre a sua cabeça. O sr. não me conhece?

*Arsenio.* E desejarei não o vêr muitas vezes, sobretudo com manias d'esta ordem.

*Estevão.* Pois bem sou maniaco, estou maniaco por uma mulher.

*Arsenio.* Dou-lhe os meus sentimentos, mas favoreça-me com a sua ausencia.

*Estevão.* Amo uma mulher instruida, virtuosa, bella e rica.

*Arsenio.* É feliz; dou-lhe os parabens.

*Estevão.* Amo-a, morro por ella, e a ingrata despreza-me; é surda ás vozes do meu amor. Dia e noite não penso n'outra coisa.

*Arsenio.* Mas que culpa tenho eu d'isso? Você é peior que todas as pragas do Egypto.

*Estevão.* Serei. Mas aqui é a casa do crime e da traição!

*Arsenio.* Diga antes a casa das embirrações. Acabemos com isto. De que crime sou arguido?

*Estevão*. De uma traição tremenda: vi-a entrar para aqui.

*Arsenio*. A traição?

*Estevão*. Não. A traidora! E és tu homem sem alma...

*Arsenio*. Eu sou a traidora (*rindo*) ah! ah! ah!

*Estevão*. És tu q[illegible]e usurpas o seu coração.

*Arsenio*. Diga-me uma coisa; você não tenciona sair d'aqui?

*Estevão*. Hei de sair depois d'aqui ter deixado um cadaver.

*Arsenio*. (*Rindo*.) Ah! ah! ah! (*Com toda a paz d'espirito*.) Olhe deixe o [illegible] que eu tractarei de lhe escrever um balofo necrologio — dos da moda.

*Estevão*. Não. O cadaver ha de ser o teu. (*Engatilha uma pistola*.)

*Arsenio*. (*Aparte*.) Este maldicto é capaz de desfechar. E eu sem ter um apito. É preciso energia! (*Intrincheira-se com a meza e trava do moxo*.) Saia d'aqui immediatamente, aliás quebro-lhe os ossos.

*Estevão*. Não recúo. Roubaste-me o seu coração, e hei de vingar-me varando o teu com uma balla.

*Arsenio*. Ó homem infernal, você é peior que o proprio Nero. Se é chefe da policia secreta de Cupido, assevero-lhe que já não surprehendo as nymphas.

*Estevão*. Mas surprehendeste Elisa, essa gentil e inspiradora viuva que ha pouco d'aqui sahiu.

*Arsenio*. Safa! Custou a desembuchar. (*Largando o moxo, e approximando-se d'elle com gravidade.*) Ó meu charo, eu não estou disposto a aturar doidos nem doidas. Essa mulher está doida por mim. o sr. doido por ella, e eu não tenho culpa da molestia de nenhum.

*Estevão* Que me diz?

*Arsenio*. A verdade. Não me importo com Elisa,

não quero d'ella coisa alguma; guarde-a, casem, tenham muitos filhos, sejam felizes, e deixem-me viver socegado no meu casebre que não sou enfermeiro de molestias de peito ou de cabeça.

*Estevão.* Que ouço? É verdade que não a ama?

*Arsenio.* Já lhe disse que sim.

*Estevão.* Porém ella morre pelo senhor.

*Arsenio.* É mania de que eu não tenho culpa. Veio aqui hoje pela primeira vez, jurando-me que me amava; mas eu estou farto de amor até aos olhos.

*Estevão.* (*Querendo abraçar Arsenio.*) Oh! meu bom amigo, perdoe então este excesso de ternura, mas eu adoro-a, e a ingrata despresa-me.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Este amigo dá-lhe a ternura para querer matar gente. (*Alto.*) Está perdoado; descance que não lh'a tiro do lance.

*Estevão.* Obrigado, mil vezes obrigado. Mas o sr. ha de mostrar-lhe que a despresa de maneira que ella se convença, pois só assim obterei o seu amor.

*Arsenio.* (*Áparte.*) Que implacavel apoquentador! (*Alto.*) Então que precisa que eu faça?

*Estevão.* Uma declaração que a dissuada do amor que ella lhe dedica.

*Assenio.* Só para que você me deixe tranquillo vou declarar-lhe até por escripto (*Senta-se e escreve.*) «Declaro, eu abaixo assignado, que não amo, que não posso amar, que não quero amor, que não creio n'elle, que o abomino, que já amei de sobejo — Arsenio de Mendonça» (*Entregando-lha.*) Quer mais alguma coisa?

*Estevão.* Oh! não! isto é bastante para que aquelle anjo me dê o seu amor. (*Abraçando Arsenio.*) O sr. foi o meu salvador.

*Arsenio*. Muito obrigado! e o sr. queria ser o meu assassino.

*Estevão*. O amor póde tudo, e eu amo-a muito. Adeus meu amigo. (*Aperta-lhe a mão caricatamente e sae*).

*Arsenio*. Viva! Respiro emfim (*Estevão sae a porta e volta de novo desvairado. Arsenio vendo-o diz áparte*). Mau! É novo attaque.

*Estevão*. Tive uma idéa infernal... O sr. enganar-me-hia?

*Arsenio*. Não enganei.

*Estevão*. Bem. Confio na sua palavra (*Aperta-lhe a mão e sae dizendo*.) Adeus!

## SCENA XI

ARSENIO (*só*)

Irra antes mil vezes o supplicio de Tantalo! A quanto um poeta está exposto. Vou mudar de systema: afferrolhar bem a porta e os ouvidos. (*Pausa*.) Vejamos se me deixam acabar estes versos. (*Senta-se a escrever*.)

«Despresando as vaidades que me cercam
Solitario viver buscarei sempre,
Que só tu, solidão, dás vida á mente.
Longe dos homens, das mulheres bem longe.
Neste recinto passarei meus dias.»

(*Batem á porta*.) Importuna gente. Sempre a quebrarem o fio das minhas inspirações! (*Exasperado*.) Quem é, puxe o cordão e entre!

## SCENA XII

*O mesmo*, ELISA, MARIA, *depois* JACINTHO

*Arsenio.* (*Áparte.*) Outra vez as mulheres. Não me deixam.

*Elisa* (*Entrando irada.*) Julguei-o homem de outro caracter, sr. Arsenio. Pois venho aqui impellida por um amor puro e casto, deixo-o devassar os mais intimos segredos de minha alma, offereço-lhe a minha mão e com ella a minha fortuna...

*Arsenio* (*Áparte.*) Olhem-se os poetas n'este espelho.

*Jacintho.* (*Entrando áparte.*) Ellas com elle.

*Elisa.* (*Proseguindo.*) O sr. dá-me esperanças, e agora zomba do meu affecto e vae rasgar-me o coração com este punhal! (*Mostrando o bilhete de Arsenio.*)

*Jacintho.* (*Áparte.*) Então ella chama punhal a um bilhete?

*Arsenio.* (*Paciente.*) Perdão, mas a imagem é exagerada!

*Elisa.* Oh! é muito, escarnecer-me assim! O sr. é uma vibora, um tigre!

*Jacintho.* (*Áparte.*) Ah! ah! ah! Tigre o pobre de meu amo «havéra» de ser bonito! (*Ao ouvido de Arsenio.*) Dizem que a mulher tem muito pinto; apanhe-lhe alguns.

*Arsenio.* (*Para si.*) É o mais acertado. (*Alto.*) Fallemos serio, minha senhora; deixemo-nos de exprobações romanticas.

*Jacintho* (*A Maria, imitando.*) Sim, tornando á vacca fria; tu queres ou não queres? (*Maria ri.*)

*Arsenio.* Escrevi este bilhete, mas arrependo-me

de o ter feito. Estou cançado da vida e mutilado pelos desenganos, entretanto se V.ª Ex.ª me jura um amor livre de caprichos correspondel-o-hei.

*Elisa.* Pois não lh'o jurei já? Não lhe disse ser desinteressada esta affeição?

*Maria. (A Jacintho que lhe fallou ao auvido.)* Com essa condição então dou-lhe o sim.

*Jacintho.* (*A Maria.*) És a cachopa mais galharda que o sol cobre.

*Arsenio.* Então conte com o meu amor. (*Áparte.*) Sigo o plano de Jacintho.

*Elisa.* Oh! sou finalmente feliz. Está satisfeita a minha mais ardente ambição. Acredite Arsenio que não ha de arrepender-se. Tenho boa fortuna para lhe dar.

*Jacintho.* (*A Maria.*) Tenho um sacco cheio de «farpella» quasi toda arremendada de novo e de furtacores.

*Elisa.* E quando ha de effectuar-se o nosso consorcio?

*Arsenio.* (*Áparte.*) Esta agora é que é peior (*Alto.*) Ao depois se cuidará d'isso.

## SCENA XIII

### *Os mesmos e* Estevão

*Estevão (Entrando desorientado.)* Até que finalmente os apanhei em flagrante. Oh! crime dos crimes!

*Maria.* (*Áparte.*) Este perseguidor não a deixa.

*Elisa.* (*Com dignidade a Estevão.*) Senhor! é muita audacia! Já lhe disse que são inuteis os seus exforsos!

*Estevão.* São inuteis? paciencia! O arcos das aguas livres verão em silencio mais um suicidio!

*Arsenio.* (*Aparte.*) Este excentrico já ha muito que devia estar em Rilhafolles.

*Estevão.* Mas acredite, minha senhora, que emprega muito mal o seu tempo em amar um poeta.

*Elisa.* O sr. está louco, não sabe o que diz.

*Estevão.* (*A Elisa dando-lhe a declaração de Arsenio.*) Não sei o que digo? pois bem; leia, pasme e admire!

*Elisa.* (*Lendo.*) Oh! isto é horrivel (*A Arsenio.*) Continúo a ser ludibriada e escarnecida. O sr. é um antropophago!

*Arsenio.* (*Pacifico.*) Deixe-se de termos tragicos, minha senhora: fiz essa declaração para me ver livre d'esse sr. que entrou aqui doido furioso.

*Estevão.* Oh! traição imperdoavel! Enganaste-me perfido!

*Arsenio.* (*Confuso.*) Não enganei, disse a verdade.

*Elisa.* Então enganou-me a mim.

*Jacintho.* (*Aparte.*) Estes dois leões são capazes de engolir meu amo.

*Arsenio.* Não enganei, minha senhora, mudei de pensar.

*Elisa.* Oh! não creio n'uma tão rapida mudança. O seu comportamento é abominavel. Retiro-me assombrada do seu fingimento.

*Arsenio.* Mas se eu lhe digo que a amo?

*Elisa.* Não diga mais indignidades. O sr. é um mentiroso.

*Jacintho.* (*Aparte.*) Que injuria! Nem que os poetas não sejam todos mentirosos. (*Elisa dispõe-se a sair com Maria*).

*Estevão.* É bem feito. Estou vingado. Agora vou eu conquistal-a.

*Jacintho.* (*Aparte.*) Eu não largo a creadinha, vou

atraz d'ella (*Elisa e Maria teem chegado fóra da porta, mas Elisa mirando Arsenio com ternura, reflecte e volve*).

*Elisa.* Emfim o amor que lhe dedico é tanto! Acceite a minha mão e conte com um dote de seis contos.

*Estevão.* (*Pasmado.*) Ah! sempre casam — resemme por alma. (*Arsenio indica ao expectador que Estevão não está bom de cabeça*).

*Maria.* (*A Jacintho.*) Para ficar tudo em casa, d'aqui a seis mezes caso com você.

*Jacintho.* (*A Maria.*) Em casando hei de ensinar-te a botar versos.

*Arsenio.* Bem, minha senhora, caso para pôr termo ás minhas tribulações. N'esta terra não se póde viver só de fazer versos e comedias.

*Elisa* É injusto, Arsenio. Aquelles senhores hão de desmentil-o. (*recita com acompanhamento brando na orchestra*.

Como este que vêdes ha muitos poetas,
São raras as loucas a mim semelhantes;
E doido qual esse [1] que amor me votava,
Ha de ser difficil achal-o entre amantes.

Portanto declaro que n'este episodio
Foi apenas louco o arrojado auctor,
Que teve a mania de querer que eu viesse
Pedir-vos por elle para a peça — favor

[1] (*Indica Estevão que encolhe os hombros com ar paciente*).

**DESCE O PANNO**

GALERIA THEATRAL

# A VINGANÇA D'UM BEIJO

COMEDIA EM 1 ACTO

(IMITAÇÃO)

Por

EDUARDO COELHO

Representada pela primeira vez com applauso publico no theatro de Variedades, em 12 de maio de 1859, para solemnisar o casamento da princeza D. Maria Anna.

LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

1861

## PERSONAGENS

**ADRIANO DA CUNHA**, militar, 25 annos. Sr. Queiroz
**JOAQUIM DE CASTRO**, seu amigo, 20 annos.............................................. » Vidal
**LIBORIO BARRIGA**, corretor da Praça 30 annos.............................................. » Isidoro
**BARNABÉ**, moço de uma casa de pasto... » Bernardo
**THERESA**, criada da dita.......................... Sr.ª Francisca
**D. RITTA**, viuva.................................. » Elisiaria
Dois amigos de Adriano.......................... N. N.

*N. B.* — Não poderá representar-se em parte alguma esta comedia sem prévio consentimento do imitador, que para si reserva os direitos que lhe confere a lei.

# ACTO UNICO

Vista de um largo no campo — suburbius de Lisboa. Uma casa de pasto ; defronte um pequeno predio. Algumas arvores e bancos de pedra no largo, e á porta da casa de pasto uma ou mais mezas onde se servê comida. Ao fundo a estrada.

## SCENA I

*(Ao levantar do panno Adrianno, dois amigos e Castro estão sentados a uma meza bebendo e fumando. Liborio passeando ao fundo, olha para a estrada como esperando alguem.)*

ADRIANNO, *dois amigos*, CASTRO, LIBORIO *e* THEREZA

CÔRO Á MESA

O licôr dá-nos ventura,
O fumar nos dá prazer,
Como a vida pouco dura
Toca a fumar e a beber.

*

Nesta vida os melhores gosos
São — ouro, vinho e mulheres:
Para sermos venturosos
Gosemos de taes praseres.

*Liborio. (batendo na mesa)* O' lá, rapaz!

1.º *amigo. (Idem)* Salta, rapaz!

*Theresa. (correndo)* Prompto, prompto!

*Adrianno.* Que excellente pequena. Então todas essas graças formam o rapaz do estabelecimento?

*Theresa.* Deixe-se de graças, sr. official; sou eu e Barnabé meu futuro.

*Adrianno.* Hum! temos um futuro? *(mirando-a)* Mas é só um, ou são todos indistinctamente?

*Theresa. (escamando-se)* De vagar, sr. alferes; isto cá não é praça que se conquiste assim: sou criada de servir, mas uma rapariga honrada.

*Liborio.* Rapaz!... uma limonada.

*Theresa.* Já vae, meu senhor, já vae.

*Castro. (detendo-a)* Pequerrucha, que não esqueça o nosso jantar.

*Theresa.* Vem ahi quasi a vapor.

*Adrianno.* Não o tragas para aqui; põe a mesa lá dentro.

*Theresa.* No jardim?

*Castro.* Ou na salla.

*Theresa.* Na salla não, que vem ahi uma familia de Lisboa, e como traz senhoras...

*Castro.* As senhoras de preferencia *(querendo furtar-lhe um beijo)* Deixa-me beijar a cara ao santo.

*Theresa.* Mau vento é nordeste!

*Liborio. (impaciente.)* Vamos. Theresa, uma limonada.

*Theresa.* Faça favor de esperar um pouco, que já vem.

*Liborio.* Ora vá; não val zangar.
*Castro.* Charutos!
2.º *amigo.* Venha lume.
*Theresa.* Ahi vai já. *(Entra na casa de pasto.)*
*Adrianno.* Eu vou ajudar-lhe a trazer os charutos. *(Sáe atraz de Theresa.)*

## SCENA II

*Os mesmos, menos* ADRIANNO, *depois* BARNABÉ *e* THERESA

*Liborio.* *(Indo outro vez olhar para a estrada.)* D. Ritta disse-me que em 5 minutos estaria de volta e com tudo *(Vendo o relojo.)* já lá vão 30 minutos, e ainda não appareceu. *(Vindo á scena.)* Despachar, rapariga, vamos.
*Barnabé.* *(Trazendo uma bandeja com limonada, outra com absinto.)* Prompto, meus amos.
*Castro.* Bello: agora que chamaram a rapariga, apparece o rapaz; e que camafeu!
*Liborio.* *(A Barnabé que o serviu de absinto.)* Então queres emborrachar-me... que demonio é isto?
*Barnabé.* O absinto que pediu.
*Liborio.* Absinto, eu?
*Barnabé.* Nada, é absinto na garrafa.
*Theresa.* *(Entrando.)* A limonada é que é para esse senhor, cabeça de burro!
*Liborio.* Obrigado pelo appelido.
*Barnabê.* Nada, cabeça de burro sou eu. *(Dá a limonada e o absinto a Castro. — Sáem Barnabé e Theresa.)*

## SCENA III

*Os mesmos, excepto* Barnabé *e* Theresa, *depois* Adrianno

*Liborio. (Acabando de beber a limonada.)* Ora eis-aqui uma bebida suave, moral e sanitaria... não é de certo com limonada que um negociante se embriaga; que um homem sisudo, como eu, desce á indignidade de entrar *no armazem das iscas*, no *botequim dos macacos* ou n'outras espeluncas quejandas, como de uma vez que bebi absinto me aconteceu.

*Castro. (Ao 2.º amigo.)* Mas enche a trasbordar!

*Liborio. (Fallando só.)* A trasbordar... irra!... creio que aquelle individuo não conhece os effeitos do absinto... se eu bebesse a quarta parte d'aquella porção, não dava um real pela tranquilidade de Lisboa; e eu, que não sou para graças!... *(Olhando-os.)* Safa!... parece-me que só de os ver emborcar tantos copos sinto a cabeça desorganisada; «cuidado com a boia.»

*Adrianno. (Saindo da casa de pasto.)* Aqui estão charutos. Com a breca! parece-me ver estas casas andarem todas a dançar ao redor de mim.

*Castro.* Que tal tu vens! Pois eu julgo sentir na cabeça um incendio.

1.º *amigo.* Eu se me achasse agora diante da torre de Malakoff não estava tão quente.

*Adrianno.* Não me fallem em batalhas senão começo a executar proezas; já o fumo do tabaco me parece cheirar a polvora.

CANTA

Se vocês fallam de guerra
Vão ver já sobre esta mesa,
Confusão, desordem, bulha
Como em batalha accesa

Minha boca vae tornar-se
Em praça guerreira e forte,
A aparar do inimigo
Metralha de toda a sorte.

E p'ra verem qu'isto em mim
Não é basofia, nem peta,
Vou dar signal de combate
Com esta bella trombeta
(*Poe uma garrafa á boca*)

*Castro*. (*tomando-lhe a garrafa*) O' aquelle, não bebas todo, que fico a ver navios.

*Liborio*. (*fallando só*) Como estão já quentes! (*vendo o relogio*) Cinco e meia e D. Ritta sem apparecer. Nada, vou tractar primeiro do meu negocio, depois voltarei aqui. (*sae pelo fundo*)

## SCENA IV

*Os mesmos excepto* Liborio

*Castro*. Então tu, um rapaz tão pandigo, sempre estás disposto a deixar hoje mesmo Lisboa?

*Adrianno* (*sentando-se á mesa*) Hoje mesmo, meus amigos, devo partir para o Ultramar; pois aqui não passo de simples alferes, ao passo que lá sou capitão.

*Castro*. Realmente deixas-nos pena.

*Adrianno*. E com pena vou partir; porém asse-

vero-lhes qne não deixarei Lisboa sem levar uma lembrança d'uma das minhas galantes compatriotas; e esta lembrança não passará de um fervente beijo á primeira mulher que encontrar.

*Castro*. Á primeira sem distincção?

*Adrianno*. Sim. (*bebendo*)

*Castro*. Ah, ah! que ratice; isso é effeito do absinto.

*Adrianno*. Será: mas heide cumprir o que digo.

*Castro*. Pois promettes beijar a primeira mulher que te apparecer?

*Adrianno*. Juro-o.

1.° *amigo*. Seja velha ou moça?

2.° *amigo*. Seja bonita on feia?

*Adrianno*. Ainda que seja uma *tartaruga* muito encarquilhada.

*Castro*. E se a primeira fôr uma preta do mexilhão, a cheirar a catinga?

*Adrianno*. E' o mesmo.

*Castro* (*rindo*) E se ella não quizer?

*Adrianno*. Isso fica por minha conta.

*Todos* (*rindo*) Ah! ah! ah?!

*Adrianno*. Duvidam, heim?

*Castro*. Digo que não és capaz!

*Adrianno*. Pois bem; o que pagam vocês se eu o fizer?

*Todos*. O que quizeres.

*Adrianno*. Champagne?

*Todos*. Está dito

*Adrianno*. Quanto eu poder beber?

*Todos*. Quanto poderes beber.

*Adrianno*. Está justo.

*Castro (Canta.)*

Repara bem que disseste
Ou fosse bonita, ou feia:
Fosse velha encarquilhada
Ou medonha sentopeia.

Grande pandiga seria
E frescata e reinação,
Se a primeira fosse preta
Das que vendem mexilhão.

*Adrianno.* Inda que seja uma furia, uma hydra, ou um dragão...

*Castro. (Que tem ido vêr á estrada.)* Adrianno, Adrianno; ahi tens uma mesmo ao pintar, e olha que parece uma sylphide.

*Adrianno.* Aondé, aonde vem ella?

*Castro. (levando-o á estrada.)* Olha, aquella deidadesinha que ali vem vestida de roxo.

*Adrianno.* Bravo! bravo!... magnifico *(Pensando.)* Oh! diabo, mas aquelle modesto trage... e aquelle ar magestoso... *(Levantam-se os mais.)*

*Castro.* Prometteste ser na primeira, e então...

*Adrianno.* Sim, mas esta não é nenhuma...

*Castro.* Surriada, surriada, que já renuncia á promessa!

*Adrianno. (Estimulado.)* Um militar não falta ao que promette... mãos á obra

*Castro.* Pois sempre te atreves?

*Adrianno.* Vão vêl-o. É temeridade, mas...

*Castro.* Olha; eil-a ahi!

*Adrianno.* Bom escondam-se; e deixem-me cá. *(Todos, excepto Adrianno, se escondem atraz das arvores.)*

## SCENA V.

*Os mesmos, excepto* Adrianno, *occultos, e* D. Ritta.

*Adrianno. (A D. Ritta que atravessa a scena para entrar em sua casa, defronte da casa de pasto.)* Minha senhora, peço perdão, mas...

*D. Ritta.* Senhor!

*Adrianno.* Pedia-lhe uma só...

*D. Ritta.* O que?

*Adrianno.* Uma unica palavra. (*Á parte.*) Safa! parece uma Semiramis!

*D. Ritta.* (*Encarando-o.*) Mas julgo não ter a honra de conhecer a V. S.ª

*Adrianno.* Isso nada influe, minha senhora; V. Ex.ª bem vê que estes trages indicam que eu sou militar e então...

*D. Ritta* (*Surrindo.*) Effectivamente esses trages...

*Adrianno.* (*Á parte.*) Bem! riu-se... está caída. (*Alto.*) Sou um alferes e...

*D. Ritta.* Apenas alferes?

*Adrianno.* Mas em breve serei capitão.

*D. Ritta.* Pois dou-lhe os parabens! (*Á parte.*) Se a viuva de um commandante não ha de conhecer um alferes!

*Adrianno.* Cheguei hontem do Porto.

*D. Ritta.* Estimo.

*Adrianno.* Uma cidade laboriosa e rica.

*D. Ritta.* Acredito.

*Adrianno.* É uma terra de gratas recordações para militares.

*D. Ritta.* (*Á parte.*) Adeus; ahi me vae contar as suas façanhas (*Alto.*) Mas finalmente, senhor, não percebo...

*Adrianno.* Emfim, minha senhora. (*Suspirando*) chego aqui depois de oito mezes de ausencia... e vou partir esta noite.

*D. Ritta.* Sim? (*Á parte.*) O homem inquestionavelmente diverte-se comigo.

*Adrianno.* É verdade.

*D. Ritta.* Pois confessa?

*Adrianno.* Sim minha senhora, esta noite mesmo devo partir para o Ultramar.

*D. Rita.* Desejo-lhe muito boa viagem (*Á parte.*) Que massador. (*Quer entrar em casa.*)

*Adrianno.* (*Impedindo-a com enthusiasmo.*) Perdão minha senhora; mil vezes perdão!

*D. Ritta.* Senhor, deixe-me!

*Adrianno.* (*Com ternura.*) Oh! não, essas doces palavras esse decidido interesse que toma por mim...

*D. Ritta.* (*Admirada.*) Interesse eu?

*Adrianno.* Oh! eu tinha necessidade d'essa prova de confiança para lhe dizer...

*Castro.* (*Apparecendo e fallando baixo.*) Animo! não desanimes.

*Adrianno.* (*Baixo a Castro.*) Esperem que isto não vae á queima roupa.

*D. Ritta.* Mas o que pertende o senhor de mim?

*Adrianno.* Pois bem minha senhora, eu (*Encarando-a. Á parte.*) Credo, que olhos! (*Alto.*) Sim eu... (*Á parte.*) Decididamente é melhor pagar o Champagne.

*D. Ritta.* Como? (*Á parte.*) Que embaraço; que pertenderá de mim?

*Adrianno.* (*Com resolução.*) Sim minha senhora, é que eu (*hesitando.*) Mas promette-me de não se alterar com o meu pedido?

*D. Rita* (*Com vivacidade.*) Então o que quer pedir-me?

*Adrianno*. Uma coisa... que... sim... de ordinario, entre compatriotas... e quando se dá o caso de ter chegado hoje...

*D. Ritta*. E de ter de partir ás 8 horas, não é assim?

*Adrianno*. (*Á parte.*) Adeus; zomba comigo; e os meus amigos depois *troçam-me*.

*D. Ritta* (*Impaciente.*) Mas acabe.

*Adrianno*. Acabarei: peço-lhe que me conceda...

*D. Ritta*. O que?

*Adrianno*. (*áparte*) Os diabos me levem se eu já sei o que digo.

*D. Ritta*. (*zangada*) Isto é demais! O senhor é um impertinente (*querendo entrar em caza*) Um louco!

*Adrianno*. Oh! não me deixe por quem é (*aparte*) Oh! que idéa! (*alto*) Não recuse escutar o ultimo voto de um homem...

*D. Ritta*. (*friamente*) Que parte hoje ás 8 horas.

*Adrianno*. Ás 8 horas sim, porém que jurou não se affastar d'aqui...

*D. Ritta*. Então deixe-se ficar.

*Adriano*. Sem lhe revelar um segredo.

*D. Ritta*. (*detendo-se*) Pois trata-se de um segredo?

*Adriano*. E que muito interessa a V.ª Ex.ª

*D. Ritta*. (*pensando áparte*) Um alferes que esteve no Porto, pode ter conhecido meu defunto marido.

*Adriano*. (*a seus amigos, baixo*) Agóra vae... reparem.

*D. Ritta* Pois ouvil-o-ei attenciosa.

*Adriano*. Perdão, mas era confidencialmente que desejava... assim podem ouvir-nos.

*D. Ritta*. (*baixando-se para elle lhe dizer ao ouvido*). Então o que é?

*Adriano*. Eu lhe digo.

*Castro.* (*Atraz de Adriano fallando baixo*) Furta-lhe um beijo.

*Adriano.* Sim minha senhora.

*Castro.* (*como acima*) Fogo, fogo!

*Adriano.* (*dando um beijo na face de D. Ritta*) Aqui está.

*D. Ritta.* (*arrebatada*) Ah!

*Os amigos.* (*apparecendo*) Que ousadia!

*Adriano.* (*a D. Ritta*) Agora minha senhora apodere-se da minha cabeça.

*D. Ritta.* Insolente!

*Adriano.* Arranque-me as charlateiras, mande-me processar, fuzilar, enforcar... mande-me faser o que quizer; mas jurei dar hoje um beijo na mulher mais linda que me apparecesse, e assim...

*D. Ritta.* O senhor é um indigno!

*Adriano.* Oh! era uma promessa sagrada, e depois a senhora bem sabe que eu parto esta noite ás 8 horas...

*D. Ritta* Isto é infame!

*Castro.* (*aos amigoo*) Infame? dar um beijo n'uma cara bonita... ora!

*Barnabé.* (*entrando*) Meus senhores o jantar está na meza.

*Castro.* Vamos, meus amigos, vamos para a mesa.

*Adriano.* E o champagne?

*Castro.* Merecel-o bem. Haja pandiga.

(*Cantam*)

CASTRO

Depois de ter conquistado
Um rosto tão seductor,
Mereces os verdes louros
Que se dão ao vencedor.

ADRIANO

Essas palmas e esses louros
No champagne os quero vèr,
Para ficar animado
P'ra outras luctas vencêr.

## SCENA VI

D. RITTA, *só* (*agitada*)

Que indignidade! Eu, a viuva de um commandante soffrer tamanha affronta de um alferes. Oh! se fosse uma Carlota Corday, uma padeira da Aljubarrota, ou outra qualquer heroina não deixaria ficar impune um insulto d'estes.

Se não fosse o receiar ser tida por mulher leviana ia ali dentro á vista de todos, dar-lhe uma bofetada.. Mas não! Oh! não ter eu ainda vivo meu marido!

## SCENA VII

*A mesma, e* LIBORIO

*Liborio (correndo)* Sinto grande prazer em a encontrar aqui, minha querida.

*D. Ritta (sobresaltada.)* Ah! é o senhor!

*Liborio.* Sou eu mesmo! fui tractar de uns negociositos, aliás ter-me-ia encontrado no meu posto.

*D. Ritta.* E muito sentí a sua falta.

*Liborio.* Oh! que ventura! então dá-lhe prazer a minha presença?

*D. Ritta.* Não é por isso, é porque ter-me-ia vingado...

*Liborio.* De quem, de mim?

*D. Ritta.* Não, ter-me-ia vingado com o senhor.

*Liborio.* Comigo?... não percebo.

*D. Ritta* (*áparte.*) Se não temesse que lhe dessem alguma *sóva*, dizia-lhe.

*Liborio.* Mas succedeu-lhe alguma coisa?

*D. Ritta.* É verdade senhor Liborio.

*Liborio.* Liborio Barriga, se me faz favor.

*D. Ritta.* Sr. Liborio Barriga..

*Liborio.* Exacto; muito obrigado.

*D. Ritta.* O Sr. disse que me amava.

*Liborio.* Amo-a como as meninas dos meus olhos.

*D. Ritta.* Que desejava desposar-me.

*Liborio.* E ainda o sacrificio!

*D. Ritta.* Mas sabe ao que se obriga um homem quando casa, e o que tem a fazer?

*Liborio.* Se sei o que tenho... (*rindo*) ah! ah! ah!.. não sei mas presumo... sim, desconfio que... ah! ah! ha!

*D. Ritta.* Não ria que eu fallo serio!

*Liborio.* Pois com toda a seriedade fallando, sei.

*D. Ritta.* E não recuará ante qualquer obrigação?

*Liborio.* Não minha senhora, Liborio Barriga jamais recuou...

*D. Ritta.* Pois bem!

*Liborio.* Não recuarei, minha senhora, pode estar descançada.

*D. Ritta.* E se eu duvidasse; se antes de ser sua mulher exigisse provas, uma prova ao menos?

*Liborio.* Quantas quizer, meu anjo.

*D. Ritta.* Compromette-se a isso?

*Liborio.* Já, se fôr preciso.

*D. Ritta.* Qualquer que ella seja?

*Liborio.* Ainda que seja,... eu sei lá... ter de vencer um Goliath, uma hydra, um dragão!

*D. Ritta.* Assim pois, se eu lhe dissesse — Senhor Liborio...

*Liborio.* Liborio Barriga, se me faz favor!

*D. Ritta.* Pois senhor Liborio Barriga, tenho necessidade de um apoio.

*Liborio (fferecendo-lhe o braço)* Prompto, minha senhora.

*D. Ritta.* De um protector.

*Liborio (abrindo os braços).* Aqui o tem,

*D. Ritta.* Finalmente de um vingador...

*Liborio.* Se eu lhe sirvo para tanto...

*D. Ritta.* Preciso de um vingador, porque houve um insolente que ousou offender-me.

*Liborio.* Pois é possivel?

*D. Ritta.* É, e a affronta que soffri quero vingal-a pela sua mão.

*Liborio.* Pela minha mão?

*D. Ritta.* Dando-lhe em recompensa a minha.

*Liborio.* Ah! pois dá-me a sua?

*D. Ritta.* Transmitindo esta bofetada (*dá-lhe uma bofetada*) ao insolente, ter-me-ha vingado!

*Liborio.* Então bate-me assim? (*áparte*) Irra deixou-me a cara a arder!

*D. Ritta.* Depois venha ter comigo.

*Liborio.* Aonde?

*D. Ritta.* A minha casa.

*Liborio.* A sua casa?... oh! felicidade nunca assás cantada.

*D. Ritta.* (*Áparte*) Escondel-o-hei na capoeira para evitar algum duelo. (*álto*) Comprehendeu me?

*Liborio.* Perfeitamente! Mas onde encontrarei o infame?

*D. Ritta.* (*Indicando-lhe a casa de Pasto)* Acolá.

*Liborio* (*áparte*). Estou servido! (*alto*) Está certa que é acolá?

*D. Ritta.* Com os seus amigos.

*Liborio.* (*Tremulo*) Mas elles são muitos e... (*ouvem-se vozes dentro*) (*áparte*) Levo alguma tunda. (*alto*) Mas como o heide eu conhecer?

*D. Ritta.* Eu lh'o, mostrarei d'alli (*indicando a janella*).

*Liborio.* Da janella poderão vêl-a.

*D. Ritta.* Pois bem, dar-lhe-ei signal com o piano no momento em que elle apparecer.

*Liborio.* Muito bem.

*D. Ritta.* Retiro-me e conto com o seu valor para vingar este insulto.

*Liborio.* Vá descançada; verá como eu me desenvolvo.

(*D. Ritta entra em casa*)

## SCENA VIII.

LIBORIO, D. RITTA *na janella depois* ADRIANO.

*Liborio.* A empresa é arriscada! Esbofetear um desconhecido e demais a mais aqui no campo; mas se ella é tão bonita!... animo não se diga que Liborio Barriga é um fracalhão!

*D. Ritta* (*á janella*) Pst! pst!

*Liborio.* Ah! é ella!

*D. Ritta.* Cá estou no meu posto.

*Liborio.* E eu tambem no meu.

*D. Ritta.* Lembra-se do signal?

*Liborio.* E da bofetada tambem (*Ella desaparece*) E no momento em que eu ouvir os doces sons—tra, lá, lá, lá; lanço-me a elle e zás. (*Adriano sae da casa de Pasto — D. Ritta toca no piano.*)

*Liborio.* O signal. (*Vendo Adriano = aterrado*) Ai, ai; o militar; o trinchador de carne humana!... Isto

hade ser engano d'ella! (*fallando para a janella*) Minha senhora, parece-me que se engana. (*O pianno continua a tocar*) Não ha que recuar (*Aproxima-se de Adriano que o encara — áparte.*) Que olhos! deitam fogo! se eu lhe offerecesse uma limonada para o refrescar...

*Adriano.* (*alto*) Quer alguma coisa?

*Liborio.* Eu queri... nada! não senhor, não quero nada.

*Adriano.* Como olha tanto para mim.

*Liborio.* Perdão... é que eu queria...

*Adriano* (*com voz de trovão*). Queria o que?

*Liborio.* (*áparte*) Estou aqui estou varado! (*alto*) Sim, eu...

*Adriano.* Diga o que quer... (*continua o pianno a tocar.*)

*Liborio* (*áparte.*) Ouço o som fatal...

*Adriano.* Explique-se, que tenho que fazer. De que se tracta?

*Liborio.* Tracta-se de uma bofeta... digo, de uma satisfa... Diga-me o Sr. é militar, não é?

*Adriano.* Não vê?

*Liborio.* Alferes não é assim?

*Adriano.* E um alferes, que não atura maçadas.

*Liborio.* Porém o Sr. é... (*continua o piano*) (*áparte*) Maldito piano! os diabos levem os inventores dos pianos! Não ha remedio (*querendo dar um soco em Adriano.*) Eu queria.

*Adriano.* (*dando-lhe um forte puchão no braço*) Que diabo quer você?

*Liborio.* (*áparte*) Ai, que me ia arrancando o braço! (*alto*). Perdão, mas não era...

*Adriano.* (*aparte*) Que me quererá este Oliveiros? (*alto*), Vamos explique-se!

*Liborio.* Eu digo já. (*vendo Adriano de braços*

*cruzados ante si — áparte*). O maldito dá cabo de mim!

*Adriano.* Com que você tem o intento de zombar comigo, heim?

*Liborio.* Eu? (*áparte*) A tumba dos gatos pingados me espera!

*Adriano.* Sim, você!

*Liborio.* Eu? (*áparte*) Se elle soubesse que era uma bofetada, fazia-me em estilhas.

*Adriano.* Decidamos! o que pertende!

*Liborio.* Pois, meu alferes, eu queria saber...

*Adriano.* Saber o que?

*Liborio.* Queria saber... Faz favor de me dizer que horas são?

*Adriano.* Decedidamente você é um tolo!

*Liborio.* Tolo, eu?

*Adriano.* Sim, um refinadissimo tolo!

*Liborio* (*com força*) Sr. Alferes!

*Adriano.* Não lhe agrada o cognome, heim?

*Liborio.* Não me agrada mesmo nada!

*Adriano* (*dando-lhe um pontapé*) E este, é mais expressivo?

*Liborio.* (*gritando*) Ai, ai! O senhor faltou-me...

*Adriano.* Faltei-lhe com pontapés? se quer mais? (*anoitece gradualmente*).

*Liborio.* Eu não soffro insultos, e...

*Adriano.* (*dando-lhe outro pontapé*) Mas admitte pontapés.

*Liborio.* Irra! que isto é demais!

*Adriano.* Se achar pouco, procure-me ali dentro, que estou sempre ás suas ordens. (*a meia voz.*) Pedaço d'asno! (*entra na casa de Pasto.*)

## SCENA IX

LIBORIO, *depois* D. RITTA

*Liborio.* Que maroto! que patife! Não importa que em elle se indo embora eu o ensinarei!

*D. Ritta.* (*sahindo de sua casa*) Muito bem; senhor Liborio, muito bem: é um homem valente....

*Liborio.* Heide ensinal-o; o que lhe valeu foi eu ter os braços tão curtos; ainda lhe quiz dar dois socos, mas affastou a cara.

*D. Ritta.* Porem fez-lhe sentir a rijesa dos butins.

*Liborio.* É verdade, *deu aos butes* traiçoeiramente, fugiu.

*D. Ritta.* Caluda! ouço gente, parece-me ouvil-o fallar.

*Liborio.* (*tremendo*) É elle, heim? (*áparte*) Hoje fico aqui estendido.

*D. Ritta.* É: só o vêl-o me encolerisa! E o indigno vae d'aqui sahir sem eu me haver vingado! Senhor Liborio, tem animo de deixar impune um homem que me offendeu?

*Liborio.* Nada, não deixo; em elle sahindo deste sitio corro atraz d'elle.

*D. Ritta.* A boas horas. (*áparte*) Forte piegas! (*É noite*).

*Adriano.* (*dentro*) Vamos, Barnabé, a minha capa. (*Barnabé vem por uma capa sobre a mesa*).

*D. Ritta.* (*áparte*) Boa idéa (*tira a capa e põe-a aos hombros*)

*Liborio.* (*áparte*) Aqui agora é morrer a pé firme.

*D. Ritta.* (*reflectindo*) É o melhor meio, e assim terei vingado a affronta. (*a Liborio zangada*) Dê-me o seu chapeu.

*Liborio.* (*admirado*) Quer o meu?..

*D. Ritta.* O seu chapeu, sim. (*tira-lh'o e põe-o na cabeça*) E vá esperar-me em minha casa.

*Liborio.* Excellente plano; muito obrigado (*encaminha-se para a porta,*

## SCENA X

*Os mesmos,* ADRIANO, *e* BARNABÉ.

*Adriano.* Diz aos meus amigos que vou para o sitio que sabem; e lá os espero. (*dirige-se ao fundo*).

*Liborio.* (*segue os passos de Adriano, olhando para D. Ritta. — aparte.*) Onde irá ella nesta figura? (*n'este momento D. Ritta que se tem escondido atraz de uma arvore dá uma bofetada em Adriano, lançando-lhe a capa por cima, e deixando cair o chapeu e sae pelo fundo.*

## SCENA XI

LIBORIO *e* ADRIANO

*Adriano.* Oh! que traição!

*Liborio* (*attrapalhado quer entrar em casa de D. Ritta, mas acha-a fechada*) Ai, ai; a porta fechada; se elle julga que sou eu, adeus Liborio Barriga!

*Adriano.* Onde estará o miseravel, que o estrangulo! (*vendo Liborio*) Elle cá está.

*Liborio.* Ai, ai, que me viu.

*Adriano.* (*agarrando Liborio pelo lenço do pescoço*) Vamos a saldar contas, maroto.

*Liborio.* Accudam-me, que estou morto! Sr. Alferes olhe que me enfor... que me suffo... foca... foca; e não fui eu quem...

*Adriano.* Não foste tu, patife; então quem foi?
*Liborio.* Quem?... eu lhe digo!
*Adriano.* Dize lá. (*deixando-o*).
*Liborio.* Eu lhe digo... Não sei (*áparte*) Attraiçoal-a, não.
*Adriano* (*vendo o chapeo no chão*) Não foste tu, heim? (*tomando o chapeu*) E este chapeu?
*Liborio.* Esse chapeu é... (*áparte*) Vão lá usar chapeu nesta terra.
*Adriano.* È teu, não é assim?
*Liborio.* Meu!... nada... eu uso bonet. (*Adriano encaixa-lhe a cabeça no chapeu*).
*Adriano.* Vamos á ver se te serve, maroto!
*Liborio.* (*gritando*) Soccorro: soccorro! (*pretende fugir, Barnabé traz um candieiro — A scena acclara. Adriano segura Liborio*).

SCENA XI

*Os mesmos*, Castro, *o 1.º amigo de* Adriano

*Castro.* (*Separando os dois — a Adriano*) Então que é isto?
*Adriano.* Quero castigar um miseravel que teve a audacia de me pôr as mãos na cara.
*Castro*, e o 1.º amigo. Devéras?
*Liborio.* (*tendo tirado o chapeu*) Mas senhores, isto é um completo engano!
*Adriano.* Isto é demais!... aqui estão as minhas testemunhas, exijo um duelo de morte, aqui mesmo, neste lugar!
*Castro.* De morte?
*Adriano.* Ei-de fazel-o em quatro postas.
*Liborio.* Em quatro postas!.. meus senhores, accudam-me.

*Castro*. Permita, meu caro amigo...

*Liborio*. Era o que me faltava, permittir que me retalhem em quatro postas; nada isso não senhor; quero primeiro explicar-me.

*Adriano*. (*Que passeia na scena pára*) Não admitto explicações!

*Castro*. Vejamos; deixa-o fallar. (*Adriano continua a passear*)

*Liborio*. Muito obrigado; o senhor que tem um coração de pomba, e a mansidão de uma borboleta, proteja-me. Quer tomar alguma coisa?

*Castro*. Eu já não tomo nada!

*Liborio*. Uma limonadinha, um capilé, ou absinto (*pedindo para dentro.*) Absinto para estes senhores. (*vendo-o sobre a meza*) Ah! ei-lo aqui. (*Enche copos*)

*Castro*. Não se tracta d'isso.

*Liborio*. (*Offerecendo-lhe um cópo*). Faz-me a honra de beber.

*Castro*. (*Querendo detel-o*). Mas primeiro explique-me...

*Liborio*. (*Que machinalmente tem bebido um dos cópos que tem na mão*). Ah!... (*Pousando o cópo*). Eu vou explicar tudo *tim tim por tim tim*... Eu estava ali mudo e quedo, extatico e manso...

*Adrianno*. E' falso!

*Liborio*. Quem é que diz que é falso?

*Adrianno*. Eu mesmo.

*Liborio*. Ah! é... (*A Castro e seu amigo*). Senhores, eu juro sobre os nomes de meu avô, e sobre os meus tambem, que estava aqui (*Indicando o logar*). posto de estaca, e aquelle senhor, estava acolá em baixo... porque foi lá que o senhor recebeu a amavel bofe... Demais, vejam se eu tenho o braço tão comprido que podesse...

*Adrianno*. Mente, mente!

*Castro e 1.º amigo.* Adrianno!

*Adrianno.* Tocou-me, escondendo-se atraz d'esta arvore.

*Liborio.* Mas não fui eu, senhor!

*Adrianno.* Foste tu, mesmo.

*Liborio.* Ora se tal cousa podia ser *(Assenta-se junto á meza e bebe o segundo cópo de absinto).*

*Adrianno.* Repito, que elle não ousando tocar-me em pleno dia, esperou a noite para o fazer cobardemente e agora quer escapar-se com uma evasiva.

*Castro.* Esperal-o de embuscada, é infame.

*Liborio.* Bem... tambem os senhores se conspiraram contra mim... pois estou ás suas ordens... fuzilem-me, enforquem-me... guilhotinem-me... *(Bebe terceiro cópo).*

*Castro.* Decididamente, o senhor é que provocou, e...

*Liborio.* *(Levantando-se já meio embriagado).* Provoquei, eu? Mas no fim de tanto aranzel o que pretendem deste seu criado?

*Adrianno.* *(Correndo para elle).* Eu quero... *(Os amigos suspendem-no).*

*Liborio.* Não o embaracem; deixem-o comigo; se imagina metter medo á criança engana-se.

*Adrianno.* Ha-de batter-se comigo!

*Liborio.* Terei o incontestabilissimo direito de recusar, porque não fui eu quem...

*Adrianno.* Foste tu, miseravel!

*Liborio.* Pois bem fui eu, e depois...

*Adrianno.* (*Furioso.*) Ah! confessas! (*Os amigos impedem-no*)

*Liborio.* (*Exaltado e desvairado.*) A bofetada, as dez bofetadas, as mil e uma bofetadas — fui eu!

*Adriauno.* Deixem-me, deixem-me com este maroto.

*Liborio.* Pois sim, eu tambem tenho amigos... tenho um amigo espingardeiro ao fim da rua, que tem arcabuzes, espingardas, pistolas, espadas, etc.

*Adrianno.* Pois corra a buscar armas.

*Liborio.* O meu *adresse* é este — Liborio Barriga, corretor de numero na praça de Lisboa.

*Adrianno.* E eu Adrianno da Cunha Leão.

*Liborio* (*Admirado.*) Leão?.., Não tem duvida, ainda que fosse tigre era o mesmo!

*D. Ritta.* (*Apparecendo á janella.*) Adrianno da Cunha Leão, será elle acaso... nada, a todo o custo é preciso evitar similhante duello. (*Desapparece.*)

*Liborio.* Despedaçar-nos-hemos á pistola, á espada, ao machado, e isto em quanto o diabo esfrega um olho. (*Sáe pela E. A.*)

## SCENA XIII

*Os mesmos menos* LIBORIO, *depois* D. RITTA.

*Adrianno.* Estou impaciente por dar cabo deste ridiculo fanfarrão!

*Castro.* Deixa-te d'isso; é uma asneira. Demais a mais o homem já está ebrio.

*1.º amigo.* E vaes perder a hora da partida.

*Castro.* Comprometter um futuro brilhante.

*D. Ritta.* Os seus amigos têem razão. (*Aproximando-se.*)

*Adrianno.* (*Reconhecendo-a.*) Ah!

*D. Ritta.* V. S.ª reconhece-me, não é assim?

*Adrianno.* Sim minha senhora; lembro-me do grande erro que pratiquei, e os meus amigos são testimunhas do pezar que tinha em não poder implorar o seu perdão.

*Castro*. E' verdade, minha senhora, foi uma rapaziada.

*D. Rtta*. Acredito; mas se o perdão que de mim implora, fosse eu que o viesse pedir? (*Adrianno quer fallar.*) Porém com uma condição!

*Adrianno*. Tudo acceito, minha senhora.

*D. Ritta*. Pois bem sr. Adrianno da Cunha Leão...

*Adrianno e seus amigos*. (*Surprehendidos.*) Como?

*D. Ritta*. Não é este o seu nome?

*Adrianno*. E' o meu nome; porém quem o disse a V. Ex.ª...

*D. Ritta*. Sabel-o-ha: uma demora maior póde perdel-o, sr. Adrianno, parta, parta o mais depressa possivel.

*Adrianno*. Isso é impossivel, minha [illegible]hora.

*D. Ritta*. E se fosse esta a minha condição?

*Adrianno*. Todas acceitaria, excep[illegible] [illegible]sa.

*D. Ritta*. Pois é esta sómente, mas é esta[illegible]

*Adrianno*. Ah! é que a senhora não sab[illegible]

*D. Ritta*. Sei tudo!

*Adrianno*. Como?

*D. Ritta*. Ali da janella de [illegible]inha casa [illegible] vi e ouvi.

*Adrianno*. Tudo?

*D. Ritta*. Tudo: palavras [illegible] (*Fazendo o gesto de uma bofetada, sorrindo.*)

*Adrianno*. (*Confuso.*) Bem... então... já V. Ex.ª póde comprehender que a minha honra exige...

*D. Ritta*. A sua honra está sebejamente provada.

*Adrianno*. Mas sou militar, e sendo ultrajado por aquelle biltre...

*D. Rïtta*. E se eu lhe disser que se engana?... que não foi elle quem...

*Adrianno*. Não foi elle? então quem foi?

*D. Ritta*. Quem?... (*Aparte.*) Nada, não devo con-

fessar que fui eu que lhe dei a... (*faz o gesto de uma bofetada.*)

*Adrianno.* (*Com ciume.*) Entretanto estou observando que V. Ex.ª se interessa muito por esse senhor...

*D. Ritta.* Oh! muito! (*Com placidez.*) E é uma coisa natural: o meu futuro...

*Adrianno.* O seu?... A senhora disse o seu futuro?...

*D. Ritta.* Sem duvida.

*Adrianno.* (*A seus amigos.*) Ah! E eu que o ameaçava de o cortar em quatro...

*D. Ritta.* Ora pres[illegible]a...

*Adrianno.* Oh! é em dez!... em cem!... em mil pedaços!... (*Com desdem*) Este parvo, este louco, seu marido, [illegible] de uma mulher bella, encantadora, adoravel, [illegible] se [illegible] fosse digno de possuir tamanha felicidade... Nunca, nunca o será!

*D. Ritta.* Senhor!

*Adrianno.* Nu[illegible]!... Eide e[illegible]açal-o!... agora sobretudo que [illegible] que elle é [illegible] pela senhora...

*D. [illegible].* Per[illegible] eu não disse que o amava.

*Adrianno.* Mas [illegible] casar [illegible] elle... E' horrivel esta idea! por quem é [illegible] m[illegible]épita similhante coisa!... isso se[illegible] bastante para [illegible]u me tornar louco de colera e de ciume. (*Sensação em D. Ritta.*) Sim, minha senhora; pensar que dentro em pouco a verei casada com um...

*D. Ritta.* Mas o sr. vae partir.

*Adrianno.* Oh! não partirei sem o ter morto; não conte com elle! Quanto á reparação que devo a V. Ex.ª será tamanha como o foi a affronta (*A seus amigos.*) Meus amigos, corram, batam a todas essas portas, chamem todos habitantes...

*D. Ritta.* Como?

*Adrianno.* Sim, é diante d'elles... diante de toda esta povoação que quero pedir-lhe perdão.

*D. Ritta.* Mas eu não consentirei. (*Adrianno ajoelha. — Aos amigos de Adrianno.*) Fiquem senhores. (*A Adrianno.*) Levante-se.

*Arianno.* Não minha senhora, não me levantarei sem que me tenha perdoado. (*D. Ritta estende-lhe a mão que elle beija.*)

## SCENA XIV

*Os mesmos e* LIBORIO, *carregado de armas; embriagado.*

*Liborio.* Que vejo?

*Adrianno.* (*Levantando-se.*) É elle !

*Liborio.* Que fazia aos pés dessa senhora, desgraçado?

*D. Ritta.* Desculpas.

*Liborio.* Já vem tarde!

*Adrianno.* Vamos!

*D. Ritta.* Senhores!

*Liborio.* Não, meu anjinho; deixe-me fazer-lhe trincar um punhado de poeira, e engulir meia duzia de ameixas de metal. (*A Adrianno indicando as armas.*) Ou ferro, ou fogo! Vamos a ver quem se bate... aqui agora é que são ellas... eu cá sou assim!...

*D. Ritta.* (*A Adrianno.*) Não vê que não está em seu juizo?

*Liborio.* Não estou em meu juizo, hein? ora! Por ter querido obdecer á minha rainha, provocando um heroe ao som de um harmoniosissimo pianno.

*D. Ritta.* Porém...

*Liborio. (Declamando.)*

«Porém não me ordenaste que ao tyrano
Eu a vida arrancasse deshumano?...»

*D. Ritta.* Mas o sr. bem sabe.

*Liborio.* O que é que eu sei? sei muito; não sei nada! sei que contava com essa mãosinha de jaspe se matasse o tyrano, e no momento em que chego com os bellicosos instrumentos *ad hoc* vejo-o de joelhos á caçadora. Vamos a saber, se a paz veio com todas as suas pas trazer paz a estes sitios, então haja união e concordia, abracemo-nos e está tudo acabado. (*Deita as armas no chão e abraça Adrianno.*)

*Adrianno.* E a minha bofetada?

*Liborio.* Sim, e depois?... tomára eu apanhar um sôcosito d'aquelles. (*A D. Ritta.*) Se tem por ahi mais uma bo... fe... ta... da... sinha...

*Adrianno.* (*Fixando D. Ritta*) Seria verdade? (*D. Ritta mostra-se confusa — a Liborio.*) Pois foi essa senhora...

*Liborio.* Pois então, julgava-me capaz?...

*Adrianno.* V. Ex.ª não nega?

*Liborio.* Não vale apoquentar assim um anjo! que selvagem que o sr. é! Quando uma mulher nos bate devemos abraçal-a e casar com ella.

*D. Ritta.* E' a sua opinião?

*Liborio.* Não, quero dizer, sim, não...

*Adrianno.* Seria tambem a minha opinião se eu não me julgasse indigno para solicitar de tão nobre senhora um favor tal.

*D. Ritta.* Ha uma reparação ao menos que poderei offerecer-lhe... é uma carta de recommendação para o seu commandante... creio que terá em con-

sideração uma carta de sua sobrinba, a viuva do commandante Lopes de Sousa

*Adrianno.* Do commandante Lopes de Sousa?

*D. Ritta.* Sim, senhor, desse bravo militar, ferido no Minho e cahido em poder dos guerrilhas, que deveu a vida ao seu valor, senhor Adrianno.

*Adrianno.* Oh! minha senhora e eu ousei...

*D. Ritta.* Agora pense apenas em ser capitão com a maior brevidade.

*Liborio.* (*Á parte.*) Manda-o embora! (*Alto.*) Sim, sim, meu bom amigo, vá, vá; adeus!

*D. Ritta.* Eu vou tambem.

*Liborio.* Sim?

*D. Ritta.* Prometti a meu tio ir passar um anno em companhia de sua esposa. (*A Adrianno.*) O sr. lhe annunciará a minha chegada.

*Adrianno.* (*Com transporte.*) Que grande felicidade!

*Liborio.* E eu?

*D. Ritta.* O sr. fica.

*Liborio.* Em quanto a senhora lá espera que elle seja capitão... percebo, percebo a sua intenção.

*D. Ritta.* Cale-se, não seja ingrato: se eu não caso elle mata-o!

*Liborio.* Ah! então é justo! (*A parte.*) Mesmo assim tem bom coração esta mulher.

*Adrianno.* (*Saudando-a.*) Adeus minha senhora!

*D. Ritta.* Até breve. (*Apertando-lhe a mão.*)

***Liborio.* (*Canta ainda dominado pelo absinto.*)**

P'ra vingar um beijo
Fiz tanto barulho,
E por fim de contas
Servi de basculho.

*Adriano.*

Este pobre diabo
Fica a vêr navios,
De nada lhe servem
Todos os seus brios.

Queira Deus senhores
Que o imitador
Desta obra mereça
O vosso favor.

E que nós artistas
Tambem recebâmos
As palmas e louros
Que agora implorâmos.

*(D. Jutta entra em casa. Adrianno e seus amigos sáem pelo fundo e Liborio fica assentado em um banco.)*

*(Cáe o panno.)*

FIM DA COMEDIA

GALERIA THEATRAL

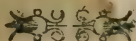
---

# O MEDO GUARDA A VINHA

Comedia n'um acto

IMITAÇÃO

POR

**RANCISCO DUARTE ALMEIDA E ARAUJO**

LISBOA

TYP. DO NOVO GRATIS DE A. J. GERMANO

1, Travessa de Cima do Soccorro, 1

1864

## PERSONAGENS

| | |
|---|---|
| THOMÉ. . . . . . . . . . | 50 annos |
| CESAR . . . . . . . . . . | 24 » |
| ALFREDO. . . . . . . . . | 18 » |
| CARLOS, criado | |
| ROSA, filha de Thomé . . | 22 » |
| LUIZA, sobrinha de Thomé | 18 » |
| THEREZA, criada dos ditos | |

Epoca, 1830. A scena passa-se na casa de uma quinta á Penha de França.

Representada com muito applauso no Theatro da rua dos Condes, em 22 de Dezembro de 1861.

# ACTO UNICO

---

A scena passa-se n'uma casa á Penha de França. Sala ao rés da rua, deitando a janella do fundo para um jardim. Quatro portas lateraes, duas de um e outro lado da scena dando ambas para o interior da habitação, e as outras duas para gabinetes. Entre os moveis ha uma grande marqueza antiga, com sua coberta chegando o folho ao chão, mas praticavel para se poder esconder um homem debaixo d'ella.

## SCENA I.

CARLOS *(da parte de fóra da janella).*

Ninguem!... Terei occasião de fallar á Therezinha... Esta é a casa mais reservada de todas, onde a familia nunca vem senão quando tem visitas... *(cavalgando na janella)* Não é lá dos mais honestos este caminho para entrar n'uma habitação quando não está a arder; mas os amantes n'este ponto assimelham-se aos ladrões; e além d'isto vindo pela janella não me aventuro a encontrar alguem na escada...

Escallando esta janella
Não sou visto por ninguem:
Quantos ha que o tenham feito
Por gozar seu terno bem!...
Por gozar seu terno bem.
Quantos não tentam fazêl-o!...
Um momento de ventura,
Arriscar bem vale o pello....
Arriscar bem vale o pello!
Pois vamos por ella,
A cousa tentar,
E d'esta janella
Abaixo saltar...
E d'esta janella
Abaixo saltar.

*(Saltando)* Esperaremos por aqui.... Com a fortuna que ahi ouço a voz de Thereza; mas vem fallando com alguem... Toca a recolher aos intrincheiramentos, e observemos. *(torna a salvar a janella).*

## SCENA II.

THEREZA, ANTONIO, e CARLOS *(de fóra da janella escutando).*

*Thereza.* Você deixa-me!... É boa dessaina andar-me sempre perseguindo.

*Antonio.* Se a persigo é porque sinto cá por dentro umas cocegas por v. m.ce

*Thereza.* E eu se lhe fujo é porque sinto cá por dentro...

*Antonio.* Escusa de continuar que já presinto a trovoada... V. m.ce não é assim arisca para todos; por exemplo, com o criado do visinho... *(Carlos escuta á janella).*

*Thereza.* Então?

*Antonio.* O tal sr. Carlos, criado particular do sr. conde...

*Thereza.* E que assim seja que tem você com isso?... Acaso é meu pae, tio, ou marido?

*Antonio.* Sim, como é ambiciosa...

*Thereza.* Segue-se que tenho bens sentimentos.

*Antonio.* Despreza o criado de seu amo, com quem vive sob as mesmas telhas...

*Carlos. (áparte)* O maroto não a larga.

*Thereza. (vendo-o)* Carlos!

*Antonio.* Vou dizer-lhe um segredo.

*Thereza.* Pois é despachar.

*Antonio.* Nosso amo parte hoje mesmo para Santarem, e eu acompanho-o.

*Carlos. (áparte)* Boa viagem.

*Antonio.* Em quanto por lá andarmos o dia de ámanhã, hade prometter-me que o tal sr. Carlos não porá aqui pé.

*(Carlos tem entrado pela janella, e vae esconder-se n'um gabinete).*

*Thereza.* Vá descançado que hade entrar tanto como agora cá está.

*Antonio.* Eu bem sei porque o digo... tenho minhas desconfianças que é por ahi que elle vem... *(apontando para a janella, e indo vêl-a, deita a cabeça de fóra)* Ás vezes está acamado este canteiro de flores... tem suas pégadas... É por aqui que elle entra.

*Thereza. (em quanto Antonio tem ido á janella espreita o gabinete onde Carlos entrou, e este, deixando a cabeça de fóra, beija-lhe a mão)* Se está acamado hade ser o cão preto que se espoja n'elle.

*Antonio.* Ah! que se agarro o cão preto heide fazel-o branco. (*voltando para a scena*).

*Thereza.* Bruto!

*Antonio.* Senhora Thereza, façamos as pazes.

*Thereza.* É facil: deixe de me perseguir.

*Antonio.* Não... façamol-as dando-me um beijo para a jornada.

*Thereza.* Um beijo!... a você...

*Antonio.* Valho tanto como qualquer outro.

*Thereza.* Olha o menino pequenino para lhe dar beijinhos!

*Antonio.* Pois heide têl-o. (*perseguindo-a*).

*Thereza.* Se você se atreve. (*fugindo-lhe, passa pelo gabinete onde está Carlos, o qual depois de Antonio ter passado tambem por defronte do gabinete, entreabre a porta, e diz:*

*Carlos.* (*áparte*) Maroto!

*Antonio.* (*parando de perseguir Thereza*) Ouvi!

*Thereza.* (*indo para o lado do gabinete onde está Carlos* É alguem que o chama acolá. (*apontando para a janella*).

*Antonio.* Talvez seja elle... oh que se o apanho. (*correndo para a janella, e pondo-se a olhar*).

*Thereza.* Salte para o apanhar... póde ser que me queira dar um beijo. (*em quanto diz a ultima phraze, Carlos tem aberto a porta do gabinete, e dado um beijo na mão de Thereza*).

*Antonio.* (*voltando da janella*) Ninguem!... D'esta não me escapa. (*agarrando Thereza*).

*Thomé.* (*chamando*) Antonio?

*Thereza.* (*desprendendo-se de Antonio*) Bem feito!... (*fazendo-lhe pirraça*) Agora a culpa não foi minha. (*sae*).

## SCENA III.

THOMÉ, ANTONIO, e CARLOS (*escondido*).

*Thomé.* (*entrando*) Está tudo prompto?

*Antonio.* Sem duvida... Eu, v. s.ª, e o cavallo sellado... São quasi Ave-Marias... e as estradas...

*Thomé.* És medroso?

*Antonio.* Não estão muito seguras... diz-se que antes de hontem adiante do Arieiro roubaram umas pobres lavadeiras, e tenho receio que tambem me roubem.

*Thomé.* Tollo... primeiro me roubavam a mim do que a ti.

*Antonio.* Sim... V. s.ª é mais roubavel... A ida a Santarem é indispensavel que seja de noite?.... não era melhor sairmos ámanhã de madrugada?

*Thomé.* Quem viaja deve fazêl-o pela fresca.... És prudente, e posso confiar-me de ti.

*Antonio.* V. s.ª póde contar-me todos os seus segredos... o que disser entra-me por um ouvido, e sae-me pelo outro... é como senão fallasse.

*Thomé.* Pois bem... Saberás que ha dois sugeitos que me pedem em casamento...

*Antonio.* Como, senhor!... pedem a v. s.ª em casamento?!

*Thomé.* Não sou eu... são a minha filha e sobrinha, para seus filhos... Um d'elles é de Santarem, onde está estabelecido, e o filho está concluindo os seus estudos cá em Lisboa.... Ora, ámanhã pela manhã, devo estar n'aquella villa para tratarmos este negocio.

*Carlos.* (*abrindo o gabinete*) Esgueiro-me para logo voltar, que será occasião. (*sae pela janella*).

*Antonio.* Senão ha outro remedio, partamos, e quanto antes, pois acabam de soar Trindades.

(*Thereza traz luzes que põe sobre a mesa*).

## SCENA IV.

THEREZA, e OS DITOS.

*Thereza.* Então v. s.ª sempre nos deixa por estas vinte e quatro horas?

*Thomé.* Assim é necessario, Thereza.

*Thereza.* E ficarmos aqui tres raparigas solteiras, expostas!...

*Antonio.* Não tenha medo, sr.ª Thereza.

*Thereza.* N'uma quinta tão isolada, aqui na estrada da Penha de França!

*Thomé.* O medo guarda a vinha.... não digam vocês a ninguem que me ausentei por uma noite inteira, e fiem-se que não hãode ser perseguidas.

*Antonio.* E de mais cá fica para as guardar o cão preto que lhe acachapa o canteiro.... Ah! que se apanho o cão preto!

*Thomé.* Vamos, Antonio, vamos... ainda tenho de dar o abraço da despedida em minha filha, e sobrinha... Ouves, Thereza... juizo e diserição... As raparigas, quando anda por fora o dono da casa, devem ser impenetraveis como uma cidadella bem apetrexada.

*Thereza.* Vá descançado, meu senhor... quando voltar hade achar todas tres, do mesmo modo vi-

gilantes, e cuidadosas nos nossos deveres de raparigas.

*Thomé.* (*saindo*) Adeus.

*Antonio.* (*saindo*) Impenetraveis, ouviu.... nem o cão preto deve deixar entrar.... Ah! que se o pilho!

## SCENA V.

THEREZA, SÓ.

Finalmente vou passar na minha vida uma noite socegada, apoz tantas de inquietação e sobresalto.... Carlos não deixará de voltar em os vendo partir.... Esta noite é que saberei se me estima, e quer tomar por mulher.... Uma rapariga não póde ser solteira toda a vida.... Que aborrecimento, estar sempre a ser perseguida por todos os cantos em quanto não ha um marido que contenha em respeito a turba multa dos pretendentes.... Tenho reparado em que as minhas patroas não lamentam hoje esta separação de meu amo, e parece-me mesmo ter descuberto n'ellas que aguardavam com impaciencia a hora da jornada.... Terão tratado tambem alguma entrevista?.... Não póde ser.... a menina Luiza é a innocencia em carne e osso.... e a menina Rosa é intratavel como os espinhos da flôr de que tomou nome.

Nem tudo que luz é ouro,
Diz a longa antiguidade,
Mas eu digo que um thesouro
E achar-se n'esta idade
Sem namoro a rapariga!....
Bem sei eu porque o diga.

É da vida o doce encanto
A ventura dos amores;
Qual da aurora o terno pranto
Vivifica as lindas flores.
Haver quem os não cubice,
É, de certo, esquizitisse!

Se alguma affirma
Que amor não sente,
Dir-lhe-hei que mente;
Que não tem alma,
Nem coração!

Fogos acalma
Dentro do peito
Santo preceito,
A lei sagrada
D'uma paixão!

## SCENA VI.

LUIZA E THEREZA

*Luiza.* Estás só?

*Thereza.* D'esse mal é que me queixo.

*Luiza.* Ainda bem.

*Thereza.* E tanto peior para mim.

*Luiza.* Tenho tanta coisa para te dizer!

*Thereza.* Pois então diga-as depressa.

*Luiza.* Mas não sei por onde principiar.

*Thereza.* Grande coisa! principie pelo principio... é como todos fazem.

*Luiza.* Bem pezarosa estou, minha Thereza, de não te haver ha mais tempo dito isto, porque não me encontraria agora...

*Thereza.* Ui! menina!... que é o que a mortifica?

*Luiza.* Ha tres mezes que estou em casa de meu tio... Julgas acaso que eu não penso em nada?

*Thereza.* Pois a menina pensa!.... Eis a primeira novidade.

*Luiza.* Sim.... penso em alguem.

*Thereza.* Um amante, talvez.

*Luiza.* Não... não tenho amante.... É um querido amiguinho.

*Thereza.* Na verdade que a coisa assim é muito differente... Mas d'onde lhe veiu esse amiguinho?

*Luiza.* Depois que morreram meus paes fui educada em casa da tia Margarida... Ora morava defronte um rapaz...

*Thereza.* Já rapaz?

*Luiza.* E chama-se Alfredo... Não é um bonito nome?

*Thereza.* Mui lindo sem duvida.... e quando qualquer tem esse nome não póde deixar de ser amavel... Então como fizeram conhecimento?

*Luiza.*

Todas as horas me via;
Eu não menos igualmente:
Amar-me disse-me um dia,
E disse-m'o tão docemente,
Que n'um sorriso bem ledo
Respondi tambem amal-o.
Quiz saber como chamal-o;
Respondeu-me: — «Eu sou Alfredo.»

*Thereza.* Até ahi vae o negocio bem, não ha que lhe dizer.

*Luiza.*

Escreve, e lê muito bem,
E, devéras, um talento;
Dança melhor que ninguem;
E na musica um portento.
E' de-certo qual o digo:
E p'ra ser-lhe bem constante,
Eu não quero ter amante,
Quero-o só por meu amigo.

*Thereza.* Mas esse rapaz tão amavel e talentoso hade de certo querer esposal-a?

*Luiza.* Depende da minha vontade.

*Thereza.* Ha tres mezes que está aqui, e nada me havia contado.

*Luiza.* Não me atrevia.

*Thereza.* E então porque o faz hoje?

*Luiza.* Porque está mui perto d'aqui....

*Thereza.* Mui perto!

*Luiza.* Ali no jardim.... Reparou que no vallado da quinta havia um buraco que dava passagem...

*Thereza.* Ah! reparou no buraco!...

*Luiza.* Só depende de ti elle vir ter comigo.

*Thereza.* Mas como dar-lhe entrada em casa?

*Luiza.* Se fallasses a minha prima....

*Thereza.* Fallar a sua prima, uma menina tão rigorista, que esconjura os namoros, e os amiguinhos?...

*Luiza.* És mais esperta do que eu, e deves ter geito para arranjar isto bem... Anda que não has-de perder comigo...... Ella ahi vem..... por aqui me safo. (*sae*).

## SCENA VII.

ROSA E THEREZA.

*Rosa.* Thereza!

*Thereza.* Minha senhora.

*Rosa.* (*com modos de dignidade ridicula*) Tenho que te dizer; mas, desde já te advirto que não quero deduzas inducções malignas das minhas palavras.

*Thereza.* Acaso eu....

*Rosa.* Os criados pensam sempre mal dos amos, e negrejam-lhes as acções ainda as mais innocentes.

*Thereza.* Assusta-me esse preambulo, tanto mais que a menina bem conhece quanto lhe sou dedicada.

*Rosa.* Não careço de dedicação, e sómente da tua descrição.

*Thereza.* Da minha descrição?

*Rosa.* Já te disse que não tires deducções das minhas palavras.

*Thereza.* Então falle, menina..... (*áparte*) Como é assucarada!

*Rosa.* Conheço uma pessoa mui honesta e estimavel. Deseja ella fallar-me d'um negocio interessantissimo; e assim tenho resolvido fallar-lhe aqui esta noite.

*Thereza.* Abrir-lhe-hei a porta quando a senhora quizer.

*Rosa.* Esse cavalheiro....

*Thereza.* Ah!... é um cavalheiro!... (*áparte*) Estamos na hora das confidencias.

*Rosa.* Pediu-me alguns momentos de pratica, durante a qual empregarei toda a minha circumspecção... mas bem sabes que o mundo é prompto a suspeitar das raparigas...

*Thereza.* Muito injustamente... O mundo não tem senso commum. Que coisa mais ajustada do que um rapaz a uma rapariga?!

*Rosa.* Já te prohibi as inducções... Este mancebo é um homem honrado; chama-se Cesar.

*Thereza.* Deve ser um bravo.

*Rosa.* Sendo escusado fallar-lhe ás escondidas, quero que previnas minha prima de que elle vem esta noite cá a casa: não porque seja preciso que assista á conferencia, mas para que não diga nada a meu pae, e na sua simpleza não julgue outra coisa...

*Thereza.* Não me encarrègo d'isso.

*Rosa.* Porque?

*Thereza.* Ella é tão innocente!.... D'ahi podiam nascer-lhe certas idéas!.... Ahi vem: falle-lhe a senhora, que os criados não se devem metter n'essas coisas.... (*áparte*) É para ensinal-a a explicar-se com mais franqueza.

## SCENA VIII.

LUIZA e as DITAS.

*Luiza.* (*baixo a Thereza*) Fallaste-lhe?

*Thereza.* Não... É muito severa... intractavel.

*Rosa.* (*áparte*) Como sair d'esta!... Embaraça-me mais sendo simploria do que se fosse uma rapariga de espirito.

*Luiza.* (*baixo a Thereza*) Não sei como dizer-lh'o.

*Thereza.* (*áparte*) Que lá se avenham. (*sae*).

## SCENA IX.

**ROSA e LUIZA.**

*Luiza.* (*timidamente*) Passaremos esta noite sósinhas!

*Rosa.* Pelo que vejo, sim.

*Luiza.* Como hade ser aborrecida!

*Rosa.* (*vivamente*) Desejarias que alguem nos fizesse companhia?

*Luiza.* (*suspirando*) Alguem!...

*Rosa.* Ha por tanto quem desejasses?

*Luiza.* (*com temor*) Não é por mim que fallo, mas pela priminha...

*Rosa.* (*com altivez*) Por mim?

*Luiza.* Sim... Se desejasses alguem para companhia, eu tambem.

*Rosa.* (*com altivez*) E quem julgas que preferisse?

*Luiza.* Não julgo nada... disse isto sem consequencia.

*Rosa.* (*vivamente*) Responde, anda.

*Luiza.* (*áparte*) Que modo tão sêcco!

*Rosa.* Se um mancebo...

*Luiza.* (*áparte*) Um mancebo!

*Rosa.* Amavel... de bella presença...

*Luiza.* (*áparte*) Ah! que conhece Alfredo!

*Rosa.* Viesse visitar-me, e tomasse chá comnosco, que pensarias, Luiza?

*Luiza.* Que eras amiguinha d'elle.

*Rosa.* (*severamente*) Presumes isso!

*Luiza.* Não presumo nada! (*áparte*) Alfredo não poderá vir.

*Rosa.* (*dulcificando*) Estando ausente teu tio receberias um rapaz da tua amizade?

*Luiza.* (*áparte*) Quer saber o meu segredo.

*Rosa.* (*vivamente*) Responde, Luiza.

*Luiza.* (*assustada*) Não, minha prima... não o receberia... (*áparte*) É tão má!

*Rosa.* (*áparte*) Não ha meio de lh'o fazer comprehender!

*Luiza.* Tomaremos sósinhas o chá?

*Rosa.* (*seccamente*) Sim.

*Luiza.* (*áparte*) Peior para ti.

## SCENA X.

AS MESMAS, e THEREZA.

*Thereza.* (*áparte*) Agatanham-se!... é preciso compôl-as.... (*baixo a Rosa*) Então?

*Rosa.* (*baixo a Thereza*) É uma tola.

*Thereza.* (*do mesmo modo*) Deixe-o chegar, que me encarrego do resto.

*Rosa.* (*do mesmo modo*) Sim.

*Thereza.* (*do mesmo modo*) Mas que não appareça antes do chá.... (*baixo a Luiza*) Então!... não consente?

*Luiza.* (*baixo a Thereza*) Não... Está lá fóra exposto a constipar-se!

*Thereza.* (*do mesmo modo*) Dê-lhe entrada, e o mais fica por minha conta.

*Luiza.* (*do mesmo modo*) Deveras!

*Thereza.* (*do mesmo modo*) Que não appareça porém antes do chá... (*alto*) Meninas!... tive agora uma boa ideia... Em quanto o sr. meu amo vae esta noite gosando o fresco da jornada, devemos distrair-nos convidando alguem para tomar o chá comnosco.

*Rosa.* Não é mal lembrado.

*Luiza.* De certo que é uma boa ideia.

*Thereza.* Deixem isto por minha conta, que arranjarei tudo a contento.

*Rosa.* Dou-te carta branca.

*Luiza.* Faz o que te parecer.

*Thereza.* (*baixo a Rosa*) Pareceu-me que vi alguem junto á porta do jardim.

*Rosa.* (*do mesmo modo*) Hade ser elle.

*Thereza.* (*baixo à Luiza*) Está lá um homem junto á sébe do vallado.

*Luiza.* (*do mesmo modo*) Foi por que entrou pelo buraco.

Rosa. (*alto*) Thereza! Deixo tudo a teu cargo... Vamos priminha. (*finge sahir pela esquerda*).

*Luiza.* (*baixo a Thereza*) Alfredo hade ter vontade do chá.

*Rosa.* (*voltando, e baixo a Thereza*) Não sejas mesquinha nos bolos.

*Theresa.* (*alto*) Hãode chegar para todos (*Rosa sae pela esquerda e Luiza pela direita*).

## SCENA XI

THEREZA

Ora minhas queridas meninas, agora não tem
que censurar umas ás outras; por tanto se sir
vossos amores, é para que tambem sejaes indu
gentes com os meus... Que alegre chá não teremo

Ah não haja mais tristura;
Consagrémos á ternura
Esta nossa mocidade;
E viva a alegria,
Viva a flecidade;
E viva a alegria,
Viva a flecidade!

O doce instante é chegado
De com o meu namorado
Comer bollos, tomar cha:
E viva a alegria
Que esse instante dá;
E viva a alegria
Que esse instante dá.

Que bellos instantes
Amor nos prepára;
Quem sempre os gosára
Eternos, constantes!
Quem sempre dissera
E viva a alegria
Que no petio gèra
Caricia de amantes...
E viva a alegria
Que no peito gera
Caricia de amantes.

Ouço a voz da menina Luiza conversando c
alguem... Depressa se encontrou com o seu

fredo... Estas ingenuas!... estas ingenuas!... tambem não deixam levar o seu por mal cosinhado... Vamos preparar o necessario para o chá. (*sae.*)

## SCENA XII.

LUIZA e ALFREDO

*Luiza.* Já estavas aborrecido de esperar tanto tempo, não é assim?

*Alfredo.* Não, minha Luisinha... o que me zangava era vêr um homem rondando em torno do jardim.

*Luiza.* Tens medo dos homens!

*Alfredo.* Nem sempre; mas diz-se tanta cousa deste caminho da Penha!... Não estou ainda costumado a estes passeios nocturnos... Creado em casa de minha tia que tem um collegio de meninas, ahi é que eu estava bem seguro.

*Luiza.* Olha, Alfredo; minha prima ainda não sabe que poseste pé dentro de casa: em quanto Thereza lh'o não diz, deves esconder-te...

*Alfredo.* Onde?

*Luiza.* Neste gabinete... Fecha-te bem por dentro, e não saias senão quando eu te chamar.

*Alfredo.* (*abrindo a porta do gabinete*) Ui! como está escuro!... Aqui não ha ratazanas?

*Luiza.* Não... Tens medo de estar ás escuras?

*Alfredo.* Não sendo por muito tempo...

*Luiza.* Alfredo, quando me esposarás?

*Alfredo.* Sem luz!

*Luiza.* Não é isso que digo... Quando casaremos

*Alfredo.* Meu pai prometteu escrever a teu tio

*Luiza*

Sempre penso no momento
De ser eu tua mulher:

*Alfredo*

Esse doce pensamento
Faz-me todo estremecer!

*Ambos*

Quando penso no momento
De { ser eu tua / serdes minha } mulher
Com tão doce pensamento
Sinto o peito estremecer } bis

*Luiza*

Terno esposo que faremos,
Quando casados seremos?

*Alfredo*

Dir-te-hei, q'rida, quanto adoro!

*Luiza*

Podemos dizel-o agora!

*Alfredo*

Vezes mais eu t'o direi.

*Luiza*

Que ventura não terei!

*Ambos*

Ah que doce tal momento
De | ser eu tua | serdes minha | mulher
Com tão doce pensamento, | bis
Sinto o peito estremecer. |

*Luiza.*

Dizem que após de casados
Não ama o esposo a mulher!

*Alfredo.*

Não tenhas esses cuidados;
Qual antes heide fazer.

*Luiza.*

Dir-te-hei, meu peito te adora.

*Alfredo.*

O mesmo que digo agora.

*Luiza.*

E depois ainda o direi.

*Alfredo.*

Senpre constante serei.

*Ambos.*

Dir-te-hei, meu peito te adora,
O mesmo que digo agora;
Depois tambem mais direi,
Que senpre constante serei.

Ah! que doce tal momento,
De | ser eu tua / serdes minha | mulher
Com tão doce pensamento,
Sinto o peito estremecer. | bis

*Luiza.* Vem gente... esconde-te (*Alfredo entra no gabinete á esquerda*)... É minha prima... Nada de lhe fallar para que não descubra o meu segredo. (*sae*)

## SCENA XIII

ROSA E CESAR

*Rosa.* Sim, meu Cesar, no entanto que Thereza inventa o meio de esta noite, seu desconfianças, tomares chá comigo, é mister que te escondas n'um destes gabinetes.

*Cesar.* Nesta casa ha homens?

*Rosa.* Nenhum está cá...meu pae e Antonio foram esta noite para Santarem.

*Cesar.* Faço esta pergunta porque quando tratava de me introdusir no jardim, vi a sombra d'alguem que me pareceu com os mesmos intentos... avanço sobre elle, mas qual?! evaporou-se.

*Rosa.* Talvez fosse algum ladrão que quisesse cá entrar: poren achando-te a meu lado estou socegada.

*Cesar.* Em quanto, eu estiver aqui não haja receio... desejava vêla atacada por todos os ladrões do mundo, só para ter a ventura de a defender.

*Rosa.* Ah! como seu amada!... Quando finalmente poderei chamalo meu esposo?

*Cesar.* Quando direi eu esta Rosa é minha!

*Rosa.* Vamos, a priminha pode chegar... entra para aquelle gabinete.

*Cesar.* (*tentando abrir o gabinete aonde está Alfredo, encontra a porta fechada*) Não se abre!

*Rosa.* Então n'aquelle... feche o bem, e aguarde que o chame.

*Cesar.* Não se demore, astro radiante, em iluminar o meu firmamento.

*Rosa.* Que palavras tão doces!... Prestes serei de volta (*sae levando a luz*).

## SCENA XIV

CESAR (*na scena*) e ALFREDO (*no gabinete*)

*Cesar.* Ninguem apparece, e portanto tenho muito tempo para me encafoar ali.

*Alfredo.* (*abrindo a porta do gabinete e vendo o chapeo de Cesar*) Meu Deus, de quem á aquelle chapeu?!

*Cesar.* Vou passar hoje uma noite deliciosa.

*Alfredo.* Estou bem arranjado se elle não decampa!

*Cesar.* Todos os amantes se lastimam, porém

eu, louvado Deus, consigo sempre o que desejo.

*Alfredo.* E a mim tudo se me transtorna.

*Cesar.* Nunca temi rivaes ... quando alguem se atreve, quebro-lhe todos os ossinhos do corpo, deixando-lhe unicamente livre o braço direito para me comprimentar depois de morto.

*Alfredo.* Que Farrabras!... é um ladrão.

*Cesar.* Depois de morto, e bem morto.

*Alfredo.* Misericordia! *(fecha a porta do gabinete).*

*Cesar.* Realmente que sou muito feliz!

Oh fortuna! bem te devo
Excessos do teu favor;
Pois que as portas me franqueias
Aos gosos do meu amor.

Minha audacia vence o resto;
Vence o resto este meu braço;
Nenhum p'rigo me amedronta,
Que p'rigo prestes desfaço.

Fortuna! dos teus favores
Sede, avante, mais avara,
Que por facil a conquista
Ao peito não é mui chara.

Sinto, porém rumor... cumprâmos as ordens de Rosa, occultemo-nos aqui (*entra no gabinete á direita*).

## SCENA XV

CARLOS (*entrando pela janella*) **ALFREDO e CESAR** (*escondidos.*)

Ninguem!... Foi um grande invento para os

amantes estas janellas ao rez do chão... Todas as casas onde ha moças bonitas deviam ter esta providencia nocturna... Tratemos primeiro de vêr onde esperarei por Theresa... (*experimenta as portas dos gabinetes, que estão fechadas*)... São fortalesas inexpugnaveis!... Tenho de occultar-me n'alguma parte, porque se viessem as senhoras adeus minha entrevista com a Therezinha... e perdida esta occasião... Nada, não quero ficar com agua na bocca!... Sim... debaixo d'aquella marqueza... Não é muito commodo, mas em fim outros se terão visto em maiores tallas... Um homem honrado póde esperar aqui a hora do amor, e da ventura.

Quem quizer gosar
Encantos de amor,
Teu sim de soffrer
Momentos de dôr.

Nem sempre o prazer.
Para se estimar,
Sem penas, e só,
Se deve buscar.

Custa, bem n'o sei,
A amante vencer,
Mas a gloria, sim,
Mais doce hade ser.

Vamos, vamos, ali ocultar;
Que se a cama não é de tentar,
Os encantos de amor quem quizer,
Tem por elles tambem de soffrer.

(*esconde-se*)

*Cesar*. (*abrindo a porta*) A Rosinha inda não vem!

*Alfredo.* Ah Luiza! que te detem!

*Ceser e Alfredo*

Não deve fazer ruido
Quem no amor traz o sentido.

*Carlos.* Deve o amante ser soffrido.

*Todos tres*

Quem quizer gosar
Encantos de amor
Tem sim de soffrer
Momentos de dor!

*Alfredo.* (*saindo do gabinete*) Vejamos se ainda cá está.

*Carlos.* (*sob a marqueza*) Quem será este maráo?!

*Alfredo.* (*avançando para a scena*) Preciso fallar a Luiza para saber quem era aquelle homem.

*Carlos.* (*áparte*) Parece assustado!

*Alfredo.* Abre-se aquella porta! (*a do gabinete de Cesar*).

*Cesar.* (*julgando estar só*) Como se demora!

*Carlos.* (*áparte*) Ainda mais outro!

*Cesar.* (*vendo Alfredo*) Que! o tal melcatrefe do jardim!

*Alfredo.* (*vendo Carlos*) Será um ladrão!

*Cesar.* (*correndo para Alfredo*) O que faz o se. nhor aqui?

*Alfredo.* Senhor!

*Cesar.* (*vivamente*) Responda.

*Alfredo.* Senhor!

*Cesar.* (*carregando mais o chapeu*) Respondi, já disse.

*Alfredo.* Dá-me cabo da pelle. (*não podendo entrar no seu gabinete, porque Cesar se lhe tem atravessado adiante, esconde-se no de Cesar*).

*Cesar.* Covarde! fugiu!... mas ahi vem gente... Aquelle gabinete está aberto. (*entra no gabinete de Alfredo*)

*Carlos.* Que dará isto de si!... Galante modo de se introduzir na casa alheia!... Não sou eu só!

SCENA XVI

LUIZA e OS DITOS (*escondidos*)

*Luiza.* (*com um castiçal*) Thereza disse-me que era occasião de Alfredo apparecer... Coitadinho! vamos dar-lhe a liberdade.

*Carlos.* (*áparte*) Temos uma entrevista!

*Luiza.* (*á porta do gabinete onde Alfredo estivera primeiro*) Sae, anda, sae... Adormeceria!

*Carlos.* Errou o numero da porta!

*Luiza.* Vem, que sou eu.

*Cesar.* (*abrindo a porta*) Aqui estou...

*Luiza.* Ah! (*assustada deixa caír o castiçal*).

*Cesar.* Não é ella! (*feixa-se novamente*)

*Luiza.* (*gritando*) Quem me acode... Thereza!... minha prima!

## SCENA XVII

ROZA, THEREZA, *(com uma luz que põe sobre uma mesa,* e OS DITOS*)*

*Rosa.* Que foi Luiza?
*Thereza.* Que tem menina?
*Luiza.* *(gritando)* Introduziu-se em casa um ladrão.
*Rosa.* Calla-te.
*Thereza.* Não grite.
*Luiza.* Vamos todas ser mortas.
*(Tocam á campainha.)*
*Thereza.* Ai Jesus!... batem á porta.
*Luiza.* Não abras.
*Rosa.* Quem será a esta hora?!
*Thereza.* *(que tem ido á porta do fundo)* É o senhor seu pae... já lhe abriram a porta.
*Rosa.* Meu pae!
*Luiza.* Meu tio!
*Thereza.* Sobe, acompanhado de Antonio.
*Rosa.* Que faremos?!
*Thereza.* Acommode-se que elles alli estão.
*Carlos.* Adeos instantes amorosos!

## SCENA XVIII

THOME, ANTONIO, e OS DITOS.

*Thomé.* *(commovido)* Graças a Deos que estâmos a seguro.
*Rosa.* Que lhe succedeu, meu pae?!

*Thereza.* Porque voltou tão cêdo?

*Thomé.* Pergunta-o ao Antonio.

*Antonio.* Encontramos... e o senhor que teve mêdo fugiu para casa.

*Thomé.* Tu é que quiseste voltar.

*Antonio.* A verdade é que o senhor deu de redea, e galopou a bom galopar.

*Thomé.* O maldito do cavallo voltou a cabeça á anca, e não tive força de o suster... Vamos, ponham-me aqui uma cadeira, e tragam-me as chinellas. (*Thereza saé a buscar as chinellas.*)

*Rosa* (*áparte*) Como hade ella sahir!

Luiza. (*áparte*) Como estará Alfredo!

*Thomé* (*para Antonio*) Vamos... tira-me aqui as botas (*Antonio. puxa por uma bota, e quando está meia descalça, Luiza, que tem ido ao gabinete onde está Cesar, lança um grito*)

*Luiza.* Ai! (*Thomé e Antonio trepam cada um sobre sua cadeira*)

*Thomé.* Que foi?

*Tereza* (*que ja tem trasido as chinellas*) Foi Antonio que me lançou uns olhos!

*Thomé.* Então tu lanças os olhos?

*Antonio.* (*descendo*) Eu estava assim como estou.

*Thomé.* (*saltando tambem*) Então já tomaram o seu chá?... Soube-lhes bem?

*Rosa.* Meu pae!

*Luiza.* Meu tio!

*Thereza.* Senhor!

*Thomé.* Pois então vão deitar-se... não quero ceiar... não tenho apetite... Tomem sentido... tranquem bem as portas.

*Rosa.* (*áparte*) Como acabará isto?!

*Thomé.* Então... não ouviram... vão deitar-se.

*Luiza.* (*sem mudar de posição*) Felizes noites, meu tio.

*Rosa.* (*do mesmo modo*) Boas noites, meu pae.

*Thomé.* Boas noites... boas noites...

*Carlos.* (*áparte*) Hãode ser muito boas!... ás avesas.

(*Luiza e Rosa passam porj unto dos gabinetes, e param um pouco escutando se sentem alguem.*)

*Thereza.* (*áparte*) Ainda bem que Carlos não veio.

*Thomé.* (*vendo que ellas ainda não sairam*) Vão-se embora... vão-se embora (*empurra todas, uma apoz outra*)... Antonio! fecha bem essas portas, e tira as chaves (*Um fecha a porta do fundo, e o outro a porta por onde sairam as senhoras*).

## SCENA XIX

OS DITOS, menos ROSA, LUIZA e THERESA

*Carlos.* Dormirei a noite nesta sala.

*Thomé.* Graças a Deos que não está aqui ninguem.... Ora diz lá, Antonio... com effeito seriam ladrões?

*Antonio.* Disse: estão ali tres homens

*Thomé.* (*apontando*) Tres homens aqui?

*Antonio.* Foi o que eu disse na estrada de Sacavem... e mal repeti estas palavras voltou logo redea...

*Thomé.* Ora vamos, poltrão, feicha bem aquella janella. (*Antonio obedece*)

*Carlos. (áparte)* Corta-me a retirada.

*Thomé.* Que estás ahi a dizer de cortar-te a retirada.

*Antonio.* Eu não disse nada... (*ouve-se espirrar*)

*Thomé.* (*agarrando-se a Antonio*) Aonde?... (*escutando*) Vae-te d'aqui poltrão... O medo é uma molestia pegadiça.

*Antonio.* E bem pegadiça, porque em casa do sr. estou sempre com medo.

(*Carlos espirra*)

*Thomé.* Deos te ajude.

*Antonio.* Dominus tecum.

*Thomé.* Eu não espirrei.

*Antonio.* Então fui eu!... O medo faz-te tonto.

*Thomé.* Ora vamos... põe para aqui aquella luz... quem sabe se perderia algum papel na galopada (*senta-se na marqueza, e puxa a mesa para diante de si examinando os papeis*)... Aqui estão as cartas...

*Antonio.* (*assustado*) Ai Jesus!... Senhor!

*Thomé.* Que foi isso, homem?

*Antonio.* Aquella porta que se abriu e fechou por si. (*Alfredo tinha aberto e fechado a porta*).

*Thomé.* (*com afflição*) E Jesus!... Anda... vae buscar força armada.

*Antonio.* Não me sinto nas pernas... Lá se abriu tambem aquella!

*Thomé.* Santo Deus misericordia.

*Cesar. (áparte)* Pois que ella não vem é preciso sahir d'aqui.

*Thomé* e *Antonio.* (*vendo o chapeo de Cesar*)

Senhor meu Jesus Christo... Deos e homem verdadeiro (*caindo ambos de joelhos.*)

(*Carlos debaixo da marquesa, com a coberta levantada, Alfredo e Cesar entre as portas do gabinete, olham estupefactos para Antonio e Thomé que estão de joelhos.*)

*Antonio.* (*griando e correndo para a porta do inteterior que está fechada, e que se esforça por abrir, mas não consegue*) Salve-se quem poder!

(*Carlos sáe debaixo da marqueza, e puxando da capa d'esta embrulha-se n'ella, e salta pela janella, tendo-a primeiro aberto. — Alfredo que está mais proximo da janella salta tambem apoz elle: e em seguida Cesar que atravessa o theatro, tendo derrubado a mesa e o castiçal, a cujo estrepido Thomé estendendo-se no chão é agarrado por Antonio, que grita.*)

## SCENA XVII

ANTONIO

Cá fillei um!

*Thomé.* Larga-me, maldito, que sou eu.

*Antonio* (*levantando-se, e largando-o*) Então fugiram.

*Thomé.* (*levantando-se*) Quantos seriam?

*Antonio.* Sete contei eu.

*Thomé.* Sete!... Santo Deos, misericordia!

(*Batem á porta da parte de fóra*)

*Antonio.* Elles outra vez com a gente.

*Rosa.* (*da parte de fóra*) Que succedeu papa?

*Luiza.* Que tem meu tio?!

*Thereza.* Somos nós.

*Thomé.* (*para Antonio*) Ainda bem que acodem... Vae abrir poltrão.

*Antonio.* (*com a chave, antes de abrir*) Vem a sós?

*Luiza* e *Rosa.* (*da parte de fóra*) Sim; abre.

## SCENA XXI

ROSA, LUIZA, THEREZA, *com luz* e OS DITOS

*Rosa.* Que aconteceu?

*Thereza.* Que barulho!

*Thomé.* Esta casa está cheia ds ladrões.

*Antonio.* E que cara que tinham!...

*Thomé.* Felizmente a minha presença conteve-os em respeito. (*sente-se tocar a campainha*)

*Thereza.* Ai como batem á porta!

*Thomé.* Os diabos ajustaram-se todos para se reunirem hoje aqui. (*novamente sôa a campainha*)

*Antonio.* Saltaram pela janella, e querem entrar agora pela porta. *Carlos* (*da parte de fora, batendo á porta*) Abram...não tenham medo que são amigos.

*Thereza,* Ah!... é a voz de Carlos... são os visinhos que vem em nosso soccorro.

*Antonio.* Senhor!... pelo amor Deos não os deixe entrar. (*Luiza e Rosa que tem ido espreitar os gabinetes ficam admirados de não ver lá ninguem.*)

*Thomé.* Thereza... tens animo para abrires?...

*Thereza.* De certo... os ladrões não tem nada que me levar. (*sáe*)

*Thomé.* Agora, minha filha, e minha sobrinha, podem attestar que escaparam de boa... Olha se eu não voltasse.

*Antonio.* Se os ladrões as filassem!... desgraçadas meninas.

*Rosa.* Quantos eram ao todo?

*Thomé.* O Antonio contou sete.

*Rosa e Luiza.* Dez?

*Antonio.* Sete... nem mais um, nem menos um... não contando os que desfillaram quando estavamos prostrados por terra.

*Rosa.* (*para Luiza*) Não percebo nada disto.

*Luiza.* (*para Rosa*) Nem eu.

## SCENA XXII

CESAR, ALFREDO, CARLOS, THEREZA, e OS DITOS.

*Cesar.* Tranquilisam-se, senhores.

*Rosa.*(*á parte*) É elle.

*Alfredo.* Não tenha, v.s.ª medo.

(*Thomé.* (*olhando com espanto*)

*Luiza.* É o meu Alfredo.

*Cesar.* Um feliz acaso trouxe-nos a sua casa... vimos os ladrões penetrando no jardim carregámos sobre elles, e se não fogem... Primeiro julguei que este senhor era um delles...

*Alfredo.* O mesmo pensei eu do senhor.

*Cesar.* Ao cabo porém de uma curta esplicação conheci que vinha com intenções honestas... Agora, senhoras, lançem para longe os receios, e contem-nos em o numero dos seus defensores.

*Thomé.* Pois é aos senhores que devêmos? ...
*Cesar.* Exactamente.
*Alfredo.* Com toda a certeza.
*Thomé.* Desculpem-me, mas como ha muito marão assim com cara de gente honrada, desejava saber os nomes.
*Cesar.* Chamo-me Cesar Alcaparra.
*Alfredo.* E eu Alfredo Alfenim.
*Thomé.* Que ventura!... Pois é o filho do meus amigo Alcaparra?...e v.s.ª o representante da preclara familia dos Alfenins?... Então haôde conhecer as intenções dos seus parentes?
*Cesar.* Meu pae tinha-me promettido...
*Alfredo.* A minha familia tambem...
*Thomé.* Aqui estaõ as suas cartas... Eu já estava resolvido a estes casamentos, da heroica façanha a cabada de praticar mais me confirma nesta resolução... Minha filha... minha sobrinha... que dizem a isto?
*Rosa.* Meu pae, obdeço... tanto mais que eu já estimava Cesar,
*Luiza.* E eu o sr. Alfredo
*Thomé.* (*deitando a benção*) Deos os abençoe.
*Carlos.* Como fui tambem um dos heroes socorridos ao seu soccorro, peço a mesma recompensa.
*Thomé.* Indeferido... não tenho mais nenhum logar vago.
*Thereza* Pois eu não pertenço ao quadro?...
*Carlos.* Ha tempos que ardo aqui pela senhora Thereza.
*Antonio.* Espera que já te apago o incendio... Por ella tambem tenho aqui um volcão.

*Thereza.* Ambos me estimam mas será o senhor quem decidirá.

*Thomé.* Aconselho-te a não tomar um poltrão por marido.

*Thereza e Carlos,* Bem julgado.

*Thomé.* Agora vâmos todos tomar chá

*Thereza*

Ah! se o medo nos guardou,
Nos guardou com tanto custo,
Inda assim livres não 'stamos
Pois não foi pequeno o susto.

Nem d' amantes, nem ladrões,
Se tranziram nossas almas:
Provém o susto, senhores,
De não termos vossas palmas.

FIM DA COMEDIA.

GALERIA THEATRAL

# POR UM TRIZ!

COMEDIA EM UM ACTO

ORNADA DE COPLAS

**(Imitação)**

Por

EDUARDO GARRIDO

REPRESENTADA NO THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO EM 15 DE FEVEREIRO DE 1862.

**PREÇO 100 RÉIS**

Livraria de J. Marques da Silva — Rua Nova do Carmo, 72.

**LISBOA**

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

1862

PERSONAGENS

**José Balbino,** bacalhoeiro.............. 55 annos
**Felizardo Rego,** empregado........... 37 »
Um empregado do caminho de ferro.
Passageiros.

Lisboa — actualidade.

# ACTO UNICO

O theatro représenta uma sala de espera na estação do caminho de ferro de leste. Porta ao fundo e lateraes. Ao levantar o panno, um empregado apparece na porta do fundo, gritando: «Segunda classe!» como que para prevenir os passageiros que se acham na sala.

## SCENA I

O Empregado, Povo, Balbino, e Felizardo.

*Empregado.* Façam favor de se aviar, que o comboio vai partir. *(Sáem todos, e apparece na porta do esquerda, Balbino e Felizardo, carregados com bagagem, disputando a passagem um ao outro).*

*Balbino.* Oh! senhor!... pelo amor de Deus não me esborrache a minha empada!

*Felizardo.* Então deixe-me passar!

*Balbino.* Eu vinha adiante, e portanto...

*Felizardo.* Quem vinha adiante era eu!

*Empregado.* Deixem as questões para logo, que o comboio não espera! *(Balbino e Felizardo passam*

*ao mesmo tempo, e encontram-se de novo na porta do fundo*).

*Felizardo*. Alto lá! Eu já cá estava!

*Balbino*. Perdão, fui eu que cheguei primeiro, e por isso hei de ser o primeiro a passar!

*Felizardo*. Ah! nós tornamos á mesma! Pois espera que...

*Balbino*. (*Colerico.*) Senhor!... Senhor!... não me esborrache a minha empada!

*Felizardo*. Pois não me impessa o caminho!

*Balbino*. Ha de passar depois de mim!

*Felizardo*. Hei de passar adiante do senhor!

*Balbino*. O senhor é muito atrevido!

*Felizardo*. E o senhor muito insolente!

*Balbino*. (*Empurrando-o.*) Hei de passar!

*Felizardo*. (*Idem.*) Não ha de passar!

*Balbino*. Heide, já disse!

*Felizardo*. Não ha de, repito!

*Balbino*. Pois veremos!

*Felizardo*. Pois veremos! (*Luctam, deixando cahir as bagagens. Ouve-se o apito da locomotiva.*)

*Balbino*. Com mil demonios! lá partio o comboio!...

*Empregado*. (*Entrando.*) O primeiro trem é ás seis e meia. (*Sáe.*)

*Felizardo*. Estou servido!

*Balbino*. Estou arranjado!

*Felizardo*. O senhor foi quem teve a culpa!

*Balbino*. Quem teve a culpa foi o senhor! (*Apanham os saccos de viagem, ficando cada um com aquelle que lhe não pertence.*)

COPLA

*Balb*. Ao comboio, certamente,
Nenhum teria faltado,

Se o senhor não fosse um bruto...
*Feliz.* E o senhor um malcreado!
*Balb.* A culpa foi toda sua!...
*Feliz.* É pêta, não é assim!...
*Balb.* Não pense que por negar
As culpas deita p'ra mim!
Não deita, porque 'stou certo,
Que apenas o toque deu,
Quem primeiro aqui chegou
Fui eu...
*Feliz.* Fui eu!
*Balb.* Fui eu!!!
*Ambos* Mente, mente! forte birra!
É mentira — não ha tal!
Mentiroso d'esta força
Não ha outro em Portugal!
*Feliz.* O senhor é um alarve!
*Balb.* E o senhor um animal!

*Balbino.* Duas horas e meia d'espera... Olhem que brincadeira! E o peior é que levo a minha empada esborrachada!

*Felizardo.* Queixe-se de si!

*Balbino.* (*Arremedando-o.*) Queixe-se de si... queixe-se de si... (*Aparte*) Tem mesmo cara de caloteiro este mariola! Palavra que lhe não emprestava setenta réis sem me offerecer hypotheca!

*Felizardo.* (*Aparte.*) Embirro solemnemente com a cara d'este diabo! É dos taes que eu não queria para meu primo em vigesimo quarto gráo!

*Balbino.* (*Vendo o sacco que Felizardo tem na mão.*) Ora espera!... Faça favor de me passar para cá o meu sacco!...

*Felizardo.* (*Trocando-o.*) Tem razão. Foi por engano.

*Balbino. (Entre dentes.)* Bem sei!

*Felizardo. (Offendido.)* Duvída?! Eu não sou nenhum ladrão!

*Balbino.* Não era nada de espantar... tenho visto muitos de casaca e luva branca!

*Felizardo.* O senhor não seja insolente!

*Balbino. (Aparte)* O rapaz é malcreado, mas eu dou-lhe um tapa-olho!

*Felizardo. (Idem.)* O velho faz-se atrevido, mas pespego-lhe um murro! *(Alto.)* Por sua causa deixo eu de assistir a um jantar para que estava hoje convidado!

*Balbino.* E eu deixo de comparecer a outro para que tinha convidado alguns amigos, entende? Por signal, comprei em Lisboa esta empada de lagosta que o senhor teve a amabilidade de esborrachar, percebe? *(Aparte.)* Custou-me tres pintos!... Antes elle me tivesse esborrachado as ventas, que me não custaram nada! *(Alto.)* E por sua causa está talvez minha mulher a estas horas julgando que me deteve em Lisboa alguma entrevista amorosa; comprehende?

*Felizardo.* Entendo, percebo, e comprehendo tudo quanto quizer, mas não me obrigue a responder ás suas perguntas banaes!

*Balbino.* Além d'isso, como de Santarem a minha casa, é ainda uma boa meia legoa, que eu tenho de andar de noite, posso perfeitamente ser roubado no meio do caminho!

*Felizardo.* Ah! o *menino* tem mêdo de ladrões?...

*Balbino. Menino,* é aprendiz de clerigo!...

*Felizardo.* Quem lhe diz que não?

*Balbino.* O senhor manga comigo?!...

*Felizardo.* Não se altere que lhe póde fazer mal!... Com que então, tem mêdo dos ladrões?...

*Balbino.* Cada qual sabe as linhas com que se cóse! Gato escàldado d'agua fria tem mêdo! e como eu já o fui, é por isso que fujo de recolher-me tarde, o que não é de certo uma asneira, porque cautella e caldo de galinha nunca fizeram mal a doente! e quem se sujeita a amar sujeita-se a padecer!...

*Felizardo.* Ó senhor! Pelo amor de Deus, acabe com esse aguaceiro de proverbios... Safa!

*Balbino.* Já fui victima, meu caro, já fui victima... e por isso fallo d'este modo. Quer o senhor saber?...

*Felizardo.* Nada, não — dispense-me; não tenho o menor empenho em...

*Balbino.* Pois bem, visto que tanto insta, então lá vai. Ha dois mezes... (*Interrompendo-se*) Não me lembro se ha dois mezes, se mez e meio... mas...

*Felizardo.* Adiante, adiante... isso não faz nada ao caso!...

*Balbino.* Ha dois mezes, ha... é isso! Pois como eu ia dizendo... ha dois mezes, estava eu muito bem socegado em minha casa, quando de repente... Nada, não senhor... ha mez e meio é que foi, agora me lembro!

*Felizardo.* Homem, o senhor é o estupante mais completo das oito provincias de Portugal!

*Balbino.* Eu abrevio, eu abrevio... O caso foi assim. Estava muito bem descançado em minha casa, dormindo a sésta, quando...

*Felizardo.* Isso já o senhor disse duas vezes!

*Balbino.* Então, lá vai agora sem mais preambulos; mas faça favor de me não tnterromper! Estava eu ha dois mezes muito bem socegado em minha casa dormindo a sésta, quando de repente...

*Felizardo.* Vio entrar no seu quarto de cama dois *sucios* armados dos pés até á cabeça?... Adiante.

*Balbino.* Nada, não foi assim; não se deite a adivinhar! Senti um pequeno rumor no repartimento contiguo ao quarto em que eu estava, e percebi ao entrar na minha sala de jantar, que um *sucio* se tinha introduzido ali, e que levára, como por engano, toda a prata que topou em cima das mezas. E olhe que era um serviço magnifico o que aquelle tratante me roubou!... Mas eu não perdi ainda de todo a esperança de o apanhar!

*Felizardo.* Quem, o ladrão?

*Balbino.* Não, o serviço!

*Felizardo.* A policia aqui é pouco vigilante, meu caro amigo. Não é o senhor que o torna a vêr!

*Balbino.* Quem, o serviço?

*Felizardo.* Não, o ladrão!

*Balbino.* Isso veremos. Hei de cahir sobre elle como uma apoplexia, com o artigo não sei quantos do Codigo Penal!

*Felizardo.* Mas, uma vez que o não conhece...

*Balbino.* Quem, o artigo?

*Felizardo.* Não, o ladrão!

*Balbino.* Eu nos meus tempos, fui continuo da Boa-Hora, e portanto não estou completamente alheio n'estas coisas de tribunaes. Sei o caminho que devo seguir. Vou ter com o Canarim, e elle ha de restituir-me a minha prata.

*Felizardo.* Quem, o Canarim?

*Balbino.* Não, o ladrão. Irra! O senhor parece que não está aqui!

*Felizardo.* O senhor é que confunde tudo!

*Balbino.* (*Aparte.*) Ai, que este palerma é bronco!

*Felizardo.* (*Idem.*) Ai, que este diabo é tolo!

*Balbino.* (*Mysteriosamente.*) Mas, aqui para nós... (*Muito baixo.*) Não sabe?

*Felizardo.* (*Idem.*) Não!

*Balbino.* Então oiça. (*Chega-se para Felizardo.*)
*Felizardo.* Diga.
*Balbino.* Tenho cá as minhas desconfianças!
*Felizardo.* (*Affectando interesse.*) Ah! sim?
*Balbino.* Pois que julga? Eu não sou nenhum pedaço d'asno.
*Felizardo.* Já percebi!...
*Balbino.* Sabe de quem desconfio?
*Felizardo.* Desconfio.
*Balbino.* Pois é d'elle!
*Felizardo.* (*Fingindo entender.*) Ah! é d'elle!?...
*Balbino.* Do tal...
*Felizardo.* Ah! é do tal!... ha de ser isso; tem razão!
*Balbino.* Conhece-o?
*Felizardo.* Quem?
*Balbino.* O tal?...
*Felizardo.* Ah! o tal... perfeitamente. É um que não tem este olho!
*Balbino.* Isso não sei eu que nunca o vi! e o senhor?
*Felizardo.* Eu ainda menos.
*Balbino.* Então como sabe?...
*Felizardo.* Por tradicção.
*Balbino.* Ah!
*Felizardo.* Pois meu caro amigo, as suas suspeitas não são infundadas!
*Balbino.* Não lhe parece!
*Felizardo.* De certo.
*Balbino.* E em Santarem, de mais a mais, não podia ser outro.
*Felizardo.* Certamente.
*Balbino.* Não é o primeiro roubo que o tal Carrasco Negro faz n'aquelle sitio; e portanto é claro que foi elle.

*Felizardo.* Com toda a certeza.

*Balbino.* Ah! mas a policia anda com o olho n'elle, e qualquer dia...

*Felizardo.* *(Com gesto significativo.)* Deita-lhe as unhas!

*Balbino.* Exactamente. A proposito... vejamos o que o *Jornal do Commercio* diz a respeito d'elle. *(Tira da algibeira um jorn[illegible])*

*Felizardo.* Natura[illegible] e ha de fallar.

*Balbino.* Cá está. Or[illegible]a. «De Villa Franca nos participam o seguinte: *Cautella*—O celebre Carrasco Negro está outra vez entre nós. *(Interrompendo.)* Bello, se está *entre nós*, é porque está preso! *(Continúa.)* «Segundo ouvimos quiz commemorar a sua vinda attentando contra os dias do seu cunha... *(Interrompe.) Do seu Cunha?*— Não conheço—adiante. (*Lendo.*) Ah!... «do seu cunhado!» O d—o—do estava cá do outro lado! *(Continúa.)* «... do seu cunhado, a quem ha muito tempo votava uma figa... *(Interrompe.)* Uma figa?! Isto é engano certamente! (*Examinando.*) Ah!... agora percebo!... «uma figadal antipathia!»—O typographo dividio mal a palavra! (*Continúa.*) «A causa d'esta embi...» *(Interrompe.)* D'esta embi?... Que diabo!... d'esta embirração é que ha de ser!... Falta-lhe a ração—foi o compositor que a comeu!—*(Lendo.)* «A causa d'esta embirração é... (*Comsigo.*) Vamos a ver o que é!... Estou curioso de o saber... (*Lendo.*) «é... é o que se ignora ainda!... (*Interrompe.)* Ora, adeus! fiquei na mesma!—Vamos ao resto. (*Lendo.)* «No entanto a policia que palma o que póde... (*Interrompe.)* Ai, que lá saltei uma linha!... *(Lendo.)* «A policia que só deseja capturar este malfeitor que palma o que póde, parece que possuida dos melhores *principios*, dispõe de todos os *meios*

ara conseguir os seus *fins!*» Faz arrepiar os cabel-os!... Não lhe parece?

*Felizardo.* Que diz?

*Balbino.* Que faz arrepi... Ah! o senhor estava istrahido?

*Felizardo.* Pensava na minha desventura... Sou nuito infeliz!... Ora imagine...

*Balbino.* Perdão... eu vou ali ao botequim ver se eio a *Revolução de Setembro!*

*Felizardo.* Não se incommode, tenho-a aqui na lgibeira... Já lh'a dou. Ora imagine o senhor, que odendo eu ser o homem mais feliz d'este mundo, ou victima da mais deploravel fatalidade!

*Balbino.* Sim?... Estimo muito... quero dizer, te-ho muita pena!

*Felizardo.* De mais a mais... perseguido!

*Balbino.* Hein?... O senhor é perseguido?!

*Felizardo.* Infelizmente! *(Mais baixo.)* Andam sem-re com olho em mim... Não diga nada!

*Balbino.* Fique descançado. (*Aparte.*) Vou já dar arte á policia... é um larapio! (*Alto*) Como é a ua graça, póde saber-se?

*Felizardo.* Felizardo.

*Balbino.* E que mais?

*Felizardo.* Um seu criado.

*Balbino.* Muito agradecido. O appellido é que eu ergunto?

*Felizardo.* Tres estrellinhas. — Não se póde dizer!

*Balbino.* (*Aparte*) Não se póde dizer! É larapio, ão tenho que duvidar! — Vou avisar a policia! *Alto*) É quanto me basta. Com licença... eu vou ali óra, já venho. *(Sóbe.)*

*Felizardo.* Poderei tambem ter a honra de saber om quem estou fallando?

*Balbino.* (*Desce)* Balbino — tres estrellinhas — tam-

bem se não diz! (*Áparte*) Amor com amor se paga!

*Felizardo.* Albino?

*Balbino.* Balbino!

*Felizardo.* Baldino?

*Balbino.* (*Gritando.*) Balbino. — Irra! —Passe muito bem. (*Sóbe.*)

*Felizardo.* Onde vae o Senhor?

*Balbino.* Vou ver se leio a *Opinião* de hoje.

*Felizardo.* Não se incommode, senhor Sabino, tenho-a aqui na algibeira — já lh'a empresto.

*Balbino.* (*Áparte.*) Quantos jornaes trará este homem em cima de si?

*Felizardo.* 1859...

*Balbino.* (*Espantado.*) Que diz o senhor?

*Felizardo* Digo que em 1859 é para mim uma data que nunca hei de esquecer! Foi em 1859 que eu vi pela primeira e ultima vez aquella visão encantadora que me tem dourado a existencia! Era n'um baile... Eu estava pensativo, encostado ao limiar de uma porta, e observava os pares que via dançar na sala. Subitamente, e como por encanto, vejo apparecer ante mim dois olhos negros de olhar azul...

*Balbino.* (*Espantado.*) De olhar *azul?!...*

*Felizardo.* Admira-se?... É que o senhor ainda não leu os *Contos ao luar!*

*Balbino.* Ao luar não, mas á candeia tenho lido muitas vezes.

*Felizardo.* Não diga asneiras, homem ouça. Eram pois dois olhos negros, dois olhos vivos, buliçosos, inquietos, maganões!... Essa mulher fascinou-me, aparvalhou-me... Fiquei estupido, palavra de honra!

*Balbino.* Tambem me quer parecer!

*Felizardo.* Hein?

*Balbino.* Cá fallo. Continue, continue.

*Felizardo.* D'ahi a poucos instantes — olhei, e já

a não vi. O sol da minha vida tinha-se eclypsado!... Procurei por todas as salas e achei-a finalmente. (*Balbino tem subido como querendo safar-se sem que Felizardo perceba, mas Felizardo olha-o, e Balbino desce.*) Convidei-a para a primeira valsa, e ella acceitou. A musica começou a tocar, e eu peguei assim na mão da minha bella, cingi-lhe com este braço a delicada cintura, e durante a valsa fui-lhe dizendo o seguinte... (*A orchestra executa uma valsa. Felizardo obriga a dançar Balbino, que dá grandes signaes de impaciencia e indignação.*) Vejo-a pela primeira vez, minha senhora, mas amo-a já apaixonadamente... Conceda-me um sorriso em paga do meu amor, se não quer fazer a infelicidade de toda a minha... porque eu amo-a muito, minha senhora! (*Caindo de joelhos.*) Idolatro-a!

*Bolbino. (Aparte.)* Ai, que está doido varrido!... (*Alto*) Com sua licença... *(Sóbe.)*

*Felizardo.* Espere ahi!... Onde diabo vae o senhor?

*Balbino.* Vou ali fóra comprar o *Portuguez*, já volto.

*Felizardo.* Não se incommode, tenho-o aqui na algibeira!

*Balbino.* (*Aparte*) Não me vejo livre d'elle!

*Felizardo.* Que momentos aquelles de tanta ventura!... (*Suspirando*) Ah!

*Balbino (Bocejando)* Ah!

*Felizardo.* A minha deusa jurou amar-me eternamente, o propoz-me a troca dos nossos anneis!...

*Balbino.* O final, se faz favor!

*Felizardo.* D'ahi a pouco a mãe veio buscal-a para se retirar do baile. Pela segunda vez se eclypsou o sol da minha vida! e fiquei estupido tambem pela segunda vez!

*Balbino.* Homem, tome cuidado com isso... Olhe que a molestia póde ficar-lhe chronica!

*Felizardo.* Desde essa noite comecei a procural-a por toda a parte, mas como ignorasse a sua morada os meus esforços foram baldados!

*Balbino.* Acabou-se?

*Felizardo.* Ainda não.

*Balbino.* Então veja se abrevia, veja se abrevia!..

*Felizardo.* Ahi vae agora o desenlace d'esta tristissima aventura!

*Balbino.* Ora graças a Deus!

*Felizardo.* Como vê, amo apaixonadamente esta rapariga, e que meu pae, como todos os paes, que n'isto de casamentos arranjam sempre o que os filhos não querem, lembrou-se agora de me casar com a filha de um amigo seu que está morando em Santarem!...

*Balbino.* (*Áparte.*) Singular coincidencia!

*Felizardo.* N'esta occasião, mais do que nunca preciso dos conselhos das pessoas sensatas. Que faria o senhor no meu logar?

*Balbino.* Eu faria... faria... Com licença, eu já volto; vou comprar o *Braz Tisana.* (*Sáe*)

## SCENA II

FELIZARDO (*Só.*)

*Felizardo* Espere ahi! O senhor Rufino!... não se incommode, tenho-o aqui na algibeira!... Este diabo é fanatico pelos jornaes! O caso é que me deixou só, e que vou aborrecer-me horrivelmente! Que hei de eu fazer?... Ah! já sei... vou dormir. (***Deita-se sobre um dos bancos que ornam a casa.***)

## SCENA III

*O mesmo e* BALBINO

*Balbino. (Entrando.)* Olhe, tome lá um conselho. Quer por uma vez acabar com os seus males?... Atire se da muralha abaixo de S. Pedro de Alcantara. De mais a mais é moda.

*Felizardo.* Agradecido pelo seu conselho!

*Balbino.* A proposito... ainda me não disse o nome da sua deusa?

*Felizardo.* (*Meio a dormir.*) Tres estrellinhas!

*Balbino.* (*Comsigo mesmo.*) Este diabo é exquisito e muito exquisito! Ainda não pude precebel-o bem!.. (*Examinando-o.*) Elle não tem apparencias de pelintra, não senhor!... Usa relogio... cadeia... berloques... (*Dando um grito.*) Ah! que vejo!...

*Felizardo.* (*Acordando.*) Hein?... que aconteceu?... Que quer dizer esse grito?!...

*Balbino.* Quer dizer... quer dizer uma coisa que eu lhe não quero dizer!...

*Felizardo.* (*Aparte.*) Será doido!... Não tenha elle alguma furia!... *(Adormece.)*

*Balbino.* Não ha duvida, traz no dedo o annel que minha filha disse ter perdido!... E eu que escutei com tanta paciencia e boa fé um mariola que não passa talvez d'um refinadissimo ladrão!... Um homem que agarra por engano nas bagagens dos outros, que confessa ser perseguido, não deixa da ser algum larapio!... Se não estivesse com medo d'elle sempre lhe pespegava dois murros!... E querem vocês ver que este patife que *larapiou* o annel á minha Herminia, é o mesmo que me *limpou* a prata! Não é outra cousa!... Ora como o diabo as tece!... Estou talvez

cara a cara com o terrivel Carrasco-Negro !... Apenas o ouvir roncar vou certificar-me pelos signaes que me deram d'elle ! (*Canta.*)

Não vou já denuncial-o,
Pois de nada me serv'isso ;
Quero sómente filal-o
P'ra filar o meu serviço,
E depois de encarceral-o
Em paga d'este serviço !

Vejamos a nota. (*Tira da algibeira um papel que lê.*) Cabello castanho. « — São loiros... Provavelmente tingio-os ! » Olhos azues ; » — ha de ser isso ! — «Boca regular ;» — exacto ! «Nariz regular ;» — exacto ! «Cabeça regular ;» — exacto ! Tudo isto está da mais escrupulosa exactidão ! — «Altura, um metro e cincoenta e quatro centimetros. —Verifiquemos (*Tira da algibeira um metro e começa a medir Felizardo.*) Este diabo não quer estar quieto ! Acho dois metros e vinte e sete centimetros ! não póde ser ! (*Vendo uma carteira no bolso de Felizardo.*) Olá ! uma carteira!... Isto contém por certo algum documento importante !... Pois espera que eu já t'o digo !... Uma — duas — tres — *Passe ! (Empalma a carteira, Felizardo acorda.)*

*Felizardo.* Hein ?... (*Balbino esconde a carteira.*) Que horrivel sonho !...

*Balbino.* (*Fingindo curiosidade.*) Então que sonhou ?

*Felizardo.* Sonhei que o urso das Larangeiras aproximava as belfas da minha cabeça, e me roubava o relogio !

*Balbino.* Ora essa !

*Felizardo.* Admira-se, hein ?... foi o mesmo que

me succedeu, porque o tal relogio está no prego ha mais de dois annos... desgraça que eu pretendo occultar, trazendo sempre este arrebique. (*Indica a cadeia.*)

*Balbino* (*Aparte.*) Decididamente, o melhor é pregar com elle no Carmo!

*Felizardo.* (*Depois de ter remechido nas algibeiras.*) Ó diabo! querem vêr que perdi a carteira!... Eu ha pouco ainda a tinha!... Dar-se-ha caso que este amigo... Pois não é outra coisa!

*Balbino.* (*Aparte.*) Está decidido, atiro-me a elle!

*Felizardo.* (*Idem.*) Eu já o arranjo! (*Caminham um para o outro, e dizem ao mesmo tempo ambos.*) Meu caro senhor, tenho a honra de o prevenir de que o tenho na conta de um refinadissimo ladrão!

*Felizardo.* Ladrão é o senhor, que me roubou descaradamente a minha carteira!

*Balbino.* E o senhor tem em seu poder um annel que lhe não pertence!

*Felizardo.* Que está dizendo!?...

*Balbino.* Faça-se de novas!... Você a mim não me embrulha!

*Felizardo.* É demasiada insolencia!

*Balbino*

Insolencias d'esta ordem
Não se devem supportar!
Mas temo que haja desordem
E ninguem venha apartar

*Felizardo*

Insolencias d'esta ordem
Ningem deve tolerar!
E se aqui houver desordem
Não é nada d'espantar!

*Felizardo.* (*Mostrando a saliencia causada pelo volume da carteira no bolso de Balbino.*) Faça favor de me explicar a causa d'essa protuberancia que lhe sáe do coração!

*Balbino.* Não me troque as voltas!... Que fez você da minha prata? A estas horas está talvez feita em botões!

*Felizardo.* A sua cabeça é que está feita em agua! (*Agarrando-o.*) O senhor já não sáe d'aqui!

*Balbino.* Você é que vai já d'aqui para o Carmo! (*Agarra-o. — Felizardo leva-o á parede.*) Confesse que está meu prisioniero!

*Felizardo.* Venha o que me roubou!

*Balbino.* Olhe que me afoga!... Eu grito — aqui d'el-Rei!...

*Felizardo.* Dê-me a minha carteira!

*Balbino.* Ha de primeiro entregar-me o annel de minha filha!

*Felizardo.* (*Largando-o.*) De sua filha?!

*Balbino.* Sim, senhor, de minha filha — uma vez que sou seu pai!

*Felizardo.* Pai de quem?

*Balbino.* De minha filha — irra!

*Felizardo.* Pois o senhor é pai de sua filha!... Ó meu caro amigo... faz favor de abraçar seu genro?!

*Balbino.* (*Repellindo-o.*) Meu genro?! Minha filha mulher d'um malfeitor!... isso nunca!

*Felizardo.* O senhor está doido!

*Balbino.* Eu já lhe digo se estou doido! (*Abre a carteira.*) Uma carta que me é dirigida!...

*Felizardo.* Ao senhor?!

*Balbino.* Do meu amigo Antonio Rego! é a sua lettra!

*Felizardo.* É meu pai!

*Balbino.* Seu pai! Como?

*Felizardo.* Como?... sendo eu seu filho!

*Balbino.* Filho de quem?

*Felizardo.* De meu pai — irra!

*Balbino.* Pois o sr. é filho de seu pai?! O' meu caro amigo — nos meus braços... É você o genro que eu esperava!

*Felizardo.* E o senhor o sôgro para casa de quem eu ia!

*Balbino.* Com que então, você ama minha filha, e ella ama-o tambem?...

*Felizardo.* A prova é que me deu este annel!

*Balbino.* Agora é que eu percebo tudo! — E eu que o julguei um larapio!... A proposito, você não me disse que era perseguido?

*Felizardo.* Sim, mas pelos credores!

*Balbino.* Ah!... Está crivado de dividas!... Antes assim!... Obrigado, meu Deus!

*(Ouve-se uma sineta, e o empregado entra.)*

*Empregado.* O comboio vai partir (*Sáe*).

*Os dois.* Vamo-nos embora. (*Chegam á porta do fundo e por deferencia nenhum quer passar adiante. Cantam o seguinte:)*

*Juntos*

Ambos dentro em uma hora
Em casa devemos 'star;
Partamos pois sem demora
Se não queremos cá ficar!

*Felizardo.*

Meu sôgro...

*Balbino*

Meu genro...

*Felizardo.*

Primeiro!

*Balbino.*

Depois!

*Felizardo.*

Não passo primeiro!...

*Balbino*

Nem eu vou na frente!

*Felizardo.*

Repare ficamos logrados os dois
Se acaso o comboio partir de repente!

*Balbino*

Embora — não passo!

*Felizardo*

Não passa? — nem eu!

*Balbino.*

Não cêde?

*Felizardo*

Não cedo!

*Balbino*

Asneira!

*Felizardo*

Tolice!

*Balbino.*

Bem vio por aquillo que aqui succedeu
Que cara nos póde custar a ratice!

(*Ouve-se o apito da locomotiva.*)
Meu dito, meu feito! Não ouve?

*Felizardo.*

Partio!

*Balbino*

A culpa foi minha que fui renitente!

*Felizardo*

Desculpe meu caro, — foi minha, bem vio!

*Balbino*

Foi minha!

*Felizardo*

Foi minha!

*Balbino*

Foi minha sómente!

*O empregado.* (*Entrando.*) O ultimo comboio já partio — queiram ter a bondade de sahir!

*Os dois.* Prompto!

*Balbino.* Mas antes d'isso... (*Diz um segredo a Felizardo.*)

*Felizardo.* É justo!

*Ambos* (*ao publico*)

Pedir-vos desculpa da nosssa massada
Nós qu'riamos ambos *avant* de partir!
Porém não podemos dizer-vos mais nada
*(Indicando o empregado.)*
Por que este palerma nos manda sahir!

FIM

GALERIA THEATRAL

# UMA COMEDIA NA RUA

EPISODIO NOCTURNO

ORIGINAL

POR

EDUARDO COELHO

LISBOA

TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA
6, Rua do Thesouro Velho.

—

1863

## PERSONAGENS

**PEDRO**, official de alfayate
**JOÃO**, official de carpinteiro
**CATHARINA**, costureira de modista

# ACTO UNICO

A scena passa-se de noite n'uma rua qualquer que seja cortada por travessas. No primeiro plano á direita é a casa de Catharina. Os candieiros da illuminação da rua devem estar mortiços.

## SCENA I

PEDRO *(Só)*

*(Entrando pela travessa da esquerda: mirando a rua)* Bello! tudo deserto! A sobrecasaca que estive acabando á pressa, fez-me deitar o serão a mais tarde que o costume, porque são já quasi onze horas. É exactamente a hora dos namorados. (*Olhando para a janella*) E Catharina sem apparecer á janella para me abrir a porta! Se chove é que é uma grande intallação. Eia! o céo está todo carregadinho de nuvens qual d'ellas mais negra. E que ventania. Muito embirro eu com noites d'estas! Ás vezes:

Está um amante pasmado
Debaixo de uma janella
Rendendo gratas finezas
Á sua formosa bella,

Eis que escorregam das nuvens
Sobre o triste namorado
Golfadas d'agua que o deixam
Feito n'um gato pingado.

Vem de vento uma rajada
Sobre o chapéo que transborda,
Ferra com elle na lama
Transformado n'uma assôrda.

Vae traz d'elle o desgraçado
Ardendo em desesp'ração;
No meio d'isto escorrega,
Deita as cangalhas no chão.

Porém em paga d'estes desastres, como passa menos gente conversa-se mais á larga (*João vem lentamente pelo fundo. Pedro não o reconhece*) Mas ahi vem um vulto. Safo-me aqui para a travessa, para que não suspeitem do namoro. *(Entra na travessa.)*

## SCENA II

JOÃO *(só)*

Eu se fosse ministro mandava premiar a companhia do gaz por nos trazer sempre ás escuras. Esta escuridão faz-me hoje um tal arranjo! Mas como demonio hei de eu fazer isto? Catharina só me espera d'aqui a duas horas, e eu d'aqui a duas horas não posso vir porque hei de infallivelmente estar já a jogar as bolinhas na espellunca do Batota, que hão de ser hoje o salvaterio das minhas algibeiras. Porque assim como assim o officio está pela hora da morte. Mas como hei de eu fallar a Catharina? Bater-lhe á porta, não, porque me tem recommendado que não venha mais cedo por causa de sua avó, bicha que eu nunca lhe vi em casa... Se soubesse que já apanhava em casa Pedro, o meu companheiro de quarto ia pedir-lhe o favor d'elle vir logo dar por mim a desculpa a Catharina: é amigo, e

entre amigos... Mas, não; nem eu ia agora d'aqui á rua da Padaria, nem estes segredos se devem descobrir. *(Resoluto)* Esperarei que entre alguem para o predio e subo atraz d'elle. *(Passeia para o fundo, á guiza de quem está a ver em que param as modas).*

## SCENA III

### *O mesmo e* PEDRO

*Pedro (á esquina da travessa para onde entrou, mirando João surrateiramente).* Ora quem será este emprazador que se demora tanto por aqui? Será algum membro da policia secreta: elle tem ar de quem anda pescando nas aguas turvas. Vejo-o tão embasbacado para o céo; é por força algum poeta que anda á cata de inspirações. Boas inspirações de cacete te dava eu agora, meu estafermo!

*João (vindo para a scena; impaciente e olhando para a janella de Catharina).* E esta? Nem sequer luz vejo!

*Pedro (áparte com vontade de lhe dar duas taponas).* Oh! maldicto! não te irás d'ahi?! *(vendo luz por dentro da janella).* Lá vejo luz por dentro. É ella que vae de certo apparecer; e esta empada aqui! Se não fosse não sei porque, dava-lhe tamanha gebada!

*João (vendo tambem a luz)* Luz! É ella, a minha estrelinha que vae abrir a janella. Alegra-te coração!

*Pedro (áparte).* Nada! quero ver quem é este figurão. Será acaso?... *(approximando-se um pouco).*

*João (vendo-o—áparte)* Ahi vem agora este mostrengo transtornar-me o negocio.

*Pedro (áparte)* Está dito! Vou fallar-lhe com arrogancia fingindo ser o cabo geral cá da freguezia e

interrogo-o (*alto—tomando ares d'aquillo que não é*) Que faz o senhor aqui a estas horas?

*João.* E o senhor o que quer de mim a estas horas?

*Pedro.* É que eu sou...

*João.* Tambem eu sou...

*Pedro* (*fingindo auctoridade*) Olhe que eu não aturo mangações, ouviu?

*João.* E eu não soffro zumbaias, percebe? (*Áparte*) Se elle me attaca apito.

*Pedro.* Você, diz isso a serio, seu birbante?

*João.* Muito a serio seu... trinca espinhas! (*Avançam um para o outro; mas reconhecendo-se desatam a rir*) Ah! ah! ah!

*Pedro.* Dá cá um abraço, meu ratasana.

*João.* Ora venha de lá isso, meu dorminhoco. (*Abraçam-se*) E olha que se te não reconheço jogavamos ao sôco.

*Pedro.* Vou mandar repicar os sinos e deitar foguetes porque ha mais de tres quinze dias que te não vejo.

*João.* Pois se tu não appareces em casa quando eu lá estou.

*Pedro.* Tu é que não appareces quando eu lá estou.

*João.* Eu te digo, Pedro; tenho deixado de lá ir dormir algumas noites, porque tenho ahi uma familia conhecida para onde costumo ir á noite jogar o lotto, e enthusiasmamo-nos ás vezes tanto com o tal joguinho que quando acabamos é quasi manhã; pelo que umas vezes julgo ser asneira ir dormir a casa, e outras quando lá chego é tão tarde que já tu tens ido para o trabalho, de sorte que nunca te vejo. (*Áparte*) Ella é durinha de roer!

*Pedro.* Creio que ha seguramente um mez que nos não vemos.

*João.* Isto morando e dormindo no mesmo quarto.

*Pedro.* Separados! nós que eramos d'antes amigos inseparaveis; que não andavamos nunca um sem o outro.

*João.* Como os tempos mudam! *Ó tempore ó mores!*

*Pedro.* Ó tempo em que nós íamos ás amoras.

*João.* Ás amoras, não, mas aos figos da visinha da calçada da Graça, isso sim.

*Pedro.* É verdade que alegre tempo.

Ó tempo alegre
Das patuscadas,
Dos bailaricos,
Das burricadas,
Das petisqueiras,
Das distracções,
Dos bons passeios,
Dos trambulhões!
Tempo ditoso
De bom folgar,
Tuas saudades
Fazem chorar.

*João.* Ora adeus! Apesar de mudar o tempo, não mudou a nossa amisade; não é verdade?

*Pedro.* Essa viverá eterna em nossos corações. (*Áparte*) Tomára já vel-o pelas costas, para fallar a Catharina.

*João* (*áparte*) Se me conversas muito passo-te os butes.

*Pedro.* Mas que fazias tu por aqui a estas horas?

*João* (*áparte*) Que carapetão lhe hei de eu impingir?... Ah!... (*alto*) Eu te digo... ia agora para casa da tal familia; e tu?

*Pedro* (*áparte*) Ó genio das mentiras, protege-me. (*alto*) Eu ia para casa deitar-me.

*João*. É original isso. Morando nós na rua da Padaria ires para casa na direcção de Vale do Pereiro!...

*Pedro*. É que ando ha dois dias com um terrivel attaque de pasmaceira; e como ás 7 horas da noite fosse para casa e não tivesse somno, fui pela rua dos Confeiteiros fóra *a scismar na morte da bezerra*, tomei ao Campo das Cebollas, Terreiro do Trigo, S. Vicente de Fóra, subi á travessa da Veronica, largo da Graça, Calçada do Monte, Calçada de Agostinho Carvalho até á travessa da Horta da Cêra, Salitre, etc... de sorte que vim aqui dar fundo em Vale do Pereiro.

*João*. Ah! ah! ah! E sempre a scismar na morte da bezerra! Tambem tenho tido d'esses attaques de parvoice.

*Pedro*. Mas agora ia definitivamente para casa.

*João* (*áparte*) Tanto melhor. (*alto*) Então vae, vae; não te demores. Olha que a noite está carrancuda e parece-me que temos môlho; e demais a mais tu não trazes *barraca*. Eu tambem me safo!

*Pedro* (*áparte*) Que feliz resolução.

*João*. (*com vontade de lhe tirar a falla do buxo*) Então vaes para baixo?

*Pedro* (*áparte—atrapalhado*) Para que lado irá elle?... (*alto*) Não; como parei aqui, volto pela travessa (*indicando a travessa da esquerda*).

*João* (*áparte*) Optimo. (*alto*) E eu vou para este lado (*indica a travessa opposta*).

*Pedro*. Então adeus. Não me percas a amisade e apparece.

*João*. Boas noites Pedro; quando me vires a dormir acorda-me para conversar-mos. (*Áparte—indo para a travessa da direita*). Custou bem, a ver-me livre d'elle.

*Pedro* (*áparte—indo para a travessa da esquer-*

*da.*) Sou amigo de João mas não gostei de o encontrar agora.

## SCENA IV

CATHARINA *só á janella*

(*Abrindo-a*) Safa! que ventania! Muito soffre quem ama! Vão lá esperar um namorado com um vento tão endiabrado, em risco da gente ir por os ares com um furacão mais forte. Olhem se eu usasse balão muito tufado, heim? Que perigo. Mas emfim não ha remedio senão soffrer este martyrio, pois quem se sujeita a amar sujeita-se a padecer. Eu então tenho um coração que é mesmo uma secretaria de estado; em qualquer rapaz bonito me fazendo o seu requerimento amoroso dou-lhe logo despacho. Sou muito sensivel: não posso ouvir um amante choramigas a pedir amor que o não attenda logo por compaixão. A compaixão é tambem uma virtude, e eu pratico-a. Actualmente tenho nem menos de dois namorados sem saberem um do outro. Sou uma pobre costureira de modista, e como nas horas vagas não tenho que fazer entretenho-me com estes dois entes que tanto estimo, a ver se resolvo algum a casar comigo. E o mais é que gosto de ambos! Um é alfayate, outro carpinteiro. O primeiro dá-me capas e gibões, o segundo bancos e caixinhas. Porém o alfayate que costuma vir duas horas antes do carpinteiro, vae-se demorando, e eu não posso esperar muito por causa do frio. (*João vem subindo a scena cauteloso*) Mas approxima-se um vulto: pelo andar não é Pedro. Fechemos a janella. Primeiro que tudo a honestidade. (*Fecha.*)

## SCENA V

### João *depois* Catharina

*João (olhando para todos os lados).* Pedro já deve ir longe. Catharina não apparece... vou bater-lhe á porta aconteça o que acontecer *(bate).*

*Catharina (abrindo a janella).* Quem é?

*João.* Eu, minha rolinha.

*Catharina.* Que quer isto dizer?... O senhor a estas horas? Não se lembra da minha recommendação?

*João.* É verdade... mas venho participar-lhe uma coisa.

*Catharina.* Que imprudencia! bater á porta em risco de me comprometter com minha avó. (*Áparte*) Deus tenha a sua alma em descanço.

*João.* Mas meu bemsinho, é que como não posso vir á hora marcada...

*Catharina.* Pois se não póde vir não venha!...

*João.* Mas queria dar-lhe parte d'isso.

*Catharina.* (*esquentada*) Gabo-lhe o descôco!... Então onde vae, vae bater trevas a outra freguezia, não é assim?

*João.* Isso nem a brincar! Eu sou firme como uma rocha! vou mas é passar a noite com o meu amigo e companheiro de quarto, de quem lhe tenho fallado, que está muito doente da cabeça.

*Catharina.* Então vá, vá; não se demore visto que é lá preciso. Adeus. (*Querendo fechar a janella*).

*João.* Ó Catharina da minh'alma, não feches a janella. Olha, dá-me ao menos uma palavrinha ali na escada.

*Catharina.* Não posso por causa de minha avó. Diga d'ahi o que tem a dizer.

*João.* O que tenho a dizer-lhe, meu amor, é que

lhe trago aqui meio arratel de rebuçados de alteia para ver se a melhoro da tossinha que a apoquentava hontem.

*Catharina.* Amanhã m'os dará.

*João.* Receba-m'os agora. Abra a porta que eu não faço barulho na escada.

*Catharina.* Nada, nada, que minha avó não tem os ouvidos no ferreiro.

*João.* Ao menos receba-m'os pela grade da cancella. Puxe a corda do trinco: em nome do nosso amor a corda do trinco.

*Catharina.* Nada! que não quero contas na visiuhança.

*João* (*áparte, tirando uma chave.*) Talvez esta chave sirva. Deixo-lhe os rebuçados na escada. (*Abre a porta, entrando na escada. Catharina fica á janella até á chegada de Pedro*). Demais a mais tenho que subir ás escuras. Se encontro algum cão na escada fico sem canellas (*entra.*)

## SCENA VI

### Pedro *e* João

Queira Deus que não venha por ahi mais algum emprasador. Olá! a porta aberta! Foi de certo ella que abriu para eu entrar. (*Vae a entrar e encontra-se com João que vem a sahir.*)

*Ambos* (*dentro da porta.*) Uh! Quem está ahi?

*João* (*assustado, áparte*) Ai que é um gatuno. (*Tremendo.*) Quer o relogio?

*Pedro* (*julgando que elle lhe pede o relogio*) Quer o relogio? (*áparte*) É um ladrão: assustemol-o com esta chave. (*Tirando uma chave d'algibeira*) Prepara-te para morrer!

*João* (*ajoelhando.*) Oh! senhor por caridade não me assassine, eu lhe dou o relogio.

*Pedro.* Esta voz? (*encarando-o e reconhecendo-o*) Ah! ah! ah!

*João* (*áparte*). Então elle ri?

*Pedro.* Ora a chalaça não está má. Outra vez aqui, João?

*João* (*rindo*) Então eras tu? Que quer isto dizer?

*Pedro.* Quer dizer que eu ia entrando quando tu sahias.

*João.* E que eu sahia da escada quando tu entravas.

*Pedro.* Mas que demonio fazias tu aqui n'esta escada? É assim que foste jogar o lotto? .

*João.* E tu mudaste agora a cama p'ra esta escada?...

*Pedro.* Eu te digo é que... (*áparte*) Ahi vae outro *palão.*

*João* (*áparte*) Impinjo-lhe outra pêta.

*Pedro* (*desfarçando*) Que numero é esta porta?

*João.* N.º 12.

*Pedro.* 12?!...

*João.* 12, numeração moderna.

*Pedro* Mas eu vejo ali 30. (*Indicando a umbreira.*)

*João.* Isso é numeração antiga.

*Pedro.* Ora vê como são as coisas!... eu procurava o 30 numeração moderna. Quando ia para casa; aborrecido, como te disse, e sem vontade de me deitar, lembrou-me ao acaso que morava aqui n'esta rua n.º 30 — 30 moderno — um freguez lá do mestre que pediu para se lhe vir tomar medida de uma sobrecasaca, e vae d'ahi, eu aproveitava agora a occasião para não ter o trabalho de cá vir amanhã. (*Áparte*) Não tem remedio senão engulil-a (*alto.*) Mas tu então?...

*João.* Eu?... eu te digo, eu?... Ó Pedrinho que horas são?...

*Pedro.* Quasi onze horas. Mas o que fazias?

*João.* Ah! Sahia de casa da familia do lotto.

*Pedro.* O que?... pois móra aqui?

*João.* No segundo andar. E como a dona da casa estivesse bastante constipada, não se jogou hoje; e assim ía...

*Pedro.* (*interrompendo*) Ias?...

*João.* Ia.... para casa.

*Pedro.* Então vae, vae, que eu não tardo lá uma loja de barbeiro. Adeus, vou procurar o tal numero trinta.

*Pedro.* (*Fingindo procurar o numero, andando em zig-zag*)

Doze é aqui esta porta,
Treze ha de ser acolá,
Quatorze será aqui,
E o trinta onde será?
Não ha maior trapalhada
Que a nova numeração;
Onde o trapeiro habitava
Habita agora um barão,
Onde morava o fidalgo
Mora hoje um remendão.

(*João tem desapparecido. Pedro vendo-o ir-se diz:*)
E então não ia ficando entallado?... Palavra de honra! sou amigo de João, mas não sei o que senti quando o vi sahir da escada de Catharina. Safa! Não ganho para sustos. Mas a porta ainda está aberta: estou capaz de entrar.... E se me sae outro embrulho?... Nada! Vou fazer-lhe o signal do c ostume (*assobiando debaixo da janella. Catharina abre a janella*)

## SCENA VII

PEDRO *e* CATHARINA *e* JOÃO *(á esquina)*

*João* (*cingido com a esquina*) Sou amigo de Pe-

dro, mas estes dois encontros fizeram-me impressão. Já não deixo esta rua sem ver para onde elle entra.

*Catharina (apparecendo.)* És tu, Pedrinho?

*Pedro.* Sou eu, lindinha.

*Catharina.* Pois não tiveste mêdo á chuva e ao frio?

*Pedro.* Ó querida, acaso por eu vir feito um gato pingado deixarias de esperar-me? Deixarias de verme por eu vir a tocar rufo com os dentes?...

*Catharina.* De certo que não.

*Pedro.* Então, anda Catharininha da minh'alma, abre a portinha que te trago aqui um metro e dez centimetros de chita para um avental.

*João (reparando que Pedro está a palrar com Catharina).* Que vejo? Eu endoudeço! Estou por força pateta: Pedro a fallar a Catharina. (*Approxima-se um pouco—Catharina vê-o sem o conhecer, e fecha a janella*).

*Catharina (a Pedro)* Approxima-se um vulto: safa-te.

*Pedro (reconhecendo-o, áparte)* É outra vez elle: ora esta! (*alto, dirigindo-se a elle com desfarce*) Acreditas que não encontro o maldito n.º 30?!..

*João (com sentimentalismo.)* Basta de comedia, Pedro. Dá cá a tua mão: aperta aqui.. *(apertando)*. Pela ultima vez que nos fallamos confessa que foste um ingrato para com o teu João;—para aquelle que tendo nós uma casa de dez tostões pagava cinco; aquelle que muitas vezes calçava os teus sapatos e de quem tu ás vezes vestias as camisas; aquelle que ás noites ía ceiar comtigo peixe frito com salada e a quem tu retribuías com iscas de figado e lingua guizada! *(quasi chorando)* Adeus, Pedro; não te digo mais nada!

*Pedro.* Ó João, não sei o que queres dizer com isso?!...

*João.* Quero dizer que foste um bom collega, mas um amigo... infiel!

*Pedro.* Explica-te, por quem és. Em nome de todo o tempo da nossa amisade; em nome das nossas ceias, das nossas partidas de dominó, das nossas burricadas á Outra Banda, da nossa franqueza em fim.

*João.* Pois bem (*choramingado*): eu, amo... tu amas... e ella ama! Não te digo mais nada.

*Pedro (percebendo toda a tramoia.)* Oh! entendo. Tambem tu me enganavas. Saías então de casa d'ella quando nos encontrámos agora?...

*João.* É isso, Pedro, é isso mesmo. Tudo acabou entre nós.

*Pedro.* Seja! Então adeus. Nem mais uma palavra se dará entre nós. Adeus! *(Apertam as mãos e separam-se com difficuldade lagrimijando).*

*João* (*áparte*) Como o amor mata n'um momento uma amisade de seis annos, cinco mezes e quatro dias.

*Pedro* (*áparte*) Tudo n'este mundo é pó... terra... cinza... nada.

*João* (*áparte*) Esta separação separa-me a alma, do corpo.

*Pedro* (*voltando atraz*) Olha lá João: mais uma palavra, uma só: tencionas mudar-te ou continuas a morar comigo?

*João.* Eu... mudar-me?... Ó Pedro, pois eu hei de deixar-te? *(Resoluto)* Seja! É preciso um dia ser homem. (*Indo-se)* Adeus... até ao dia do juiso! *(Voltando)* Esquecia-me dizer-te: mudo-me amanhã.

*Pedro* Então tambem eu me mudo.

*João.* Não; tu pódes ficar.

*Pedro.* Eu só não posso pagar dez tostões de renda.
*João.* É o mesmo: eu t'os empresto todos os mezes até m'os poderes pagar.
*Pedro.* E depois... hei de ficar ali só?... Eu que estou tão costumado a viver comtigo?
*João.* Eu tambem me custa, mas depois d'este facto...
*Pedro.* Uma consideração... Olha lá, desde quando a namoras tu?
*João.* P'ra que perguntas isso?
*Pedro.* Para saber qual de nós é o traidor.
*João.* Boa lembrança. Eu namoro-a ha seis mezes á justa. E tu?
*Pedro.* Eu há meio anno.. Ora seis mezes e... meio..
*João (cortando a phrase)* É a mesma coisa. Assim, parece que não nos attraiçoámos.
*Pedro.* Mas em que dia começaste?
*João.* No Barreiro, na noite de S. João.
*Pedro.* Foi lá tambem que eu ...
*João.* Então foi em casa de...
*Pedro.* Justamente na sala aonde...
*João.* Se dançou e se cantou...
*Pedro.* Segue-se que não fômos traidores. Agradamo-nos da mesma mulher ao mesmo tempo.
*João.* É mais uma prova de os nossos gostos serem eguaes.
*Pedro.* Mas ella attendeu logo o teu amor?
*João.* E tem-me jurado até hoje que sou eu o unico homem a quem estima.
*Pedro.* É o mesmo que me jura todos os dias.
*João* (*áparte*) Perfida!
*Pedro* (*áparte)* Traidora! (*alto*) E eu a trazer-lhe sempre retalhos de panno, fitinhas, agulhas, alfinetes e atacadores.
*João.* E eu a presenteal-a com rebuçados, ostras

do Pasteleiro da rua da Prata, passas e figos do Algarve!... Oh! as mulheres são umas bichas assanhadas!

*Pedro.* Umas serpentes, umas lagartixas!... Agora comprehendo o motivo das tuas faltas em casa...

*João.* É verdade, Pedro, esquecia-te por ella.

*Pedro.* Enganadora!... Devemos despresal-a.

*João.* Ingrata!... Nunca mais devemos ver nem a sua sombra. Oh! nem posso aqui demorar-me um só instante mais, que esta rua causa-me horror!...

*Pedro.* Nem eu. Vou despresar para sempre a rua de... e todos os seus moradores. Adeus João, até logo.

*João.* Adeus, Pedro. Vaes para baixo?

*Pedro.* Vou. E tu vaes p'ra cima!

*João.* Vou. Adeus. (*Áparte*) Hei de vir pedir uma satisfação áquella... não sei que lhe chame!!

*Pedro (áparte)* Catharina das Neves, não ficarás impune!!... (*Somem-se*).

## SCENA VIII

### Catharina *(só, sahindo de casa)*

Ora esta! Então não se me acabou a luz! Não tenho remedio senão ir comprar uma vela ali á tendo. Está um tal ventinho!... Que demonio estaria o meu Pedro a palrar debaixo da janella?... Não entendi nem *patavina.* Se tem vindo dois minutos antes encontrava-se a ronda com a justiça, e isso então é que havia de ser bonito. Bem, é provavel que volte, porque eu tenho-lhe dito por prevenção que quando alguem nos deitar agua na fervura volte só d'alli a dez minutos, e então vou n'um instante á tenda. (*sáe pela D. A.*).

## SCENA IX

PEDRO *(só)*

(*Ante a janella*). Agora, herdeirá dos meus retalhos, vaes ouvir o que nunca ouviste. O que me responderá aquella senhora?... A porta ainda está aberta... entremos... Vou furioso! brrrrr! (*Entra na escada*).

## SCENA X

JOÃO *(só)*

(*Ante a janella*). Não posso conter-me! Quero perguntar áquella grandissima lambareira se é assim que agradece as minhas ostras, os meus figos, os meus rebuçados de alteia! A porta aberta... entremos (*vae para o fazer e sentindo rumor na escada pára*). Mas não; alguem desce (*recúa*).

## SCENA XI

JOÃO *e* PEDRO

*Pedro* (*áparte*) Não quer abrir a porta. (*reparando em João*). Que vejo? João! Tu de novo aqui?

*João*. É verdade! Não posso deixar em silencio esta traição; por isso voltei atraz para envergonhar a indigna. Mas agora que aqui estamos ambos, iremos junctos, que assim a vergonha será maior.

*Pedro*. Não quer abrir a porta. Já me fartei de bater, e não abre... ó Joãosinho, tu ainda és meu amigo?

*João*. Isso pergunta-se, Pedrinho?

*Pedro.* Pois olha, deixemo-la para sempre, que uma mulher que faz uma coisa assim não tem sentimentos.

*João.* Vá feito; e nada de tristesas; voltemos ao nosso tempo antigo, e para começar eu pago hoje a ceia: iscas de figado, salada e vinho.

*Pedro.* Valeu. Venha um abraço e continúa a nossa pandiga.

*João* (*depois de se terem abraçado*) Vamos á ceia. (*Vão para baixo por um lado da scena e Catharina vem vindo para casa embrulhada n'um chaile*).

## SCENA XII

*Os mesmos e depois* CATHARINA

*Pedro* (*a João*) Quem será aquella embuçada que ali vae?

*João.* Ora!... mulher só a estas horas.

*Pedro.* Vamos contender com ella?

*João.* Vá feito.

*Pedro* (*dirigindo-se a ella*). Ó florsinha quer companhia?

*Catharina.* Muito obrigada: ando bem só.

*Ambos* (*conhecendo-lhe a voz*) Catharina!

*Catharina* (*admirada*) Pedro e João!

*Pedro.* Conhece-nos a ambos, senhora?

*João.* São duas victimas do seu engano.

*Pedro.* É preciso ser muito desamorada para nos falsear tão escandalosamente.

*João.* É assim mulher inflexivel que eras fiel ao teu João?

*Pedro.* É d'esta maneira que pagavas o amor ao teu Pedro?

*Catharina* (*com toda a paz d'alma*) Não sei por-

que fazem tamanho aranzel. Teem a bondade de me dizerem que mal lhes fiz?

*Pedro.* Ainda o pergunta?

*Catharina.* Pergunto porque em consciencia não sei que mal lhes fizesse... Eu sou muito sensivel e compadecida. Vi-os ambos ao mesmo tempo. Pareceram-me bons rapazes. Um disse-me que soffria muito por minha causa; não me desagradou a confissão, e dei-lhe um cantinho do coração. Veiu o outro tambem com a mesma labia dizer que sem o meu amor era desgraçado: e eu que não gosto de ver ninguem infeliz dei-lhe tambem um bocadinho de amor. Desde então até hoje tenho-os estimado egualmente tratando ambos com a maior delicadesa. Amo-os a ambos.

*João.* Mas devia ser franca.

*Catharina.* Pregar uma petasinha não é crime; e sobretudo a quem tambem m'as préga (*a João*); porque ainda ha bocado o sr. me disse que o seu amigo estava doente, e eu vejo-o aqui, são como um pêro.

*João (coçando a cabeça.)* Lá isso é verdade...

*Cathaina.* (*a Pedro*) E o sr. tambem me mentia, porque dizia morar só.

*Pedro* (*encolhendo-se*) O que é verdade deve-se dizer.

*Catharina* Assim não era muito que lhes não dissesse a verdade inteira em certas coisas.

*Pedro* Mas não devia comprometter assim dois amigos...

*Catharina.* Os srs. é que se comprometteram em sollicitar ambos o meu amor. Porém agora que conheço que são amigos, para os não ver quebrar esses laços d'amisade, aconselho-lhes que me esqueçam para sempre. É a ultima prova de amor que me podem dar.

*João (a Pedro)* Ó Pedro, que te parece isto?

*Pedro.* Eu sei lá?... parece-me que ella não deixa de ter alguma razão. *(A João)*

*João.* E que é uma rapariga honrada. *(A Pedro)*

*Pedro.* Honrada... lá isso é... e bonita. *(A João)*

*João (a Pedro)* E tem uns olhos e uma bocca...

*Pedro (a João)* E um cabello....

*João (a Pedro)* E um pésinho de seduzir a todos!

*Pedro (a João)* Como prova de amisade eu desisto d'ella a teu favor. Apesar de a estimar muito, continúa tu á namoral-a.

*João (abraçando Pedro)* És muito generoso, mas não posso acceitar. Namora-a antes tu. *(Limpando uma lagrima)*

*Catharina (áparte)* Coitados são tão bons rapazinhos.

*Pedro (áparte)* Perco a namorada para não perder o amigo.

*João (áparte)* Para conservar o amigo perco a mulher que amava!

*Catharina (áparte)* Para os não tornar inimigos, perco-os a ambos. *(Alto)* Então em que ficamos? *(Pedro e João dizem o quer que seja ao ouvido.)*

*Pedro.* Catharininha nenhum de nós te possuirá, mas tu possuirás os nossos dois corações.

*João.* Sim—abafado no peito o amor que nos ligava a ti, dar-te-hemos em seu logar uma amisade de irmãos.

*Pedro.* E todas as semanas te mandaremos alguma coisa das nossas ferias para ajuda dos teus alfinetes.

*Catharina.* São dois corações generosos mas não posso acceitar-lhes o sacrificio.

*Ambos.* Acceite, menina Catharina, acceite.

*João.* Dê-nos essa ultima prova do seu amor.

*Catharina.* Pois bem já que tanto apertam, acceita-

rei; meus irmãos adoptivos. E agora faço-lhes as minhas despedidas que parece mal uma rapariga honesta demorar-se a estas horas a conversar com dois homens no meio da rua.

*João.* Adeus menina Catharina: é a mais galharda e leal das costureiras de Lisboa.

*Pedro.* A flôr de todas as raparigas d'este bairro.

*Catharina.* Muito obrigada. Adeus. *(Apertam as mãos; Catharina quer entrar em casa, mas Pedro impede e tral-a á bocca da scena ficando ella a 1, Pedro a 2, e João a 3.)*

*Pedro* (*a ella*)

> Não vás por ora para a casa tua
> Pois esta rua nós não deixaremos
> Sem que primeiro favoraveis palmas
> P'ra nossas almas alegrar busquêmos.

(*Ao publico*)

> Pedir applausos a tão bom congresso
> Certo os não peço, que escusado é;
> Agradecel-os é dever sublime
> Que Pedro exprime co'a mais viva fé.

FIM DA COMEDIA.

(N. B. O auctor reserva para si os direitos de representação )

# UM
# MARQUEZ FEITO Á PRESSA

COMEDIA EM UM ACTO

IMITAÇÃO POR FRANCISCO J. DA COSTA BRAGA

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ

NO

## THEATRO DE VARIEDADES

Na noite de 16 de Setembro de 1859

LISBOA
LIVRARIA DE J. MARQUES DA SILVA
Rua Nova do Carmo, 72

1860

| **Personagens** | | **Actores** |
|---|---|---|
| ISIDORO, estalajadeiro................ | 56 annos | *Ferreira* |
| JACINTHO, rico proprietario........... | 50 » | *Queiroz* |
| JORGE DE MELLO, estudante de cirurgia | 30 » | *Gentil* |
| FRANCISCO, criado..................... | 23 » | *Almeida* |
| THEREZA, mulher de Isidoro........... | 58 » | *Ludovina* |
| RACHEL, costureira.......... ....... | 24 » | *Candida* |
| JOSEFA, criada........................ | 20 » | *L. Vidal* |
| O REGEDOR ............................ | 60 » | *Roquete* |

Povo e criados

A scena passa-se em uma estalagem á entrada de Estremoz em 1859.

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Rua dos Calafates, 110

UM

# MARQUEZ FEITO Á PRESSA

COMEDIA EM UM ACTO

---

O theatro representa uma sala de hospedaria — porta ao fundo, e lateraes, etc. etc.

## SCENA I

ISIDORO, THEREZA, FRANCISCO, JOSEFA, *e* CRIADOS

*Thereza.* (*Aos criados.*) Vamos, vamos; é aviar!... nada de conversas... Francisco, vae varrer o quarto da esquina, e tu Josefa, vae fazer a cama de ferro!...

*Josefa e Francisco.* Já vamos, patrôa.

*Thereza.* (*Aos outros criados.*) Vocês vão lá baixo ao pateo.. tratem bem os hospedes.. depennem os patos!... Falle tambem, mande alguma coisa, sr. Isidoro. Parece uma estatua de barrete na cabeça!... Forte coisa!

*Isidoro.* (*Aos criados.*) Vamos!... Tratem bem os patos e depennem os viajantes!...

*Thereza.* Calle-se que não diz senão asneiras!... (*Aos criados.*) Então ficam ahi de bocca aberta?...

*Isidoro.* (*Repetindo.*) Então ficam de bocca aberta?.. (*Os criados saem.*)

*Thereza.* (*Zangada.*) Calle-se, sr. Isidoro... Só o senhor é que quer fallar?!...

*Isidoro.* (*A' parte.*) Queria ainda agora que fallasse, e agora manda-me callar!... Vejam lá que paciencia que é preciso ter!

## SCENA II

ISIDORO, THEREZA, *e* JACINTHO

*Jacintho.* (*Entrando pelo fundo.*) Com licença!... Apesar do ardente desejo que tenho de abraçar minha mulher, e minha filha, não me sinto com forças de continuar o meu caminho, sem me refazer um pouco do cançaço.

*Thereza.* Ora seja muito bem apparecido, sr. Jacintho.

*Isidoro.* O' meu querido sr. Jac...

*Thereza.* (*acotovellando-o.*) Calle a bocca sr. Isidoro...

*Jacintho.* Um seu criado, sr.ª Thereza. Chego de Lisboa pela mala-posta... Infelizmente a uma legua d'aqui quebrou-se uma das rodas da carroagem, e para não ficar esperando que passasse alguma cavalgadura, resolvi a fazer o resto da jornada a pé, ajudado pela minha bengalla de canna da India... mas estou deveras cançadissimo... a estrada está o peior possivel...

*Thereza.* Descance á sua vontade, sr. Jacintho... D'aqui a sua casa são dois passos... se v. s.ª ainda mora na Praça...

*Jacintho.* Moro e morarei; a propriedade é minha... Mesmo assim ainda é caminho para um quarto de hora.

*Thereza.* Deve estar muito moido?

*Isidoro.* E' verdade deve estar...

*Thereza.* Calle-se, senhor! Não faz senão fallar!... Ora ande, pergunte ao sr. Jacintho se quer tomar alguma coisa!

*Isidoro.* Tinha-me esquecido !... Quer tomar alguma coisa, sr. Jac...

*Thereza.* Faça favor de se callar... é forte coisa !... Ande, vá buscar pão e queijo...

*Jacintho.* Não se encommode, sr. Isidoro !...

*Isidoro.* (*A'parte, saindo.*) Que mulher !... o que lhe corre nas veias, não é sangue... é agua fervendo !... Falla por vapor !... manda por vapor... e grita por vapor... E' uma machina viva ! Safa ! (*Sáe.*)

*Thereza.* Esteve muito tempo em Lisboa, sr. Jacintho ?

*Jacintho.* E' verdade ! Mas, não tenho tenção de lá voltar tão cedo... Estes ares aqui são outros... mais saudaveis e puros...

*Thereza.* E as propriedades da capital ?

*Jacintho* Vendi tudo !... Aconteceram-me coisas com os inquilinos, que são da gente pôr as mãos na cabeça... Uns estragaram-me os quartos, outros levaram-me a renda e as chaves, e no fim...

COPLA

O restante do dinheiro,
Que mal se póde apurar;
P'ra *decima* e p'ras *estradas*,
Apenas póde chegar.

Pois além, na capital,
Os pobres dos senhorios,
Tem a casa p'ra *fazenda*
Ficam sempr' a vêr navios.

Um inquilino não paga
E se safa n'um momento,
Quebra vidros leva chaves,
Só deixa os *quatro por cento* !

*Isidoro.* (*Trazendo uma garrafa, um copo, pão e queijo.*) Aqui temos um excellente vinho branco, este é da lavra...

*Thereza.* (*Acotovellando-o.*) Calle-se, sr. Isidoro!

*Isidoro.* (*A'parte.*) Eu um dia, arrebento por força!... Apre! que supplicio para um filho do Algarve!..

*Jacintho.* (*Deitando vinho.*) Eu d'isto entendo alguma coisa!... a sr.ª Thereza bem sabe. Mas tornando á vacca fria, como se costuma a dizer; para lhe provar quanto é hoje mau o ser senhorio em Lisboa, passo a contar-lhe o que me succedeu com um inquilino do meu predio na rua Fresca... (*Apura a garganta.*)

*Thereza.* Eu o escuto... Esteja callado sr. Isidoro!

*Isidoro.* Eu não disse palavra!...

*Thereza.* (*Zangada.*) Esteja callado, senhor!

*Isidoro.* (*Abafado.*) Ai!. .

*Jacintho.* O caso foi com um estudante da *polistenica*, e uma costureira de modista do Chiado... Escutem que se hão de rir o seu bocado. O estudante morava no terceiro andar, e por cima delle estava a costureira... isto é, na agua furtada superior... Estes dois inquilinos nunca haviam dado vintem ao meu correspondente, apesar, de morarem nas casas ha anno e meio, pouco mais ou menos... Chego a Lisboa, e formo logo tenção de lhes penhorar os trastes, e cital-os para despejo; dando ordem preventiva ao visinho da loja para que apenas visse sair alguns *cacareus*, ir immediatamente avisar-me, para eu de prompto lançar-lh'as as unhas!

*Thereza.* Bem pensado!

*Jacintho.* Escute: — Uma manhã fui pedir-lhes dinheiro, para levar a coisa pela mansidão; bato á porta do estudante... nem viv'alma; vou acima... bato á porta da costureira... o mesmo! Quando sahi disse-me o inquilino da loja, que os tinha visto sair na vespora, e que não tinham voltado! Subo cheio de

cholera! arrombo a porta do terceiro andar... e encontro...

*Thereza.* O que?

*Jacintho.* As paredes!... e a um canto, uns cacos de pó de pedra!... Subo acima, ainda mais zangado! Metto a porta dentro, e... vejo...

*Thereza.* O que?

*Jacintho.* Tanta mobilia, como no terceiro andar! e a um canto uma vassoura de piassaba! Os caloteiros tinham feito a mudança pela janella, para o lado do quintal do predio traseiro, para por esta forma illudirem o meu vigia!... Fiquei sem a renda, e demais a mais, com as portas arrombadas!... Canalha!

*Isidoro.* Ora vão lá...

*Thereza.* Calle a bocca, sr. Isidoro!... — Muito nos conta, sr. Jacintho! Nunca mais os encontrou?

*Jacintho.* Fiz todas as diligencias, mas nada de novo. Este ultimo engano fez que eu vendesse todos os meus predios da capital, e determinou-me a vir para aqui viver, descançado no seio da minha familia...

*Isidoro.* Assim deve ser...

*Thereza.* Basta!... Escuzamos das suas reflexões! Não lhe dóe a lingua?!

*Jacintho.* Agora... vou-me chegando; o vinho branco é bom; deu-me alentos!

*Isidoro.* Foi minha mulher...

*Thereza.* Ih Jesus! Calle a bocca, sr. Isidoro!

*Jacintho.* Quanto devo!

*Thereza.* Agora está mais barato... São dois vintens...

*Isidoro.* Por ser para...

*Thereza* (*Dando-lhe um forte beliscão.*)

*Isidoro.* Ai!...

*Jacintho.* Que foi?!...

*Isidoro.* Foi uma *vêspra* que me mordeu...

*Jacintho.* (*Pagando.*) Até mais vêr, meus amiguinhos!... Heide vir por aqui de vez em quando, provar as aguas... que não são más... sim senhor!... (*Sáe comprimentando-os.*)

*Isidoro.* Quando quizer...

*Thereza.* (*Com phrenesim.*) Calle essa bocca! seu... máu homem!...

*Isidoro.* (*Espantado.*) Máu homem?!... Por querer fallar? Que honra que minha mulher faz aos deputados da nação... que fallam tanto!..

## SCENA III

ISIDORO *e* THEREZA

*Thereza.* Pobre Jacintho... Pobre, digo eu? Tomara eu ter o que elle tem!

*Isidoro.* Elle, e o sr. Caminha, que é o dono da Quinta do Poço, e do palacio, que estão para se vender, são os homens mais ricos de Estremoz...

*Thereza.* O Caminha?! pois se elle vende o palacio e a quinta, como é elle rico?

*Isidoro.* (*Pensando, e aparvalhado.*) E' verdade!...

*Thereza.* Vê?... não diz senão asneiras! E' melhor que esteja callado!

*Isidoro.* (*A'parte.*) Tem razão! Um homem, sempre é muito feliz, quando casa com uma mulher de talento!... ao menos, escusa o marido de dar palavra...

*Francisco.* (*Fóra, gritando.*) Patrão!

*Josefa.* (*Idem.*) Patrôa!

*Thereza.* Que é?!

## SCENA IV

*Os mesmos*, FRANCISCO, *e* JOSEFA

*Francisco.* (*Correndo.*) Patrão! acaba de chegar um hospede...

*Josefa.* (*Idem.*) E uma hospeda!

*Thereza.* E para isso é preciso fazer uma gritaria, por ahi alem? !... Isso faz desconfiar que a nossa hospedaria, é casa de lá vem um!

*Isidoro.* E' verdade, faz desconfiar...

*Thereza.* (*Gritando a Isidoro.*) Calle-se homem!... só você faz um barulho! .. ninguem se intende! Façam como eu fallem pouco, e devagar.

*Josefa.* (*Ao fundo.*) Elles que sobem!

## SCENA V

*Os mesmos*, JORGE, *e* RACHEL

*Os dois entram, trajando com elegancia; com maneiras aristocraticas*

CORO

Aos illustres viajantes
Vamos depressa hospedar,
Nós aqui, todos constantes
Fazemos por bem tratar.

Esta estalagem
É a paragem
Da fidalguia;
Vem aqui parar
Gente sem par
De noite e de dia.

*Jorge.* Rapaz?... Rapariga?...
*Rachel.* Rapariga?... Rapaz?...
*Thereza.* (*Com muita politica.*) Os senhores desejam alguma coisa?... eu sou a dona da hospedaria...
*Jorge.* Bello! Arranje dois quartos... por emquanto.
*Rachel.* Os nossos criados?... ainda não vieram?!...
*Thereza.* Ainda não veiu ninguem, minha senhora.
*Rachel.* Fortes *trapalhões!*... Que lhe parece a demora, senhor marquez?
*Thereza.* (*A'parte, exclamando.*) Um marquez!
*Isidoro.* (*Idem.*) Um marquez!
*Jorge.* Não sei, não sei... Não passam de uns biltres, senhora marqueza!
*Thereza.* (*A'parte.*) Uma marqueza!... Bem bom!
*Isidoro.* (*Idem.*) Uma marqueza! Bem boa!...
*Thereza.* (*Com muitas attenções.*) Os dois melhores quartos da hospedaria, estão á disposição de vossas excellencias!
*Rachel.* São *salubeis?*
*Jorge.* (*A'parte.*) Lá vem asneira!
*Thereza.* (*A'parte, depois de pensar.*) São forrados de papel, minha senhora!
*Isidoro.* Apenas tem algumas baratas... mas... (*Thereza faz-lhe um signal.*)
*Rachel.* Tenha a bondade de nol'os franquiar!
*Isidoro.* Voulh'os franquiar, exm.ª senhora!... (*Thereza faz-lhe signal.*)
*Rachel.* Primeiramente venha o almoço!
*Thereza.* Promptamente, senhora marqueza! Vou eu mesmo tratar do almoço que será digno dos illustrissimos e excellentissimos hospedes, que nos honram hoje com a sua presença!
*Jorge.* (*A'parte.*) Fallou com cabeça!
*Thereza.* Que titulo, devo inscrever no meu livro?

*Jorge.* O marquez, e a marqueza de Merino!

*Thereza.* (*Repetindo.*) Mé...

*Jorge.* (*Idem.*) Ri...

*Rachel.* (*Idem.*) Nós! Somos d'origem hespanhola!..

*Thereza.* O senhor marquez de Merino.

*Isidoro.* (*A'parte.*) Merino!! que ratice de titulo!

*Thereza.* Sr. Isidoro, venha para servirmos suas excellencias! (*Sáem.*)

## SCENA VI

JORGE, *e* RACHEL

*Rachel.* (*Sentando-se.*) Que me diz... senhor marquez?...

*Jorge.* (*Idem.*) Que me diz... senhora marqueza?...

*Rachel.* Tenho maneiras de sala?

*Jorge.* Tenho ar de fidalgo Merino?...

*Rachel.* Se tens!... — E eu?

*Jorge.* Pódes passar... apesar de dizeres muitas asneiras!

*Rachel.* Ora! ha muitas marquezas, que as dizem... e fazem, peiores do que eu!...

*Jorge.* Mal sabem estes pobres diabos, que o marquez de Merino, não passa de ser um... Jorge de Mello, estudante da escola medico-cirurgica de Lisboa; que, para passar as ferias, veiu viajar pelo Alemtejo!

*Rachel.* E a senhora marqueza, simplesmente uma costureira de obra de senhora; e que simplesmente se chama Rachel da Conceição!...

*Jorge.* Ambos, cheios de amores e de credores; que, para alimentar uns, e fugir aos outros, se resolvem a viajar pelo reino da Lusitania!...

*Rachel.* Eu... *fino-me* pelas viagens!... Se tivesse muito dinheiro, ia á China! á terra do chá preto!

*Jorge.* Mas, como não somos ricos.. contentamo-

nos com o ter chegado até Estremoz! A' terra da louça de barro vermelho, com pedrinhas brancas!

*Rachel.* A' terra dos *moringues*, e das panellas! ..

*Jorge.* Tudo acho bonito; menos a idéa de querermos passar por fidalgos.

*Rachel.* Tolo!... E' a unica maneira de sermos obsequiados em toda a parte! Vistes, como estes parvos nos trataram? Alem disso, meu Jorge, eu sempre tive ambição de figurar! Eu nasci para ser... baroneza ou duqueza.

*Jorge.* A final, não passastes de uma costureira. Mas, com esta mania de nobreza, havemos de pagar tudo por duplicado preço! Para te contentar, annuí ás tuas idéas de grandeza; a final, sou... um marquez feito á pressa! — Mas, senhora marqueza... vejamos os nossos fundos... quanto temos em caixa... Nada de fazermos asneiras!

*Rachel.* (*Vendo o porte-monaie.*) Espera: (*Conta*) Temos... tres libras, oito tostões, e um pataco.

*Jorge.* Olha que grande marquez que sou!...

*Rachel.* Vamos lá... ha por ahi outros fidalgos, que ainda tem menos em caixa!... Com tres libras, oito tostões, e um pataco... era eu capaz de ir a Paris!

COPLA

Que ventura o ser marqueza,
Andar sempre a viajar,
Ter de seu muita riqueza
Libré criados sem par.

Apesar de costureira
E de trajar com pobreza,
Divisa-se no todo meu
Um certo ar de nobreza?

Mas assim, sorte fatal
N'este continuado afan,
Sou marqueza neste dia,
E costureira ámanhã.

*Jorge.* E' verdade...? Os marquezes fumam charutos de vintem! — vou fumar!

*Rachel.* Charuto?... e até cigarro! — As marquezas... algumas... tambem fumam... Dá cá um charuto!

*Jorge.* (*Acendendo um charuto.*) Aqui está, senhora marqueza de Merino (*da-lhe um charuto.*)

*Rachel.* (*Idem.*) Obrigada, marquez! — E' verdade...? que tal está o meu vestuario?...

*Jorge.* Atrapalhadete! Bem se vê que não é de fidalga! (*Deita uma baforada de fumo.*) A nobreza a fumar!...

*Rachel.* Tu dás tanto á *taramella*, que alguma vez nos fazes perder o *incólito!*

*Jorge.* Incólito!? Que demonio! .. não dizes senão parvoices, mulher!

*Rachel.* Tem paciencia... Não posso perder o costume. O que o berço dá cova o tira! Não és, por ventura, a mesma coisa com as tuas palavras de *çurgía?*

*Jorge.* Que optimos charutos!

*Rachel.* (*Mirando o seu charuto.*) Tão amarelinhos!.. (*Ambos deitam fumaças.*)

DUETO

| | | *Juntos* |
|---|---|---|
| *Rachel.* | Que fumo tão branco! | Ai que ventura, |
| *Jorge.* | Ai que bom sabor! | Aqui desfructo; |
| *Rachel.* | O fumo e o vinho, | Gostando o fumo |
| *Os dois.* | Dá vida e amor! | Deste charuto! |

## SCENA VII

*Os mesmos, e* THEREZA

*Thereza.* (*Entra tossindo.*) Am! am! am!... Que fumaça!... Am! am! am!... puf! que cheiro a charuto!...

*Jorge.* O' lé patrôa!

*Thereza.* (*A'parte.*) O senhor marquez fuma?!

*Rachel.* A respeito d'almoço... como vamos nós?

*Thereza.* (*A'parte.*) A senhora marqueza tambem!! Pelo que vejo... as fidalgas de Lisboa já fumam!... Que tempos! que tempos!... (*alto*) D'aqui a um instante, são vossas excellencias servidos... Tenham paciencia... Se se tratasse de um almoço vulgar já estava prompto... mas um banquete explendido!...

*Rachel.* Muito bem!... A gente da nossa *classia*, não se contentam com chá e fatias torradas *com pão com manteiga*... como essas pessoas da *plebia*.

*Jorge* (*A'parte.*) Safa! que de asneiras, em tão pouco tempo!... Estou vendo que esta *joia* nos *rapa* o dinheiro todo por um almoço!...

*Thereza.* Se me tivesse lembrado .. teria aconselhado suas excellencias, que, para mattar o tempo fossem dar um passeio e ver o palacio e quinta, do poço que se vendem... (*apontando pela janella.*) Olhem, d'aqui se vê o pomar de espinho!...

*Jorge.* (*Aparte.*) Sobre espinhos, estou eu por causa do almoço! (*alto*) Ah! a quinta, vende-se?. .

*Thereza.* Sim, meu senhor.

*Rachel.* Vamos vel-a; e se nos fizer conta... Compra-ma marquez?...

*Jorge.* (*A Thereza*) É grande?

*Thereza.* Immensa! Só no jardim!... tem um prado de violas! que lindeza!...

*Jorge.* Viollas!? São boas para xaropes... e para...

*Rachel.* (*A'parte*) Está bom! Ahi temos nós medecina!... que raiva!

*Jorge.* Só pelas viollas, eu desejo comprar essa vivenda. Quanto pedem?...

*Thereza.* Cem mil cruzados.

*Jorge.* Quarenta contos... E' uma bagatella !.. (*A'parte.*) Se ella soubesse que tenho de meu tres libras, oito tostões, e um pataco...

*Thereza.* (*Aparte.*) Cem mil crusados... uma bagatella ? ! — Esta gente é pôdre de rica !... Que pexinxa que nós apanhámos ! estes hão de pagar por todos !

*Jorge.* A capital enfastia-me ; apesar de morar n'um bom palacio, e na rua direita da Junqueira, que é linda, desejo vir morar para a provincia !

*Thereza.* Vossa excellencia mora á Junqueira ?

*Rachel.* Pois então ? !... Você cuida que a gente da nossa *classia*, mora na rua das Atafonas, ou nas Escadinhas de S. Christovão ?

*Jorge.* Esta senhora comprehende essas coisas perfeitamente... (*Abafando o riso.*) Tem bastante espirito para *divisar* essas *alternativas !*

*Thereza.* (*Com uma mesura.*) Agradeço a vossa excellencia a conta em que me tem !... (*A'parte.*) Que gente tão ilhana !

*Rachel.* Somos nobres desde a *raiz* dos pés, até á *planta* dos cabellos !...

*Thereza.* Isso logo se vê !... (*A'parte.*) Vou dizer por toda a cidade, que tenho na minha hospedaria, dois altos personagens que desejam comprar a Quinta do Poço.

*Rachel.* Muito tarda o almoço... Já tenho uma debilidade de *estamago*, *inaudita !*... Uma marqueza nunca devia soffrer a... a...

## SCENA VIII

*Os mesmos*, FRANCISCO, *e* JOSEFA

*Francisco.* O almoço está na meza.

*Rachel.* Ainda bem!... — Não é feio este rapaz... Heide dar-te alguma coisa... para beberes...

*Jorge.* Assim que comprarmos a quinta do Poço...

*Thereza.* Vossas excellencias teem a bondade... (*indica a porta.*) Fiz pôr a meza na caza que dá para o quintal...

*Rachel.* Fez bem... Estaremos livres de nos apoquentar algum *rustigo* com as suas conversas *atrasadoras.*

*Jorge.* (*A'parte.*) Atrasadoras!... que bonita expressão para uma marqueza!

TERCETO

*Jorge.* } *A'parte*
*Rachel.* }

A matarmos quem nos matta,
Corrêmos já promptamente
Q'uremos um almoço á farta,
(*Alto*) Bom comer, vinho excellente.

*Thereza*

Fiz arrôz de boa pata;
Dois pombinhos, e pão quente,
Um coelho... (*A'parte.*) Era uma gata.
(*Alto.*) Fructas, e vinho excellente!

(*Repetem junctamente.*)

## SCENA IX

FRANCISCO, *e* JOSEFA

*Francisco.* A patrôa, poderá dizer o que quizer... mas este homem é tanto marquez como eu!

*Josefa.* E a tal marqueza? Parece que tem alguma coisa que a *atrapalha...* é como eu, quando ponho o

meu chapeu de palha, e calço as botinhas de duraque preto.

*Francisco.* Olha... n'essa *ocasião*, és tanto da *fidalgaria*, como ella!

## SCENA X

*Os mesmos, e* JACINTHO

*Jacintho.* (*Correndo.*) Meus amigos! meus queridos amigos!... Valham-me pelo amor de Deus!...

*Francisco e Josefa.* O que tem, sr. Jacintho?! Que lh'aconteceu?...

*Jacintho.* A minha filha... a minha pobre Amelia... deu-lhe um ataque nervoso! Coitadinha!...

*Josefa.* Jesus! Santo nome de Jesus!

*Jacintho.* Venho de casa do cirurgião Valente... está ainda muito fraco da sua doença, e não póde sair... fui depois ao cirurgião Machado... foi cortar a perna a um andador!... Não ha mais nenhum na cidade... e a minha Amelia a morrer! Coitadinha!...

*Francisco.* (*Limpando os olhos.*) Coitadinha!

*Josefa.* (*Idem.*) Coitadinha!

*Jacintho.* Não conhecem nenhum cirurgião de alguma aldêa proxima, que se mandasse chamar?...

*Francisco.* (*Lembrando se.*) Ah! O *Verdenario!*... o alveitar do sr. Moscôzo... elle entende de *alimaes*... póde talvez curar sua filha!... Foi elle que curou a cadelinha da sr.ª morgada.

*Jacintho.* Póde acompanhar-me até lá?

*Francisco.* (*Encolhendo os hombros.*) Tenho tanto que fazer... Temos tantos hospedes...

*Jacintho.* Ande... ande, que eu o gratificarei!

*Francisco.* Vamos lá. Embora a patrôa me ralhe... eu sujeito-me a tudo, pelo... meu bom coração. (*A Jo-*

*sefa.*) Se a patrôa chamar, dize-lhe que saí com o sr. Jacintho.

*Jacintho.* Vamos! (*Sáem ambos.*)

## SCENA XI

JOSEFA, *e* JORGE

*Josefa.* (*Só.*) Pobre menina Amelia! Nós não *samos* nada neste mundo!... Quando a gente cuida uma coisa, sae-lhe outra!

*Jorge.* (*Ao fundo.*) Aquella Rachel, em se apanhando á meza, e com bons petiscos, nem o demonio a arranca d'ali! Come .. nem que tivesse fome canina!

*Josefa.* (*Depois de ter pensado.*) Quando a gente pensa que vae direita, escorrega, e... zás!

*Jorge.* (*Chegando-se a ella.*) Já escorregaste alguma vez, minha menina?

*Josefa.* (*Assustando-se*) Ai! credo!... que medo, que me fez, senhor marquez!

*Jorge.* Poeta!... Já faz versos?! — Tens uma càrinha, que está mesmo dizendo *ginjas garrafaes.*

*Josefa.* Esteja quieto! — Vá lá para as senhoras fidalgas! Eu não sou...

*Jorge.* Que pena não usares sáia balão!... (*A'parte.*) Era uma perfeita botija! (*Alto.*) Que cintura! que linda mão! que todo!...

*Josefa.* (*Fugindo-lhe.*) Esteja quieto! Olhe a sua marqueza!

*Jorge.* Marqueza?! E' traste que não tenho... nem mesmo sofá...

*Josefa.* A senhora marqueza do... *menino!*

*Jorge.* Ah! a minha princeza!... (*A'parte.*) O' dia-

bo! E eu que me não lembrava do meu *incolito*: como lhe chama Rachel.

DUETO

| | | |
|---|---|---|
| *Jorge.* | | Das-me um beijo, meu amor? |
| *Josefa.* | (*Fugindo.*) | Um beijo, não senhor. |
| | | Nunca dei isso a ninguem. |
| *Jorge.* | | Não me fujas lindo bem! |
| *Josefa.* | | Mau! |
| *Jorge.* | | ....... Anda cá! |
| *Josefa.* | | .............. Não senhor! |
| *Jorge.* | | Um beijo só! por favor! |
| *Josefa.* | | Já lhe disse!... Não senhor! |

*Juntos*

*Jorge.* Não sejas esquiva!
Oh da-me a ventura!
D'um marquez terás,
Amor e ternura.
*Josefa.* Ai! 'steja quieto!
Forte diabrura!
A — sua marqueza
Tem mais formosura.

## SCENA XII

*Os mesmos, e* RACHEL

*Rachel.* (*Ao fundo um pouco electrisada.*) Que vinho tão doce!... era mesmo um licor!... — O meu Jorge a namorar a criada!... Ai que patifaria!... — Escutemos...

*Jorge.* A minha marqueza, é linda, mas tu não és feia!

*Josefa*. (*Desvanecida*.) Sim?...

*Rachel*. (*A'parte*.) Ai que chuveiro de bofetões que eu vou despedir... n'elle e n'ella!

*Jorge*. Se tivesses outros fatos, poderias rivalisar! com todas as fidalgas.

*Rachel*. (*A'parte*.) Está quasi a dar-me o meu flato nervoso!

*Josefa*. O senhor está mangando comigo...

*Jorge*. Mangar comtigo?! meu anjo? (*Quer abraçal-a*.)

*Rachel*. (*Dando um grito*) Ah!... (*Josefa e Jorge ficam immoveis*.)

*Jorge*. (*A'parte*.) Santa Barbora.

*Josefa*. (*Idem*) A senhora marqueza?!

*Rachel*. Estejam á sua vontade!... Eu não sou de cerimonias!

*Jorge*. (*Baixo a Rachel*.) Calla-te tola!... E' para melhor representar o meu papel! — Todos os fidalgos são galanteadores!

*Rachel*. Esses *palões* p'ra cá não *pegam*! — *Não é com essas!...*

*Jorge*. (*A'parte*.) E quer isto passar por marqueza!..

*Rachel*. Eu sou ciumenta como... Sou uma *vibora!* E, quando me sobe á cabeça o... o... o ciume; dou por paus, e por pedras!

*Josefa*. (*Limpando os olhos*.) Juro-lhe... senhora...

*Rachel*. Calle a bocca! sua sonsinha!

TERCETO

*Rachel*. Talvez me queira negar,
O que eu vi?! Responda agora!
*Josefa*. Elle q'ria; eu não, senhora.
*Jorge*. Não vale a pena gritar!

*Juntos*

*Rachel.* De raiva meu peito,
Já sinto arquejar!
Ciumes q'eu tenho,
Não posso domar,
Em quanto esta ira,
— Não chego a fartar!

*Jorge. (A Josefa.)* Socegue esse peito!
*(A Rachel.)* Não vale ralhar;
Paxorra não tenho,
P'ra ouvir gritar!
Se me chega a ira,
Faço-a já callar!

*Josefa.* Já tenho este peito,
A bom arquejar!
Eu medo não tenho;
Escusa ralhar!
Mau genio, e a ira,
Sei bem ensinar!

## SCE NA XIII

*Os mesmos, e* ISIDORO

*Isidoro.* Ai! que gritaria!... Que berreiros que são estes?!

*Rachel.* Chegou a proposito; seu bicho da cosinha!

*Isidoro.* Bicho da cosinha!? — Só uma marqueza me chamaria um tal nome!...

*Rachel.* Passam-se aqui bonitas coisas... n'esta hospedaria do inferno!...

*Rachel.* O que, senhora marqueza?... o que é que se passa?!

*Rachel.* Esta sonsinha ia sendo abraçada pelo meu Jorg... marquez!

*Isidoro.* Hum?!... Ai! se minha Thereza soubesse... seria capaz de.., de... nem eu sei de que!

*Josefa.* Deixa fallar!... eu não ia sendo abraçada; o senhor marquez é que me queria abraçar...

*Isidoro.* Sendo assim...

*Rachel.* Calle-se!... você não passa d'um *pacovio!*.. Eu que o digo, é porque o vi!...

*Jorge.* (*Abafando uma gargalhada.*) Oh!

*Isidoro.* Eu?! um pacovio?!... Ora essa!...

*Rachel.* Finalmente, eu perdo-o tudo, porque almocei bem... Depois d'almoço, sou sempre muito... bondosa!... D. Jorge, fica perdoado; com a condição de nunca mais tornar.

*Jorge.* (*Com ar tragico.*) Juro!!

*Rachel.* (*A'parte.*) Talvez com o demonio do ciume eu desse de mais á lingoa e fugisse á linguagem da alta sociedade... Toca a fazer de senhora! (*Alto.*) Vamos ver a quinta do Poço?

*Jorge.* Vamos, marqueza! (*Baixo.*) Dize muita parvoice, e depois faze-te fidalga!...

*Rachel.* (*Baixo.*) Deixa, eu cá me vou indireitando!

*Isidoro.* O Francisco irá ensinar o caminho a vossas excellencias.

*Jorge.* Tem rasão; chame-o lá.

*Josefa.* O Francisco, não está cá; foi com o sr. Jacintho, á quinta do Moscôzo; a mais d'um quarto de legua!

*Isidoro.* Fazer o que?!

*Josefa.* A filha mais nova, a menina Amelia, deu-lhe uma coisa, está quasi a morrer, e não ha na cidade nenhum cirurgião!

*Isidoro.* Coitadinha.

*Rachel.* (*Campassiva.*) E, a pobre menina, vae talvez expirar sem soccorro?...

*Josefa.* Se não tiver já dado a alma a Deus!...

*Rachel.* (*Baixo.*) Vae tu, Jorge... faz uma obra de caridade. Tu tens o quarto anno de medicina... deves saber...

*Jorge.* (*Baixo.*) E's muito leviana, mas tens o coração d'uma pomba! — Agora me lembro!... Um marquez a curar!? Tolla!

*Rachel.* (*Baixo.*) Vae, vae; eu arranjo tudo! (*Alto.*) O marquez quando esteve em Pariz, estudou, por divertimento, medicina; e como a caridade não conhece *clacias*, elle vae lá a casa desse sugeito receitar alguma coisa, em quanto não chega algum *curgião.*

*Isidoro.* Que feliz acaso!... (*A'parte.*) Um marquez medico, é um diamante preto!...

*Jorge.* Onde é?...

*Isidoro.* É na praça, mesmo defronte da cadea.

*Josefa.* Eu lhe vou ensinar.

*Rachel.* (*Baixo.*) Cuidado, Marquez!

*Jorge.* (*Idem.*) Agora, só penso na minha doente. (*Alto.*) Adeus! (*Jorge e Josefa, saem pelo fundo.*)

## SCENA XIV

ISIDORO, *e* RACHEL

*Rachel.* (*Para si.*) Faz bem... e não olhes a quem

*Isidoro.* (*A'parte.*) Em quanto estamos sós, vou consultal-a sobre o pedido que tenho de fazer ao marquez...Vamos lá! (*Apura a garganta.*) Senhora marqueza... Vossa excellencia... tem-me dado tantas provas de bondade...

*Rachel.* (*A'parte.*) Chamei-lhe *pacovio*... gostou!

*Isidoro.* Tenho a pedir-lhe uma coisa...

*Rachel.* Falle seu ratão!...

*Isidoro.* (*A' parte.*) Seu ratão! ?... Isto faz mesmo... vontade de... de...

*Rachel.* Julgo que sua mulher o não deixa abrir *bico*; e você desforra-se quando está longe della!... faz bem.

*Isidoro.* Em primeiro logar... peço licença a v. ex.ª se, sempre está decidida a deixar Lisboa.

*Rachel.* Assim me parece. (*Canta a seguinte* :)

COPLA

Lisboa é formosa,
Mui linda vaidosa!
É um ceu aberto!
Tem café concerto,
Theatros, toiradas,
De noite e de dia.
Tem muita alegria;
Tem neve no estio;
D'inverno tem frio;
Tem bons botequins.
Tem *arrelequins*
De gosto e primor!
Tem bellos passeios,
Aos domingos, cheios
De grandes ballões

Tem certos ratões
Sem casa nem vida,
Que andam na lida

De certo negocio!...
Tem outros, no ocio
Gastando a riqueza,
Fingindo nobreza
Que nunca herdou.
Pois que seu avô.
Era tecelão!
Esta confusão
A mim não me agrada.
Viver retirada,
É minha ambição!..

Mas vamos ao que serve... Que me quer pedir?

*Isidoro*. Assim que soube que o sr. marquez queria comprar a quinta do Poço... tive logo a idéa de pedir o logar de feitor; e fiz uma petição, que tenho a honra de entregar a v. ex.ª... peço que a leia. (*Entregando-lhe um papel*.)

*Rachel*. (*A'parte tomando o papel*.) Vamos a ver...

*Isidoro*. Que tal?

*Rachel*. *Encolhendo os hombros*.) Um!... assim assim.

*Isidoro*. V. ex.ª, está lendo de pernas para o ar!

*Rachel*. (*Reparando para si*.) Hein?! (*Depois de reflectir*.) Ah!... não repare... Bem póde copiar isto, em letra mais *taluda*!

*Isidoro*. (*Guarda o papel*.) Sim, minha senhora. — Ainda tinha que pedir...

*Rachel*. O que?

*Isidoro*. Se tem a bondade de recommendar o meu requerimento..,

*Rachel*. Recommendar?! (*A'parte*.) Que quererá elle dizer com isto?...

*Isidoro*. Estou certo, que se v. ex.ª pozesse aqui o seu nome...

*Rachel*. (*A'parte*) Maldito!... E, eu que não sei escrever! Ah!... (*Alto*.) Faça favor de uma penna... não quero de ferro! traga de pato!...

*Isidoro*. (*Apontando para a mesa*.) Ali está, ex.ma.

*Rachel*. (*Vae a mesa e assigna*.) Aqui está!

*Isidoro*. (*Olhando*.) Hein?! Uma cruz!

*Rachel* E' uma assignatura, particular... que só eu, e o sr. marquez intendemos!

*Isidoro*. Percebo... Mil agradecimentos...

*Rachel*. *Neija* por isso.

*Isidoro*. Agora já tenho emprego...

*Rachel.* (*A'parte.*) E de mão cheia!

## SCENA XV

*Os mesmos, e* JORGE

*Jorge.* (*Entrando.*) Eis-me!
*Rachel.* (*Vivamente.*) Então?!...
*Jorge.* Está fora de perigo! Se me demoro mais, estava nos anginhos!... sangrei-a, e promptamente recuperou os sentidos.
*Isidoro.* O senhor marquez tambem sangra!... Que felicidade para um homem, ter uma filha sangrada por um marquez!
*Jorge.* D'aqui a oito dias, estará completamente restabelecida.

## SCENA XVI

*Os mesmos e* THEREZA

*Thereza.* Senhor marquez; annuncio-lhe a visita das principaes pessoas da cidade, que desejam cumprimental-o?! (*A'parte.*) Agora preciso ser gente! (*Baixo a Rachel.*) Nem *piu*! que deitas o negocio a perder.
*Jorge.* As principaes pessoas?
*Isidoro.* (*A Thereza.*) Foste dizer...
*Theresa.* Calle a boca!... Apre! que fallador!... (*A Jorge.*) Determina que entrem?
*Jorge.* (*Compondo os collarinhos.*) Sim, que entrem!
*Rachel.* Podem vir!

## SCENA XVII

*Os mesmos*, o REGEDOR, SENHORES, *e* SENHORAS

CORO

Os illustres personagens
Sem demora queremos ver;
E tambem mui respeitosos
Tudo, tudo... lh'off'recer
Pois aqui nesta cidade,
Tambem ha civilidade!

*Regedor.* Illustrissimo e excellentissimo senhor marquez de... tal; soube agora mesmo que *duas altas* personagens, tinham chegado á hospedaria do — Quebra-pratos — e logo, na minha qualidade *d'auctoridade* de regedor desta freguezia, e na ausencia do nosso administrador, vim offerecer a vossas excellencias os meus respeitos, e serviços.

*Jorge.* (*Com impostura.*) Agradeço-vos sr. regedor as provas de amisade que testimunhaes ás nossas pessoas; e, tanto eu como a sr.ª marqueza que é muito sensivel...

*Rachel.* (*Assucarando-se.*) Muito... oh! muito sensivel!

*Regedor.* Disseram-me que vossas excellencias pertendem comprar a quinta do Poço?...

*Jorge.* Temos essa tenção... estamos cançados do bolicio da capital...

*Rachel.* (*A'parte.*) Lá está o Jorge, fallando em molestias!... Forte raiva!... (*Alto.*) Sim... queremos ser lavradores...

*Jorge.* (*Fazendo-lhe signaes.*) A marqueza gosta muito de flores... Chama-lhes a sua lavoura! Espero cul-

tivar rosas... que teem muito prestimo; e flores de borragens, que andam muito na berra. Tambem tenciono formar aqui um hospital, e um novo cimiterio...

*Rachel.* (*A'parte.*) Basta elle ser *curgião*, para logo fazer cimiterio e hospital!

*Regedor.* Espero que v. ex.ª me fará a honra de vir para minha casa...

*Jorge.* Oh! isso muito!...

*Rachel.* (*Interrompendo-o.*) E' muito... basta metade.

*Regedor.* A' noite, dançamos, cantamos... isto é damos um baile.

*Jorge.* Bello! Faremos uma boa convivencia... misturamos os nossos cantos com os vossos cantos!

*Rachel.* V. s.ª misturará os seus cantos, aos nossos cantos!

*Jorge.* (*A'parte.*) A final nunca sairemos dos nossos cantos.

*Regedor.* Estas senhoras, teem ardentes desejos de ouvir as vozes de vossas excellencias.

*Jorge.* Essa é boa!... Estamos ás suas ordens.

*Regedor.* V. ex.ª, será tão bondoso...

*Isidoro.* A (*Thereza.*) E' o marquez mais dado que se tem dado!

*Thereza.* (*Baixo.*) Calle a bocca!... seu... pateta!

*Rachel.* (*Baixo a Jorge.*) Tu estás doido!... cantar n'uma estalagem!... Tu queres fazer a segunda parte ás gallegas do pandeiro, e da sanfône!...

*Jorge.* (*Baixo.*) Isto ajuda a digestão. (*Alto.*) Vamos cantar um dueto, em que a senhora marqueza mostra o *explendor* da sua voz argentina!

*Rachel.* (*Baixo.*) Que devemos cantar?

*Jorge.* (*Idem.*) O *Pirolito*... a *Maria Cachuxa*, ou o... o...

*Rachel.* (*Idem.*) Olha!... (*Falla-lhe baixo.*) (*Cantam ambos no gosto brasileiro.*)

Quando a gente está com gente
Que tem olhar duvidoso ;
Se acaso os olhos s'encontram,
E' tão bom, é tão gostoso !

Já fui á Bahia
Já passei o mar,
Coisinhas que eu vi
Me fazem babar !

Meu amor dá soccorro !
Ai ! ai ! que eu morro !

*Regedor.* Que lindo, e bem cantado!...

*Isidoro.* E' o melhor que...

*Thereza.* Calle-se ! que você não entende nada d'isto..

*Jorge.* (*Baixo a Rachel.*) Vês que effeito ! (*Alto.*) Na dança, é que a senhora marqueza é divina!... principalmente, na dança nova chamada — das virgens — querem ver?... (*Baixo a Rachel.*) Vamos ao *cancam* !

*Rachel.* (*Baixo.*) O' demonio!... olha que...

*Jorge.* (*Idem.*) Anda tola ! (*Dançam o cacam.*)

*Regedor.* Sublime ! admiravel !...

*Thereza.* E' uma dança muito proveitosa, porque desenvolve a elasticidade dos nervos !

*Isidoro.* E' perciso que...

*Thereza.* Calle-se... tambem quer entender de dança, seu pé de... chumbo !

## SCENA XVIII

*Os mesmos, e* JACINTHO

*Jacintho.* (*Entrando muito atrapalhado.*) Sou eu... nada de cumprimentos... Se soubessem o que me succedeu?... Entro em caza sem alentos... perdido, por

que não tinha encontrado cirurgião, nem ferrador para minha filha... e, vou dar com a pobre da minha Amelia... já restabelecida !... Ah !... mas tenho que agradecer ao sr. marquez de Merino... e a sr.ª marqueza e offerecer-lhes o meu prestimo... Onde estão suas excellencias ?

*Thereza.* Ali... Senhor marquez ?

*Jorge.* (*Que tem estado a conversar com Rachel, dá com os olhos em Jacintho. A'parte.*) Jacintho !... Os demonios te levem ! (*Volta a cara.*)

*Rachel.* O velhote !... Ai o meu titulo !... (*Volta a cara.*)

*Jacintho.* Senhor marquez, permitta... (*Dando um grito.*) Heim ?

*Thereza.* Que é ?

*Jacintho.* (*Aos outros.*) Este patife não é marquez, é um estudante de medicina ; meu inquilino da rua Fresca, e que me deve a renda d'um anno — doze mil réis em metal sonante ; e aquella é uma costureira que me deve egual quantia ! !... São marquezes da tratantice !...

*Todos.* Oh !

*Thereza.* São aquelles dois inquilinos que apenas lhe deixaram aquelles trastes que o senhor disse ?

*Isidoro.* Aquelles que se mudaram pela...

*Thereza.* Calle se, homem !... Metta tambem a sua colherada !

*Jacintho.* Desta vez estão agarrados, e não se hão de safar assim !

*Jorge.* (*A'parte.*) Estou aceiado !...

*Rachel.* (*Idem.*) Estou *desmarquezada* !

*Thereza.* Por isso elle curou a sr.ª D. Amelia !

*Jacintho.* E' verdade ! Já me não lembrava ! Estou completamente desarmado !... O senhor salvou minha

filha; e portanto eu é que lhe sou devedor... O senhor não me deve coisa alguma! digo-lh'o aqui, diante de toda esta gente!

*Jorge.* Senhor, eu apenas obedeci á voz da humanidade...

*Rachel.* E á minha tambem; que lhe pedi para ir soccorrer sua filha!...

*Jorge.* Sim foi Rachel, que me inspirou o praticar esta boa acção.

*Jacintho.* (*Com satisfação.*) Bello! (*Dando as mãos aos dois.*) São estroinas, mas teem bom coração!... São tal qual eu era em rapaz! — São boas pessoas... e maus inquilinos... apenas tem este pequeno defeito!

*Thereza.* (*A'parte.*) Nada de perder!... (*Tirando um papel da algibeira.*) Aqui está o importe do almoço... são duas libras!...

*Jorge* Duas libras!?... isso é roubar! é...

*Rachel.* E'... uma pouca...

*Jacintho.* (*A Thereza.*) Eu pago, sr.ª Thereza!

*Rachel.* Obrigada!

*Jorge.* O senhor é um bom homem! Vou outra vez para a sua propriedade...

*Jacintho.* Nada! é isso que não! — Amigos amigos, negocios á parte. — Em quanto estiverem aqui... o mais que lhes posso fazer é pagar-lhes a despeza da hospedaria; em attenção a que salvaram a minha Amelia.

*Rachel e Jorge.* (*Baixo um para o outro, ao mesmo tempo.*) Ficamos por mais quinze dias!

*Rachel.* (*Disfarçando.*) Vamos, ao menos, ver a quinta Poço.

*Isidoro.* (*Com ar de zombaria.*) Quer a carruagem, senhora marqueza?...

*Rachel.* (*Mesmo tom.*) Já *palra*, seu *pacovio?*...

*Jorge* (*A'parte.*) Safa!... Ia-me custando caro, o ter-me feito marquez á pressa, por causa da Rachel!... Agora, juro, não ser mais titular; só se fôr por causa de alguma *Bernarda*, e mesmo assim não ha de haver perigo!...

COPLA FINAL

Fidalgos feitos á pressa,
Não é boa brincadeira;
Ao ver um, diz logo a gente:
Quem te conheceu ginjeira.

E por isso, largo o titulo,
Por outra grande ambição!
Ser artista e por nobreza,
Ter a vossa protecção!
Pois merecer o vosso agrado,
É toda a nossa ambição!...

FIM

---

# DECLARAÇÃO

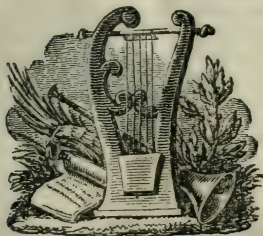
# APANHEI OS 5 CONTOS.

## QUE FAMOSO NUMERO!!..

---

### FARÇA EM UM ACTO.

IMITAÇÃO DE

**Francisco Xavier Pereira da Silva.**

LISBOA.

IMPRENSA DE LUCAS EVANGELISTA.

RUA DA OLIVEIRA N.º 3.

—

1854.

## PERSONAGENS.

GIMINIANNO ANTUNES. — *Dentista.*

THEODOSIO SONEIRA. — *Serigueiro.*

FELISMINA PRISCA. — *Costureira.*

---

*A scena passa-se em Lisboa, na Calçada do Duque.*

*Epoca actualidade.*

# ACTO UNICO.

*O Theatro representa uma salla d'agua furtada, ornada com os utensilios proprios d'um dentista. = Ao fundo, janella para a rua. = A' direita, uma commoda. = Sobre esta alguns papeis, frascos de loiça, e vidros de diversas qualidades. = A' direita á boca da scena, uma meza de pé de galo. = A' esquerda no primeiro plano, porta d'entrada. = A' esquerda ao fundo, uma banca de jogo, fechada, com uma caixa tosca em cima. = A' direita um camapé, cadeiras, e entre ellas uma poltrona de braços.*

Ao levantar do panno, não há ninguem em scena; depois ouvem-se trez argoladas á porta, mas devagarinho; depois outras trez mais fortes, depois vê-se empurrar a porta, e esta abrir-se. Theodosio deita a cabeça, espreita a scena, e depois entra. Põe em cima da meza de pé de galo, uma gaiola com um canario, a gaiola traz um pedaço de papel atado com um laço de fita á argola.

## SCENA I.

THEODOSIO (*só*).

Porta aberta, justo péca... Não vejo folego vivo... Tanto melhor... Ao menos terei tempo de tomar respiro... Quando a gente tem de subir a um quinto andar, para ver uma terna pequena de 25 annos, é preciso ter pernas da mesma idade, e as minhas datam do dia, em que os Francezes atacaram o Cyrio d'Ameixoeira, quero dizer, tenho os meus 45 janeiros no lombo, que é um pêzo mais enfadonho, e aborrecido do que a moxilla de qualquer corcunda... (*Observando*

*a casa*). Estou no modesto asylo, onde vegeta a engraçada Felismina... Depois de ter atravessado a idade das paixões, sem me deixar agarrar pelo endiabrado Cupído, quem havia dizer, que hoje, que estou já no estado das uvas de pendura, um simples olhar d'esta travêssa costureira, me faça andar com a cabeça a trez de fundo, sem poder parar na loja, e fazendo as obras que me encommendam, sabe Deus como... Que aroma tão encantador aqui se respira, parece que sinto remoçar-me .. (*Levantando-se e tropeçando n'um descalçador.*) Em!.. Que diabo será isto?.. um descalçador?.. Receberá ella por ventura ás escondidas alguem de genero opposto?.. Nada... Longe de mim tal pensamento... não se macule o credito da pobre rapariga... O sapateiro nada me tem dito a tal respeito, e se assim fosse não lhe tinha escapado, e não teria tido o bojo de callar-se : isto é gente que morre por dizer mal, e o seu maior gostinho, é descobrir alguma mazella no seu proximo, para se devertir com elle... Mas sinto passos, onde poderei esconder-me?.. Bom!.. atraz d'esta cortina. (*Esconde-se de traz d'uma cortina de chita, que tem uma janella*). Já era tempo que apparecesse... (*Vendo entrar Felismina*) é ella, não me enganei.

## SCENA II.

THEODOSIO (*escondido*) E FELISMINA.

*Felismina*, (*entrando*). — Vamos á minha lida ; não obstante não ouso queixar-me da sorte, embora a minha fortuna, esteja na ponta dos meus dedos, no bico da minha agulha.

*Theodosio,* (*occulto*). — E' a minha pombinha sem fel.

*Felismina.* — Parece-me, que esta manhã fui preguiçosa, e se o meu vesinho o Sr. Giminiano voltar antes

d'estar arranjado tudo, e ralhar comigo por isso, não tenho desculpa para dar-lhe...Entretanto mãos á obra... como tudo está desarranjado!.. (*Põe o descalçador debaixo da commoda*). Emfim, é arranjo d'homens... todos lêem pela mesma cartilha.

*Theodosio*, (*occulto á parte*). — Será por ventura creada de servir?..

*Felismina*. — Levantei-me com tanta pressa, que nem tempo tive d'atacar as botinhas. (*Põe o pé na travessa d'uma cadeira, e ataca as botinhas.*

*Theodosio*, (*como acima*). — Que pesinho tão delicado! parece mesmo um pé chinez!..

*Felismina* (*reparando nas meias*). Bom, vestí as meias do avesso, terei que receber algum presente?..

*Theodosio*, (*como acima*). — Theodosio, não offendas a moral, fecha os olhos, e não abuzes da innocencia desprevenida.

*Felismina*. — Está bem, logo mudarei a frente á retaguarda. (*Reparando na gaiola*). Que passarinho será este?..

*Theodosio*, (*como acima*). — Ver-me-ia ella.

*Felismina*. — Um canario!.. (*Pegando no bilhete que traz pendente a gaiola*). Que quererá dizer este bilhete!.. (*Passa á esquerda, abre o bilhete e lê.*)

*Theodosio*, (*avançando cautelosamente nos bicos dos pés*). — Theodosio, anima-te, approveita o incejo de fazer a tua amorosa declaração.

*Felismina*.—Leiamos: Minha sublime Felismina, pego n'uma penna d'aza de coruja, para... (*Zanga-se, e rasga o bilhete*)... Logo penna d'ave d'agouro... Quem será este medalhão original.

*Theodosio*, (*lançando-se de joelhos, aos pés de Felismina*). — Sou eu, idolo adorado, sou eu, pudibunda e formosa Felismina.

*Felismina*, (*recuando, e soltando um pequeno grito*

*d'espanto*). — Ah!.. (*Á parte..*) O velho serigueiro, que trabalha na escada dos irmãos unidos!.. (*Para elle*). Não o conheço.. Que pertende?.. Que vem aqui fazer?..

*Theodosio.* — Senão me conhece até agora, póde d'gora em diante ficar-me conhecendo... Chamo-me Theodosio Soneira. Podia entrar na casa dos vinte quatro, senão fosse extincta, e exerço o officio de serigueiro.

*Felismina.* — De chapeos?..

*Theodosio.* — Não minha deidade, sou serigueiro d'agulha, e venho offerecer-lhe os meus respeitos, o meu estabelecimento, e a minha mão.

*Felismina*, (*com sequidão e indifferença*). — Agradeço. Mas quer fazer-me um especial favor?..

*Theodosio.* — Um favôr!... dez, vinte, trinta, um milhão de favores!.. falle!..

*Felismina*, (*como acima*). — E' favorecer-me com a sua auzencia!..

*Theodosio*, (*com espansão comica*). — O'!.. interessantissima Felismina, se essa mimosa ave, assim como canta deliciosamente, podesse articular a linguagem que fallamos, ella lhe explicaria o amor que lhe consagro, e que por mais d'uma vez, destraindo-me do meu trabalho, tem feito, que em vez d'aparar um penacho de lãa tenha cortado os dedos, com a thezoura.

*Felismina*, (*como acima*). — A culpa não tem sido minha.

*Theodosio.* — Engana-se, linda beldade, por que desde a primeira vez, que a vi na janella da sua agua furtada, dando de comer e fazendo caricias, ao seu engraçadissimo saguim, senti-me arrebatado d'amor, e coberto de suores frios... e disse, com os meus botões: cheira-me a que vou ser ditoso; como ella estima os animaes, endicio certo de bom coração, estou certo que não ha-de ser indifferente ao meu dedicado amor... A minha loja é um museu, e para ser totalmente feliz, só me falta um

rouxinol, que me deleite com os seus gorgeios matutinos.

*Felismina*, (*em tom de chacota*). — Falle com o jardineiro do passeio, que talvez lhe arranje algum em conta. (*Vai para o fundo á direita*).

*Theodosio*, (*com esmorecimento comico*). — Minha pomba, responde-me isso?

*Felismina*. — E não tenho mais nada a responder, ao seu dispauterio.

*Theodosio*, (*com espansão comica*). — Ah!.. ingrata, essa sua gelada reposta fez de mim uma estatua de pedra.

*Felismina*, (*como acima*.) — Sim!.. Talvez que a Camara Municipal o approveite, para ornato d'algum chafariz novo que se faça... Accredite Sr. Ambrosio.

*Theodosio*. — Theodosio, se me faz favor.

*Felismina*. — Accredite, que o Sr. Giminianno Antunes é muito zeloso...

*Theodosio*. — O Sr. Antunes, é o directo Sr. d'essa propriedade?..

*Felismina*, (*com sequidão*). — Elle ou outro, que tem o Sr. com isso?.. O que lhe digo, é que se aqui o encontrasse, seria capaz...

*Theodosio*. — De que?..

*Felismina*. — De tudo. Vê essa janella, e aquella porta: agora ainda o Sr. tem o direito de sair por uma, ou por outra... Mas se o Sr. Giminianno entrasse, estou certa que o faria saltar, por essa, e não deixar sair por aquella.

*Theodosio*. — (*A' parte, com espanto comico*.) — Irrorio!.. Estamos n'um quarto andar, não fallando na região que habitão os folhitinistas!... (*Para ella, em tom supplicante*.) Porem, minha perola...

*Felismina*, (*com sequidão*.) — Determino-lhe, que se retire immediatamente.

*Theodosio*, (*como acima.*) — Permita-me ao menos, que por escripto...

*Felismina.* (*Idem.*) — Não quero cartas, nem vezitas suas.

*Theodosio.* (*Idem.*) — Felismina, deixe-me ao menos viver d'esperanças!..

*Felismina.* (*Idem.*) — Não posso fazer cousas contra a natureza !.. Leve essa gaiola !..

*Theodosio.* (*Idem.*) — Fique com esse passarinho, eu lhe rogo, e quando elle cantar, lembre-se se quer, de que só vivo chorando a sua repulsa.

*Felismina.* — Deixe-me, Sr. que já não tenho paciencia para o aturar.

*Theodosio*, (*em tom de declamação comica.*) — Sim, eu me retiro. (*A' parte..*) Porque póde vír o bixo ferós. (*Para ella.*) Mas eu a torno responsavel, por todos os transtornos da minha loja.. (*Vae-se.*)

## SCENA III.

FELISMINA (*só.*)

*Felismina*, (*em tom de chacota.*) — Não há cousa mais temivel, do que o fogo que se ateia nos edeficios velhos... Não querem rir do mono, que veio inquietar-me?... Occultemos depressa, o canario com que queria ganhar o meu affecto... (*Vai pendurar a gaiola fora da janella.*) Não faltava mais nada, para dar que fazêr á carvoeira, que mora na escada, que já se diverte bastante á minha custa, para aguçar a bôa lingua que tem, do que as vezitas deste nojento sapo. Mas como não tenho rabos de palha, o que falla a respeito de Giminianno, para a semana meterá uma rolha na bocca, quando vir, que voltamos da Igreja, unidos pelos Santos laços do matrimonio. (*Durante este monologo, Felismina tem arranjado a caza.*)

## SCENA IV.

### FELISMINA E GIMINIANNO.

*Giminianno*, (*entrando*) — Isto é que pode chamar-se uma rapariga incansavel. (*Abraça-a* )

*Felismina*, (*repelindo-o com docilidade.* — Está bem, contente-se por hoje. Saibamos que ha de novo? (*Pegando no chapeo de Giminianno, que vai pôr sobre a commoda.*

*Giminianno*, (*sentando-se á esquerda.*) — Tudo máo. Desde pela manhãa, que ando remando contra a maré: passos perdidos, deligencias mallogradas... Em fim tenho andado desesperado!..

*Felismina.* — Deixe estar, que em Lisboa, quando menos se pensa, arranja-se alguma cousa.

*Giminianno.*—Minha rica, quem não tem fortuna, na cama quebra as pernas.

*Felismina.* —Adiante, é preciso ter coragem.

*Giminianno.* — A menina falla bem, porque não tem que aturar um senhorio catinga como eu tenho, que não me larga a porta, e é a minha sombra, em toda a parte, onde se persuade que posso arranjar dinheiro, só porque lhe devo um mez de cazas.

*Felismina.* — Mas diga-me, tem esperança n'alguma couza?

*Giminianno.* — Tenho uma esperança fallivel, quazi chimerica, fosforica...

*Felismina.* — Então em que...

*Giminianno.*—Em trez Cautellas da Loteria, que comprei, n'uma dessas raras occasiões, em que tive uns pintos, que julguei seriam eternos.

*Felismina.* — Se apanhasse a sorte grande, era pechinxa!..

*Giminianno.*—Tomara eu metade. Eu não sou ambicioso, contento-me com o necessario, e não pertendo o superfluo. Não sou de Quixotadas.

*Felismina.* — Não desespere da sorte!..

*Giminianno.*—Eu dou-me por contente, com a immediata.

*Felismina.* — D'um conto de réis, o que lhe póde caber!.. Isso não aquenta, nem arrefece!.. (*Vai sentar-se junto da meza.*)

*Giminianno* (*de joelhos aos pés de Felismina.*)—Não é tanto assim, porque sempre me competiam perto de cincoenta moedas, e com este dinheiro, faz-se muita couza; e senão que o digam certos figurões que andam por essa cidade, que impõem de grande, sem ter quasi nada de seu.

*Felismina.* — Isso são homens de milagre!.. Não podem servir de modêlo.

*Giminianno.* — Quer sirvão, quer não, o meu plano está formado... Principio por pagar as minhas dividas, e continuo a trabalhar com tanto affinco, como se não possuisse vintem... Reservo unicamente os Domingos para nos devertirmos, indo passar todos á calçada de Carriche.

*Felismina.* — Eu prefiro antes o dá-fundo.

*Giminianno.* — Apoiado... Não posso deixar de condescender com a vontade da minha futura esposinha... Havemos de ter um cãosinho inglez...

*Felismina.* — Muito felpudo... Ha-de chamar-se Bijou.

*Giminianno.* — Havemos ter tambem, galinhas, patos, pombos...

*Felismina.* — Coelhos, e perús... Eu gosto muito de vêr os coelhinhos pequenos... parecem uns novelinhos d'algodão!.. (*Ouve-se tocar um clarinete na rua.*) Já tenho junto para isso seis tostões e trinta réis.

*Giminianno.* (*Levantando-se.*) — Que muzica tão infernal!

*Felismina.* — Desperta-me o meu nervoso.

*Giminianno,* (*com meiguice, encostando-se ás costas da cadeira de Felismina.*) — De tarde, sentados um ao pé do outro, debaixo do carramochão do Quintal, porque havemos de ter isso, respiraremos o aroma das flores do nosso pequeno Versalhes.

*Felismina,* (*com o mesmo modo.*) — E ha-de fazer um ramalhete d'ellas para me offerecêr, não é verdade? (*Torna a tocar o clarinete, muito desatinadamente.*) Depois ao clarão da lua...

*Giminianno.* — Com effeito o maldito tocador, não deixa de pertencer a algum bando de touros!.. (*Sentando-se do outro lado da meza, fronteiro a Felismina.*) E quando tiver-mos o primeiro fructo dos nossos amores com que prazer o veremos saltar dos seus para os meus braços... Hade chamar-se Aguelo... Não acha, que é um bonito nome?

*Felismina.* — Eu prefiro que seja menina!

*Giminianno.* — Nada, nada, um menino, está dito.

*Felismina.* — Não desisto, quero uma menina. (*Levantando-se e vindo para o meio da scena.*

*Giminianno,* (*fazendo o mesmo.*) — Está bem, não se zangue, tudo se ha-de arranjar. (*Torna a tocar o clarinete.*) Com effeito isto é insoffrivel.

*Felismina.* — Espere que eu já o faço callar. Vou darlhe uma mexicana parda, para que nos favoreça, com a sua ausencia. (*Vai acima da commoda, e basculha, tirando d'entre outros uma tira de papel em que embrulha um vintem.*)

*Giminianno.* — Lembra bem!

*Felismina,* (*abrindo a janella, atirando com o embrulho.*) — Ahi tem irmão, e calle-se.

*Giminianno.* — Se dizem que Orpheo, atrahio com

o som da Lyra, as pedras com que edificou uma cidade, este maldito com semelhante inferneira, era capaz d'arrazar alguma, que já estivesse edificada.

*Felismina,* (*ouvindo-se o clarinete tocar ao longe.*)— Então foi bom o remedio, ou não? estamos livre d'elle.

*Giminianno.*—Ora nós temos estado a fazer castellos no ar, que tem sido um gosto!.. Entretanto estou com uma fome desesperada. Que ficou do jantar d'hontem?

*Felismina.* —D'hontem... nada.

*Giminianno.* — Com a bréca!.. com pouco vive-se, sem nada é impossivel, vou fazer fornecimento. (*Vae pegar no chapeo*).

*Felismina.*— Porque não veste a outra quinzena para sair?..

*Giminianno.* — A outra quinzena?.. Foi passear.

*Felismina.* — Aonde?..

*Giminianno.* — Está no prégo da vesinha Anastacia. Mas ha-de voltar breve, assim como eu faço agora.

*Felismina.* — Está bem, em quanto vae buscar o comer, irei preparando a meza, recomendo-lhe que não faça alguma das suas loucuras.

*Giminianno.* — Ainda que quizesse, as finanças punham embargos... (*Mostrando-lhe um pinto*). Veja minha joia, aqui tem quanto há em palacio... ora á vista d'isto...

*Felismina.* — Não desanime, Giminianno, que a minha agulha, ainda não tem ferrugem.

*Giminianno,* (*abraçando-a com enthusiasmo.*) — Ninguem sabe melhor resignar-se com a adversidade!... Até já. (*Vae-se*).

## SCENA V.

*Felismina* (*só*). — Que execellente marido vou ter n'este rapaz... (*Dirigindo-se á meza*). Ponhamos a me-

za... A toalha primeiro que tudo... está ainda no fanqueiro... paciencia... com tudo ninguem será capaz de o seduzir por interesse... (*Derigindo-se ao armario, e tirando uma garrafa, e observando que está vasia*). Aqui está o que póde chamar-se uma garrafa viuva.. (*Escorropichando-a.*) Chora por estar vazia... (*Colloca-a na meza.*) Era capaz de regeitar as minas da California, se julgasse que com ellas o queriam comprar... (*Pegando n'um talher, e n'um prato.*) Que mizeria... um talher, e um prato para dois... Não tem duvida, quando há amizade tudo se disfarsa... (*Olhando para a porta*). Muito se demora.. em quanto não volta.. vou tratando d'acender o lume.. (*Tira de cima da chaminé um coto de vella, que acende e com este um bocado de papel, que tambem tira do mesmo logar. Depois do papel estar meio queimado repara que o fogareiro não tem carqueja nem carvão, e apaga o papel que deita no chão, pondo-lhe o pé em cima.*)

## SCENA VI.

FELISMINA E GIMINIANNO.

(*Giminianno, entrando com duas garrafas debaixo do braço, e um embrulho na mão, entra estonteado, e deixa cair uma das garrafas, que Felismina apanha, e põe em cima da meza com espanção d'enthusiasmo.*) Felismina! Felismina! levou a bréca a desgraça, a mizeria vai desaparecêr desta caza! (*Senta-se junto da meza, sobre a qual põe a segunda garrafa, e o embrulho.*

*Felismina.* — Que foi?.. Chegou-lhe algum Thio André do Brazil?..

*Giminianno.* — Mais e melhor! Apanhei a California sem me sentir! Vou ser rico, grande, e nobre; ser Barão d'alguma parte. (*Diz isto cantando, e saltando de contente.*) Viva o dinheiro!.. morra a penuria! (*Atirando com o chapeo para cima da meza.*) Menina Felismina, fa-

ça favor de me puchar as orelhas, até deitarem sangue; arranque-me os cabellos, dê-me quatro murros nas costellas do espinhaço... afim de me certificar que não estou sonhando, e que estou verdadeiramente accordado, e no meu estado normal!..

*Felismina*, (*com espanto.*) — o Sr. está louco?

*Giminianno.*—Outros estarão em Rilhafoles por mais pequenas cauzas: Ora faça de conta, que voltando eu de fazer as minhás compras, ouço, ao entrar na nossa escada, uma inferneira espantosa, todos os vezinhos estavão alvoroçados. Approximo-me... escuto... e ouço no meio d'aquelle burburinho, que havia saído esta manhãa a sorte grande, e o numero em que tinha saído era...

*Felismina.* — Era...

*Giminianno.* — 15586!.. uma das minhas cautellas! Mizeravel tira de papel, que está ahi para um canto, votada a acabar seus dias, embrulhando alguns dez réis de esturro, ou feita em mexa... Nunca pensei que o prazer produzisse semelhantes sensações... Uma enxorrada d'ideas novas se tem derramado repentinamente pela minha imaginação, que me tem dispertado frios e febres.

*Felismina.* — Socegue... Que tudo isso acalma com o almoço.

*Giminianno.* — Qual carapuça!.. Pois eu emprego mais os dentes em semelhante chanfanada! Falle-me de primorosos pitéos, sublimes e delicados manjares! falle-me de vinho do Porto, Madeira, Moscatel...

*Felismina*, (*rindo-se.*) — Mizericordia! O que ahi vão de planos gigantescos, ideas exaltadas, e castellos no ar!

*Giminianno*, (*como acima.*) — Desde este momento a minha existencia, deu uma perfeita cambalhota... quero ter um caleche, ou pelo menos um carrinho com trez cavallos, á maneira d'Hespanha, quero. .

*Felismina*, (*como acima.*) — Sim ; mas isso fica para ámanhã, é verdade?...

*Giminianno.* — qual historia ! se fosse possivel queria tudo isto já ! Quero ir jantar a Cintra, merendar a Carriche, cear ao Brazileiro, e vir passar o resto da noite no Hotel de Bragança.

*Felismina.*—Safa, que estafadeira, é melhor gosar tudo isso por vezes, por que uma fartadella muito grande, póde dar em resulado uma indigestão, d'aqui a uma gastrica, caminha-se tão depressa, como um salto de pulga, sem ser das industriosas, e d'alli a um ataque apopeletico, pode-se ir tão velós, como descer a montanha russa, ou andar dez leguas pelos caminhos de ferro.

*Giminianno.* — Quero ter um palacio, dar optimos jantares, explendidos bailes, lanches confortativos, ceias volantes.

*Felismina.* — Entre em si, Sr. Giminianno, contente-se com o necessario, e deixe-se de luxo, que por fim fica á divina, e ainda em cima apontado por tollo.

*Giminianno.* — Engana-se, Felismina ; e senão diga-me : o que acha em tudo isto de superfluo?

*Felismina.* — Assim será ; mas o Sr. ainda agora fallava de diversa maneira.

*Giminianno.*— Ainda agora, usava da linguagem dos que não tem vintem.

*Felismina.* — E neste momento, como se julga possuidor d'uma grande fortuna...

*Giminianno*, (*com ar indifferente.*) — Assim, assim... podia ser maior!... Mas o que é certo, e positivo, é que um homem, que pertende tratar-se, não póde viver em Lisboa, com menos de trinta ou quarenta mil cruzados de renda.

*Felismina.* — Mas o Sr. não tem isso!

*Giminianno.* — E o jogo de fundos, os caminhos de ferro, e mil outras cousas do acaso... Afinal, um ca-

pitalista, na minha posição, facilmente duplica, quadruplica, e centuplica a sua fortuna, por um casamento dinheiroso.

*Felismina.* — Safa, que esturradella de cabeça! O Sr. bem sabe, que toda a minha fortuna são doze mil réis, ganhos real a real, pelo bico da minha agulha, que tenho guardados na mão de meu padrinho, que negoceia em trastes usados, os quaes tenho reservado para comprar o meu vestido de casamento.

*Giminianno.* — Porque, está para casar?

*Felismina,* (*com meiguice, encostando-se-lhe ao hombro.*) — Então, não o sabe, velhaquete?

*Giminianno.* (*A' parte.*) — O' diabo, em que apuro me vejo.

*Felismina,* (*enxofrada.* — Que é isso?... preoccupou-se... que tem?

*Giminianno.* — (*A' parte.*) E' preciso saír d'esta entallação. (*Para ella com impostura comica.*) Minha querida menina, você tem vivido até agora n'uma situação muito baixinha.

*Felismina,* (*como acima.*) — Está illudido!... Eu sempre tenho morado em quintos andares, ou aguas furtadas.

*Giminianno.* — Nunca reflectio na differença das jerarchias sociaes...

*Felismina,* (*como acima.*) — A que vem isso ao caso?... Seu pae fazia bonecos de barro.... (*Movimento de Giminianno*), e o meu negociava em caixas de fosforos... por consequencia o nosso casamento, não enche de nodoas as nossas familias.

*Giminianno,* (*sentando-se á esquerda. A' parte.*) — Forte memoria tem esta rapariga... não lhe escapa um trunfo! (*Para ella, mostrando pezar.*) Valha-me Deos! a nossa vida, Felismina, é sempre um campo coberto de cardos... A fortuna, que ha pri-

meira vista, parece trazernos grandes felicidades, vem sempre acompanhada de crueis exigencias...

*Felismina.* (*Derigindo-se a elle com muita seriedade*). — No numero das quaes conta, talvez o desmancho do nosso consorcio?

*Giminianno.* (*Com espanto affectado*). — Longe de mim tal pensamento.

*Felismina.* — Ainda bem.

*Giminianno.*—Felismina, terá sedas, veludos, morés, taratanas, diamantes, enfeites, tudo que pode enthuziasmar, e fazer feliz uma mulher... Hoje mesmo, vou fazer mobilar elegantemente o Templo, do qual a Deosa ha-de ser a menina; aonde eu virei muitas vezes, adoral-a de joelhos.

*Felismina.* (*Com espanto*).—Muitas vezes?!... Sempre, de dia e de noite. (*Com familiaridade*). Quando manda correr os banhos?...

*Giminianno.* (*Com espanto comico*). — Que diz?!...

*Felismina.* — Quando manda correr os nossos banhos?...

*Giminianno.* (*A'parte rápido*).— Eu bem a tinha entendido!... (*Para ella*). Para que é necessario isso?...

*Felismina.* (*Escandalisada, retirando-se um pouco d'elle*). — Para que é necessario?!...

*Giminianno.* — Eu me explico...

*Felismina.* — Não é preciso, porque me vejo obrigada a comprehendelo... Sempre tenho sido muito crédula e pateta, julgando-o um homem de bem... E o Snr. é um...

*Giminianno.* (*Levantando-se*). — Ah!...

*Felismina.* (*Com decisão, passando á esquerda, dirigindo-se ao fundo*). — Adeos, Sr. Giminianno!...

*Giminianno.* (*Figurando querer detel-a*).— Felismina!...

*Felismina.* (*Como acima.*) — Ainda nos veremos uma

vez, que será a ultima ; e se o busco ainda esta vez, é porque quero restituir-lhe as prendas amorosas, que me tem dado, e que tive a fraqueza e condescendencia d'acceitar-lhe, quando o julgava sincero, leal, e tão pobre como eu... (*Vae-se appressadamente, e Giminianno a segue até á porta.*)

## SCENA VII.

GIMINIANNO, (*só*).

*Giminianno.* (*A' porta*). — Felismina!... Felismina!... Foi-se sem querer ouvir mais nada... Felismina!... Felismina!... Bom!... fechou-se, e tranca-se por dentro... (*Voltando para a scena*). Tanto peior para ella... E' o mesmo, outra poderá succeder-lhe... Mas substituil-a nunca!... Mas não farão favor de me dizer, a razão porque todas estas raparigas pobres querem cazar?!... Com effeito!... Há tantas raparigas bonitas em Lisboa... Alguma d'ellas, me pagará o que a orgulhosa Felismina me nega... Mas antes de cogitar em abrir os meus salões deslumbrantes, procuremos primeiro a chave, que ha-de franquear-lhes as portas... (*Procura nas gavetas da commoda*). Sim esta chave d'ouro... Esta apreciavel cautella... Esta preciosa esquirola de papel, que encerra em pouco mais d'uma mão travessa de papel, quintas, cazas, e tudo quanto póde concorrer para a felicidade de vinte familias... (*Continua buscando por todas as partes, abrindo e fechando rapidamente as gavetas*). Aonde diabo meteria eu a Cautella?... Aqui não está nada... Aqui menos... Isto são cartas d'amores... (*Atira com ellas enfadado*). Agora não me importam estas asneiras. . (*Como quem se recorda*). Ah!... em cima d'esta parteleira!... Misturada com os meus annuncios... (*Derigindo-se á partelleira*). Sempre tenho uma

cabeça, bem desarranjada!... Cá estão!... (*Conta as Cautellas*). Faltam-me duas... Vejamos... Queira Deos, que não seja alguma das que eu quero... (*Observa os numeros*). Desapareceu o n.º 15586!... Estou roubado!... Quem seria o ladrão!... Mas busquemos ainda mais... (*Olha para o chão, e ve os restos d'uma Cautella que Felismina queimara*). Restos chamuscados d'uma Cautella .. se fosse... (*Apanha-os*). Valhame-me Santo Antonio, reconheço as vinhetas... O peior é que a chama devorou o numero... Não resta d'elle o mais ligeiro vestigio... E foi Felismina que me arruina, que me mata, quem tal pensaria!...(*Cae desfallecido n'uma cadeira á esquerda*). Não tenho que hesitar... A minha desgraça está consumada... accendeu a vella com um conto e tantos mil réis : d'estas extravagancias tenho eu visto fazer, mas quando muito eram notas de quatro ou dez moedas!...

## SCENA VIII.

GIMINIANNO, E THEODOSIO.

*Theodosio*. (*Entrando sem ver Giminianno, trazendo na mão um ninho de melros*). — Venho agora, trazer-lhe como tributo este ninho de melros... estou certo que ha-de gostar da lembrança... Ha-de gostar d'allegoria!... O melro sustenta-se unicamente de coração... O que lhe fará entender, que eu sem o coração de Felismina não posso viver... (*Vae pôr o ninho sobre a partelleira*).

*Giminianno*. (*Procurando sem ver Theodosio*).— Estou capaz de dar um tiro em mim...

*Theodosio*. (*Reparando em Giminianno*). — Irrorio! um Homem!... (*Corre immediatamente para a porta*).

*Giminianno*. (*Levantando-se passando á direita mui-

*to aprehensivo*). — Mas como ha-de ser isto, senão tenho ao menos com que comprar uma pistola!... (*Voltando-se ouvindo a bulha que faz Theodosio para abrir a porta*). Que faz aqui o Sr.?!... Que pertende n'esta casa?...

*Theodosio*. (*A' parte, com grande medo comico*). — Eu nada.

*Giminianno*. — Essa atrapalhação é natural, se fosse algum malandro...

*Theodosio*, (*Como acima*). — Temos historia.

*Giminianno*. (*Com ar ameaçador a Theodosio*). — Faz favor de me dizer porque entrou aqui?...

*Theodosio*. (*Querendo sair*). — Porque quero sair...

*Giminianno*. (*Pegando-lhe furiosamente por um braço, e fazendo-o passar á esquerda*). — Pois declaro-lhe que não ha-de sair, sem me declarar o motivo da sua vezita...

*Theodosio*. (*Com muita humildade*). — Queira desculpar, sem duvida enganei-me na porta...

*Giminianno*. — Neste pavimento não há mais que duas, a minha, e a da menina Felismina...

*Theodosio*. (*A' parte, olhando de revez para a janella*). — A janella está aberta... (*Para elle como acima*). Eu não conheço essa encantadora joven...

*Giminianno*. — Senão a conhece, como sabe que é joven?... (*Com arrogancia comica*). Sr. tome sentido, e veja em mim dois homens...

*Theodosio*. (*A' parte*). — Será outro phenomeno, como os gemios Siamezes?...

*Giminianno*. — Sim! o amante e o dentista.

*Theodosio*. (*A' parte*).—Dentista!... que famosa escapúla!... (*Para elle*). Era precizamente um dentista, que eu procurava.. (*Tira o lenço, e tapa com elle a bocca*). (*A' parte*). Vou pregar-lhe uma mentira, igual ás embofias dos seus collegas dentrificos.

*Giminianno*. (*Mudando d'aspecto*). — Ah! meu que-

rido Sr., porque não tinha fallado há mais tempo...(*Puxando a cadeira de braços*). Queira dar-se ao trabalho de se assentar... Pesso-lhe que me desculpe a maneira um pouco incivil. (*A' parte*). Vou fazer a minha estréa, em arrancar dentes, ou queixos. (*Depois de varias cerimonias, e observações burlescas, Giminianno faz assentar Theodosio na cadeira*). Sofre muito ?

*Theodosio.* (*Fingindo-se muito magoado*). — Horrivelmente ! Vinha para isso pedir-lhe um balsamo consolador...

*Giminianno.* — Um balsamo !... (*A' parte.*) O peior é que não tenho nada d'isso por ora em caza...

*Theodosio.* — Sim, alguma cousa calmante...

*Giminianno.* —Deixe o negocio por minha conta... O verdadeiro calmante... o balsamo mais expecifico... o elixir mais decesivo... é o boticão...

*Theodosio.* (*Mostrando grande susto comico*).—O boticão !... (*A' parte*). Quem me dera ver d'aqui cem léguas distante.

*Giminianno.* — Com effeito, está muito pállido... mas não tenha susto... vou estirpar-lhe a dôr por uma vez...

*Theodosio.* (*Como acima*). — Sr. dê-me antes o calmante.

*Giminianno.* — Qual carapuça... Eu não uzo paliativos nem embofias... corto o mal pela raiz...(*Observando-lhe o queixo*). Tem a dentuça optima, e completa.

*Theodosio.*—E' verdade, e por isso queria ver se conservava o instrumento sem corda de menos.

*Giminianno.* — Dezeja muito isso ?..

*Theodosio.* — Tanto quanto é a necessidade que d'elles tenho...

*Giminianno.* (*Dirigindo-se á gaveta da commoda, e tirando o boticão*). — Isto é negocio d'um ápice.

*Theodosio.* (*Levantando-se, e procurando esquivar-*

*se á operação*). — Approxima-se o instante fatal... já vejo o instrumento do meu supplicio...

*Giminianno.* — Sente-se meu Senhor... Que eu lhe vou applicar o verdadeiro elixir dentrifico, que extingue o mal para sempre... (*Theodósio torna a sentar-se rapidamente, e abre caricata e afflictivamente a bocca e Giminianno colloca-se junto d'elle, á esquerda).* Não se bula... algumas vezes, um sobresalto imtempestivo do doente, é causa d'uma catastrophe. (*Vae para lhe tirar o dente e depois como quem lhe ocorre uma feliz lembrança, empurra groceiramente a cabeça de Theodosio, e diz á parte).* Santo Deos! que lembrança!...

*Theodosio. (Dando um grito d'afflição comica, e levantando-se*). — Onde está o osso dos meus ossos... Dê-o cá, não quero perder esse bem de raiz.

*Giminianno. (Metendo o boticão n'algibeira. A' parte).* Deixaria eu ficar a cautella do premio grande, n'algibeira da quizena que fui empenhar! (*Sae rapidamente).*

## SCENA IX.

THEODOSIO E *depois* FELISMINA.

*Theodosio, (Só muito desfallecido*).—Este medalhão de certo endoudeceu, mas eu conservo a minha queixada intacta, que é o principal... Escapei milagrosamente.

*Felismina.* (*Entrando com um pequeno cofre de papelão, que põe em cima da commoda*). — Sim preciso, e hei-de ter coragem... *(Reparando em Theodosio*) Que vejo, o Sr. aqui, não obstante a minha prohibição...

*Theodosio.* (*Indo buscar o ninho de melros e apresentando-lho*). — A menina gosta de melros?...

*Felismina,* (*arrumando a cadeira, em que Theodosio esteve sentado.*) — A que vem essa pergunta? Ainda agora estava aqui um rapaz...

*Theodosio,* (*depois de pôr novamente o ninho onde esta-*

*va.*) — Sim, um sogeito, que ou estava pingado, ou tem pancada na bolla ; acaba de sair muito assaralhopado...

*Felismina.* — Sr. Ambrosio...

*Theodosio.* — Theodosio, minha bella...

*Felismina.* — Como queira... dezejo ficar só.

*Theodosio.* — Comigo?

*Felismina.* — Não Sr. só comigo.

*Theodosio.* — Cruel, antes de me separar, tenho uma restituição a fazer-lhe.

*Felismina.* — Eu não lhe dei couza alguma.

*Theodosio.* — E' verdade que nada me deo... mas atirou-me com alguma couza.

*Felismina.* — Eu! por que! aonde?

*Theodosio.* — Por essa janella. Ainda ha pouco, não sabendo como expressar-lhe, fazer-lhe sentir o meu amor, intentei dar-lhe um descante, no genero Hespanhol...

*Felismina.* —Com um clarinete, que parecia uma gaita de foles?

*Theodosio* — Era-mos dois, por que eu não sou homem de meias doses.

*Felismina.* — Pois eu cuidei, que eram alguns philarmonicos de meia tigella.

*Theodosio.* — Pois era eu e um amigo. Estava de ventas no ar, com esperança de ver esse lindo rosto, quando de repente percebo essa delicada mão, que me bateu com isto na testa, do que me resultou um furioso galo.

*Felismina.* — Desculpe... cuidei que era algum cégo.

*Theodosio,* (*dando-lhe o embrulho.*) — Queira aceital-o... Não é esta a moeda, que eu pertendo em troca d'um coração, que me roubou. (*Felismina, senta-se á esquerda, com ar impaciente.*)

*Felismina,* (*levantando-se.*) — Dê essa bagatella, por minha tenção a algum pobre.

*Theodosio,* (*com ternura comica.*) — Pobre, sou eu, porque não possuo esse thezouro...(*Puxando pelo relo-*

*gio.*) Tenho ainda dez minutos... Rogo-lhe queira abrir esse papel, e certificar-se que é o mesmo dinheiro que me atirou... (*A' parte*) E' o meu retrato, em miniatura.

*Felismina*, (*com indifferença.*) — Para que serve isto?

*Theodosio*, (*com muita humildade.*) — Faça-me este favôr...

*Felismina.* — Se não pede mais do que isso, eu o satisfaço. (*Abre o papel, que examina com sobresalto.*) Ah! este papel!...

*Theodosio*, (*A' parte.*) — Produsio o effeito que esperava.

*Felismina.* — Que vejo!

*Theodosio.*—E' a insignificante copia, deste mesquinho original, tal qual eu era no anno de 1809 em que se crearam as ligiões dos chuços... Ha-de achar-lhe alguma differença, por que os annos não passam debalde; mas affirmo-lhe que se o fizico está deteriorado... o meu coração está com a frescura da joventude... está ainda em folha...

*Felismina.* — Sr. Thimoteo...

*Theodosio.*—Theodosio... sim Theodosio Soneira...já por mais d'uma vez, tenho tido a honra de lhe dizer o meu nome...

*Felismina.* — o Sr. póde fazer-me um obzequio...

*Theodosio.*—De retirar-me, entendo.... já o sei.. por que a menina já o disse, e eu não sou fraco de memoria.

*Felismina.* — Não se escandaliza?

*Theodosio.* — Os Theodosios não são espantadiços...

*Felismina.* — Então! Queira ir á estação da companhia movimento, sabêr a que horas parte a deligencia para Mafra.

*Theodosio.* — Tem que mandar alguma encomenda para o Collegio Militar?

*Felismina*, — Não... é por que eu sou de Mafra, e volto hoje para a minha terra.

*Theodosio* — Então, permita-me que acompanhe...

*Felismina.* — Veremos... Vá saber da deligencia.

*Theodosio* — N'uma seje, poderia ir mais depressa.

## SCENA X.

GIMINIANNO, FELISMINA, E THEODOSIO.

*Giminianno*, (*dentro.*) — Pinhorem-me os trastes... encaixem-me no Limoeiro.

*Felismina*, (*com sobresalto.*) — Giminianno!...

*Theodosio*, (*sentando-se n'uma cadeira, ao fundo, proximo da janella.* — (*A' parte.*) — Chegou o meu assassino!.. cuidei que estava livre d'elle...

*Giminianno.* — Faça o que quizer, eu não tenho um real para lhe pagar a renda da caza.

*Felismina*, (*A' parte.*) — Bate-me o coração com tanta violencia, que parece querer sair dos seus lemites!

*Giminianno*, (*entrando, com espanto comico, vendo Felismina.*) — Felismina em minha caza!... (*A' parte.*) Que ventura! (*Alto para Theodosio.*) Que faz ainda aqui?...

*Theodosio*, (*levantando-se, e conduzindo a cadeira para a bocca da scena e sentando-se com impostura comica.*) — Estava-o esperando a pé firme, cazo pensado, e rixa velha. (*Abre a bocca.*)

*Giminianno.* — O Sr. teve uma grande paciencia!

*Theodosio.* — Com ella se alcança muita couza! (*A meia voz a Felismina.*) Não é verdade, menina!...

*Felismina*, (*a meia vóz a Theodosio.*) — Calle-se: não se esqueça do que lhe recomendei... (*Theodosio vira-se para Giminianno, abrindo de novo a bocca. Este puxa o boticão, e aproxima-se de Theodosio, que lhe faz uma*

*careta ; depois torna a meter n'algibeira o boticão, e diz para Theodosio.*) Queira vir mais tarde.

*Theodosio*, (*levanta-se.*) — Isso queria eu. (*A meia voz a Felismina.*) Vou á estação do movimento. (*Alto para Giminianno.*) Tenho a honra de lhe fazer os meus cumprimentos. (*A' parte.*) Levo os dentes todos, posso mandar dizer uma missa a Santa Apolonia. (*Vae-se.*)

## SCENA XI

GIMINIANNO E FELISMINA.

*Giminianno*, (*para Felismina.*) — Estava bem certo, que aquelle adeos, de ainda agora, não era eterno.

*Felismina.* — Tinha prometido de o tornar a vêr ainda uma vez. O prometido, é devido... aqui estou, Sr. Bem sabe o motivo da minha vezita. (*Vae buscar o coffre de papelão, e lho apresenta.*)

*Giminianno.* — Sim, vem restituir-me algumas prendas, que n'uma epoca feliz, lhe offereci, e a Sr.ª me fez a honra d'aceitar.

*Felismina.* — As quaes não devo conservar por mais tempo, em meu podêr... acceite-as Sr. e restitua-me em troca as minhas cartas.

*Giminianno.* — Assim o exige?

*Felismina*, (*com decizão.*) — Exijo.

*Giminianno*, (*pegando no coffre, metendo-o n'uma das gavetas da commoda, e tirando um maço de cartas, se derige a Felismina.*) — Resigno-me aos seus preceitos.

*Felismina*, (*como acima.*) — Obrigado, Sr.

*Giminianno*, (*chegando-se a Felismina, apresentando o maço das cartas, e um ramalhete já murcho.*) — Aqui tem Felismina, esta é a resposta á minha primeira

carta... repare que aqui conserva a mancha d'uma lagrima amoroza que sobre ella derramou.

*Felismina.* — Não foi só essa que derramei... porem eram de gosto, porque me julgava ditoza.

*Giminianno.* — Receba tãobem este ramalhete, que ambos colhemos no jardim do campo grande.

*Felismina.* (*A' parte.*)—Tinha-o conservado!

*Giminianno,* (*com paixão.*) — Ah! Felismina, se quizesse...

*Felismina* — Já lhe disse, que é impossivel.

*Giminianno,* (*com espanção dramatico-comico.*) — Então!... Visto que um minuto de erro, lhe fez perder a memoria d'um anno de constancia... receba essas flores... receba tudo, e separemo-nos immediatamente!... (*Entrega-lhe tudo, e vae sentar-se á esquerda.*)

*Felismina,* (*com ironia.*) — Outras suprirão o meu logar, e como o Sr. é rico... e não é exquisito na escolha...

*Giminianno.* — E' verdade!... Sou rico?... A fortuna faz o mesmo que a menina,abandonou-me immediatamente.

*Felismina.* — Já?

*Giminianno.*— A' Sr.ª, que vive quasi na minha companhia ha tanto tempo, e que foi a cauza da minha ruina, é que tinha direito de pedir me animasse na minha angustia!...

*Felismina.* — Eu!

*Giminianno,* (*mostrando-lhe o resto da cautella queimada, que estava no chão.*) — Vê, este resto de maior quantia?

*Felismina,* (*com pezar, e sobresalto.*) — Então?

*Giminianno.* — Este era o meu unico titulo, a parte que me competia na sorte grande... agora só me resta chorar a minha desgraça, por uma innocente inadevertencia da Sr.ª...

*Felismina*, (*como acima.*) — E os pezares!...

*Giminianno.* — Esquecel-os-hei, n'um momento, em que uma palavra sua, um meigo olhar... desculpe um momento de loucura.

*Felismina.* — Engana-se, Giminianno, eu não queimei a sua fortuna.

*Giminianno.* — Então que lhe fez?

*Felismina.* — Deitei-a, pela janella fóra.

*Giminianno.* — Tanto faz dar-lhe na cabeça, como na cabeça lhe dar... Explique-se...

*Felismina.* — Quando hoje pela manhãa, estava-mos formando castellos no ar, lembra-se que um desafinado clarinete...

*Giminianno.* — Nos quebrava os ouvidos, e que para o fazer mudar, a menina lhe atirou uma pataca mascavada...

*Felismina.* — Que embrulhei, por descuido, n'uma cautella, que tinha o numero 15...

*Giminianno.* — Que! Felismina...

*Felismina.* — Vieram restituir-ma.

*Giminianno*, (*com sobresalto.*) — Não brinque, Felismina... isso são graças pezadas... dois choques d'estes no mesmo dia... são capazes de transtornar a cabeça mais sólida d'um litterato sem chinó.

*Felismina*, (*dando-lhe o papel que lhe entregou Theodosio.* — Receba, Sr. Giminianno, e com elle recupere as esperanças, e illusões, em que eu não devo, nem quero tomar parte. (*Derige-se para a porta.*)

*Giminianno.* — Escute, Felismina... (*Para ella.*) A mudança rápida, inesperada da mizeria para a opulencia, por um instante poderam perturbar-me a cabeça... Fui rediculo, fui peior que um burro d'aguadeiro! Mas agora, que estou no meu estado normal, que a embriaguez da ventura desappareceo, recuzo esta fortuna, se a menina não quer n'ella tomar parte comigo...

*Felismina.*— Para que?!... Para depois ma deitar na cara, reprehendendo-me por me approveitar d'um lucido momento de generosidade.

*Giminianno.* — Logo, está resolvida a deixar-me?

*Felismina.* — Volto para Mafra, minha terra natal, e protesto não tornar mais a Lisboa.

*Giminianno.* — A sua resolução é inhabalavel?

*Felismina.* — Nada é capaz de me fazer mudar.

*Giminianno,* (*com ar romantico comico.*) — Então, visto que este ouro, que o acazo me deu, que o acazo me roubou, que o acazo novamente me restitui-o, é o unico motivo que se oppõe á nossa união... que o leve o diabo, que desappareça para sempre... (*Querendo despedaçar a cautella.*)

*Felismina.* (*Detendo-o*). — Que faz imprudente?

*Giminianno.* — Responda, ainda teima em deixarme?...

*Felismina.* (*Com transporte*). — Não, generoso mortal, sejamos inseperaveis!...

*Giminianno.* — Promete esquecer tudo?...

*Felismina.* — Sim, excepto esta surprehendente prova da sua dedicação, e affecto.

## SCENA XII.

(*Os mesmos*), E THODOSIO.

*Theodosio,* (*entrando, a meia voz a Felismina*). — A deligencia, parte dentro de vinte minutos, mas eu tenho lá em baixo uma seje.

*Felismina,* (*com sequidão*) — Já não vou.

*Theodosio,* (*estupefacto*). — Ah! ah! ah!..

*Felismina,* (*indicando-lhe Giminianno*). — Vou casar, com este Sr.

*Theodosio,* (*como acima*). — Ah! ah! ah!..

*Giminianno,* (*dirigindo-se a Theodosio*). — Ha-de ser

o nosso padrinho, e eu lhe tirarei gratis o dente, que foi a causa de eu o conhecer.

*Theodosio, (recuando com susto comico).* — Obrigado! entretanto dezejo-lhe que sejam felizes e ditosos.

*Giminianno.* — Meu amigo, conserve-se solteiro, que lhe ha-de fazer bem.

*Theodosio.* — Engana-se... Na minha idade, torna-se necessaria uma mulher, menina, e bella.

*Giminianno.* — Na sua idade, meu amigo, contas na mão, borraxa á cinta.

FIM.

## DECLARAÇÃO.

Esta Farça não póde ser representada em Theatro algum de Portugal, e seus dominios, sem licença do seu imitador o Sr. Francisco Xavier Pereira da Silva, na conformidade da novissima lei de propriedade litteraria.

Lisboa 11 de Janeiro de 1854.

N. B. Entende-se com os Theatros Publicos.

# O CONDE DE SANTO ILDEFONSO

COMEDIA EM UM ACTO E DOIS QUADROS

POR

C. E. LOPES FRANCO

LISBOA
TYP. DE JOSÉ DA COSTA NASCIMENTO CRUZ
Calçada do Collegio, 6

1863

## PERSONAGENS

| | | |
|---|---|---|
| O CONDE DE SANTO ILDEFONSO, jogador. . . | 29 | annos |
| FREDERICO DE LIMA, jogador . . . . . . . . . . . | 23 | » |
| LUCIA DE LIMA, sua irmã. . . . . . . . . . . . . . | 17 | » |
| RAPHAEL MONTEIRO, musico (cantor). . . . | 26 | » |

## ACTO 1.º E QUADRO 1.º

# O CONDE DE SANTO ILDEFONSO

## COMEDIA EM U[illegible]O [illegible]DOIS QUADROS

---

O theatro repr[illegible] ma[illegible] sem moveis ; duas portas a[illegible]o, u[illegible] e uma janella que significa de[illegible] para[illegible]

A scena passa-se em L[illegible]boa no anno de 1861.

S[illegible]A

FREDERICO, *só*

FREDERICO, *está encostado á janella, fumando n'um charuto.* E' quasi noite. . . não sei que faça, se vá para a occupação, ou se vá dar um giro no passeio publico. . . vamos vêr os fundos, (*tira dinheiro da algibeira e conta-o*) Está feito ainda tenho seis vintens e cinco réis. . . não é pouco. . . A maldicta vermelhinha deixou-me hontem mesmo a tenir ! . . . (*Chama*) Lucia. . . Lucia. . .

## SCENA II

FREDERICO *e* LUCIA

LUCIA, *á porta.* O que quer?

FREDERICO. O que quero!... Ah, não pódes entrar por causa do balão... não tem duvida, eu te ajudo. (*pucha por ella*) Oh! isto quer geito!..

LUCIA, *zangada.* Quer sim, escangalhando-se!... Fiquei bonita!... e não tenho outro balão!..

FREDERICO. Vamos ao que vale, queres ir ao passeio? Hasde querer certamente...

LUCIA. Ora essa!.. N'este arranjo?! não tenho outro balão... (*á parte*) Inda bem que isto succedeu... (*alto*) Ah, e tu queres ir ao passeio sem ter dinheiro?!

FREDERICO. Sem ter dinheiro! Seis vintens e cinco réis, o que é?.:. Ora cala-te, cala-te.

LUCIA. E a ceia?

FREDERICO. Imbecil, já não comeste hoje duas vezes?!.. Vamos a saber, queres casar com Raphael??... Pensa bem que fazes a tua fortuna casando com elle.

LUCIA, *á parte.* Eu que amo tanto... e que breve serei fidalga!.. (*alto*) Oh, mano deixe-se d'essa teima!.. Eu não quero casar...

FREDERICO, *á parte.* Aqui ha o quer que seja... (*alto*) Tu amas alguem Lucia.

LUCIA. Não, mano, não amo... mas...

FREDERICO, O que?... Ah! ah! ah! (*rindo*) Nem aquelles meninões, que firmam a tacada com a bengala na mão esquerda e carambolam, a mim me embaçam; quanto mais tu, minha criançola... Dá-me d'ali o meu par de calças pretas novas. Anda depressa.

LUCIA. Novas!.. Estão mesmo a dizer o ultimo adeus. (*entregando-as*) Estão no fio.

FREDERICO. São as unicas que tenho, para sair á rua. (*sacode com força, e uma metade das calças cáe no chão*) Ah!... (*estupefacto*)

LUCIA. Ah!... (*idem*) Eu não disse que estavam a dizer o ultimo adeus.

FREDERICO. Maldicção!.. (*bate com o pé no sobrado.*)

LUCIA. Olha... o que fizeste! com tamanha força bateste com o pé no chão, que te caíu o salto do sapato. (*mostra-lhe o salto da bota.*)

FREDERICO. Com nove milhões de diabos!.. (*apanha o salto, e atira com elle á janella; bate n'um vidro e o quebra.*) Vae buscar as palhetas rotas, que eu tinha deixado para deitar fóra. (*Lucia sáe.*)

## SCENA III

FREDERICO, *só*

FREDERICO. Esta [illegible]a é o transtorno da minha vida; eu que [illegible] viajar, divertir-me, vêr esses [illegible] genios, de que se compõe este glo[illegible] causa d'ella desprezo a fortuna, que [illegible]ecia, de ir na companhia d'aquelle gra[illegible]nor... O conde de Santo Ildefonso!...

## SCENA IV

O DITO *e* LUCIA

FREDERICO. Dá cá isso. (*calça-os, e atira com os que tinha pela janella fóra.*) Vou vêr se o visinho me empresta um par de calças para sair. (*sáe*)

## SCENA V

LUCIA, *só*

LUCIA. Que aborrecida estou d'este viver insipido!.. Mas está por pouco, não tardará muito, que eu não esteja condeça... Oh! que

feliz eu heide ser!.. satisfeitos todos os meus caprichos... (Entra Raphael.)

## SCENA VI

LUCIA *e* RAPHAEL

LUCIA. Ai!.. que susto tive... Como passou sr. Raphael? (*com indifferença*).

RAPHAEL. Lucia!.. (*com enthusiasmo*) Não me trates assim Lucia!

LUCIA, *á parte*. Se adivinhasse que elle vinha, tinha fechado a porta. (*alto*) Então como te heide tratar?!.. ah! ah! ah! (*rindo*) Estás mesmo louquinho!...

RAPHAEL. Oh, Lucia, Lucia!.. não zombes da minha fraqueza, Lucia!.. Por piedade não escarneças do homem a quem soubeste inspirar uma paixão ardente!.. Oh, não, por Deus! por Deus!.. (*ajoelha e beija-lhe a mão*) Pensae, Lucia, que o homem que te ama tão cega e fervorosamente, como eu te amo, jámais poderia viver sem ti!.. a não ser o resto de seus dias de vida, um penoso martyrio!.. Eu adoro-te, idolatro-te Lucia!.. Oh, compadece-te de mim! sim, sim, dá-me a tua mão de

esposa, que é no que consiste toda a felicidade da minha existencia...

LUCIA. Levanta-te Raphael. (*levanta-se*) Ouve Raphael, o nosso conhecimento é desde o berço, se póde dizer, isso estipula entre nós uma amisade sincera, qual de irmãos, e, impede que haja a de noivos; por isso Raphael, o melhor é desimaginar-te.

RAPHAEL. Isso é um pretexto vão, frivolo, que nem tu achas phrases para correctamente o expressar. Diz antes Lucia, que me desprezas, porque sou artista; porque não sou um falsario, improvisando de nobre, um fingido fidalgo... Comtudo, bem sabes, que por em quanto te podia ter com decencia e honestidade; e em recebendo, o que talvez não tarde muito a receber, então possuindo um milhão, ou mais, te poderia ter com grandeza.

LUCIA, *á parte*. Se eu deixava de ser fidalga, para ser mulher de um artista!.. (*alto*) Não te hão de faltar mulheres bellas, encantadoras, que pretendam a fortuna, que tu lhe pódes fazer; porém eu sempre te amarei, como irmão, mas nunca como marido.

RAPHAEL. Desprezas-me Lucia!?.. por eu não ser um devasso, um jogador, d'esses que se dizem grandes senhores, para illudir o mun-

do, não é assim?.. Como o conde de Santo Ildefonso. (*Lucia sáe, e entra Frederico.*)

## SCENA VII

RAPHAEL e FREDERICO

FREDERICO. Atrevido, de quem fallas, miseravel?

RAPHAEL. E' assim que me pagas os beneficios que te hei feito!?.. A minha bolça sempre disponivel para te valer. O meu braço sempre prompto a defender-te dos que justissimamente te queriam castigar, pelas tuas más acções...Ingrato, infame!.. (*pausa breve*).

FREDERICO. Embora... Fallas de uma alta personagem... o que eu não consinto... Fallas daquelle homem tão generoso, que o conheço ha só um mez, tenho jogado com elle tres vezes, de uma, ganhei-lhe sete libras, de outra nove, e de outra cinco; e cada vez mais meu amigo; até me queria levar em sua companhia!...

RAPHAEL. Digo a verdade... Rei nenhum lhe deu o titulo de que elle usa.. (*parte zangado, e Frederico sáe tambem, e deita a chave pela banda de fóra.*)

## SCENA VIII

LUCIA, *só*

LUCIA. Quem daria o titulo ao meu querido D. Jorge... (*chega á janella e volta para dentro*) Que bella noite está... E' quasi chegada a hora de elle vir debaixo da janella... oh! que momentos de felicidade!.. Que elegante moço, que dôce expressão...

(*Ouve-se da banda da janella as vozes de homens qve passam pela rua, e entôam ao som d'uma guitarra as seguintes strophes:*)

As donzellas que namoram,
Os devassos jogadores
A quem os vicios devoram,
Que não são de si senhores...

Aquellas que não demoram,
Os desejos dos amores.
E' já tarde quando choram
Ter-se dado a seductores...

Aquelles que a ambição,
Faz da vida o trilho errar,
Que de qualquer figurão
Se deixam logo embaçar.

Quando vêem clara a razão,
Já não podem recuar,
Opprimido o coração,
Só lhe resta ao céu bradar!..

*(Lucia chega á janella, e escuta com attenção, e volta para dentro exclamando :)*

Oh, meu Deus!.. ao escutar estes sons, parece que um calafrio me gela o sangue nas veias!.. eram tres homens vestidos de preto, e embuçados de maneira que era impossivel devisar-lhe os rostos... Ah! meu Deus, meu Deus! qual será a significação daquellas palavras...

*(Abre a porta da banda de fóra, com uma chave falsa, e entra o conde de Santo Ildefonso.)*

## SCENA IX

O CONDE *e* LUCIA

LUCIA. Oh! céus!.. que vêjo... (*com alegria*) Como é que?!..

CONDE. Vêde senhora!.. (*mostra a chave: pequena pausa.*)

LUCIA, *assustada*. Oh, meu Deus!.. mas é que...

CONDE. Oh, senhora! escutae-me um instan-

te, um só instante!.. Sendo, como haveis de ter ouvido dizer; involvido em alta politica. (*á parte*) Fazer valer ideias... (*alto*) não me é possivel demorar-me em Portugal, nem mais um dia... E seria possivel partir e deixar-vos?!. (*pausa*) Oh! por Deus, que não... por isso venho prestar-vos a homenagem que o cavalheiro presta á dama. (*ajoelha, beija-lhe a mão e levanta-se logo*) E perguntar-vos para que me respondeis solemnemente: amaes-me?.. (*pausa.*)

LUCIA, *com enthusiasmo.* Oh! sim, sim, amo-vos, amo-vos!..

CONDE. Oh! pois então vinde aos braços do vosso amante, do vosso esposo... Partimos hoje mesmo para Italia, onde el-rei Victor Manoel me espera, para me agraciar com um mais elevado titulo, em compensação dos meus serviços prestados á nação italiana... (*breve pausa*) chegados lá, serão celebradas as nupcias do nosso consorcio, com toda a pompa do estilo... lá encontrareis thesouros magestosos, palacios, trens, embarcações, tudo a vossa disposição... Até Pio IX hade abençoar a nossa santa união... (*pausa.*)

LUCIA. O padre santo!!!

CONDE. Elle mesmo, é muito meu amigo. (*á parte*) Nunca em minha vida o vi. (*alto*)

Vinde, vinde senhora que a carruagem nos espera proximo. . . (*toma-lhe a mão*).

LUCIA. Oh! sim, sim, vou!. . (*caminham para a porta, e Raphael entra pela janella.*)

## SCENA X

OS MESMOS *e* RAPHAEL

RAPHAEL. Detem-te miseravel! (*caminha para elles*).

LUCIA, *com susto*. Meu Deus, meu Deus!. . (*foge para dentro*).

## SCENA XI

OS DITOS *menos* LUCIA

CONDE. Que pretendes de mim imbecil?!. . (*agarra Raphael por um braço*) Hein, responde bigorrilhas. . .

RAPHAEL. Larga-me velhaco. (*Faz um gesto com força, que se solta, e quasi atira com o conde, que se segura no ar, para não cair no chão.*) Impedir-te de praticares a vil acção que ias praticar, valendo-te da fraqueza de uma mulher que te ama. . . infame!. . Eu te desafio. (*breve pausa*) Acceita á fé de cavalhei-

ro, se és nobre... escolhe o sitio, e as armas.

CONDE. Ah! ah! ah! (*rindo*) Não posso aceitar a tua offerta, que és um vilão...

RAPHAEL. Miseravel!.. Sou um vilão, porque salvei a victima do teu engano...

CONDE. Cala-te, atrevido, mentiroso... (*Entra Frederico.*)

## SCENA XII

OS DITOS *e* FREDERICO

FREDERICO. Que é isto, que é isto?!..

CONDE. Não é nada, para o que podia ter sido, amigo Frederico, foi este sujeito, (*designa Raphael*) que abriu a porta com uma chave falsa...

RAPHAEL. Elle, elle! é que abriu a porta com a chave...

CONDE *e* FREDERICO. Cale-se, cale-se!..

CONDE. Foi elle que abriu a porta com a chave falsa; e eu entrei pela janella, a que tive a deliberação de pular, para salvar a honra de tua irmã...

RAPHAEL. Tu, tu! infame, cobarde! e atreves-te?!.. (*lança-se ao conde, e Frederico os aparta.*) (*Cáe o panno*).

## QUADRO 2.°

Vista: Uma sala pequena: Uma porta ao fundo, uma lateral, e uma janella, que significa deitar para a rua. Poucos moveis e mui velhos; apparentando muita pobreza.

A scena passa-se em Lisboa, no anno de 1862.

### SCENA I

LUCIA, *só*

LUCIA. Ah!... (*suspira*) Quasi um anno se tem passado, em que o trabalho, a mingua, e o soffrimento, teem sido o meu companheiro de noite e de dia!... Eu que podia estar casada com o homem que me amava!.. Ah! mocidade, mocidade! quanto erras em pensar leviano... Bem diziam aquelles homens, que passaram cantando, por debaixo da minha janella, naquella noite fatal, em que vi, pela ultima vez, meu irmão, Raphael, e o conde... Depois de passar uma noite, e quasi um dia, em ancias e sustos, recebo este papel!.. (*toma uma carta de cima da mesa e lê o que se segue*:)

«Senhora

«Visto não vos restar nenhuma pessoa de fa-

milia, previno-vos de que, se quizerdes alimentar a existencia, devereis tomar o conselho que vos dou; que é, entregar-vos ao trabalho. E por tanto ahi vos remetto duas libras, em nome do vosso irmão, ultimo que recebereis delle, porque partiu hoje na minha companhia, e nunca mais tornará a Lisboa.

«O homem que impediu de eu vos roubar a honra, assim como vos roubei o unico parente que tinheis, tambem partiu hoje. Por isso não tendes mais que esperar, tomei o expediente: aluguei uma casa apropriada, para vós habitares sósinha, e procurae vida; tende sempre animo, e não vos deixando illudir por ninguem. . . Tomae o exemplo do que vos aconteceria commigo, se não fôsse Raphael. . .

«Acceitae o ulti[illegible]eus, d'este que beija respeitoso os vo[illegible]ãos.

*« D. Jorge de Vasconcellos*

*« Conde de Santo Ildefonso. »*

LUCIA. Ah! . . (*assenta-se e deixa cair a carta no chão*) Ha quasi um anno, sem amparo mais do que o meu trabalho! . . é o que fazem as donzellas, em desprezar as propostas e conselhos de suas familias, para só attende-

rem a seus gostos, ou seus caprichos. . . O que a mim me succedeu, não succede por certo a innocente obediente, que só escuta a voz paternal. . . *(Ouvem-se as vozes de homens, que passam pela rua, e entoam strophes ao som de guitarra, como no quadro antecedente:)*

Vem o ente apaixonado
Com o sorriso de ternura,
Ainda enthusiasmado
Em fazer a tua ventura.

E deve ser por ti amado,
Da tua honra o salvador,
E por outro namorado
Não desprezes seu amor...

Por ti mesma conhecida
A tua triste inclinação !...
Do passado arrependida
Delle tens logo o perdão...

E' o vago pensamento,
Que favorece o profano,
Da virtude esquecimento,
Das donzellas triste damno...

Mas agora o soffrimento
Dessipou-te a má tenção,
De ambos tem fim o tormento,
Dá-lhe, dá-lhe o coração...

LUCIA. Meu Deus!... que escuto!... (*chega á janella e volta*). Os mesmos homens daquella infausta noite:... Oh! sim, se Raphael estivesse em Lisboa, não estaria eu como estou, ha quasi vinte e quatro horas, sem tomar o minimo alimento!... Porque essa pobre velha, minha visinha, que me tem feito as vezes de mãe, o mesmo lhe succede... Sim, se Raphael estivesse n'esta cidade, eu me prostraria a seus pés, e com minhas lagrimas obteria o perdão d'elle. Oh, só Deus é que sabe se o meu arrependimento é verdadeiro!... Agora é que eu prezaria, e estimaria Raphael, como elle merece... (*ouve-se chamar de longe*) lá chama por mim a minha querida velhinha; que me quererá!... (*Sahe e deixa a porta aberta*).

## SCENA II

RAPHAEL, *só*

RAPHAEL. (*entrando*) Vi tudo, foi aqui ao lado, a casa d'essa santa mulher, que tão indulgente tem sido para com ella; e que em compensação d'isso, vae ser mais feliz o resto de

seus diaa Dois contos de réis vae receber hoje da minhs.mão. . . (*Lucia entra*).

## SCENA III

RAPHAEL *e* LUCIA

LUCIA. Oh! meu Deus, que vejo!. . . Dae-me forças meu divino Pae!. . . (*cáe de joelhos*) Perdão Raphael!. . . em nome do amor, que me tivestes, eu supplico o teu perdão para mim!. . . (*chora e Raphael toma-lhe a mão e levanta-a: pequena pausa.*)

RAPHAEL. Acredita Lucia, que só tu é que inda, presentemente, occupas todos os meus pensamentos... por isso a primeira coisa de que tractei apenas cheguei hoje a Lisboa, foi saber noticias tuas; e sube tudo o que se tem passado, durante o tempo da minha ausencia. . . Eu ainda te amo, como te amava, e sempre te amarei. . . e agora que possuo mais de um milhão; já te posso ter com grandeza, creio não rejeitarás unir a tua sorte á minha? como fizeste ha um anno!. . .

LUCIA. Ah! (*suspira*) se as minhas lagrimas podessem provar o meu arrependimento!. . . E'

tal o effeito, que em mim têem produzido as tuas dignas acções, que, hoje te amo... Oh! sim acredita, que te amo o quanto uma mulher póde amar... (*pequena pausa*).

RAPHAEL. Oh! quanto sou feliz!...

LUCIA. Não és mais do que eu!... (*dá-lhe a mão com meiguice*)

(*Frederico á porta*).

## SCENA IV

OS MESMOS *e* FREDERICO

FREDERICO. (*Com humildade.*) Soccorram, pelo divino amor de Deus, este misero, que vem de longiquas terras, solicitando a caridade dos fieis; sem lar, sem parentes, rotinho e morto de fome!... Tende compaixão, senhores!...

RAPHAEL. (*Reparando*) Que vejo!!!... (*recúa um passo. Pequena pausa*).

LUCIA. (*Idem*) Meu irmão!!! (*recúa. Pausa breve*).

FREDERICO. (*Conhecendo-o*) Bemdito Deus! onde o destino me trouxe!... Perdão!... (*cáe de joelhos*) perdão para o desgraçado, que bem caro ha pago seu erro!... (*pausa*) Saí da minha

patria, desprezei a minha irmã!... (*áparte*). Mas quanto depois o remorso me opprimia o coração, e sem remedio!... (*alto*) Crente nas mentiras daquelle embusteiro, que teve astucia para me capacitar, que vós ereis o seductor de minha irmã... em vez de gozar as delicias que offerece o viajar com todas as commodidades da vida: era por elle apresentado n'essas sociedades de homens vicionarios, que se entregam ao jogo de corpo e alma; aonde eu ganhava ás oiteita e noventa libras n'uma noite, em quanto elle ganhava outro tanto. Em estando uma ou duas semanas n'uma cidade, marchavamos logo, para outra, por causa de nos não pôrem os miolos ao fresco... Já eu tinha de meu uns poucos de contos de réis: estavamos n'um hotel em Londres, quando um dia fui passear para o campo, e o conde ficou em seu quarto, dizendo, que estava incommodado, que não saía n'aquelle dia. No quarto delle é que estavam as malas que continham o dinheiro. Imaginae, senhor, qual sería o meu espanto e desesperação, quando voltei á noite, e não vi, nem conde, nem coisa alguma no quarto d'elle, e meu, do que nos pertencia... Ah! que momento de raiva, e de afflicção!... (*pausa*). Perguntei por elle, responderam-me, que se tinha ido para a Russia,

segundo o que elle dizia. Até hoje jámais o vi, nem o verei!... Agora que vêdes o que tenho soffrido, perdoae-me! Oh por Deus perdoae-me!... (*torna a ajoelhar, e Raphael torna a ajudal-o a levantar-se*).

RAPHAEL. Eu não só vos perdôo, como tambem lhe dou com que possa fazer frente a tanta miseria... Estes papeis valem, um conto de réis (*entrega-os a Frederico*).

LUCIA. Eu tambem te perdou do intimo da minha alma.

FREDERICO. Senhor, não acho phrazes para vos expressar o meu reconhecimento a um tal beneficio, que sobrepõe a todos os que de vós tenho recebido, e tão mal compensei!... Mas não é a mim, que me compete a retribuição, é sim a Deus, que sabe premiar os justos... (*ajoelha e beija-lhe a mão.*)

RAPHAEL *e* LUCIA. Nada de humildades; o que vos recommendamos é, que não vos torneis a deixar illudir por algum outro conde de Santo Ildefonso... (*pausa*)

FREDERICO. (*Com enthusiasmo*) Oh! que dois corações tão bondosos, que o céu vae unir pelo sagrado laço do matrimonio... Deus vos abençoe!...

RAPHAEL. A mesma vida desordenada, desse

miseravel vagamundo, que se dizia grande senhor; é o justo castigo da sua malignidade... E nós agora que estamos felizes, na paz de Deus, devemos perdoar-lhe o mal, que nos fez, para que tambem os outros nos perdoem qualquer falta que tenhamos.

FREDERICO. Eu da minha parte perdôo ao que:

*(Recita a copla, com acompanhamento de musica)*

Era um embusteiro errante,
Que falçamente se dizia
De altivos nobres descendente,
E assim a todos illudia...

*(Raphael e Lucia, recitam o dueto, com acompanhamento de musica).*

BALADA

Se a misericordia que Deus nos manda ter
Observada pelos homens só foi outr'ora...
Para vêr que'inda ha crença; «e sempre hade haver»
Perdoando as offenças o mostramos agora...

FIM.

# GANHEI A PARTIDA!

**COMEDIA EM 1 ACTO**

IMITAÇÃO

POR

GUILHERME AUGUSTO GUTIERRES DA SILVA

LISBOA

Imprensa de Julio Cesar Pereira Coutinho

rua dos Cannos - 50

1848

## PERSONAGENS

A CONDESSA MARGARIDA........ 26 annos.
HELENA, sua amiga............. 25 »
O VISCONDE................ 27 »
D. LUIZ DE MENDONÇA.......... 30 »
Um criado.

A scena passa-se em Lisboa na epoca actual.

## DECORAÇÃO

*Salão luxuosamente mobilado; consolas, espelhos, etc.—Sobre aquellas alguns livros encadernados com luxo.—Mesas de jogo repartidas pela scena.—Á direita do espectador uma porta.—Outra ao fundo que conduz para o corredor d'um pateo ornado como para um baile.—Outra porta á esquerda.—Reposteiros e cortinados.—Profusão de luzes e flores.*

# ACTO UNICO

## SCENA I

A CONDESSA E O VISCONDE. (A condessa reclinada n'uma hotomana.—O visconde de pé a curta distancia d'ella.—Trajos de etiqueta.)

VISCONDE—Pois sim, sr.ª condessa. É uma filha dos trópicos, que parece nascida entre os gelos do norte. Figura *frele et maladive,* cabellos louros e olhos d'um azul tão claro...

CONDESSA—Na verdade que não merecem essas qualidades o desdem que v. ex.ª affecta...

VISCONDE—Não nego que seja bella; porem carece do que mais me enamora...

CONDESSA—Pois eu creio, pelo contrario, que ella possue todas as qualidades que o deviam tornar perdido de amores.

VISCONDE—Porque?

CONDESSA—Por ser o joven da moda: *comme il faut,* para lhe fallar no seu estylo; devia julgar perfeita a filha do brigadeiro Herreros, do opulento proprietario de Cuba, cujas fanfarronadas deslumbram tantos olhos; graças aos oitenta mil cruzados de renda que possue o bom veterano.

VISCONDE—Quão injusta é v. ex.ª para comigo em julgar-me ambicioso! *(Á parte)* Terá

zelos d'esta joven? *(Alto)* Vou convencel-a...

CONDESSA—Dou-me por convencida. Fallemos d'outra cousa. Viu Helena esta manhã nos banhos? Estava muito bonita!...

VISCONDE—Sim! Fica-lhe bem a *negligé!* Porem sempre de braço dado com o marido! Esta união é uma lua de mel interminavel!... Pobre Alberto! Apesar do seu nome romanesco, da sua figura sentimental, de seus passados annos de poeta e estroina; temo que o matrimonio o tenha transformado em um *bourgeois pur de sang!*

CONDESSA—(*à parte*) Que nescio! (*Alto*) Sabe se elles veem cá esta noite?

VISCONDE—Não sei. V. ex.ª não os convidou?

CONDESSA—Eu não convidei pessoa alguma, nem me pertencia fazel-o.

VISCONDE—Pois quem melhor?

CONDESSA—Sua mãe. Eu apenas sou sua hospeda.

VISCONDE—Porem v. ex.ª é a rainha do baile.

CONDESSA—O visconde não sabe, que não me agradam os galanteios?! E apesar de lh'o ter repetido tanta vez não cessa de prodigalisar-mos, auctorisando-me desta maneira a pensar, que, aonde quer que esteja, vae derramando uma chuva de lisonjas.

VISCONDE—Um verdadeiro crente, só a um Deus tributa adorações.

CONDESSA—Uisconde essa linguagem affectada incommoda-me.

VISCONDE—Sinto muito ter-lhe desagradado; porem, rogo-lhe que não qualifique de affectação o que é sincero e natural.

CONDESSA—Não duvido. E para que não violente mais as suas inclinações, deixo-o em completa liberdade de ir galantear quantas senhoras quizer.

VISCONDE—Que deixe v. ex.ª por outras?! E é v. ex.ª quem me diz semelhante cousa?! U. ex.ª?!... *C'est que vous etes jalouse?*

CONDESSA—Zelosa! Eu?! Ah! ah! ah!*(Rindo)*

VISCONDE—V. ex.ª ri-se!

CONDESSA—Pois não hei de rir? Eu zelosa! Pobre visconde!... É preciso que não nôs illudamos. Tenho-lhe dito mil vezes que se, por acaso, chegarmos a casar não será de certo por amor.

VISCONDE—Então porque?

CONDESSA—Porque meu marido, que amava o senhor como filho, deixando-me por sua morte herdeira dos seus immensos bens, me disse em presença de sua mãe, que cumpriria o seu mais caro e ultimo desejo se um dia unisse a minha sorte á de v. ex.ª

VISCONDE — E por que tarda tanto esse anhelado dia?

CONDESSA—Devagar, visconde. O senhor deve recordar-se, pois julgo que sua mãe

lh'o terá dito, que meu marido me repetiu varias vezes antes de espirar, que não cumprisse esta sua ultima vontade, se me causasse a mais leve repugnancia.

VISCONDE—Isso quer dizer, que lhe desagrado soberanamente!

CONDESSA—Não: isto quer dizer apenas, que o não amo. Melhor direi, que não nos amamos.

VISCONDE—Oh! não calumnie d'esse modo o meu pobre coração.

CONDESSA—Visconde; advirto-lhe que em genero sentimental está o senhor completamente *de placé*. E de mais, eu já completei 26 annos, e taes declarações não podem já sensibilisar uma viuva, e que não é creança.

VISCONDE—Então a condessa não acredita que eu a ame ardentemente?...

CONDESSA—O senhor não póde amar ninguem.

VISCONDE—Porque?!

CONDESSA—Porque?! por falta de tempo.

VISCONDE—Como?

CONDESSA—(*com ironia*) Ora diga-me com franqueza, se lhe deixa algum tempo livre para amar, o cuidado da sua *toilette*, as noticias do oriente e a pronunciação dos idiomas estrangeiros? (*Torna a sentar-se e pega n'um livro.*)

VISCONDE—V. ex.ª está mangando comigo?!

CONDESSA—Nem por pensamentos! Que cousa ha mais natural, do que o que acabo de dizer, n'um aggregado da embaixada?

VISCONDE—Porque está hoje tão cruel para comigo?

CONDESSA (*folheando o livro*)—Caprichos de mulher!

VISCONDE (*á parte*)—Não ha duvida! Tem zelos! Porem de quem será?... Vejamos. (*Alto*) Condessa!

CONDESSA—Que? Pois o senhor ainda ahi estava!

VISCONDE—Tão grande é o interesse que lhe causa esse livro, que se olvidou que eu estava ainda aqui?!

CONDESSA—Não me olvidei que v. ex.ª estava aqui, cuidei apenas que já se tinha retirado.

VISCONDE—Poderei saber, se não é indiscripção, que livro é esse?

CONDESSA—Um romance de Alphonso Karr.

VISCONDE—Karr! Pois agradam-lhe as obras d'um author, que se mostra tão cruel para com as damas?!

CONDESSA—Admira-se? Não sabe que gosto pouco das lisonjas?!

VISCONDE—Sim, e em compensação agradam-lhe as maledicencias de Karr.

CONDESSA—Oh! muito mais que seus galanteios.

VISCONDE—Dou-lhe mil agradecimentos pelo comprimento.

CONDESSA—Sou ás vezes demasiado franca: porem sempre sincera. (*Continúa lendo.*)

VISCONDE (*á parte.*) Estou adiantado, não ha duvida!... Isto não é natural... Talvez Helena lhe tenha dito, que eu no outro dia... É muito possivel... é tão estupida aquella mulher!... e como tomou a minha declaração por uma chalaça... quem sabe... isto de esposas namoradas de seus maridos é uma calamidade... (*Alto*) Condessa!...

CONDESSA—Outra vez?! Tornou-me a interromper n'uma situação das mais interessantes!

VISCONDE—*Mais dame! c'est horrible!* Desdenhar-me assim por uma novella, que, como todas as de seu author, será...

CONDESSA—*Immoral*, não é o que ia a dizer? Ah! ah! ah! (*Rindo*)

VISCONDE—Sim, sim: immoral! Porque se ri v. ex.ª?

CONDESSA—Dessa maneira, Visconde, obriga-me a contar com a impaciencia as horas que faltam para que acabe o baile, e possa retirar-me ao meu quarto; para ahi devorar esta novella, que decerto não tencionava ler.

VISCONDE—Tal é a antipathia que lhe inspira tudo quanto eu digo que...

CONDESSA—Não. Visconde; porem não sa-

be que nada aviva tanto os nossos desejos como aquillo que nos prohibem de fazer? Para ser um completo *Lovelace*, como pertende, é necessario que comece por estudar o coração da mulher. Ah! ah! ah! (*Rindo*).

VISCONDE—Pouco me importa esse riso escarnecedor; porque os principios moraes...

CONDESSA—Vae fazer-me um discurso moral? Porem V. ex.ª tem razão, não devo rir-me, mas sim indignar-me!

VISCONDE—Como?

CONDESSA—Sim, indignar-me ao ver tão profanados os altares da virtude por hypocritas alardes; ao ver que os homens para quem não é sagrada a honra do amigo, nem a reputação da innocencia, se revoltam com a pintura, mais ou menos viva, d'uma paixão; o que não os priva de que se deleitem com a narração do crime, por mais repugnante que seja, com tanto que a façam em tom de chalaça.

VISCONDE—Porem eu...

CONDESSA—Não me obrigue a fallar desta maneira.

VISCONDE—Porem o que eu digo, affirma-o quasi todo o mundo.

CONDESSA—E o que me importa o que diz o mundo?! O mundo crimina os livros que lhe retratam os seus ridiculos, e taxa-os de immoraes! É risivel isto! Que livro ha mais

immoral do que o proprio mundo? Livro que está sempre aberto, no qual todos podem ler á vontade bastantes ignominias e depravações!

Visconde—Logo para v. ex.ª, a opinião publica não tem valor?

Condessa—A opinião publica é, para mim, a opinião mais estupida que conheço. (*Chega-se a um espelho e compõe o toucado.*)

Visconde (*á parte*)—Que mulher tão incomprehensivel!... nada... infallivelmente está zellosa. (*Alto*) Condessa, sabe v. ex.ª que, com esse caracter tão independente e altivo, me recorda *Lady Arabelle*. Se Balzac a houvesse conhecido, acreditaria, que não tinha feito mais do que retratal-a *d'après nature.*

Condessa—Visconde, perdôo-lhe essas palavras em consideração de que o senhor não sabe o que diz.

Visconde—Eu... Condessa; v. ex.ª é uma mulher *impitoyable!*

Condessa—Visconde, eu sou uma mulher que se enfastia.

Um criado—(*entrando pelo fundo e dirigindo-se ao visconde*) A senhora encarregou-me de participar a v. ex.ª que acaba de entrar o sr. deputado D. Luiz.

Condessa—(*á parte*) Mendonça nesta casa!

Visconde—(*ao creado*) Diga-lhe que no

mesmo instante vou receber a visita de s. ex.ª (*O creado sáe*) Condessa; suspendamos as nossas hostilidades, pois tenho de ir comprimentar...

CONDESSA—(*detendo-o*) Ouça v. ex.ª

VISCONDE—Que?

CONDESSA—Ouvi dizer que o deputado...

VISCONDE—Sim; já vê que não me posso demorar, pois tenho de lhe ir fazer as honras da casa.

CONDESSA—Porem tinha ouvido dizer que não estava em Lisboa.

VISCONDE—Sim; mas não sabe que chegou hontem da Foz, aonde esteve a tomar banhos?

CONDESSA—Diga-me; é elle um tal D. Luiz de Mendonça?

VISCONDE—Exactamente, natural de Lisboa, v. ex.ª conhece-o?

CONDESSA—Não me recordo, talvez...

VISCONDE—N'esse caso terei a honra de lh'o apresentar.

CONDESSA—Não...

VISCONDE—Recusa-se a receber-lhe a visita?

CONDESSA—Eu... em fim; se v. ex.ª se empenha muito n'isso...

VISCONDE—Visto isso apresentar-lh'o-hei... Minha senhora (*Comprimenta e sae*).

## SCENA II

A CONDESSA, *depois* HELENA

CONDESSA—Luiz aqui, valha-me Deus! E terei de fallar-lhe depois de tantos annos de ausencia!... Não sei o que se passa em mim! As lagrimas escapam-se-me involuntariamente dos olhos. (*Limpa os olhos com o lenço.*) E porque hei de chorar?... Pelo contrario devia rir. (*Ri*) Sinto uma alegria!... (*Comprimindo o coração*) Ah! ahi vem Helena! (*Sae-lhe ao encontro, abraça-a e beija-a carinhosamente*) Receiei que não viesses esta noite!

HELENA—Esta manhã esqueci-me de te dizer que não faltaria.

CONDESSA—E Alberto?

HELENA—Ficou no salão a comprimentar alguns amigos.

CONDESSA—Não fazes idéa de quão bem te fica essa *toilette!* Estás linda! Permitte-me que te beije outra vez! Aonde compraste esse toucado? É muito elegante! Dize-me, está muito calor no salão?

HELENA—Bastante!

CONDESSA—Então vieram muitos convidados?

HELENA—Muitos.

CONDESSA—Esta tarde foste passear a cavallo?

Helena—Margarida, que turbilhão de perguntas é esse! Tu tens alguma coisa?!

Condessa—Não tenho nada. Não sabes que sempre fui dotada de muita vivacidade? Não devia causar estranhesa, á minha irmã, este meu habito! Porem agora comprehendo tudo; a esposa feliz olvidou-se dos usos da amiga. Ingrata! Mas apesar disso não posso deixar de amar-te como sempre. (*Aperta as mãos de Helena com efusão*).

Helena—Ai, pobre Margarida! O contacto das tuas mãos revela-me que tens febre, e até a causa que a motiva! (*Com maliciosa ironia*).

Condessa—Que dizes?!

Helena—Escuta: meu marido tem um amigo de quem foi companheiro de estudos na infancia, e de aventuras na edade viril; a sua amisade é tão intima como a nossa, e por consequencia não teem segredos entre si, assim como nós os não temos uma para a outra.

Condessa—Não sei onde queres ir parar com essas comparações.

Helena—Vaes ver. O amigo de meu marido, ainda que passou por largo tempo uma vida dissipada, comprehende que o marido e a mulher são uma só pessoa em dois corpos:este axioma tem-mo elle repetido muita vez em latim, lingua que não entendo,

porem, como lhe faz a traducção litteral, eu concordo com o pensamento, apesar de ser expressado n'um idioma completamente estranho para mim. *(Rindo)*

CONDESSA—E que queres dizer com esse arrasoado?

HELENA—Quero dizer que possuo, como Alberto, a confiança do seu amigo; e procuro com os meus conselhos alliviar os seus soffrimentos.

CONDESSA—Visto isso, está doente?

HELENA—E gravemente.

CONDESSA—Com effeito! E que doença tem?

HELENA—Uma molestia terrivel. Está apaixonado.

CONDESSA—E não é correspondido?

HELENA—Ignora-o.

CONDESSA—Então porque não trata de o averiguar?

HELENA—Porque se o fizesse, diz elle, que a esperança ou o desengano o curariam.

CONDESSA—Seguramente.

HELENA—Pois é isso mesmo que elle quer evitar.

CONDESSA—É boa chalaça. Explica-me esse enygma.

HELENA—Enygma?... decerto; e bem complicado que elle deve ser para ti; pois que se eu conseguir decifral-o é porque a iden-

tidade de genios entre elle e meu marido me tem elucidado a este respeito.

Condessa—Supplico-te que me inicies nesses terriveis mysterios!

Helena—Ouve: existe uma raça de homens dotados de todas as faculdades para serem felizes e causarem a felicidade das pessoas que amam, e que, apesar d'isso só conseguem ser muito desgraçados...

Condessa—Advirto-te que não estou hoje de humor para me commover.

Helena—O caso não é para tanto. A essa raça pertencem hoje os homens de talento,

Condessa—Todos?

Helena—Ou quasi todos.

Condessa—E porque ha de ser hoje o talento um motivo de desgraça?

Helena—E quando é que deixou de o ser?

Condessa—Dizer isso é blasphemar de Deus; pois que blasphemas dos seus dons.

Helena—Não ha tal. O ouro é um metal purissimo, que a terra occulta em suas entranhas. Blasphemaremos acaso da nossa mãe commum, quando dizemos que o ingrato explorador que o arranca do seu seio, converte o thesouro, que para seu bem ella lhe offerece, n'um instrumento do crime?

Condessa—Logo, todos os homens de talento são ingratos?

Helena—Quasi todos; porem voltemos ao

nosso assumpto anterior. Esses homens que chamam de talento, ou como queiram, distinguem-se na sua primeira juventude pela puresa e ardor dos seus desejos, que adornam com todas as galas da sua brilhante imaginação. Criam, por assim dizer, um ente quasi que impossivel de encontrar, e, quando profundando o amago das cousas, conhecem o seu engano, vem então a decepção e com ella o scepticismo: em chegando a este periodo olham para tudo e para todos com acerba ironia. Sempre tem sido a realidade áspera e desoladora; porem nunca tanto como n'esta epoca, em que todo o sentimento generoso se reveste dos temiveis atavios do ridiculo, e esses homens de quem te fallo, que riem de tudo, padecem mais que os outros, ao sentir o rude choque das suas inspirações contra a rocha do gelo da realidade.

Condessa—E porque hão de soffrer mais que os outros?

Helena—porque a mesma violencia das suas paixões os submette a uma funesta reacção; porque sentem um goso suicida em procurar com encarniçamento descobrir o repugnante esqueleto dos gosos da vida.

Condessa—Agora comprehendo que devem ser muito desgraçados!

Helena—Tanto o são, que não estranhes

Helena—Tanto o são, que não estranhes se perceberes, por entre as suas gargalhadas algum gemido suffocado: é muito possivel que vejas cair uma lagrima sobre a espuma do vinho que bebem para esquecer-se de si mesmos; e se assim succeder, não zombes do gemido, nem da lagrima, julgando falsa a dôr que lh'os arranca: é então unicamente que se terão apresentado a teus olhos, taes quaes são, esses homens, a quem o seu orgulho e um isensato sentimento de vingança, lhes fazem reregar da sua natureza.

Condessa—E é um desses homens extraordinarios o amigo de teu marido? (*Com curiosidade mal dissimulada.*)

Helena—Sim Margarida; e quando um desses homens sente que o seu coração torna a palpitar com o mesmo afan e pureza que julgava perdidos para sempre; quando se sente abrasado pelo fogo da paixão e contido pelo respeito da castidade ante uma mulher; elle que não tem visto nas mulheres mais que um ente que desafiava o seu engenho sarcastico, ou então um objecto de prazares, cuja qualificação mancharia os meus labios; agora olhando-a debaixo d'outro ponto de vista, e adorando o seu novo ser, teme que o desengano lhe destrua as suas crenças, e o reconduza de novo a uma vida para elle intoleravel e aborrecida.

CONDESSA—Na verdade, Helena, que ouvindo-te expressar de tal sorte, julgariam que conheces esses sentimentos por experiencia propria.

HELENA—Quasi que posso dizer que os senti; pois que tenho a felicidade e o orgulho de ter levado pela mão um desses homens, ao unico porto de salvamento que para elles existe.

CONDESSA—Tenho minha curiosidade de saber que porto é?

HELENA—É um matrimonio por amor. A legitima correspondencia de affecto; o interesse pelas pessoas amadas, que similhante ao sol que tudo allumia, communica a tudo o amor da familia, e lhes faz comprehender que por alguma cousa é bella a vida, e em vez de despresal-a amam-n'a; porque já não olham para ella com os olhos vendados pelo egoismo, porque a sua vida é já tambem a de sua mulher e de seus filhos.

CONDESSA—Nobre são as tuas palavras, Helena, e mais nobre é ainda o sentimento que t'as inspira. Se coubesse sempre á mulher a gloria de resgatar uma alma, não trocaria ella esse silencio triumphoso, por tantos outros que os homens apreciam e monopolisam.

HELENA—Toda a mulher que é amada póde alcançar essa corôa (*Com intenção e carinho*)

Condessa—Helena, são muito poucos os homens que amam verdadeiramente. Quem é que dominado por esse irresistivel affecto, póde antepor-lhe outra paixão qualquer?

Helena—O orgulho encadea-lhes os labios, que o amor quizera abrir.

Condessa—Quem de tal modo pratica, blasphema quando diz que ama.

Helena—És injusta, minha cara Margarida; e não o estranho: assim como não se relevam aos olhos do homem certas delicadezas da nossa alma, tambem animam a sentimentos para nós incomprehensiveis. O seu coração é um cofre fechado, e em procurar a chave para o abrir consumimos, nós pobres mulheres, a nossa vida.

Condessa—E quantas vezes não são baldados os nossos esforços para o conseguir?!

Helena—Por isso mesmo, sentimos dobrado prazer ao vel-os corôados pelo bom exito.

Condessa—Sim, porem, quando menos descuidadas estamos, ao abrir a tampa do cofre; encontramo-nos com a caixa de Pandora.

Helena—Nunca julguei que fosses tão septica. Já tiveste algum desengano cruel?

Condessa—Eu?! Como poderia isso acontecer, se nunca amei?

Helena—Estás segura do que dizes?

Condessa—Penso que sim.

Helena—Em vista d'isso confesso que me

enganei ainda agora; quando affirmei que o contacto das tuas mãos me indicava que tinhas febre e até a sua causa.

Condessa—Logo, julgavas que era o amor que motivava a minha commoção?

Helena—Sim, e para me certificar da minha suspeita é que te fallei do amigo d'Alberto; o qual me confessou que sempre que vê a mulher que ama, aperta com mais effusão as mãos dos seus amigos, o céu parece-lhe mais limpido, e os homens melhores.

Condessa—Ah? É chistoso! (*Rindo.*)

Helena—Ao vel-a, assegura que até se duplica o seu talento.

Condessa—O que prova quão equivoco era o teu pensamento. Eu penso que estou esta noite tão nescia como louca, já vês que não me posso julgar enamorada.

Helena—É possivel?

Condessa—É evidente. (*O visconde e luiz entram na scena pelo fundo.*)

Helena—Perturbas-te?

Condessa—Eu? Esse sujeito não é?..

Helena—O amigo de meu marido.

Condessa—O doente de?

Helena—Exactamente.

Condessa—(*Á parte.*) Meu Deus!

## SCENA III

*As ditas,* **LUIZ** *e o* **VISCONDE.**

Luiz e Helena apertam as mãos, esta apresenta-o á condessa, interrompendo o visconde que vae para fazer o mesmo.

Helena—Senhor Mendonça, sinto immenso prazer em o encontrar aqui.

Luiz—A senhora bem sabe se eu correspondo com usura a esse sentimento.

Helena—Margarida, tenho a honra de te apresentar o senhor D. Luiz de Mendonça, deputado e Pilades de meu marido.

Luiz—Minha senhora! (*Saude a condessa*)

Helena—A minha melhor amiga, a Condessa viuva do Valle.

Luiz—Já tinha a honra de conhecer essa senhora, ainda que estava privado de prazer de a visitar.

Condessa—Meu senhor... (*Á parte*) Estou tão confusa como se acabasse de sair do collegio.

Visconde—Senhora condessa, vejo-me exonerado do prazer de apresentar a v. ex.ª o meu amigo, o sr. D. Luiz, como ha pouco lhe havia promettido.

Luiz—E tinha v. ex.ª pensado em conceder-me tal honra? (*Com prazer mal represmido.*)

Condessa—O sr. visconde havia-se offerecido para isso é...

Visconde—E sinto immensa satisfação em ver que a minha commissão foi desempenhada por quem é a inveja das bellas e o modelo das esposas.

Helena—Visconde, v. ex.ª não perde occasião de se mostrar amavel. (*Á parte*) Quando se convencerá este automato que me aborrecem os seus galanteios?!

Visconde—Sendo do seu gosto sr. D. Luiz, e se estas senhoras nos permittem, passaremos a ver a minha sala d'armas.

Luiz—Eu...

Condessa—Sem incommodo, meus senhores, estejam em completa liberdade.

Luiz—(*Á parte*) não perde occasião de desgostar-me. (*Alto*) Estou ás suas ordens sr. visconde. (*Comprimenta as senhoras*) Minhas senhoras.

Helena—Até logo.

Visconde—*Sans adieus.* (Sae com D. Luiz)

## SCENA IV

### A CONDESSA *e* HELENA

Condessa—(*Com afan mal repremido*) Helena!

Helena—Margarida! o que é? Augmentou-te a febre? (*Com sorrizo ironico.*)

Condessa—Deixa-te de chalaças. Tenho curiosidade de saber uma cousa, e só tu é que ma podes dizer.

Helena—Falla.

Condessa—Quem é a mulher que D. Luiz ama?

Helena—É isso exactamente que não te posso dizer; é segredo!

Condessa—Entre amigas intimas, como nós somos, não devem existir segredos.

Helena—Mas se eu dei a minha palavra de honra que não revelaria a ninguem o nome dessa mulher.

Condessa—Para nós não ha outra honra, senão a que se funda na virtude.

Helena—Nós, as mulheres, devemos guardar os segredos que nos confiam, ainda que não sustentamos a nossa palavra com a pistola na mão, ou a espada em punho.

Condessa—Diz-me ao menos qual é a inicial do seu nome?

Helena—Uma consoante...

Condessa—Sim?

Helena—Ou então uma vogal.

Condessa—Ora vamos! E ha muito tempo que elle a ama?

Helena—Desde que a viu pela primeira vez.

Condessa—Helena! Queres desesperar-me?!..

HELENA—Mas que curiosidade tão absurda! Que te importa saber isso?

CONDESSA—É um capricho. E tu bem sabes que não posso domar o defeito que tenho de ser muito caprichosa!

HELENA—Pois não quero perder esta cocasião de te corregir.

CONDESSA—Helena! Vê que me estás fazendo padecer horrivelmente.

HELENA—Deveras! Pois façamos uma convenção?

CONDESSA—Vejamos.

HELENA—Sacrificio a vós da minha consciencia para te evitar um desgosto: porem é rasoavel que me pagues este sacrificio.

CONDESSA—De que modo?

HELENA—Apesar de tu o negares, eu supponho que amas alguem; diz-me o seu nome e eu em troca dir-te-hei o que desejas saber.

CONDESSA—Porem...

HELENA—Se não queres levar a effeito o nosso contracto, não fallemos mais nisso.

CONDESSA—Não, não. Escuta!

HELENA—Diz lá?

CONDESSA—Eu nunca amei.

HELENA—Como?!

CONDESSA—Espera. Eu não sei se amei alguma vez. Vou-te contar a historia de uma sensação que experimentei ha muito tempo, e que não sei qualificar.

HELENA—Presto-te toda attenção possivel.

CONDESSA—Era muito nova ainda, quando conheci em Coimbra, um joven cuja presença me commovia agradavelmente. Ignoro o que motivava esta impressão, talvez fosse a vaidade de mulher satisfeita; porque os seus olhos me expressavam uma adoração apaixonada, e no accento de suas palavras me pareceu comprehender que me amava.

HELENA—Adiante.

CONDESSA—Elle era ainda muito joven, e eu não deixava de repetir isto a mim mesma, para ver se podia vencer a especie de dominio que sobre mim exercia. Comtudo, não podia apartal-o do meu pensamento; e se ao cair da tarde descia ao jardim para colher flores e pensar na leitura que as sombras do crepusculo haviam interrompido; parecia-me vel-o a cada passo cruzar por entre as arvores; o rangido das folhas agitadas pelo vento, pareciam-me murmurar: *Margarida, amo-te;* e quando o sino tocava advertindo os fieis para que rezassem a *Ave Maria*, eu, ao começar esta oração que tãobem conhecia, percebia então que só podia pronunciar o seu nome!

HELENA—E que nome era?

CONDESSA—Não sejas impaciente, eu t'o direi. (*Sorrindo e enchugando uma lagrima.*)

HELENA—Choras, Margarida? e dizias que não estavas certa se havias amado!

CONDESSA—Affirma-o por ventura esta lagrima? Quem póde recordar-se, sem que o pranto humedeça os seus olhos, desses annos de innocencia e esperança, que levaram comsigo toda a nossa alegria?

HELENA—Continúa, continúa.

CONDESSA—A fortuna dos paes d'aquelle rapaz, soffreu grandes perdas, e viu-se obrigada toda a familia a partir para a America, aonde possuiam ainda alguns bens. Elle quiz fallar-me antes de partir de Coimbra; porem a clausura quasi monastica em que eu vivia não lh'o permittiu: separamo-nos sem ao menos nos despedirmos.

HELENA—É uma coincidencia celebre!

CONDESSA—Que dizes? (*Com afan*).

HELENA—Nada. Não o tornaste a ver?

CONDESSA—Passaram-se dois annos; apenas contava dezoito e eu era ainda mais creança pelo caracter que pela idade, quando o meu tutor me casou com um velho a quem podia querer e respeitar como a meu pae; porem nunca amar como ao companheiro da minha vida. Apesar disto, as suas nobres qualidades captivaram o meu affecto de tal maneira, que eu julgava ser um crime recordar-me d'aquelle mancebo, por isso tractei de o esquecer; occupando-me dos deve-

res de esposa e da gratidão que meu marido me inspirava.

Helena—Foi nobre o teu procedimento.

Condessa—Não mereço esses elogios, não fiz mais que cumprir com os meus deveres. Depois do meu casamento, viemos viver para Lisboa; e pouco tempo depois de ter chegado, soube que *elle* occupava um logar distincto na capital, e que tinha recuperado na America parte dos seus bens.

Helena—E não lhe fallaste em Lisboa?

Condessa—Sim, encontrei-o uma noite n'um baile; não te posso explicar o que senti quando o tornei a ver; o meu coração palpitou com força extraordinaria; as palpebras humedeceram-se-me; mas quando era presa desta commoção extraordinaria, uma amiga minha perguntou-me por meu marido; as suas palavras trespassaram-me o coração com um punhal de gelo! Disse um adeus eterno ás recordações da minha juventude, e quando aquelle homem me veio pedir uma *walsa*, acceitei a sua mão sorrindo, e com a maior indifferença.

Helena—E atreveste-te a dançar com elle?

Condessa—Se o não fizesse teria suspeitado que o temia. Muito soffri em quanto durou a *walsa*, e apenas poude responder balbuciando ás palavras que elle me dirigia com vóz tremula. A musica cessou; o meu

cansasso era grande; conduziu-me para um salão um pouco apartado; estavamos alli sós e silenciosos; eu não me atrevia a fital-o; porem, ao voltar machinalmente a cabeça, vi os seus olhos fictos nos meus com tal expressão de amor, que tremi toda e dobraram-se-me os joelhos.

HELENA—Era terrivel a tua situação!

CONDESSA—Ia desmaiar, elle amparou-me nos seus braços. Ao contacto das suas mãos despertei do meu delirio; fiquei envergonhada e procurei desembaraçar-me dos seus braços mostrando indignação. Então caiu a meus pés dizendo-me: *Margarida, amo-te!* E eram estas as palavras que sussurravam as arvores do meu jardim!...eu não posso explicar-te a impressão que me causaram, só te direi que me pareceu ouvir uma vóz que me dizia: *olha que te deshonras!* Então levantei a fronte, e olhando-o cara a cara, soltei uma estridente gargalhada de louca.

HELENA—Comprehendo-te!

CONDESSA—V.ex.ª ri-se? Exclamou elle, cheio de confusão.—Não heide rir-me ao ouvir-lhe fazer-me tal declaração? respondi eu, despedaçando o meu pobre coração. Havia, muito poucos dias que tinha ido á scena *a escala do matrimonio*. Não heide rir-me? continuei. O senhor quiz sem duvida usurpar o lisongeiro papel do Barão de Manzano?...

O meu marido está na sala do jogo; se lhe parecer vá v. ex.ª pedir-lhe a minha mão.

HELENA—Pois disseste-lhe isso, Margarida?

CONDESSA—Não ha palavras que possam pintar a expressão que tomou o seu rosto ao ouvir tal; fez-me um comprimento que me encheu de terror, e saiu da sala. Eu caí n'uma cadeira chorando; e não podendo conter as lagrimas, queixei-me que estava incommodada e retirei-me para minha casa. Depois disso não lhe tornei a fallar. (*Enchuga as lagrimas*)

HELENA—Porem ainda não me disseste como se chamava?

CONDESSA—Diz-me tu antes o nome que desejo saber.

HELENA—Não; é mais rasoavel que termines a tua historia com o nome do protogonista. (*Luiz e o Visconde apparecem pela esquerda*).

CONDESSA—Por amor de Deus, Helena, diz tu primeiro...(*aperta-lhe as mãos.)*

HELENA—Quem é elle?

CONDESSA—Está-nos vendo d'aqui. (*Baixando os olhos.*)

HELENA—Graças a Deus! (*Com ar de triumpho.*)

CONDESSA—Quem é ella?

HELENA—(*apertando-lhe a mão.*) Tenho a sua mão entre as minhas.

Condessa—*(com muita alegria)* Devéras?

Helena—Caluda!

## SCENA V

*As mesmas,* LUIZ *e o* VISCONDE

Luiz—P[illegible] [illegible]ificas!

Visconde—[illegible]as em Paris, quando era *attaché* d[illegible] [illegible]aixada.

Luiz—Julgo que v. ex.ª ainda alli estava; quando eu lá fui vindo de passagem para Lisboa.

Visconde—Com effeito recordo-me de o ter visto na *Maison Dorée;* era alli que eu jantava quasi todos os dias.

Helena—Senhor diplômata guerreiro...

Visconde—Guerreiro?!

Helena—Não acaba de mostrar a sua sala d'armas ao senhor D. Luiz...

Visconde—V. ex.ª está como sempre satyrica e desdenhosa...

Helena—Estou tão longe de ser desdenhosa para com v. ex.ª, que ha pouco, quando lhe dirigi a palavra, era para lhe pedir o braço.

Visconde—Tanta honra! *(Á parte)* Parece-me que a féra vae amansando.

Condessa—*(baixo a Helena)* Então vaes deixar-me só com elle?

Helena—Sim. E em risco de ouvir outra

declaração amatoria do teu pertendido *futuro*; só para que elle não te estorve.

Condessa—*(idem)* Porem isto é uma traição...

Helena—Não; isto é simplesmente ser Celestina...de duas almas. *(Ao visconde)* Acceito o seu braço, meu galante cavalheiro.

Visconde—*(dando-lhe o braço)* Aonde nos dirigimos?

Helena—Aonde queira: aindo não percorri os salões.

Visconde—Quer v. ex.ª que comecemos por tomar alguns refrescos?

Helena—*Tres volontiers,* meu elegante *Cicerone.*

## SCENA VI

### D. LUIZ *e a* CONDESSA

D. Luiz desde o principio da scena anterior folhea um album.—Pausa.—A Condessa dá signaes de impaciencia.

Condessa—*(á parte)* Em que embaraçosa posição me colloc[illegible] imprudente zelo de Helena!

Luiz—*(levantando os olhos e vendo que a Condessa vae para sahir)* Senhora Condessa!

Condessa—Ah!

Luiz—É de v. ex.ª, se me não engano, este precioso album?

Condessa—Se v. ex.ª tivesse a bondade

de o enriquecer com a sua assignatura, fazia-me um valioso obsequio.

Luiz—Nunca me atreveria.

Condessa—Oh! v. ex.ª é modesto em demasia!

Luiz—Sou sincero, sr.ª Condessa, o meu nome é demasiado obscuro para dar vida a uma pagina em branco. E demais, eu mesmo não sei explicar os meus proprios sentimentos. Como poderia então expressal-os? Se possuisse a seductora linguagem das musas, o seu encanto disfarçaria a incoherencia, e quiçá a contradição que n'elles existe; porem não soube nunca fazer sequer um verso.

Condessa—O que não impede que elles lhe roubem poderosamente a attenção.

Luiz—Desculpe v. ex.ª uma falta involuntaria: interessou-me tanto um soneto que vi n'este album, que apenas reparei que Helena e o Visconde tinham saido. Quem teve a culpa de eu ser desattencioso foi esta poesia.

Condessa—De quem é?

Luiz—Não tem assignatura.

Condessa—Não me recordo. Esse livro tem tantos versos!

Luiz—Quer v. ex.ª ler o soneto em questão?

Condessa—Eu!

Luiz—*(dando-lhe o album)* Talvez não o tenha lido.

CONDESSA—Assim o creio. (*Á parte*) Se é o que eu penso sei-o de cór.

LUIZ—Bem longe estará o pobre poeta de merecer tal desdem! Em seu nome, peço-lhe que lhe dê uma vista d'olhos, e no meu que me dê o prazer de ouvil-o lêr.

CONDESSA—(*pegando no album*) Que lembrança! (*lê*)

Como a sombra segue o corpo, o sentimento
a seguir me leva a tua formosura;
mas se dizem meus olhos co'a ternura,
casto respeito suffoca o meu accento.

Com a tua imagem querida, em seu asilamento,
forja a alma chimeras de ventura:
NUNCA ESSA DITA ALCANÇARA'S, ella murmura,
a desapiedada vòz do pensamento.

Amarga pena ao escutal-a abrigo:
e então o coração como um thesouro
acolhe essa dor, e eu te bemdigo!

E sem nada esperar cego te adoro!
Oxalá que a meu seio, da dôr o amigo,
voltar podesse o desterrado choro!

(*declamando*) Visto isso interessa-lhe muito este soneto?

LUIZ—Sympathiso muito com o sentimento que o inspira.

CONDESSA—Pois eu creio, que é completamente falso.

LUIZ—Falso?

CONDESSA—Não acho outro modo de qualificar uma adoração cega e sem esperança.

LUIZ—V. ex.ª não acredita que haja quem ame sem esperar?

CONDESSA—Não... se póde abrigar esperanças legitimas.

LUIZ—Margarida!

CONDESSA—(*á parte*) Meu Deus!

LUIZ—Permitta que lhe dê este tratamento, que me recorda os annos mais felizes da minha vida!

CONDESSA—Permitto-lhe que me dê o tratamento que quizer.

LUIZ—Margarida, se houvesse um homem que lhe dissesse que a amava desde que começou a palpitar o seu coração; se esse homem pedisse que lhe perdoasse uma falta filha d'um arrebatamento involuntario, se elle confessasse a seus pés, que um nescio orgulho e a desconfiança que um amor puro gera, cerraram os seus labios até ao momento em que lhe declarasse que necessitava do seu amor para ser feliz e bom; que resposta lhe daria, Margarida?

CONDESSA—Não sei...mas duvido muito que eu tivesse podido nunca despertar taes sentimentos...

Luiz—Ainda o duvida!

Visconde—(*entrando pelo fundo*) Senhor D. Luiz de Mendonça...

Luiz—(*à parte*) Impertinente!

Condessa—(*idem*) Importuno!

Visconde—O Brigadeiro Herreros procura-o por toda a parte. E dirige-se para aqui...

Luiz—Vou sair-lhe ao encontro. Senhora Condessa, concede-me logo dois minutos de attenção? Ainda não conclui de lhe dizer tudo que desejava.

Condessa—(*com ironia e enfado*) Apresse-se v. ex.ª; não faça esperar o brigadeiro. (*D. Luiz sae.*)

## SCENA VII

*O* VISCONDE *e a* CONDESSA.

Visconde—Está melhor do seu ataque de *spleen?*

Condessa—Muito melhor.

Visconde—O que lhe dizia o nosso deputado?

Condessa—Gosto da pergunta! Porem com que direito a faz?

Visconde—Conheço que commetti uma inconveniencia; porem quando se ama...

Condessa—Basta.

Visconde—Não julgue v. ex.ª que eu ignoro que, como diz Sue, *les secrets du cœur*

*sont aussi sacreés que ceux de la confession*, o que quer dizer...

CONDESSA—Que, *os segredos do coração são tão sagrados como os da confissão.* Comprehendo sufficientemente o francez, escusa de fazer traducção; porem eu não sou confessor, nem sei se Mendonça tem coração, nem tão pouco elle me confiou segredo algum.

VISCONDE—Como? duvida que elle tenha coração? Pois se o não tivesse como havia elle de amar a filha do Brigadeiro Herreros?

CONDESSA—Que diz o senhor?

VISCONDE—Pois não sabe que Amelia Herreros casa com Mendonça?

CONDENSSA—Isso é ment...!

VISCONDE—Que diz?

CONDESSA—Isso não póde ser!

VISCONDE—Que não póde ser! Se acabo de o ouvir da propria bocca do pae da *fiancé!*

CONDESSA—O brigadeiro!

VISCONDE—Acaba de o participar, deante de mim, a minha mãe.

CONDESSA—*(á parte)* Isto é para indoudecer!

VISCONDE—Amam-se ardentemente!

CONDESSA—*(á parte)* Isto é de mais!

VISCONDE—É um amor que nasceu á sombra dos coqueiros de Cuba, e cresceu arrastado pelas aguas do Missisipi ou *Mesachebé*...

CONDESSA—Oh, senhor! não me aturda com essa algarvia geographica-amorosa.

VISCONDE—Já vê que eram infundados os zelos que tinha da menina Herreros a meu respeito.

CONDESSA—O senhor está escarnecendo de mim!

VISCONDE—Escarnecer! (*Á parte) Le diable m'emporte,* se eu comprehendo!..

CONDESSA—Porque fallou de zelos?

VISCONDE—Com franqueza; quando v. ex.ª me disse tão ironicamente que ella me devia agradar, julguei que a sr.ª pensava...

CONDESSA—Eu nunca penso, quando fallo com o senhor.

VISCONE—(*á parte*) Esta mulher delira! Não ha duvida; lá está ella rasgando o lenço e fallando só!

CONDESSA—(*á parte*) Se eu casasse com o visconde...não, isso seria uma loucura que faria a minha eterna desgraça...porem eu preciso vingar-me!

VISCONDE—(*A' parte*) Algum pensamento grave a preoccupa.

CONDESSA—(*A' parte*) Tenho os meus sonhos de felicidade todos perdidos; agora que me importa? Vamos, haja resolução! (*Alto*) Visconde?

VISCONDE—Condessa?

CONDESSA—Estou resolvida a casar com o

senhor; porem com uma condicção; é que será o mais breve possivel.

VISCONDE—Será possivel?!

CONDESSA—Authoriso-o a que hoje mesmo dê parte da nossa união ás pessoas suas conhecidas.

VISCONDE—Que insperada felicidade! Porém, está chorando?

CONDESSA—Chorar! não! eu não quero chorar! *(Agitada.)*

VISCONDE—Comprehendo!... o pudor, a commoção...

CONDESSA—Adeus, Visconde.

VISCONDE—Retira-se já?

CONDESSA—Sim, sim; até logo. *(Á parte)* Se me demoro aqui mais soffoco-me (*Sae apressadamente.*)

## SCENA VIII

### VISCONDE, *só*

VISCONDE — Saiu tão bruscamente!... Ora eis o que se chama um casamento improvisado! O que será que a terá resolvido?... Porém, está claro; ella amava-me, e como viu destruida a supposta causa dos seus zelos, deixou fallar o seu coração!... E o deputado; quem havia de dizer que elle era candidato ás raparigas que possuem bom dote!... de mais a mais, Amelia é uma

linda rapariga!... E que tenho eu com isso? não vou tambem casar com uma mulher bonita e rica?... *Parbleu!* O casamento é uma cousa seria!...Porém! bah! o matrimonio será uma cadeia para os maridos communs; porém um marido *comme il faut,* como eu hei-de ser, disfructa d'uma adoravel independencia. (*Olhando para a esquerda*) Olá! dirige-se para aqui a minha futura com Helena. Esta mulher incommoda-me horrivelmente!..ri-se sempre na minha cara quando lhe dirijo palavras amorosas! não quero vel-a. Vou dar parte do meu proximo enlace a todos os convidados (*Sae*).

## SCENA IX

### A CONDESSA *e* HELENA

HELENA—Porém, Margarida, isso é um disparate!

CONDESSA—Que queres?! Já não tem remedio.

HELENA—Mas para que procedes tão ligeiramente? Espera...

CONDESSA—Se retardasse o meu plano, depois não teria animo para o levar ao fim; e isso é que eu não quero. E era tão tola que estava quasi a dar-lhe um sim, sollicitado, não pelo amor, mas só pela vingança! (*Chora*).

HELENA—Isso é impossivel! Se tu ouvisses os protestos que me fazia...

CONDESSA—Protestos! Quem se fia nas palavras dos homens? Nós é que somos muito nescias em os acreditar! O orgulho destroe-lhes todos os sentimentos, bons, e no seu gelado egoismo, só procuram com o maior sangue frio o melhor modo de nos enganar!

Helena—Apesar d'isso...

## SCENA X

*As ditas e* **D. LUIZ**

LUIZ—Margarida, Margarida!

CONDESSA—(*dispondo-se a sahir*). Meu senhor.

LUIZ—Por amor de Deus, attenda-me por um momento. É certo que vae casar com o visconde?

CONDESSA—Não podia v. ex.ª perguntar-lhe, a elle mesmo. isso?

LUIZ—Condessa! Caçoa com a minha anciedade! Diga-me; ama o Visconde? A senhora não póde amal-o!

CONDESSA—Que lhe importa isso?

LUIZ (*muito agitado*) Que me importa? Mas não sabe que eu a amo, desde a primeira vez que a vi; que, nem a ausencia, nem o tempo, conseguiram deminuir este puro sentimento que já não posso calar? que me faz ser seu escravo?!

Helena—Bem o dizia eu!

Condessa—Senhor D. Luiz, por quanto tempo tenciona v. ex.ª prolongar esta comedia?

Luiz—Senhora...

Helena—Senhor Mendonça; é verdade que v. ex.ª vae casar-se com Amelia Herreros?

Luiz—Eu?!

Condessa—O visconde assim o acaba de assegurar.

Luiz—O visconde não sabe o que diz. Quem casa com a menina Herreros, é meu irmão Carlos que é seu noivo ha quatro annos.

Helena—Não te dizia eu que..?

Condessa—Será possivel?!

Luiz—O brigadeiro procurava-me para me participar que fundeou esta manhã em Belem, o vapor onde vem meu irmão para Lisboa.

Helena—Agora comprehendo tudo! O visconde, sem duvida, ouviu dizer ao brigadeiro que sua filha casava com Mendonça, e não indagou qual d'elles era.

Condessa—Sim; é isso.

Helena—Porém em vista d'isto, não deves julgar-te ainda comprommettida para com elle.

Luiz—Que ouço? Isto quer dizer que v.

ex.ª acreditava... e tambem que... oh! temo comprehender tanta felicidade!... Margarida, diga se me ama?!

HELENA—Desde que se conheceram em Coimbra.

CONDESSA—Helena, que fizeste!

LUIZ—Oh! Margarida, não desminta essas palavras, que me encheram de felicidade! Conceda-me a sua mão?!

HELENA—Ainda vem a tempo o pedido!

CONDESSA—Eu...(*Dá a mão a Luiz, que lh'a aperta e beija apaixonadamente, dizendo á parte).* Pobre visconde!

LUIZ—Que faria eu a Deus, para merecer tanta ventura?

## SCENA XI

*Os ditos e o* VISCONDE

VISCONDE—*Jour de Dieu! Que est ce que c'est ça?!*

LUIZ—Isto é, que tenho a honra de participar a v. ex.ª o meu proximo casamento com a Condessa, viuva do Valle.

VISCONDE—Hein! Que ouço!... Ainda não ha dez minutos que eu disse a v. ex.ª as mesmas palavras?!

HELENA—É verdade; porem Mendonça ama Margarida ha dez annos, e v. ex.ª ha apenas dez mezes que a conhece.

VISCONDE—Dez annos!

LUIZ—Sim senhor; dez annos.

VISCONDE—Visto isso; sem duvida que v. ex.ª tem o direito de precedencia. *(á parte)* Acho tão inverosimil como ridiculo, amar uma mulher dez annos! É um amor com bafio!

CONDESSA—Senhor Visconde, peço-lhe que me perdoe a minha leviandade n'este negocio...

VISCONDE—*(com despeito)* Não tem de que pedir desculpa minha senhora; a vontade de v. ex.ª era livre!

CONDESSA—Porem o senhor hade recordar-se das ultimas palavras de seu tio!

VISCONDE—Perfeitemente, a senhora ainda esta noite m'as repetiu.

CONDESSA—Mas n'essa occasião esqueci-me de accrescentar, que, no caso de eu não acceitar a mão de v. ex.ª seria sua a metade dos bens que herdei.

VISCONDE—Nunca, eu não posso acceitar!

CONDESSA—Seu tio acceitou esta proposta que lhe fiz. É esta a sua vontade, e o meu decóro exige que se cumpra á risca a ultima vontade de meu marido. *(O visconde inclina-se em signal de assentimento.)*

HELENA—O senhor Mendonça, disse-me esta manhã, que tinha escripto ao ministro do reino, pedindo-lhe para v. ex.ª as honras de secretario da legação.

VISCONDE —Oh! senhor D. Luiz, não sei como agradecer-lhe tanto favor!

LUIZ—(*baixo a Helena*) Porem eu não pedi nada.

HELENA—(*baixo a Luiz*) Pois peça, e contente esse pobre diabo; o ministro hade servil-o porque precisa do senhor.

VISCONDE—(*á parte*) Pois senhores, o diploma de secretario e a metade dos bens, ficando solteiro... *ganhei a partida!*

LUIZ—Se v. ex.ª julga que eu o offendi, estou...

VISCONDE—Não, não; v. ex.ª estava no seu direito. (*A' parte*) Como elle casa com a condessa, vou fazer a corte á menina Herreros, que por esta rasão não tem namorado; talvez comsiga casar com ella e apanhar-lhe o immenso dote. (*Ouve-se dentro a orchestra tocar uma polka*) Oh!.. lá principia o baile v. ex.ª quer ser meu par. (*A Helena*)

HELENA—Porque não?! (*Rindo*) Em o senhor dançando duas polkas, já se esquece d'este contratempo.

VISCONDE—(*baixo a Helena*) De certo!.. eu não amava a condessa; se estava resolvido a casar com ella era para cumprir o ultimo desejo de meu tio. A v. ex.ª é que eu amei e ainda amo; ingrata! (*Da o braço a Helena e segue com os pés o compasso da musica.*)

HELENA—(*rindo muito*) Eu logo suppuz isso. Ah! ah! ah!

LUIZ—(*á parte*) E ias tu casar com similhante homem!

CONDESSA—Quando penso que estive a ponto de ser tão desgraçada.

LUIZ—Possa a minha ternura fazert'o olvidar.

CONDESSA—De Deus e de ti o espero!

HELENA—Quem havia de dizer que depois de tantos annos!..

VISCONDE—(*com pretenção a sarcasmo.*) Oh! não é debalde que diz o proverbio: mais vale tarde que nunca.

CAE O PANNO.

# ERRATAS

| PAG. | LIN. | ERROS | EMENDAS |
|---|---|---|---|
| front. | ult. | 1848 | 1864 |
| 3 | 4 | hotomana | ottomana |
| » | 19 | o joven | joven |
| 5 | 1 | Uisconde | Visconde |
| » | 12 | U. ex.ª | V. ex.ª |
| 6 | 14 | «de placé» | «deplacé» |
| 7 | 30 | que seus | que os seus |
| 13 | 5 | á minha irmã | á minha quasi irmã |
| 16 | 19 | do gelo | de gelo |
| » | 30 | (N.B. Está repetida) | |
| 17 | 12 | reregar | renegar |
| 18 | 22 | Nobre | Nobres |
| » | 26 | silencio triumphoso | silencioso triumpho |
| 19 | 12 | a sentimentos | a sua sentimentos |
| 20 | 12 | Ah? | Ah! Ah! |
| » | 20 | luiz | Luiz |
| 21 | 13 | Saude | Saúda |
| » | 16 | essa | esta |
| 22 | 2 | é... | e... |
| 24 | 6 | cocasião | occasião |
| » | 13 | Sacrificio a vós | Sacrifico a voz |
| 27 | 20 | com | como |

# PAIXAO DE ANDRE GONÇALVES.

## COMEDIA EM UM ACTO.

mitação do joguete comico « *Une pie y un Zapato* »
de D. Francisco Botella y Andres.

ORNADA DE COPLAS, POR

## LUIZ D'ARAUJO JUNIOR.

epresentada pela primeira vez em 12 de Maio de 1860,
no Theatro da Travessa do Forno, aos Anjos.

LISBOA.

Typ. de Salles. Rua do Convento da Encarnação n.º 28.

1860.

## PESSOAS

Ill.mos Sr.s

| | | | |
|---|---|---|---|
| ANDRÉ GONÇALVES | — 30 annos | — | *J. B. A. Assis.* |
| AMBROSIO | — 38 | « | — *J. B. M. Moreira.* |
| D. CONSTANÇA, viuva | — 25 | « | — *Emilia.* |
| D. EMILIA | — 26 | « | — *Justina.* |
| SEBASTIÃO | — 55 | « | — *Serra.* |

Sala qualquer, actualidade.

## MEUS CAROS LEITORES

É a primeira vez que lhes apresento uma obrasinha sem ser *original*. Mas que lhes hei de fazer? Não pude resistir á tentação de accomodar á nossa scena o *juguete* comico hespanhol « *Un pie y un zapato.* » Posso no entanto dizer affoutamente que lhe aproveitei a idéa, fazendo o dialògo meu e recheando a comedia de coplas.

Ahi vai pois « *A Paixão de André Gonçalves* » representada pela primeira vêz no theatro da travessa do Forno em 12 de Maio de 1860 — O caso foi assim:

Um dia fui procurado pelo meu amigo o Ill.^mo Sr. José Bento de Araujo Assis, para que eu lhe desse um meu modesto escripto para elle fazer representar no referido theatrinho. Acquiesci ao pedido e dei-lhe a minha " Paixão ,,

Conhecia o Sr. Assis, tão somente como um excellente moço, intelligente: mas o que era para mim ignoto era o elle ser uma vocação dramatica.

Sendo distinctamente convidado para assistir á representação da minha obrinha, ví que o Snr. Assis se tinha incumbido do papel de André Gonçalves, parte principal da comedia. Papel demasiadamente comico, e que só uma verdadeira vocação artistica como o Sr. Assis pode ter a gloria de ser, lhe daria o relevo e o sainete chistoso, com que tentei escrevel-o, embora o não conseguisse.

Tocou a orchestra a symphonia. Subiu o panno e representou-se a comedia em summa.

Fiquei admirado da excellente interpretação do cavalheiro curioso! A forma por que desempenhou o seu papel, foi não só por mim elogiada, como por varios actores, dos mais distinctos da nossa scena portugueza que assistiam á recita particular.

A egualdade com que se houve, a naturalidade, a perfeição de cantar as coplas e o sál que dêo á vivacidade do dialogo, fizeram-no, não só receber mil demonstrações da platea, assás lisonjeiras, como obte[r] ramilhetes e justas corôas de flores.

Não tendo eu a minima presumpção do que escrevo, achando inclusivamente sem sabor tudo quanto me saie da penna, palavra de honra que me agradou muito *A Paixão de André Gnçalves*» e poucas foram todas as expressões com que agradeci ao Sr. Assis a maneira por que elle fez realçar a minha imitacção *liberrima* com[o] diz Castilho.

Estampando hoje aqui, o reiterar dos meus elogio[s] e agradecimentos ao Snr. Assis, não intento mais d[o] que novamente agradecer-lhe e dar-lhe os meus parabens.

Conto que a comedia em breve se dará no theatr[o] da Rua dos Condes e desde já peço para ella a indulgencia com que estou habituado a ser tratado pelo publico.

*Lisboa* 30 *de Maio de* 1860 *Luiz d'Araujo Junior.*

# A PAIXÃO DE ANDRÉ GONÇALVES

## ACTO UNICO, SCENA I.

### CONSTANÇA E EMILIA.

CONSTANÇA. (*bordando*) Muito tarda hoje o primo Ambrosio!

EMILIA — Não te enphreniseis... talvez não se demore: e d'ahi quem sabe se alguma cousa o prenderá.

CONSTANÇA — E' justissimamente o receio de haver alguma cousa que o prenda, que me impacienta. Pode bem ser que esteja fazendo os seus rendimentos á outra rapariga... sim, minha querida... olha, pelos homens não se podem pôr as mãos no fogo.

EMILIA — Só estando elle apagado. (*rindo*) Ah... ah... ah... mas deixa-te de ciumes, porque o ciume é sempre o tyranno dos dramas do coração.

CONSTANÇA — (*a parte*) E elle sem vir!...

EMILIA — (*a parte*) Elle adora-me por força...

CONSTANÇA — (*a parte*) E' louco por mim... o contrario era ter coração de bronze ..

EMILIA — (*a parte*) Se não me estimasse, era um monstro de coração de pedra! (*alto*) O' Constança, eu já te contei a conquista, que fiz n'outro dia no baile do conselheiro!...

CONSTANÇA — Não: mas conta-m'a agora.

EMILIA — Imagina um mancebo, elegantissimo! *Vraiment gentil* como dizem os francezes: toda... toda a santissima noute [illegible]

para dansar e até teve o arrojo de me dizer que estava doido por mim.

CONSTANÇA — (*rindo*) E logo uma paixão *furiosa*...

EMILIA — Eu receiava corresponder-lhe... como não o conhecia...

CONSTANÇA — Mas foste-lhe sempre dizendo a tudo que sim ..

EMILIA — Ora, foi um — amor de baile — que depois daquella noute não o vi mais. Deixal-o, a ingrata não fui eu.

CONSTANÇA — Disseste-lhe aonde moravas?

EMILIA — Eu, pois não! Competia a elle perguntar-mo. (*rindo*) Nota porém que as saudades que me tem feito sentir... são... nenhumas: porque tenho em preefferencia outro amor que... é um mysterio, Constança.

CONSTANÇA — Pois deves revellar-mo... e como sou uma senhora viuva posso aconselhar-te com sisudez.

EMILIA — Não contesto a sensatez de teus conselhos, crei-os até de muita excellencia, mas por em quanto não t'os acceito. (*pondo um chapèo*) Agora vou visitar o tio Sebastião.

CONSTANÇA — Talvez elle venha por ahi hoje.

EMILIA — Qual vem... ninguem é capaz de o tirar do lado da tia, dêo-lhe agora em ser ciumento... está mesmo temivel. Suppõe que a tia namora lá não sei quem, e a consequencia desta desconfiança, é nem elle sair, nem consentir tambem que ella saia.

CONSTANÇA — Os maridos assim eram bem degradados por toda a vida!

EMILIA — Que queres tu? Os unicos instantes que a tia goza de tranquilidade, são quando eu a vou visitar.

CONSTANÇA — Então vae... vae lá: dize á Henriqueta que te acompanhe, metam-se n'uma sege e vão.

EMILIA — Adeos até logo. (*da-lhe um beijo*)

CONSTANÇA — Da-lhe lá saudades... ouviste? (*pausa*) Ora com effeito o Senhor Ambrosio demora-se ho-

je, como nunca se demorou! Pois bem ha-de saber que me impacienta esperar por elle, porque o amo. Verdade é que ainda não lhe confessei este amor, oh... elle porém tel-o-ha advinhado... porque os olhos são os pregoeiros do que se passa no peito das pobres mulheres.

## SCENA II.

A mesma e ANDRÉ GONÇALVES

ANDRE' —(*pelo F. á parte*) Oh, lá! a viuvinha na gaiola, mesmo só como a viuva! (*avançando*) Então como tem passado a minha querida senhora D. Constança?

CONSTANÇA — Oh... viva Senhor André.

ANDRÉ — Saberá que venho hoje deliberado a fallar-lhe em portuguez... a uzar do intelligente idioma de « pão, pão. . . queijo, queijo. » isto é, a arriscar uma declaração bombastica, porque o meu amor (fóra de xalaça) vai cá dentro de vento em pôpa. Por ella se estende.

CONSTANÇA — Que genio feliz que tem Senhor André... sempre contente! Diga-me cá: por onde tem andado que me parece cada vez mais janota? (*rindo*) Vê. tambem eu já gracejo (*rindo*) ah.. ah.. ah...

ANDRÉ — Já ha tempo que não tenho viudo ve-la, é verdade, mas coisas... coisas...

CONSTANÇA — Que coisas são?

ANDRÉ — Coisas... cosinhas muitas coisas... não faça caso.

CONSTANÇA — Diga antes, Amores.

ANDRE — (*rindo*) Ai, ai, dèo no vinte.

CONSTANÇA — Então ama?

ANDRÉ — Ai, ai: que bem conheço que é uma grande asneira · mas todos nós neste mundo fazemos tantas. V. Ex.ª tambem ha de ter...

CONSTANÇA — Feito asneiras?

ANDRÊ — Nada. Ha-de ter — Amores?

CONSTANÇA — Eu sou viuva.

ANDRÉ — Que tem isso? Mais um motivo para os ter. Sempre me ha-de lembrar uma ratice que minha mãi me contou, quando eu era pequeno. ,, Era uma vez um gallègo que andava de pé descalço, um domingo calçou uns çapatos, e depois de andar *ensapatado* o dia todo, disse ao patrão que não sabia como havia gente que podesse andar descalça... (*rindo*) olhe que é boa!!!

CONSTANÇA — Applica-me então essa historia? Agradeço a delicadeza do epygramma. (*rindo*) É singular!

ANDRÉ — Faça escarneo... ande... que o que eu queria dizer bem entende V. Ex.ª Mas serio, serio; já não tem Amores?

CONSTANÇA — Eu, não.

ANDRÉ — Com esses dois olhinhos... ora historias da vida ..

CONSTANÇA — Só amo o meu marido que Deos haja.

ANDRÈ — Faz bem. Declaro-lhe que está livre de ciumes e de infedilidades. Pois eu amo hoje como nunca amei! Reduzí-me completamente a... a que? V. Ex.ª diz-me como chamam ao homem que anda varridinho... mesmo piegas por uma... senhora?

CONSTANÇA — E' um apaixonado ..

ANDRÊ — Nada: é um bajoujo. Eu estou feito um *bajoujo*! E' verdade. Apaixonei-me com a velocidade da .. da... eu sei lá .. com a velocidade ..

CONSTANÇA — Da inspiração do seu thesouro: não?

ANDRE' — Qual *Thesouro*, não me falle em Secretarias d'Estado que perco a cabeça. Sempre me ha de lembrar uma ratice que me contou minha mãi quando eu era pequeno... mas adiante, deixèmos a ratice de minha mãi e vamos á questão. Apaixonei-me com a velocidade.. V Ex.ª diz-me qual é o bruto que se apaixona mais depressa?

CONSTANÇA. — O *urso senhor Ardré.*

ANDRE' — Tinham-me dito que era *uma giboia minha*

*Senhora*: mas seja o urso. Eu estou um urso sem tirar nem pôr...

CONSTANÇA — (*rindo*) Ah... ah... ah . Tem então necessariamente muito *pêllo*.

ANDRE' (*rindo*) Ah... ah... ah... em rapaz fui *pelludo*, fui muito *pelludo*! E meu pai então foi *pelludo* tinha uma calva como qualquer octaginario. (*rindo*) Ah... ah .. ah ..

CONSTANÇA — Mas por quem se apaixonou tão seria e repentinamente?

ANDRE' — Por uma cara, que é a rainha das caras! Palavra de honra E' uma grande cara!

CONSTANÇA — Então é *carranca* ..

ANDRE' — Ora faça escarneo que não fallo de nenhuma cascata minha Senhora. E' mesmo a cara de um Anjo de azas brancas. Sempre me ha-de lembrar agora por azas, umas de pau que minha mãi me dèo quando eu era pequeno... o caso foi assim...

CONSTANÇA — (*rindo*) O Senhor André faz muitas *sitações*...

ANDRE' — Pois não sou *official de delligencias*: mas pelas caras bonitas a minha adoração é maior... maior... qual é a adoração maior? V. Ex.ª diz me?

CONSTANÇA — E' a convicção da vehemencia dos nossos amores.

ANDRE' — Ora... pois não fostes! Ai, que phrase tão chula que me escapou!!! E' o mesmo... V. Ex.ª deixa-a passar. Mas a adoração maior é a dos Reis Magos, tenho-a visto nos presepios e gosto della. Mas vamos ao meu amor, e á minha amada.. Oh! se V.ª Ex. a visse, se a visse.. se a visse.. (*agarrando-a*) Eu só queria que a visse.

CONSTANÇA — Tenha *termos* senhor André.

ANDRE' — Não os tenho! Não tenho *termos* para lh'a desenhar: mas juro-lhe que o seu pé ao pé do pé della, era o meu pé ao pé do seu pé. (*põe o pé ao lado do de Constança.*) Olhe que desparidade... é uma canoasinha ao pé de um saveiro.

CONSTANÇA E' um importuno... Vá-se daqui *(empurra-o)*

ANDRE' — Olhe eu estou persuadido, e estou bem persuadido que a cara della... a mão della... o pé della... toda ella é um todo sim um todo, todo Papafina!!!

CONSTANÇA — Ai que séca!

ANDRE' — Não se zangue... ora as viuvas bonitas não se zangam.

CONSTANÇA — Mas que tenho eu com os seus amores? O Senhor é um bixo impertinente!

ANDRE' — Sou bixo? Serei: mas ao pé de V. Ex.ª pode-se ser até...

CONSTANÇA — Até o que?..

ANDRE' — Dobadoura... que é o objecto que V. Ex.ª fazem andar mais á roda...

CONSTANÇA — Pois fique certo de que quando queremos tambem fazemos andar os homens bem á roda. . Nunca o fizeram andar assim? Senhor André?

ANDRE' — Nunca; mesmo porque não houve ainda Senhora alguma que me tirasse o eixo do seu logar...

CONSTANÇA — *(rindo)* Ah... ah .. ah... E' porque pode supportar grande pancada na mola...

ANDRE' — V. Ex.ª é uma zombadora formidavel!

CONSTANÇA — E o Senhor um... urso .. *(rindo)* ah... ah..

ANDRE' Isso mesmo já eu ainda agora me chamei a mim proprio.

## SCENA III.

Os mesmos e EMILIA.

EMILIA — *(ao fundo entrando: á parte dando um grito)* Ai! que é elle... é elle!

ANDRE' — *(vendo-a)* E' ella... é ella!

EMILIA — *(a parte* Fujamos. . *sai pelo fundo)*

ANDRE' — *(como doido correndo a D. Constança)* Vi-a! Vi-a, minha senhora e passou me o pé com a mesma pericia com que o devedor se *raspa* do credor; Oh! meu Deos .. desculpe-me a phraseologia...

quem chega a estas alturas nem já possue estillo! Heide apanhal-a antes que ande duzentos kilometros! Vi-a, minha Senhora! *(agarrando-a)* Não me diga que não com a cabeça, porque eu vi-a! *(quer sair)*

CONSTANÇA — Onde vai Senhor André .. enlouquecêo?

ANDRE' — E' ella! E V. Ex.ª a perguntar me onde vou? é a minha conquista em que lhe fallei...

CONSTANÇA. — Então já lhe anda a cabeça á roda?

ANDRE' — Não é só a cabeça... agora ando eu todo .. sou um... qual é o bixo que dá mil reviravoltas quando está levadinho da fortuna?

CONSTANÇA —*(rindo)* Ah.. ah... ah... é o peixe agulha..

ANDRE' — E' uma *iros* minha senhora, mas conhece-a... vio a tambem?..

CONSTANÇA — Pois deveras Emilia é a sua...

ANDRE' — Ella é Emilia?!.. Oh! rica Emilia... Tu de certo que tambem me amas... *(dando um abraço em D Constança)* Ó minha querida senhora D. Constança não me diga que não com a cabeça,

CONSTANÇA—*(a parte)* Está doudo!

ANDRE' — Vou me embora. Passe V. Ex ª muito bem. *(quer sair)*

CONSTANÇA — Mas onde vai?

ANDRE' — Outra vez! Vou procural-a... vou apanhal-a... Vou segural a... antes que ella vá na mais ronceira locomotiva que o telheiro de Santa Apolonia cubra. Adeos. . adeos... *(sai cantando)*

Oh! tu que as almas feres
De um fogo inspirador!

CONSTANÇA—Decedidamente vai maluco, e metem-no em Rilhafoles! Mas não tem que ver, é Emilia a sua namorada .. E querem ver que é André tambem o proprio de quem ella ainda agora me esteve a fallar. Será André Gonçalves, o seu mysterio?.. *(pausa e depois chegando á janella)* Mas Ambrosio sem apparecer! Os senhores homens parecem sentir sempre uma grande satisfação em fazer esperar as pobres mulheres... Mas ouço passos na escada... será elle?

## SCENA IV

A mesma e AMBROSIO.

AMBROSIO — *(ao F.)* Já tardava?

CONSTANÇA — *(vendo-o)* Ai!

AMBROSIO — Que tem?

CONSTANÇA — Porque se demorou hoje tanto? cuidei que já não vinha cá?

AMBROSIO — Estive entretido a ouvir tocar na rua o mais dos affinutados realejos e ..

CONSTANÇA — E o realejo, era preferivel á minha companhia?

AMBROSIO — Fragilidades humanas: mas o alemão tocava a Norma com tanto sentimento.. que a Norma não foi só o que me encantou: mas a macaca? A macaquinha a dançar em cima de uma meza portatil?! Eu sempre fui muito amigo de todos os animaes; mas quando os vejo ás vezes com mais intelligencia do que muitos homens, e mesmo do que muitas senhoras... então... tem-me prezo pelo beiço: Todo eu sou animal!

CONSTANÇA — Agradeço a delicadeza pela parte que me toca.

AMBROSIO — E *toca*, sim minha senhora! *Toca* pratos e tira o bonésinho de penácho ao lado a todos que estão a vel-a dansar. Mas fallando serio. . V. Ex.ª não imigina os lindos olhos que tem. . .

CONSTANÇA — *(áparte)* Agora faz se lisongeiro comigo.

AMBROSIO — Fica lhe taõbem a *toilet* com que hoje anda.

CONSTANÇA — *(sorrindo)* Acha?

AMBROSIO — Não se ria, que eu não exaggero. As mangas com rufos são lindas!

CONSTANÇA. — *(compõe as mangas.)*

AMBROSIO — Pulseira de contas . . brincos de ouro . . avental de *moiré* preto.

CONSTANÇA — *(aparte)* Está-me analisando . . . o que lhe heide fazer?

AMBROSIO — Sabe o que eu lhe dispensáva Snr.ª D. Constança?

CONSTANÇA — (*aparte*) Sempre quero ouvir. . .

AMBROSIO — Era . eu não sei se deva dizer. . .

CONSTANÇA — Diga .. diga. . .

AMBROSIO — Eu dispensava-lhe o rabosinho por fora do saiote encarnado . .

CONSTANÇA. — (*zangada*) O Senhor falla. . .

AMBROSIO — Eu fallo da macaca do homem do realejo. E affianço-lhe que vejo mesmo pelo Passeio Publico crianças maís mal vestidas do que ella anda.

CONSTANÇA — Cuidei que fallava da minha pessoa.. (*aparte* Ora esta!

AMBROSIO — (*rindo*) Ah . ah. . ah. . V. Ex.ª é cem vezes melhor do que a macaca!

CONSTANÇA — As suas finezas são de uma amabilidade...

AMBROSIO — Mas diga-me cá: Como vai?. .

CONSTANÇA. — Eu bem: muito obrigada.

AMBROSIO — Não digo isso, perguntava pela sua gata branca. Já está bôa?

CONSTANÇA. — Caso raro, o Sr. sentir o mal alheio!

AMBROSIO — O mal das gatas de pessoas de estimação sempre senti muito. E geralmente todos os males. (*com penna*) Ainda ha dias senti eu a morte .

CONSTANÇA. — (*com ar muito gaiato*) De uma gata?

AMBBROSIO — (*com seriedade*) Nada. Da mãi de um amigo meu Más a sua gatinha, está mesmo restabelecida de todo?

CONSTANÇA — Está. E deo-me serios cuidados porque ella não é das que não tem. . . (*com significação bastante*) coração. . .

AMBROSIO — (*contendo a muito custo o riso*) Pois Vossa Excellencia . . descobriu-lhe o coração?

CONSTANÇA — Acha extraordinario ella ter coração?

AMBROSIO — Por modo algum: — o contrario era um erro de organisação animal.

CONSTANÇA. — Olhe. . aqui estou eu que não tenho coração.

AMBROSIO — Que me diz?!

CONSTANÇA. — Depois que o entreguei á...

AMBROSIO — À sua gata?

CONSTANÇA. — (*com muito aborrecimento e voltando-lhe decentemente as costas.*) Qual gata? O Snr. está confuso.

AMBROSIO — (*querendo convencel-a*) Mas Vossa excellencia é que disse que ella...

CONSTANÇA — Eu fallo da minha paixão...

AMBROSIO — (*admirado*) Da sua paixão?!

CONSTANÇA. — (*com meiguice*) Não se acha tambem enfermo (*aparte*) Não percebe.

AMBROSIO — (*Cantando*).

## COPLA.

### EM DUETO

AMBROSIO

Ao pé de Vossa Excellencia,
Não ha mal possivel, não!
Só se soffrem os excessos
Da grande Satisfação.

CONSTANÇA

Não prosiga — não se canse,
Que é verdade isso .. bem vejo;
Mas o mesmo lhe succede
Quando obtem o ensejo
De vêr dansar a Macaca
E tocar o realejo. —

AMBROSIO

O ser franco, prova muito
Mesmo muito em meu abôno!
Quando fallei da Macaca
Fiz eu o papel de Môno.

CONSTANÇA — (*rindo*) Mas seriamente não se acha doente!

AMBROSIO — Eu?

CONSTANÇA — Do seu coração...

AMBROSIO — Eu?

CONSTANÇA — Não padece delle?

AMBROSIO — Eu?

CONSTANÇA — Talvez eu o podesse curar.

AMBROSIO — Não tinha dado ainda por tal doença; mas escreva-me V. Ex.ª a receita...

CONSTANÇA — (*aparte*) Entendo... deseja que lhe dê um pé, para se me declarar, (*alto*) Eu lha escrevo Senhor Ambrosio. (*Senta-se a escrever.*) Aqui tem a receita. (*da-lhe um papel*) Permitta Deos que a saiba ler e melhor applicar. Ate logo Snr. Ambrosio (*sai*).

AMBROSIO — E foi-se! (*scismando*) Mas como demonio sabe esta mulher que eu padeço do coração?!.. Em fim vejâmos o *recipé* que me applica. (*lendo*) Eu deulhe qualquer pé: e Amor. (*declamando*) Continuo a não perceber. Da-me qualquer pé?!.. já se vê que é o direito ou esquerdo... Continuo a não perceber. Mas quem virá ahi?

## SCENA V.

O mesmo e ANDRÊ

(*André traz o nariz muito inchado e vermelho.*)

ANDRE' — (*entra pelo fundo suado e correndo*) Estou morto! (*cai n'um sofá*) Estou derriado! Feito em sallada!..

AMBROSIO — (*espantado*) Que é lá isso? Quem foi que correu a traz do amigo?

ANDRE' — Ninguem! Eu é que corri atraz de uma ventuinha. Não sou o perseguido, perscebe? Sou o perseguidor: e venho em sallada, já lh'o disse, não disse?

AMBROSIO — Mas então que tem?

ANDRE' — *Tenho* o que não *tenho*.

AMBROSIO — Não percebo.

ANDRÉ — Deixal-o não perceber. Corri a traz de uma mulher, já sabe? Corri como um cão quando sai d'um assougue e dizem os gaiatos. Aquelle não leva nada na bocca!

AMBROSIO — Então corrêo a ganir.

ANDRÉ — Corri de todos os feitios... deitei os bofes pela bocca fóra, venho estafado. Já lho disse, não disse?

AMBROSIO — (*aparte*) E' maluco!

ANDRÉ — E lhe ponho tudo em termos claros. Eu adoro uma mulher a quem chamo. .

AMBROSIO — Um homem querem vêr?

ANDRÉ — Está na tinta, um Serafim.

AMBROSIO — Um Serafim que está na tinta, não percebo.

ANDRÉ — Ha tres semanas que a sigo para toda a parte e sempre a perder-me della, ou ella a perder-se de mim. Perde-se de quem tambem se perde por ella, no sentido figurado. E, bôa xalaça, não acha?

AMBROSIO — Ora, s'acho (*rindo*) Ah .. ah... ah...

ANDRÉ — O Senhor é ratazana, tenho dito. Mas adiante, hoje estava aqui assim com a Senhora D. Constança, ella aparece-me acolá ao fundo, diz — Ai! eu digo — Oh!

AMBROSIO — E uh?

ANDRÉ — E o meu Serafim, foge-me mais rapidamente do que .. do que... O amigo diz-me qual é o bruto, que se safa com mais ligeireza?

AMBROSIO — E' um *veado Senhor Crispim.*

ANDRÉ — Pensei que era um *toiro* meu amigo: Mas abala-me como disse; eu desço pela escada, aqui caio acolá me levanto! Quando chego ao ultimo lanço, tropeça-me um pé, vou a terra e metto o nariz dentro da caixa da massa do çapateiro ca debaixo! Levanto-me como pude e de nariz mettido em gomma, corro a apanhal-a... e o que heide vêr?

AMBROSIO — Viu...

ANDRÉ — (*gritando*) O que pensa o Senhor que vi?

AMBROSIO — Viu-a com outro!

AMBROSIO — Viu...

ANDRE' — *(gritando)* O que hei-de vêr? O que pensa o Senhor que vi?

AMBROSIO — Viu-a com outro?

ANDRE' — Peor... muito peor!

AMBROSIO — Viu-a tambem de nariz metido em gomma?

ANDRE' — Upa! upa! peor!

AMBROSIO — Então viu-a...

ANDRÊ — *(muito dramatico)* Não a vi! Escuza de dizer mais nada.

AMBROSIO — *(aparte)* Está doido!

ANDRÊ — Pego em mim, limpo o nariz que o tinha mettido, não me lembra já aonde...

AMBROSIO — Na caixa da massa...

ANDRÊ — No çapateiro, é verdade... olho para dentro d'uma *capoeira* que ia a trote rasgado; e o que succede? Que pensa o Senhor que succedèo?

AMBROSIO — Quebrou-se a sége?

ANDRÊ — Nada foi ella.. foi ella...

AMBROSIO — Que se quebrou?

ANDRE' — Que ia dentro do tyvoli. *(canta)*

COPLA.

E depois eu aqui parto
A correr que nem um cão!
Mas quem diz, que ápanhasse
Se ella ia de *gangão*!
O suor na minha testa
Era mesmo uma biqueira!
Pois as minhas deligencias
Era pôr-me na trazeira.
Mas quem diz qual carapuça!
Nunca o trem pude agarral-o!
Foi então quando exclamei:
Quem me dera ser cavallo!
Mas o trem cada vez mais
Se levava a bom levar!
E eu atráz sempre correndo
Já de lingua a dar... a dar!..

Finalmente meu amigo,
Té alguem ouvi dizer;
Nem um cão de lata ao rabo
E capaz d'assim correr!

AMBROSIO — Que calças!

ANDRÊ — Vá ouvindo: Pára o tyvoli finalmente a uma porta. Já era noute *fechada* mas a porta estava *aberta*, chego em fim ao pe da sége: e o que heide vèr? Não estava ninguem dentro. Palavra de honra, que azoei! Subo pela escada mais morto do que vivo, pucho pelo cordão da primeira campainha que encontrei... E o que hei-de eu tocar?

AMBROSIO — A campainha?

ANDRE' — O demonio que o leve! Uma sinêta! A cancella abre-se e quem hei-de eu vêr?

AMBROSIO — Era ella?

ANDRÊ — Era o demonio que o leve! Era um homem mais feio do que *V. S.*ª que me apresentou n'um instante... Que pensa que elle me apresentou?

AMBROSIO — Apresentou-lhe o seu Serafim...

ANDRE' — O demonio que o leve... Apresentou-me um tapa-olho, de se abaixar a cabeça! Ainda elle me não tinha echoado na cara, já a porta me estava fechada na *mesma*. Assarapantado, rebólo pela escada abaixo... sinto pòrem um pé no nariz, agarro-o...

AMBROSIO — O nariz?

ANDRE' — O pé, pucho por elle... oiço um grito, levanto-me e o que heide vèr? Ao que me hei-de eu vèr agarrado? Ande, diga lá?

AMBROSIO — Estava agarrado a ella!

ANDRÉ — Ao demonio que o leve! Estava agarrado a esta bota côr de *pulga* e fervendo em *pulgas* (*mostra uma bota de Senhora*)

AMBROSIO — O Senhor é um homem de fatalidades (*rindo*) Ah... ah... ah... Dava margem ao Paul de Kok para fazer da sua vida um romance.

ANDRÉ — Dava margem ao demonio que o leve... Oh,

mas eu hei-de achar a dona da bota, agora é capricho meu achar o pé desta bota...

**AMBROSIO** — (*aparte*) Oh, que lembrança? (*alto*) Quer o Senhor uma cousa?

**ANDRÉ** — O que eu quero é um pé para esta bota côr de pulga.

**AMBROSIO.** — Pois eu tenho um pé...

**ANDRÉ** — Se me dá licença tem dois...

**AMBROSIO** — Tres... venho a ter tres...

**ANDRÉ** — Quatro queria eu ter quando corri atraz do tyvoli.

**AMBROSIO** — O Senhor quer um pésinho para a sua bota?

**ANDRÉ** — Que é delle?

**AMBROSIO** — É de uma gentil Senhora que ha pouco me fez presente delle. Aqui o tem. (*da-lhe a receita*) mas ha-de explicar-me este mysterio que não entendo.

**ANDRÉ** — (*lendo*) Não quero saber disto... cuidava que vinha o pé aqui dentro: mas onde apanhou o Senhor este escriptinho?

**AMBROSIO** — Onde apanhei?!... quem me fez a fineza de me mimosear com elle, foi a Senhora D. Constança.

**ANDRÉ** — (*dando grandes pulos por toda a casa, rindo despropositadamente*) Ah... ah... ah...

**AMBROSIO** — Que demonio de dança é esta?

**ANDRÉ** — (*lançando-se-lhe ao pescoço*) O' meu rico amigo, deixe-me abraçal-o, que sempre me ha-de lembrar uma ratice que minha mãi me contou quando eu era pequeno... (*rindo muito*) Ah... ah...

**AMBROSIO** — Deixe-se agora das ratices da sua mãi, e diga-me porque são essas piruètas!

**ANDRÉ** — (*muito contente.*) Tive uma lembrança...

**AMBROSIO** — Então quando tem lembranças, dança? Se fosse casado, e sua mulher fizesse uma viagem longa, havia de ter lembranças della, e então...

**ANDRÉ** — Então em quanto ella estivesse lá por fóra, estava eu cá dançando e pulando de contente? Mas sabe qual

é a lembrança? Rasgue esse bilhete em dois pedaços, eu arrecado aquelle onde diz *Dou-lhe qualquer pé* e o meu rico amigo contenta-se com aquelle que diz (*Amor*).

AMBROSIO — (*rindo*) O Senhor é o diabo!

ANDRÉ — Muito obrigado. Mas vá.. vá... (*rasga o bilhete*) Bom, agora preciso fallar a D. Constança.

AMBROSIO — Então?...

ANDRE' — Então até logo, appareça para ver sempre este final.

AMBROSIO — Poi sim, adeos. (*sae*)

ANDRE' — (*rindo*) Este ratazana é um frescata formidavel, tenho dito! Uma bota e um pé já eu arranjei: verdade é que o pé, é *pé de tinta de escrever*... mas Deos queira, que por causa do pé não tenha eu ainda de me pôr de *pé atráz*.

## SCENA VI.

D. CONSTANÇA e ANDRE'

ANDRE' — (*vendo-a*) Oh, minha querida Senhora...

CONSTANÇA — Está melhor?

ANDRE' — De que minha Senhora?

CONSTANÇA — De que? Da sua *grande pancada*... (*ri*)

ANDRE' — Ah, V. Ex.ª soube que eu tinha metido o nariz dentro do couço da massa do çapateiro?

CONSTANÇA — (*rindo*) Ah... ah... ah... Já vejo que está na mesma. Não tem *cura* Senhor André?

ANDRE' — Que saiba não sou nenhuma *Ermida*, minha Senhora.

CONSTANÇA — (*sorrindo*) *Não tem cura*... diz muito bem. Ah.. ah... ah.. E como tem o nariz côr de lagosta!!!

ANDRE' — (*aparte*) Como ella está de carinha n'agua!

CONSTANÇA — O Senhor André Gonçalves, corrêo muito atráz daquella Senhora ainda agora?

ANDRE' — (*cantando*)

— COPLA —

Vossa Excellencia não faz
Idéa, de quanto corri!
O peor foram as quédas
—Pois duas vezes cahi!

Constança (*declamando*) A prova d'isso que diz
André (*cantando*) É de certo o meu nariz
—Sempre a trote atráz da ség
Eu passei mal comparado,
Pelo cavallo do correio
D'algum ministro de Estado
Faltava-me o sacco e a *pasta*...

Constança (*declamando*) Isso foi porque esquecêo... (ri)
André (*cantando*) A *pasta* minha senhora
Talvez diga que era eu. ! ! !

CONSTANÇA — Deos me livre.

ANDRÉ — Mas muito corri! Mas se era ella a dama que eu disse a V. E.ª —

CONSTANÇA— O que [illegible] aquella era effectivamente ..

ANDRÉ — A minha con[illegible]ista...

CONSTANÇA — A minha prima?

ANDRÉ — Sua prima? (*abraçando-a*) O' minha rica prima!

CONSTANÇA — Senhor!..

ANDRÉ — Essa dignidade está-lhe bem: mas diga-me V. Ex.ª uma cousa que já me ia esquecendo. Veja esta bota côr de pulga? (*mostra-lha*)

CONSTANÇA — (*aparte*) Parece de Emilia...

ANDRÊ — Sei que V. Ex.ª dêo hoje aqui a alguem um pé... Calce V. Ex.ª esta bota?

CONSTANÇA — Senhor André Gonçalves!

ANDRÊ — Aposto uma libra como ella lhe serve.

CONSTANÇA — O Senhor é um...

ANDRÉ — Um urso, já me fez favor de me dizer ainda agora. (*dando um grito*) Ah! que lembrança! Observe bem este papel? (*mostra-lhe a parte do bilhete*)

CONSTANÇA—Ai! quem lho dêo Senhor André? Diga-me!

ANDRÊ — Um sujeito que estava aqui ainda agora. Rasgámos um papel ao meio e elle ficou com o — Amor — e eu com o dou-lhe qualquer pé, que não sei o que quer dizer... mas como é *pè*, e eu quero um para esta bota... não sei, não sei minha Senhora nem eu me entendo com tal embrulhada!

CONSTANÇA — (*aparte*) O que elle foi fazer!

ANDRE' — Oh, mas hei-de achar a dona da bota!

CONSTANÇA — O Senhor é um... (*saindo para um lado*)

ANDRÊ — Não acabe, que já sei que sou um urso. (*pausa*) Mas em que acabará isto?! De quem será esta bota? (*com a bota na mão tendo o braço erguido*)

## SCENA VII

O mesmo e SEBASTIÃO.

SEBASTIÃO — (*pelo fundo furioso agarra-lhe a bota e diz* Esta bota é minha!

ANDRE' — Quem é o Senhor?

SEBASTIÃO — Você é um mareto! Nomora minha mulher?

ANDRE' — (*aparte*) E esta?! (*alto*) Eu conheço lá quem é a sua sua mulher?!

SÊBASTIÃO — Lembra-se de um tapa-olho, que lhe deram hoje na travessa da Cara?

ANDRE' — Da travessa não me lembro, mas que *o chuchei na cara*... Sim Senhor.

SEBASTIÃO — Que diz V. S.ª?!!!..

ANDRE' — (*aparte*) Pois foi a mão deste bruto que me dêo a bofetada não tem que vêr... (*alto*) Mas, meu rico Senhor eu não conheço sua esposa... subi á sua escada, mas á procura della...

SEBASTIÃO — Da minha mulher?

ANDRE' — Qual sua mulher, ia á procura... ora sabe que mais... (*tirando-lhe a bota da mão*) Faz-me V. S.ª o favor de me dizer de quem é esta bota côr de pulga?

SEBASTIAO — A bota é minha.

ANDRE' — *(olhando-lhe os pés)* Ora não brinque... isso é vontade de fazer de mim simplorio, e da botinha·· uma *çapatola* de por ahi álem...

SEBASTIÃO — A bota é, mas é de minha mulher! Eu já venho, vou indagar certas coisinhas e ja volto para o matar!

ANDRE' — Vai-te para o inferno grandissimo maluco... *(pensando)* Ah! vou fallar a D. Constança... *(entra para a D.)*

## SCENA VIII.

AMBROSIO E D. EMILIA *(ambos do fundo)*

EMILIA — Mas porque tormento eu passei! Imagine se tive ou não rasão de me horrorisar. Quando entrei para casa de meu tio Sebastião, julgo que estava na escada deitado um homem embriagado... não o vejo, ponho-lhe um pé, sobre o nariz, penso eu... agarra-me o pé, pucha-me pela botinha que já ia desatacada... eu grito, a bota descalça-se, subo pela escada...

AMBROSIO — *(rindo ás gargalhadas)* Ah... ah... ah... Pois foi elle que lhe tirou a botinha? Ah... ah...

EMILIA — Conhece quem foi?

AMBROSIO — *(rindo)* Ah... ah .. ah... deixe-me rir minha Senhora que eu sei quem foi. A bota côr de *pulga minha Senhora* digo-lhe que já achou pé.

## SCENA IX

Os mesmos e ANDRE'

ANDRE' — *(entrando da D.)* Ai! *(dá um grito)*

EMILIA — *(vendo-o)* Oh! *(foge para o fundo)*

ANDRE' — E' ella!

AMBROSIO — Que barafunda é esta?

ANDRE' — Fugiu! *(correndo pela casa)*

AMBROSIO — Já sei de quem é *(rindo)* Ah .. ah... ah..

ANDRE' — A bota?
AMBROSIO — E o pé tambem. (*rindo*) Ah... ah... ah...
ANDRE' — E' della... pois é della?
AMBROSIO — Assim m'o contou... contou-me tudo. (*ri mais*)
ANDRÊ — tambem lhe contou que tinha...
AMBROSIO — Que, o pé?
ANDRE' — Não, um marido que dá *tapa-olhos* magistralmente... porque ella é cazada.
AMBROSIO — Não é tal.
ANDRE' — E' verdade!
AMBROSIO — Não é tal! não teime.
ANDRE' — Elle contou-me tudo.
AMBROSIO — E ella tambem me contou tudo.
ANDRE' — Pois se é casada, eu já desisto de namoral-a.

## SCENA X.

Os mesmos SEBASTIÃO, CONSTANÇA e EMILIA.

SEBASTIÂO — (*entrando*) A minha mulher está aqui por força.
ANDRE' — (*baixo a Ambrosio*) Elle de volta com a gente.
SEBASTIÃO — Eu hoje mato um homem decedidamente.
AMBROSIO — Olhe meu Senhor, eu estou pouco disposto a morrer.
SEBASTIÂO — Mas para qual quarto se metêo ella?...
ANDRÈ — (*muito atrapalhado indicando-lhe aquelle para onde Emilia fugio*) Para este... para este meu querido Snr. —
SEBASTIÃO — (*vae a entrar: abre-se porem a porta e sai Constança e Emilia que lhe diz*).
EMILIA — Meu tio . o tio Sebastião por aqui? (*abraça-o*)
SEBASTIÂO — Minha Sobrinha? (*abraça-a*)
ANDRE' — Sua Sobrinha?!...
SEBASTIÂO — A tua tia? Onde está tua tia?
EMILIA — A tia, ficou em caza.
SEBASTIÃO — Senhores ponham para aqui minha mulher!

ANDRE' — Então ali a Sr.ª D. Emilia, não me disse o Snr. que era a sua senhora? !..

SEBASTIÃO — E' pèta... não é tal.

ANDRE' — E esta bota côr de pulga de quem é?

EMILIA — A minha bota, e foi V. S.ª quem eu... maltratei!

ANDRÊ — O meu nariz.. oh! que honra.. que prazer o meu nariz esborrachado por V. Excellencia!...

SEBASTIÃO — Eu logo disse que minha mulher não se metia nestas cousas.. vou para casa (*sai*).

ANDRÊ — (*dando a bota a Emilia*) Até que appareceu o pé da bota.. (*a Ambrosio*) Agora escuso já do seu papel.. tome-o lá (*dá-lho*).

AMBROSIO — (*a Constança*) Eu não percebo a receita minha querida Sr.ª D. Constança (*Constança durante a scena senta-se com ár triste a vêr em que acaba tudo*).

CONSTANÇA — O Sr. Ambrosio.. repito não tem coração.. Ingrato! que não percebeo que este papel era um pé, para me fazer a sua declaração de amor e para eu lh'a acceitar mais do que contente. Ingrato!

AMBROSIO — Oh! ventura! Se eu sou tão estupido... minha Senhora!

ANDRÊ — (*a Emilia*) E com que me paga V. Ex.ª eu andar atrás, dos tyvolís, cair pelas escadas, esborrachar o nariz.. andar ha que tempos de bota n'algibeira.. oh! D. Emilia, acceite V. Ex.ª depois da barafunda do seu pé, a mão deste seu André.

EMILIA — (*contente*) Acceito.

ANDRÊ — Nem podia pagar mal e desprezar a paixão de André Gonçalves. (*canta*)

## CÓPLA FINAL.

Nesta minha paixão, meus senhores
Ao principio fui muito infeliz...
E a prova que não me cheirava
Está aqui no meu pobre nariz.

Sim, já sabem que eu dei duas quedas
*A xalaça da massa* . . tambem
Ora agora para o temporal,
Acabar para mim muito bem,
Era bom... mesmo bem bom deveras
Eu ouvir esta peça applaudir. . .
Já que hoje cahi tanta vez
Ai, não façam a peça cair.
Se um pedido meu valle . . Senhores!
Não, não façam a peça cair.

*(le rideau tombe.)*

FIM.

---

Por assignatura. . . . . . . . .   100 réis.

Avulso . . . . . . . . . . . .   120 réis.

GALERIA THEATRAL

# O NAMORADOR D'OFFICIO

## POESIA COMICA

POR

**Eduardo Garrido**

Recitada pelo Actor

JOSÈ CARLOS DOS SANTOS

**NO THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO.**

**LISBOA**

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

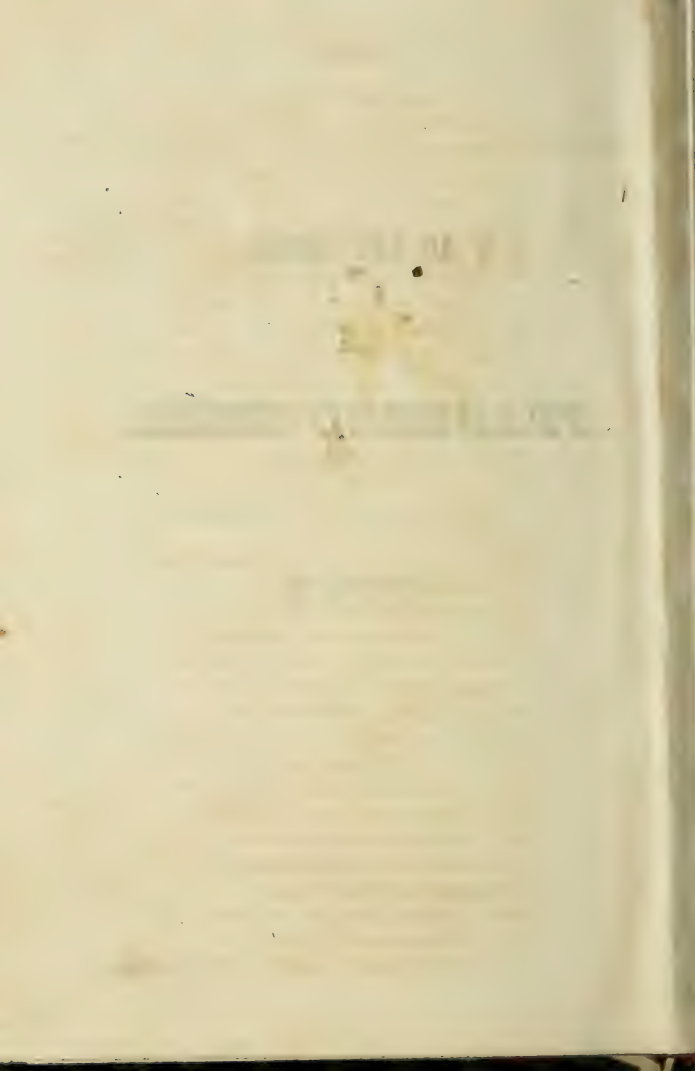
6, Rua do Thesouro Velho, 6

1862

AO SEU AMIGO

# FRANCISCO SERRA

OFFERECE

O Author.

# O NAMORADOR D'OFFICIO

---

O theatro representa uma rua de Lisboa. — É noite. — Ao levantar o panno o personagem está recolhido da chuva n'uma porta de rua e olha attentamente para as janellas d'uma casa que lhe fica fronteira.

—

Pois minha qu'rida senhora,
Tenho a honra de a avisar
De que passo a ir-me embora:
A chuva não quer parar,
E eu ha mais de meia hora
Que'stou aqui a pasmar! —
(*outro tom.*)
Mas onde diabo 'stá ella,
Ou que andará a fazer,
Que não me chega á janella?
Será por estar a chover? —
Isto assim vae muito mal...
E se aqui me deixo estar
Acabo por apanhar
Uma horrivel catharral!...
(*espirrando*)

Já eu começo a espirrar!
Tremo d'ella — e razão tenho
Porque estas botas 'stão rombas
E as *plantas* tomam seu banho
Pelas costuras das tombas!
Ah! mas o tolo sou eu,
Pois tive cá meus desejos
De vir buscar os dois beijos
Que a Julia me prometteu!
(*em confidencia*)
Porém d'isto que lhes digo —
Nem palavrinha a ninguem,
Porque o pae é meu amigo
E a rapariga é de bem!
(*assovia*)
Mangará ella comigo?...
Ha tanto tempo... e não vem!
(*assovia com mais força*)
'Stá dormindo — ou não está viva!
(*repentinamente*)
Se eu 'stou trocando o signal!...
Fui tocar-lhe a *casta-diva*
Em vez do Dom Paschoal!...
Dei-lhe o signal da Joanninha!
(É outra conquista minha
Da travéssa do Zagal!)
(*assovia*)
Mas isto nunca se vio!...
Terá sahido de casa?...
Se não 'stivesse com frio
Dizia que estava em braza!
(*resoluto subindo*)
Pois *ala que se faz tarde*
Já p'r'a rua do Thesouro
Que se eu falto a Rita arde,

E perco um grande namoro! —
Meia hora bem passada!
Meia só? Uma talvez!...
*(vendo o relojo á luz do candieiro de gaz)*
Mas espera... são só dez
E é esta a hora marcada!
Sempre tenho uma cabeça!
O' parvo e bronco Macedo
Que dos beijinhos co'a pressa
Vens meia hora mais cedo!...
Se eu não penso senão n'isso!...
Se desd'hont' est'alma louca
Anda doida a fazer bocca
P'ra a promessa do derriço!...
Podéra!... se ella é tão linda!...
É um anjo de candura!...
Tem um corpo... uma cintura
Como outra não vi ainda!
E depois, é tam sensivel...
Tem um ar tam prasenteiro!...
Até parece impossivel
Ser filha d'um pasteleiro!
Mas que mulher!... que lindeza!...
Typo d'immensa viveza...
Meio francez... meio russo...
Tem uma tal gentileza...
Uns pés... uns olhos... e um buço!
*(outro tom)*
Quem tem vagar faz colheres
E como ò ocio é p'rigoso,
Eu p'ra não 'star ocioso
Vou requestando as mulheres!
Ando n'isto, ha com certeza
Dez annos... É isso — é:
Quando eu tentei esta empreza

Trazia ainda *bonnet!*
Dez annos!... N'isto o que vejo
É que não ha em Lisboa
Quem — tendo a garganta boa —
Tomasse mais gargarêjo!
Mas custa cara a chalaça!
Muitas vezes — não é graça! —
Precisado e sem dinheiro,
Tenho empenhado este annel
P'ra pagar ao sapateiro
E as despezas do papel!
Além d'isso os taes presentes
Custam caros como a breca
Cá p'ra mim, que sou dos entés
Que a respeito do que é teca
*Só lá nos quartos crescentes!*
Porem cabello aos namôros
Hajam muito embora choros
Não dou — que é grande tolice:
Pois são quinze, e deste modo
Se ás petições annuisse
Ficava calvo de todo!

---

Mas eu tenho uma maneira,
Uma fomosa esperteza
P'ra remover a despeza
Que não permitte a algibeira.
Quando tento imposturar
A's vezes co'alguma d'ellas
E um mimo lhe quero dar,
Vou ter com uma d'aquellas
Que tenha presenteado,
E, dando tudo que é seu,
Reclamo aquillo que é meu,
Fingindo estar arrufado!

Parto em seguida correndo,
Deixando-a meia offendida,
E a prenda vou off'recendo
Áquella que foi preferida,
E assim vou sempre fazendo
Contente da minha vida!
Dei honte'a prenda á Luiza,
Levo-a hoje á Francisquinha,
Passa amanhã p'r'a Elysa,
Dando-a depois á Ritinha
Que vae cedel-a á Narciza,
P'ra ficar na Joanninha!
De sorte que a tal lembrança,
Do modo porque eu a trato
N'esta sempiterna dança,
Tam depressa está no *Rato*
Como na Pênha de França!

---

Mas olhem que isto é verdade,
Não são cousas inventadas;
Porque eu tenho namoradas
Ahi por toda a cidade!
Uma femêa quando avisto,
Que tenha um certo *quindim*...
Vejo logo se a conquisto!...
O'lho... ólho — e não desisto
Sem que ella olhe para mim,
Se eu tenho um fraco por isto!
Mas ha momentos amargos
N'esta vida que encetei,
Que por serem contos largos
Com vagar lhes cantarei.
Exemplo — ler um bilhete,
Como este que m'enviaram
Com que os pêllos do topête

De terror se levantaram!
Ora vejam — causa horror!
*(lendo)*
«Se os seus olhos torna a pôr
Em minha irmã *Madanella*
Fingindo *que tem-lhe* amor,
Dou-lhe tres foguetes n'ella
E seis sôccos no senhor!»
Mas cousas d'este theor...
Ameaças... cacetadas,
São ás vezes compensadas
Por certas cartas d'amor:
*(lendo uma carta)*
«Meu anjo — a tia Joanna
Foi hoje p'ra Santarem
Na companhia da mana,
E só mais tarde é que vem;
Portanto só a criada
Cá fica — mas não faz mal,
Pois como a noute passada,
Vae lá p'ra a outra saccada
Fallar ao municipal.
Assim pois, hoje á cancella,
Se juras portar-te bem,
Vem fallar-me.
Michaela.
Post-escriptum — Mas, porém,
Com isto a maior cautella
P'ra que o não saiba ninguem!
*(beija a carta que mette na algibeira)*
Porém vindo ás amarguras,
Vou contar um caso agora:
Saibam que ha grandes torturas
P'ra quem de noite namora!
Porque hoje em dia os gaiatos

Tem a maior propensão
P'ra cometter desacatos,
E, com vistas de o troçar,
Atiram seu matacão
Ás costas d'um cidadão
Que pilhem a namorar!
Mas pei[illegible]as *gracinhas*
Foi out[illegible] eu passei
Uma noute ás Francesinhas!...
Como isso foi... nem eu sei!
Indo de casa da Annica
P'ra a viuva Massarães...
Tal cegueira não s'explica...
Cahi na rêde dos cães!

---

Quanto padece quem ama!
Quanto soffre um coração
Atormentado p'la chamma
D'uma violenta paixão!
E eu ando a modo tristonho,
Passo a vida apoquentado
Pois tenho ha tempos um sonho
Que quero realisado!
Ando tentando a conquista
Cá d'uma certa senhora,
De quem estou sempre na pista
Rondando a casa onde mora!
Ás vezes dá-me entrevista,
Mas não sei se me namora!
Desculpem — se acham vaidade
N'isto que eu aqui lhes digo;
Mas devo fallar verdade —
Se ella não zomba comigo
Tem-me por certo amizade;
Pois quando eu olho p'ra ella

Vejo-a c'os olhos em mim,
E até ás vezes sorri,
No que prova dar-me tréla!
Porém sou desconfiado,
E francamente, não sei
Se lhe agrado ou desagrado;
Mas p'ra sahir d'este estado
Grande alvitre imaginei!
Remetto-lhe esta cartinha...
*(procura-a na algibeira)*
Eu ha pouco ainda a tinha...
*(para o chefe da orchestra)*
O' *seu* Filippe Real,
Vio onde a puz ind'agora?
Não?... Então venha p'ra fóra
Todo o correio geral!

*(Começa a tirar de todas as algibeiras maços de cartas nos rotulos dos quaes vae lendo os seguintes nomes:)*

Luiza — Antonia — Angelina,
Leocadia — Julia — Joanna,
Augusta — Eulalia — Christina,
Vicencia — Laura — Caetana...
Cá está ella! — Perfumada
Como para namorada
Da maior consideração;
Vejam se está bem notada,
Vou começar — attenção:
«Senhora Dona Platéa,
Diz o abaixo assignado,
Que depois que teve a idéa
De prender-lhe o coração
Tem muito exforço empregado
Por captivar-lhe a attenção,
E vem pedir inclinado

Na maior veneração
Que os seus exforços bondosa,
N'est'ardua senda espinhosa
Recompenseis vós agora,
Provando não serem vãos,
E decidindo-lhe a sorte,
Já que elle a vida e a morte
Collocou em vossas mãos.
Assim pois, que o vosso amor
Agora o triste soccorra, —
E grato de tal favor
Ficará — Santos Pitorra.

---

FIM

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças jocosas, representadas com applauso nos theatros publicos

# O CHARLATANISMO

POESIA COMICA

Desempenhada pelo actor QUEIROZ no theatro da Rua dos Condes na noite de 30 de setembro de 1861

ORIGINAL POR

**Francisco Joaquim da Costa Braga**

N.º 7

LISBOA
LIVRARIA DE J. MARQUES DA SILVA
Rua Nova do Carmo, 72

1862

# O CHARLATANISMO

Poesia comica —desempenhada pelo actor QUEIROZ no theatro da rua dos Condes, na noite de 30 de setembro de 1861

ORIGINAL POR

**Francisco Joaquim da Costa Braga**

---

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

*Recitado*

Certo sujeito estrangeiro
Chega a esta capital,
Traz remedio verdadeiro,
Que serve p'ra todo o mal;
Cura a tysica, a cegueira,
Varizes, intermitentes,
Calos, febres e baceira,
Limpa as botas, limpa os dentes,
Pedantismo verdadeiro
De quem quer ganhar dinheiro!

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

Candidato a deputado,
Que proximo ás eleições
Anda todo *aforçurado*
A fallar c'os toleirões,
Que lhe diz sempre gritando:
— «Pedirei pontes, calçadas,
«Hei-de ir tudo reformando
«Tenho as cousas estudadas!» —
Pedantismo verdadeiro
De quem quer ir ao puleiro!

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Medico de grande fama,
Que certo enfermo vae ver,
Ao chegar-se ao pé da cama
Faz carêta de tremer!
Dizendo á pobre familia:
— «O doente está em p'rigo,
«Livral-o a chá de tilia,
«Vou tentar, vêr se o consigo!»
Pedantismo da sciencia
P'ra qu'elles tem paciencia.

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Boticario, nas caixinhas
De pilulas que aviou
P.'z letreiros e fitinhas
E nas drogas rareou;
Nas garrafas — nos boiões

Põe papeis de lindas côres,
Ponde-lhe sêllos — brasões
Contra os taes contrafactores!
Pedantismo de botica,
Qu'a algibeira sempr'estica!

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Litteratos de colarinhos
Sempre tezos, engommados,
Que apenas fazem versinhos
Só porque sejam rimados.
E ao primeiro padecente
Que encontram logo os vão lêr
Dizendo a toda essa gente:
— « Tive afan em os fazer »
Pedantismo de quem quer
Mais do que póde valer.

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

A mamã que em certa sala
Diz a filha que namora:
— « Abaixa os olhos e falla;
«Quando te fallarem córa! — »
Porque viu alli sujeito,
Já *velhote*, e de *carôço*
Que p'ra marido tem geito,
Que póde roer o *ôsso*!

Pedantismo conhecido
De arranjar um bom marido!

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Militar que nas batalhas
Fez proesas de pasmar,
Que no centro das metralhas
Tratou sempre d'avançar;
E que conta ser ferido
Trinta vezes nas acções,
E no fim diz ter soffrido
Tresentas preterições!
Pedantismo com razão
De quem é paparrotão!

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Sujeito que é empregado
Em qualquer repartição,
E que ao meio dia dado
Vae p'r'a sua obrigação,
Chega lá, apara a penna
Conversa, fuma, passeia,
E que ao trabalho acêna
Achando-o ocio cousa feia!
Pedantismo natural
Das cousas de Portugal!

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

Mulher que vista na rua
Se apresenta balouçando,
Que é magrinha quando nua,
Porém gôrda passeiando, ,
Que traz no corpo em chumaços
Trinta arrateis de algodão,
E p'ra tolher-nos os passos
Grande saia de balão!
Pedantismo com razão
De quem quer ser garrafão!

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

De causas, procurador
Andando sempre a *palrar*,
Citando leis qual doutor
Sem as saber empregar;
Que diz: — milagres ter feito
Em questões de grande monta,
E no fim mui satisfeito
Perde a causa e ganha a conta!
Pedantismo sempr'usado
D'apanhar algum caiado.

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Bailarina que dançando
Dá á *gambia* com primor,
Aqui e ali pulos dando
Mais que manda o ensaiador;
Que sorri p'ra a platêa,

Mostra os dentes rareados,
E c'o riso mais se afeia,
Não deixando apaixonados!
Pedantismo, sim, senhor,
D'arranjar um protector!

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Cartaz de touros, pregado,
Com tourada de pasmar,
Mostrando ir alguem montado
N'outro touro farpear,
E no fim nada se faz
Por que o homem é fracalhão,
Só mostrando ser capaz
D'apanhar seu trambolhão!
Pedantismo sempre usado
Com que alguem tem *apanhado*,

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Um cartaz annunciando,
Ser *tal* representação,
Da peça que s'está dando,
Ultima sem remissão;
D'estas coisas já eu rio,
Faço dellas *mangação!*
Sete domingos a fio
A mesma declaração!

Pedantismo theatral
D'apanhar algum real.

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

Deste entre-acto o auctor
Pensa que vos agradou,
Mas julgo que sem sabor
Esta scena vos deixou:
Mas emfim elle lá diz,
Que nas suas producções
Tem sido muito feliz,
Tendo as vossas protecções
Charlatanismo d'auctor
P'ra mer'cer vosso favor.

É tudo no mundo charlatão,
Posso dizel-o sem ter questão!

---

O Queiroz que está presente,
Diz que fêz todo o possivel...
Mesmo até foi diligente
P'ra esta scena ir soffrivel;
Tem firme convicção
De que não tem desmer'cido
No conceito e protecção
Com que o tendes favor'cido...
Pedantismo não professa
Vale pouco elle o confessa.

FIM